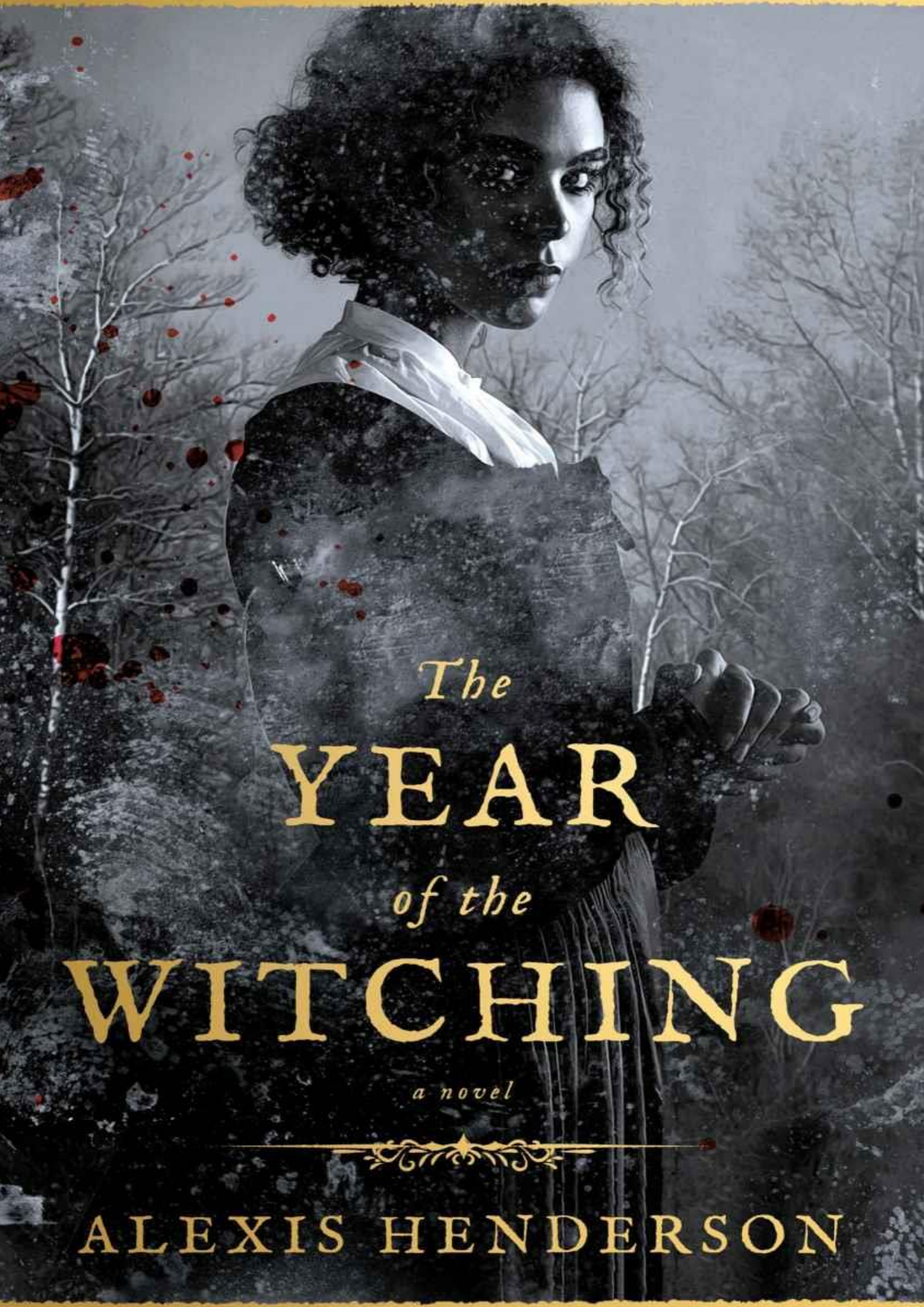
The
YEAR
of the
WITCHING
a novel
ALEXIS HENDERSON

Avisos



A presente tradução foi efetuada de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando posteriormente a aquisição.

O grupo não tem o objetivo de obter lucros, seja direta ou indiretamente.

Selecionamos livros que estão sem previsão de publicação no Brasil, assim, afim de preservar direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo poderá retirar sem aviso prévio, suspender o acesso aos livros que serão lançados por editoras.

Prezem pelo grupo, não distribuam livros feitos por nós em blogs, páginas do facebook e grupos abertos.

Nunca falem sobre livros que foram feitos por nós para autores(as), digam que leram no idioma original.

Prestigiem sempre que puderem os autores comprando seus livros, afinal eles dependem disso não é mesmo?

UM ANO



Novembro, 2020

SINOPSE

Nas terras de Betel, onde a palavra do Profeta é lei, a própria existência de Immanuelle Moore é uma blasfêmia. A união de sua mãe com um estranho de uma raça diferente lançou sua outrora orgulhosa família em desgraça, então Immanuelle se esforça ao máximo para adorar o Pai, seguir o Protocolo Sagrado e levar uma vida de submissão, devoção e conformidade absoluta, como todas as outras mulheres no assentamento.

Mas um acidente a atrai para a Floresta Sombria proibida em torno de Betel, onde o primeiro profeta uma vez perseguiu e matou quatro bruxas poderosas. Seus espíritos ainda estão à espreita lá, e elas concedem um presente a Immanuelle: o diário de sua mãe morta, que Immanuelle fica chocada ao saber que uma vez buscou refúgio na floresta.

Fascinada pelos segredos do diário, Immanuelle se vê lutando para entender como sua mãe pode ter convivido com as bruxas. Mas quando ela começa a descobrir verdades cruéis sobre a Igreja e sua história, ela percebe que a verdadeira ameaça para Betel são suas próprias trevas. E ela começa a entender que se Betel deve mudar, deve começar com ela.

A Besta

Ela nasceu, no meio da noite. A parteira, Martha, teve que agarrá-la pelos tornozelos e retirá-la do útero. Ela escorregou com facilidade, caiu mole nos braços de Martha e ficou imóvel como uma pedra.

A filha da parteira deu um gemido baixo que borbulhou de sua barriga. Ela agarrou as dobras da camisola, com a bainha encharcada de sangue, mas não fez nenhum movimento para alcançar a filha. Em vez disso, ela virou a cabeça, a bochecha pressionada contra a mesa, e olhou através da cozinha para a janela acima da pia, olhando para a floresta.

—O nome dela, — ela exigiu, os olhos afiados com a luz da lua. —Dê-me o nome dela.

A parteira pegou o bebê, cortou seu cordão umbilical e envolveu-o em um pedaço de serapilheira. A criança estava fria contra o peito, e ela teria pensado que ela estava morta se não fosse pelo nome que sacudiu no fundo de sua garganta, seu sabor amargo como bile, mas doce como vinho. O gosto do nome que o Pai escolheu para ela. Mas ela não queria dizer isso - não em voz alta.

Com o resto de suas forças, a garota se virou para encará-la. —O nome. Eu quero o nome dela.

—Immanuelle, — ela finalmente falou como uma maldição. —Ela se chamará Immanuelle.

Com isso a garota na mesa sorriu, os lábios azuis esticados. Então ela riu, um som feio e gorgolejante que ecoou pela cozinha, espalhando-se pela sala, onde o resto da família estava sentado esperando, ouvindo.

—Uma maldição, — ela sussurrou, ainda sorrindo para si mesma. — Uma pequena maldição, como ela disse. Exatamente como ela me disse.

A parteira agarrou a criança com força, fechando os dedos para evitar que tremessem. Ela olhou para a filha, deitada inerte na mesa, uma poça escura de sangue entre as coxas. —Assim como quem te contou?

—A mulher na floresta, — a garota moribunda sussurrou, mal respirando. —A bruxa. A Besta.

Parte Um

SANGUE

CAPITULO UM

Da luz veio o pai. Da escuridão, a mãe. Isso é o começo e o fim.

-AS ESCRITURAS SAGRADAS

Immanuelle Moore Knelt estava aos pés do altar, as palmas das mãos juntas em oração, a boca aberta. Acima dela, o Profeta assomava em mantos de veludo preto, sua cabeça raspada como cerdas, suas mãos ensanguentadas estendidas.

Ela olhou para ele - traçando o caminho da cicatriz longa e irregular que descia ao lado de seu pescoço - e pensou em sua mãe.

Em um movimento fluido, o Profeta afastou-se dela, as vestes farfalhando enquanto ele enfrentava o altar, onde um cordeiro jazia estripado. Ele levou a mão à cabeça e enfiou os dedos profundamente na ferida. Quando ele se virou para encarar Immanuelle novamente, o sangue escorreu por seu pulso e desapareceu nas sombras de sua manga, algumas gotas caindo nas tábuas manchadas do chão a seus pés. Ele a pintou com o sangue, seus dedos quentes e firmes enquanto se arrastavam do lábio superior até o queixo. Ele demorou um momento, como se para recuperar o fôlego, e quando falou, sua voz estava áspera. —Sangue do rebanho.

Immanuelle o lambeu, sentindo o gosto de salmoura e ferro enquanto ficava de pé. —Para a glória do Pai.

No caminho de volta para seu banco, ela teve o cuidado de não lançar um olhar para o cordeiro. Uma oferenda do rebanho de seu avô, ela trouxe

como uma homenagem na noite anterior, quando a catedral estava vazia e escura. Ela não testemunhou a matança; ela se desculpou e se retirou para fora muito antes que os apóstolos levantassem suas lâminas. Mas ela tinha ouvido, as orações e murmúrios abafados pelos gritos do cordeiro, como os de um bebê recém-nascido.

Immanuelle observou enquanto o resto de sua família se movia pela procissão, cada um recebendo o sangue por vez. Sua irmã Glory foi a primeira, ajoelhando-se e atendendo ao Profeta com um sorriso. A mãe de Glory, Anna, a mais jovem das duas esposas de Moore, recebeu a bênção às pressas, conduzindo sua outra filha, Honor, que lambeu o sangue de seus lábios como se fosse mel. Por último, Martha, a primeira esposa e avó de Immanuelle, aceitou a bênção do Profeta com os braços erguidos, dedos trêmulos, o corpo tomado pelo poder da luz do Pai.

Immanuelle gostaria de poder sentir o que sua avó sentia, mas sentada ali no banco, tudo o que sentia era o calor residual do sangue do cordeiro em seus lábios e o zumbido incessante de seu batimento cardíaco. Nenhum anjo empoleirado em seus ombros. Nenhum espírito ou deus se mexia nela.

Quando o último membro da congregação se sentou, o Profeta ergueu os braços até as vigas e começou a orar. —Pai, viemos a Ti como servos e seguidores ansiosos para fazer Tua obra.

Immanuelle baixou rapidamente a cabeça e fechou os olhos com força.

—Pode haver entre nós aqueles que estão distantes da fé de nossos ancestrais, entorpecidos ao toque do Pai e surdos à Sua voz. Por conta deles, eu oro por Sua misericórdia. Peço que eles encontrem consolo não na escuridão da Mãe, mas na luz do Pai.

Com isso, Immanuelle abriu um olho e, por um momento, ela poderia jurar que o olhar do Profeta estava sobre ela. Seus olhos estavam arregalados

no auge de sua oração, olhando para ela nas lacunas entre cabeças inclinadas e ombros trêmulos. Seus olhos se encontraram e os dele sumiram. —Que reine o reino do Pai.

O rebanho do Profeta falou como um: *—Agora e para todo o sempre.*

Immanuelle estava deitada à beira do rio com sua amiga Leah, ombro a ombro, as duas bêbadas do calor do sol do meio-dia. A metros de distância, o resto da congregação se reunia em comunhão. Para a maioria, a sombra da matança do sábado já havia desaparecido em uma memória distante. Tudo estava em paz e a congregação estava contente em permanecer nisso.

Ao lado de Immanuelle, Leah mudou de posição, olhando para as grossas margens de nuvens que assomavam no alto. Ela era uma visão, vestida com chiffon azul-celeste, as saias ondulando suavemente com a brisa. —É um bom dia. — Disse ela, sorrindo enquanto o vento agarrava seus cabelos.

Nas Escrituras e nas histórias, nos vitrais da catedral ou nas pinturas penduradas em suas paredes de pedra, os anjos sempre se pareciam com Lia: cabelos dourados e olhos azuis, vestidos com sedas finas e cetins, com bochechas cheias e pele pálida como pérolas de rio.

Quanto às garotas como Immanuelle - as da periferia, com pele escura e cachos negros, maçãs do rosto afiadas como pedra lapidada - bem, as Escrituras nunca as mencionaram. Não havia estátuas ou pinturas representadas em sua semelhança, nem poemas ou histórias escritas em sua homenagem. Elas não eram mencionados, nem vistas.

Immanuelle tentou afastar esses pensamentos de sua mente. Ela não queria ter ciúmes de sua amiga. Se havia alguém no mundo que merecia ser amada e admirada, era Leah. Leah com sua paciência e virtude. Leah, que,

depois de todas as outras crianças da escola terem desprezado Immanuelle como uma criança do pecado, marchou pelo pátio, pegou-a firmemente pela mão e enxugou suas lágrimas com a manga.

Leah, sua amiga. A única que ela tinha.

E Leah estava certa: *era* um bom dia. Teria sido um dia quase perfeito, se não fosse o fato de ser um dos últimos de seu tipo, um dos últimos sábados que teriam juntas.

Durante anos, todos os sábados, as duas se encontravam depois que o culto terminava. Nos meses de inverno, elas se amontoavam em um banco vazio nos fundos da catedral e fofocavam para passar o tempo. Mas nas estações quentes, Leah trazia uma grande cesta de piquenique recheada de doces da padaria de sua família na aldeia. Nos dias bons, havia uma variedade de biscoitos e pães doces, bolinhos e bolachas e, nos melhores dias, um pouco de favo de mel ou geleia para acompanhar. Juntas, elas encontrariam um lugar perto do riacho e comeriam, fofocariam e ririam até que suas famílias as chamassem para casa. Tal era o seu costume, como se naquelas longas tardes na campina o mundo começasse e terminasse ali à beira do rio. Mas, como a maioria das coisas boas que Immanuelle conhecia, seu costume não era feito para durar. Em duas semanas, Leah se casaria com o Profeta. Naquele dia, uma vez cortada, ela não seria mais a companheira de Immanuelle, mas sua.

—Vou sentir saudades de dias como este —, disse Leah, quebrando o silêncio. —Vou sentir falta dos doces e do sábado e de estar aqui com você.

Immanuelle encolheu os ombros, arrancando folhas de grama. Seu olhar seguiu o caminho do rio pelas planícies íngremes e pelos juncos, até que se espalhou na floresta distante e desapareceu, devorado pelas sombras. Havia algo no modo como a água escorria por entre as árvores que a fez querer se levantar e segui-la. —As coisas boas acabam.

—Nada está acabando, — Leah a corrigiu. —Tudo está apenas começando. Estamos crescendo.

—Crescendo? — Immanuelle zombou. —Eu nem sequer sangrei ainda.

Era verdade. Ela tinha quase dezessete anos e nunca teve seu fluxo. Todas as outras garotas de sua idade haviam sangrado anos atrás, mas não Immanuelle. Nunca Immanuelle. Martha praticamente a declarou estéril meses atrás. Ela não devia sangrar, nem ser esposa, nem ter filhos. Ela permaneceria como estava agora, e todas as outros cresceriam, passariam por ela e a deixariam para trás, como Leah faria em poucas semanas. Era só questão de tempo.

—Você vai sangrar um dia —, disse Leah com firmeza, como se declarando isso ela pudesse fazer isso. —Apenas dê um tempo. A doença vai passar.

—Não é doença —, disse Immanuelle, sentindo o gosto de sangue de cordeiro nos lábios. —É pecado.

Que pecado especificamente, Immanuelle não tinha certeza. Ela havia se desviado muitas vezes - lendo em segredo, violando o Protocolo Sagrado ou esquecendo-se de fazer as orações noturnas e adormecendo sem ser abençoada. Talvez ela tivesse passado muitas manhãs sonhando acordada nas pastagens quando deveria estar pastoreando suas ovelhas. Ou talvez ela não tivesse demonstrado um espírito de gratidão ao ser servida uma tigela de mingau frio para o jantar. Mas Immanuelle sabia disso: ela tinha muitos pecados para contar. Não era de se admirar que ela não tivesse recebido a bênção de sangue do Pai.

Se Leah estava ciente das muitas transgressões de Immanuelle, ela não fez nenhuma menção a elas. Em vez disso, ela acenou para ela com um floreio de mão. —Os pecados podem ser perdoados. Quando o Bom Padre achar

conveniente, você sangrará. E depois que você sangrar, um homem a levará para cima, então você será dele e ele será seu, e tudo será como deveria ser.

Para isso, Immanuelle não disse nada. Ela estreitou os olhos contra o sol e olhou através do campo para onde o Profeta estava entre suas esposas, oferecendo suas bênçãos e conselhos aos fiéis reunidos. Todas as suas esposas usavam vestidos idênticos em amarelo fosco, da cor de pétalas de narciso, e todas traziam o selo sagrado, uma estrela de oito pontas cortada entre as sobrancelhas com a qual todas as mulheres de Betel eram marcadas no dia do casamento.

—Prefiro cuidar das minhas ovelhas. — Disse Immanuelle.

—E quando você ficar velha? — Leah exigiu. —O que então?

—Então serei uma velha pastora —, declarou Immanuelle. —Serei uma velha ovelha bruxa.

Leah riu, um som alto e bonito que atraiu olhares. Ela tinha um jeito de fazer isso. —E se um homem oferecer sua mão?

Immanuelle sorriu. —Nenhum homem bom com bom senso gostaria de ter algo a ver comigo.

—Lixo.

O olhar de Immanuelle mudou para um grupo de rapazes e moças mais ou menos de sua idade, talvez um pouco mais velhos. Ela observou enquanto eles riam e flertavam, fazendo espetáculos de si mesmos. Os meninos estufavam o peito, enquanto as meninas brincavam nas águas rasas do riacho, subindo as saias bem acima dos joelhos na correnteza, com cuidado para evitar ir muito longe por medo dos demônios que se escondiam nas profundezas da água.

—Você sabe que ainda vou visitá-la —, disse Leah, como se sentisse os temores de Immanuelle. —Você me verá no sábado e, após meu confinamento, irei até você no pasto, todas as semanas, se puder.

Immanuelle voltou sua atenção para a comida na frente delas. Ela pegou um pedaço de pão da cesta de piquenique e espalhou manteiga recém-batida e uma mancha sangrenta de geleia de framboesa. Ela deu uma grande mordida, falando com a boca cheia. —Os Solos Sagrados ficam muito longe das Clareiras.

—Eu vou encontrar uma maneira.

—Não vai ser mais igual. — Disse Immanuelle, com um tom petulante na voz que a fez se odiar.

Leah abaixou a cabeça, parecendo magoada. Ela torceu o anel da mão direita com o polegar, um tique nervoso que adotou nos dias seguintes ao noivado. Era uma coisa bonita, uma aliança de ouro com uma pequena pérola de rio, provavelmente alguma herança passada pelas esposas dos profetas do passado.

—Será o suficiente —, disse Leah com a voz vazia. Depois, com mais firmeza, como se tentasse se convencer: —Vai ter que bastar. Mesmo se eu for forçada a andar nas estradas no cavalo do próprio Profeta, vou encontrar uma maneira de ver você. Não vou deixar as coisas mudarem. Eu juro.

Immanuelle queria acreditar nela, mas ela era muito boa em detectar mentiras, e ela poderia dizer que havia alguma falsidade na voz de Leah. Ainda assim, ela não fez menção disso. Nada de bom viria disso de qualquer maneira: Leah estava ligada ao Profeta, e assim o fizera desde o dia em que ele a viu pela primeira vez, dois verões anteriores. O anel que ela usava era apenas um substituto, uma promessa feita em ouro. No devido tempo, essa promessa tomaria a forma da semente que ele plantaria nela. Leah daria à luz

um filho, e o Profeta plantaria sua semente novamente, e novamente, como fez com todas as suas esposas quando ainda eram jovens o suficiente para dar seus frutos.

—Leah!

Immanuelle ergueu os olhos para ver que o grupo que estava jogando nas águas rasas do rio estava se aproximando, acenando ao se aproximar. Havia quatro deles. Duas garotas, uma linda loira que Immanuelle conhecia apenas de passagem nas aulas na escola, e Judith Chambers, a mais nova noiva do Profeta. Então havia os meninos. Pedro, um lavrador desajeitado, de ombros grossos como um boi e tão inteligente quanto, filho do primeiro apóstolo. Ao lado dele, com os olhos semicerrados contra o sol, estava Ezra, o filho e sucessor do Profeta.

Ezra era alto e tinha cabelos escuros e olhos pretos como tinta. Ele era bonito também, quase perversamente, atraindo o olhar até das esposas e filhas mais devotas. Embora tivesse pouco mais de dezenove anos, ele usava uma das doze adagas de ouro do apóstolo em uma corrente ao redor do pescoço, uma honra que a maioria dos homens de Betel, apesar de seus melhores esforços, passou a vida inteira sem alcançar.

A garota loira, Hope, que havia chamado Leah, saltou primeiro. —Vocês duas parecem que estão aproveitando ao máximo o seu dia.

Leah levou a mão à testa para proteger os olhos do sol, sorrindo enquanto olhava para eles. —Você vai se juntar a nós?

Immanuelle praguejou silenciosamente enquanto os quatro se sentavam na grama ao lado delas. O menino boi, Peter, começou a remexer no conteúdo da cesta de piquenique, servindo-se de uma porção farta de pão com geleia. Hope se espremeu entre Immanuelle e Leah e imediatamente começou a tagarelar sobre as últimas fofocas da cidade, em grande parte centradas em

uma pobre garota que fora enviada ao mercado por tentar um fazendeiro local ao adultério. Ezra reivindicou o lugar em frente a Immanuelle, e Judith o flanqueava, sentando-se tão perto que seus ombros se tocavam.

À medida que a conversa avançava, Immanuelle fez o possível para se tornar pequena e despretensiosa, tornando-se invisível. Ao contrário de Leah, ela não tinha estômago para socializar. Em comparação com a graça e o charme de Hope, Leah e Judith, ela suspeitava que parecia tão sem graça quanto uma das bonecas de palha de milho de sua irmã.

Do outro lado da cesta de piquenique, Ezra também estava sentado em silêncio, sua adaga cerimonial brilhando ao sol. Ele parecia distraído, quase entediado, nem mesmo se preocupando em acenar com a cabeça para a conversa enquanto seu olhar esquadrinhava as planícies distantes, de leste a oeste, e então de volta. Ele olhava para o horizonte como se estivesse procurando por algo, e Immanuelle não pode deixar de se perguntar o quê. Ezra ainda não tinha tido sua Primeira Visão e não teria até que a vida de seu pai chegasse ao fim. Esse era o caminho da sucessão - a ascensão de um jovem profeta ao poder sempre significava a morte de seu pai.

Ao lado de Ezra, Judith chupou um pouco de manteiga da ponta dos dedos, apertando os olhos para Immanuelle através da franja grossa de seus cílios. Ela usava um vestido amarelo como o resto das esposas do Profeta, mas o corte era um pouco confortável para ser modesto. Suas saias emaranhadas sobre as pernas, e seu corpete estava bem apertado, beliscando sua cintura e acentuando o mergulho de seus quadris sob as dobras de sua saia. O selo entre as sobrancelhas ainda estava rosa e um pouco inchado, mas cicatrizando bem.

Immanuelle se lembrou do dia em que Judith teve seu primeiro sangue. As três, Leah, Immanuelle e Judith, estavam juntas no pátio da escola, colhendo cogumelos de um canteiro de fadas, quando Judith começou a

chorar. Ela ergueu a saia bem acima dos joelhos, revelando um único fio de sangue escorrendo por sua perna direita e desaparecendo na sombra de sua bota. A professora rapidamente a levou embora, mas não antes de Immanuelle ouvi-la sussurrar no ouvido de Judith: —Você é uma mulher. Você é uma mulher agora.

E ela era mesmo.

Judith foi rápida em abandonar sua infância. Ela desamarrou as tranças e empilhou o cabelo no alto da cabeça, trocou batas e aventais por espartilhos e corpetes, e adotou todas as graças e elegância da feminilidade de uma forma que parecia ter nascido para elas.

Judith lambeu o resto da manteiga das pontas dos dedos e se aproximou de Immanuelle, tão perto que sentiu o doce bálsamo de seu perfume. —É verdade o que dizem sobre você?

A pergunta pegou Immanuelle de surpresa, embora não devesse. Era o mesmo que ela via nos lábios de todos os reveladores de língua solta em Betel. Todos eles estavam dizendo a mesma coisa desde a noite em que sua mãe virou a lâmina do Profeta contra ele, quase cortando sua garganta antes de fugir para Floresta Sombria. Eles seguravam o nome dela em suas bocas como uma coisa nojenta que foi saboreada mesmo assim.

—Depende —, disse Immanuelle, fingindo ignorância. —O que eles dizem?

Judith encolheu os ombros com um sorriso malicioso. —Bem, suponho que, se você ainda não sabe, não deve ser verdade.

—Suponho que não. — Ela rangeu os dentes cerrados.

Judith inclinou a cabeça para o lado. —Então, você não tem um presente?

Immanuelle balançou a cabeça.

Houve um tempo em que Presentes não eram uma raridade. Há muito tempo, na Era da Luz, o Pai abençoava multidões com o poder de manejar maravilhas e operar milagres. Mas desde a Guerra Santa e a idade das trevas que se seguiu, os presentes tornaram-se escassos. A cada ano que passava, havia menos deles, à medida que os santos da antiguidade iam para seus túmulos e levavam consigo seus poderes. Agora Martha era uma das poucas parteiras em Betel com o Dom da Nomeação, e somente os profetas possuíam o Dom da Visão. Até mesmo os apóstolos estavam limitados a uns poucos escolhidos com o poder do Discernimento - um Dom que permitia a alguém contar a verdade da mentira - ou o Toque de Cura. Na geração de Immanuelle, os presentes foram concedidos apenas a um punhado dos mais favorecidos do pai - e como uma bastarda de nascimento, ela era tudo menos isso.

—Pena, — disse Judith, nivelando seu olhar. —Eu esperava que houvesse *algo* notável em você. Considerando.

Immanuelle ficou tensa. —Considerando o quê?

Judith arqueou uma sobrancelha perfeita e um sorriso cruel apareceu em seus lábios. —Bem, sua mãe, é claro.

Immanuelle sabia que a menção de sua mãe estava chegando. Sempre era assim. Mas algo na maneira como Judith disse isso agora dobrou o insulto, fazendo-o picar mais do que o normal.

Por um longo momento houve silêncio, exceto pelo balbucio do rio e o zumbido das vespas espreitando entre as flores silvestres. Até mesmo a conversa distante dos outros fiéis parecia se acalmar, perdida pela rajada do vento na floresta. Então...

—Você sabe —, disse Immanuelle. —Agora que eu considero isso... Eu *tenho* um talento especial para dançar nua na mata-com as feras e demônios, é claro. É difícil encontrar tempo, com todas as ovelhas que pastoreio, mas

quando a lua cheia nasce, eu faço o que posso. — Ela sorriu brilhantemente para Judith. —Tal mãe, tal filha, suponho.

Houve uma pausa, o chiado da respiração. Leah estremeceu quando o grupo caiu mais uma vez em silêncio total e absoluto.

Pela primeira vez desde que se sentou, o filho do Profeta, Ezra, desviou sua atenção do horizonte. Seus olhos se fixaram em Immanuelle.

Ela soube então que havia cometido um erro. Um erro pecaminoso e tolo cometido no calor da raiva. Um erro que ela sem dúvida pagaria com uma repreensão ou açoite, ou talvez até um dia no mercado de ações.

Mas então, para sua surpresa, os lábios de Ezra se curvaram em um sorriso torto e ele começou a rir. Não era uma risada maldosa, mas do tipo turbulento que vem do fundo da barriga. Seus ombros tremeram e seu cabelo preto caiu sobre os olhos. Depois de um momento, Peter juntou-se a ele, com um berro latido que atravessou o cemitério e atraiu olhares dos parentes que estavam na sombra da catedral. Isso, por sua vez, fez Ezra rir ainda mais. Em questão de segundos, Leah e Hope se juntaram, e então, finalmente, até mesmo Immanuelle abriu um pequeno sorriso. Antes que ela percebesse, todos eles estavam gargalhando juntos como um bando de velhos amigos.

Todos, exceto Judith, que fez pouco mais do que sufocar uma tosse escandalizada enquanto se levantava. Ela puxou Ezra com ela, puxando-o pelo braço, mas quando ele se levantou, ele ofereceu a Immanuelle aquele seu sorriso torto novamente.

—Até o próximo sábado! — Ele gritou por cima do ombro enquanto Judith o conduzia de volta à catedral, de volta ao pai, o Profeta, e longe de Immanuelle. Mas quando ele entrou nas ondas de grama alta balançando, ele fez uma pausa, voltando-se para olhar para ela. Algo cintilou em seus olhos e, naquele momento, ela poderia jurar que ele viu a verdade sobre ela.

CAPITULO DOIS

Pois o Pai é bom e Sua bondade é eterna. Ele sorri dos céus para conceder bênçãos a Seu rebanho, para que possam encontrar contentamento em Sua luz.

—AS ESCRITURAS SAGRADAS

As noites, os Moores se reuniam para o habitual jantar de sábado. Martha cuidava de um barril borbulhante de ensopado de frango pendurado em um gancho de ferro acima do fogo crepitante, enxugando o suor da testa com as costas da mão. Enquanto ela se curvava sobre a lareira, Anna misturava pão de massa com as duas mãos, enrolando punhados de sementes de linhaça e nozes esmagadas, cantando hinos enquanto trabalhava. Immanuelle se abaixou entre as duas, assumindo diferentes tarefas e fazendo o possível para ajudar. Ela era desajeitada na cozinha, mas fazia o que podia para ajudá-los.

Anna, sempre alegre, foi a primeira a quebrar o silêncio. —Foi um bom culto esta manhã, não foi?

Immanuelle colocou um prato de estanho na cabeceira da mesa, diante da cadeira vazia de seu avô. —Foi.

Martha não disse nada.

Anna mergulhou os punhos na massa de pão novamente. —Quando o Profeta falou, senti como se o ar tivesse sido sugado para fora de mim. Ele é um verdadeiro homem do Pai, aquele. Mais do que outros profetas, até. Temos sorte de tê-lo.

Immanuelle colocou uma colher ao lado do prato de Martha e outra ao lado da tigela de Honor, uma pequena coisa de madeira que ela esculpiu e

poliu há cerca de três verões, quando a criança não era maior do que um peixinho no ventre de Anna. Para a mais velha de Anna, Glory, ela reservou a colher de latão de que mais gostava, uma antiguidade que Martha comprara de um mascate anos atrás.

Glory, como sua mãe, tinha apetite por coisas bonitas: fitas, rendas, doces e outras delícias que os mouros não podiam pagar. Mas, quando podia, Immanuelle fazia o possível para agradar a garota com pequenas lembranças. Restavam tão poucas coisas bonitas na casa. A maioria de seus tesouros e bugigangas foi vendida durante o inverno em uma tentativa de compensar a colheita ruim e todo o gado que perderam devido à doença no verão passado. Mas se Immanuelle tivesse algo a dizer sobre isso, Glory teria sua colher, um pequeno símbolo para compensar seu mundo de carências.

Quando a refeição foi preparada, Martha levou o barril de ensopado para a mesa e colocou-o sobre a mesa com um baque forte que percorreu a casa. Ao som, Honor e Glory correram para a sala de jantar, ansiosas para ocupar seus lugares e comer. As esposas se sentaram em seguida, a avó de Immanuelle, Martha, reivindicando seu lugar na extremidade oposta da mesa, como era costume, e Anna, segunda esposa do avô de Immanuelle, reivindicando o assento ao lado da cadeira vazia de seu marido.

Depois de alguns longos momentos, ouviu-se o rangido das dobradiças, o som de uma porta se abrindo e, em seguida, o barulho de dor e arrastando de Abrão descendo as escadas. Seu avô estava tendo um dia ruim; Immanuelle percebeu pelo som de seu andar, a maneira como seu pé rígido se arrastava pelas tábuas do piso enquanto ele se movia em direção à mesa. Ele havia faltado à igreja novamente naquela manhã, tornando-se o terceiro sábado que ele perdera em um mês.

Uma vez, muito tempo atrás, Abrão havia sido um apóstolo - e poderoso também. Ele tinha sido o braço direito de Simon Chambers, o profeta que serviu antes do profeta atual, Grant Chambers, ter sido escolhido e ordenado. Como tal, Abrão já possuíra uma das sete propriedades nos sagrados Solos Sagrados e exercia o Dom de Discernimento do Pai. Aos dezenove anos, ele se casou com Martha. Os dois estavam bem unidos, tanto em idade quanto em status, mas apesar disso, o Pai não os abençoou com filhos por muito tempo. Na verdade, depois de anos de tentativas, Abrão e Marta só conseguiram conceber Miriam, e seu nascimento foi sucedido por uma série de natimortos, todos filhos. Muitos mais tarde afirmaram que o nascimento de Miriam amaldiçoou os filhos que nasceram depois dela, disseram que sua própria existência era uma praga para o bom nome de Moore.

Por causa dos crimes de Miriam, Abrão foi destituído de seu título de apóstolo e de todas as terras que o acompanhavam. O estábulo de Moore, que já fora uma área ondulante tão grande que rivalizava com o do Profeta, foi dividido entre os outros apóstolos e fazendeiros próximos, que o separaram como abutres fazem uma carcaça. Abrão ficou com um pequeno fragmento de terra que um dia possuiu, sombreado pela mesma floresta errante para a qual ele perdeu sua filha. Assim era a vida que ele vivia agora, no ridículo e na miséria, sobrevivendo da escassa colheita de pastagens e campos de milho destruídos que eram sua única reivindicação.

Não foi nada menos do que um milagre que Anna concordou em seguir Abrão ao altar dezoito anos atrás, apesar da vergonha da queda de Miriam em desgraça. Immanuelle suspeitava que sua lealdade derivava do fato de Abrão ter usado seu Toque de Cura para salvá-la quando ela estava morrendo de febre quando era uma menina. Era como se ela devesse a ele uma espécie de dívida de vida e fosse firme em sua resolução de cumpri-la. Talvez fosse por

isso que seu amor por Abrão parecia mais com a maneira como os apóstolos reverenciavam o Santo Padre do que com os afetos comuns entre marido e mulher.

Quando Abrão entrou na sala de jantar, Anna abriu um largo sorriso, como sempre fazia. Mas Abrão não ligou para ela ao passar mancando pela soleira. Ele fez uma pausa para recuperar o fôlego, apoiando as mãos nas costas de uma cadeira quebrada. O lado direito de seu corpo estava cerrado, seus dedos torcidos em ângulos de quebrar ossos, seu braço dobrado e puxado para o peito como se segurado por uma tipoia invisível. Ele mancou com a perna esquerda jogada para o lado e teve que se apoiar na parede para não cair enquanto se arrastava ao redor da sala de jantar até seu assento na cabeceira da mesa.

Ele se acomodou rudemente em sua cadeira, então começou a oração, lutando com as palavras. Quando terminou, Abrão ergueu o garfo com a mão boa e começou a comer. O restante deles fez o mesmo, as crianças pegando o guisado ansiosamente, como se temessem que ele desaparecesse antes que tivessem a chance de terminá-lo. A triste verdade é que se tratava menos de um ensopado de frango e mais de um caldo aguado de osso com um pouco de pastinaga, algumas folhas de repolho perdidas e os horríveis restos de frango. Mesmo assim, Immanuelle se esforçou para comer devagar, saboreando cada garfada.

Anna tentou novamente acender a conversa, mas suas tentativas foram inúteis. Martha manteve os olhos no ensopado e as meninas foram espertas o suficiente para ficar em silêncio, temendo a ira do pai.

Por sua vez, Abrão não disse muito. Ele raramente o fazia em seus dias ruins. Immanuelle poderia dizer que era doloroso para ele ter sido a voz do Profeta e agora, nos anos desde a morte da mãe, ser reduzido a pouco mais do

que o pária da aldeia, amaldiçoado pelo Pai por sua clemência. Ou então os rumores diziam.

Na verdade, Immanuelle sabia pouco sobre o que acontecera a Abrão depois que sua mãe morreu. Tudo o que ela sabia eram os parcos pedaços que Martha lhe oferecia, os fragmentos de uma história vil demais para ser contada na íntegra.

Dezessete anos atrás, sua mãe, Miriam, recém-noiva do Profeta, tinha tido relações ilícitas com um menino de fazenda da periferia. Meses depois, depois que seu caso foi descoberto, o mesmo menino de fazenda morreu na pira como punição por seus crimes contra o Profeta e a Igreja.

Mas Miriam foi poupada e teve misericórdia do Profeta por causa de seu noivado.

Então, na noite anterior ao casamento, Miriam - louca de dor e desesperada para vingar a morte do amante - entrou furtivamente no quarto do Profeta enquanto ele dormia e tentou cortar sua garganta com sua própria adaga sagrada. Mas o Profeta havia acordado e lutado contra ela, impedindo o ataque.

Antes que a Guarda do Profeta tivesse a chance de prendê-la, Miriam fugiu para a proibida Floresta Sombria - a casa de Lilith e seu coven de bruxas - onde ela desapareceu sem deixar vestígios. Miriam afirmou que ela passou aqueles meses brutais de inverno sozinha em uma cabana no coração da selva. Mas, devido à violência daquele inverno e ao fato de que a cabana nunca foi encontrada, ninguém em Betel acreditou nela.

Meses se passaram sem nenhum sinal de Miriam. Então, uma noite, no meio de uma violenta tempestade de neve, ela emergiu de Floresta Sombria, pesada com uma criança - o pecaminoso resultado de seu amante, que tinha morrido na pira. Poucos dias após seu retorno, Miriam deu à luz Immanuelle.

Enquanto sua filha gritava em meio ao trabalho de parto, Abrão foi atingido por um derrame tão violento que o refez, torcendo seus membros e torcendo seus ossos e músculos, privando-o de sua força e estatura, bem como do poder de seus Santos Dons. E enquanto Miriam lutava, lutava e escorregava para a vida após a morte, ele quase o fez. Foi apenas um milagre do Pai que o salvou, arrastando-o de volta da beira da morte.

Mas Abrão havia sofrido pelos pecados de Miriam e continuaria a sofrer por eles até o dia de sua morte. Talvez ele tivesse sofrido menos se tivesse forças para evitar Immanuelle pelos pecados de sua mãe. Ou se ele simplesmente evitasse Miriam depois que ela voltou grávida da floresta, ele poderia ter encontrado o favor do Profeta mais uma vez.

Mas ele não fez. E por isso, Immanuelle estava grata.

—Você irá... ao mercado... de manhã — disse Abrão do outro lado da mesa, rangendo as palavras entre os dentes enquanto falava, cada sílaba uma luta. —Venda o antro preto.

—Farei o meu melhor. — Disse Immanuelle com um aceno de cabeça. Se ele pretendia vender o animal, sua necessidade devia ser extrema. Tinha sido um mês ruim, um mês ruim no final de uma série de meses terríveis. Eles precisavam desesperadamente do dinheiro. A doença de Abrão piorou no inverno depois de um forte surto de febre, e os altos custos dos remédios levaram a família à beira da ruína. Era vital que Immanuelle fizesse sua parte para aliviar o fardo, como todos fizeram.

Todos na casa de Moore tinham algum trabalho ou comércio. Martha era uma parteira abençoada com a Língua do Pai e por meio dela o poder de invocar Nomes dos céus. Anna era uma costureira com uma mão tão gentil e um olho tão perspicaz que conseguia cerzir até a renda mais fina. Abrão, que já foi carpinteiro, nos anos após seu derrame começou a esculpir pequenas

figuras rudes que às vezes vendiam no mercado. Até mesmo Glory, uma artista talentosa apesar do fato de que ela tinha apenas 12 anos, pintava pequenos retratos em xilogravuras que ela então vendia para seus amigos na escola. Honor, que era muito jovem para aprender um ofício, ajudava na fazenda o melhor que podia.

E havia Immanuelle, a pastora, que cuidava de um rebanho de ovelhas com a ajuda de um menino de fazenda contratado. Todas as manhãs, exceto no sábado ou na ocasião ímpar em que Martha a chamava para um parto particularmente arriscado, Immanuelle ia às pastagens para cuidar de suas ovelhas. Cajado na mão, ela os levaria para a cordilheira ocidental, onde o rebanho passaria o dia pastando nas sombras de Floresta Sombria.

Immanuelle sempre sentiu uma estranha afinidade com Floresta Sombria, uma espécie de agitação sempre que ela se aproximava. Era quase como se a madeira proibida cantasse uma música que só ela podia ouvir, como se a desafiasse a se aproximar.

Mas, apesar da tentação, Immanuelle nunca o fez.

Nos dias de mercado, Immanuelle levava uma seleção de seus produtos - seja lã, carne ou carneiro - para o mercado da cidade para vender. Lá, ela passava o dia inteiro na praça, barganhando e vendendo suas mercadorias. Se tivesse sorte, voltaria para casa após o pôr-do-sol com cobre suficiente para pagar o dízimo semanal. Do contrário, a família passaria fome e seus dízimos e dívidas com os curandeiros de Abrão não seriam pagos.

Abrão engoliu outro bocado de ensopado, engolindo com algum esforço. —Venda ele... por um bom preço. Não se contente com menos do que ele vale.

Immanuelle assentiu. —Eu vou mais cedo. Se eu seguir o caminho que corta Floresta Sombria, chegarei ao mercado antes dos outros mercadores.

A conversa morreu no barulho de garfos e facas batendo nos pratos. Mesmo Honor, jovem como era, sabia que devia cuidar de sua língua. Houve silêncio, exceto pelo *gotejamento* rítmico, *gotejamento, gotejamento* do vazamento no canto da cozinha.

As bochechas de Martha perderam toda a cor e seus lábios estavam sem sangue. —Você nunca vai para aquela floresta, ouviu? Há maldade nela.

Immanuelle franziu a testa. Do jeito que ela via, o pecado não era uma praga que você pudesse pegar se se aventurasse muito perto. E ela não tinha certeza se acreditava em todas as lendas sobre os males no útero de Floresta Sombria. Na verdade, Immanuelle não tinha certeza em que acreditava, mas tinha quase certeza de que um breve atalho pela floresta não seria sua ruína.

Ainda assim, nada de bom viria de uma discussão, e ela sabia que em uma batalha de vontades, ela não poderia vencer. Martha tinha um coração de ferro e o tipo de fé inabalável que fazia as pedras tremerem. Era inútil provocá-la.

E então, Immanuelle mordeu a língua, abaixou a cabeça e resignou-se a obedecer.

Naquela noite, Immanuelle sonhou com bestas: uma garota com a boca aberta e os dentes amarelados de um coiote; uma mulher com asas de mariposa que uivava para a lua nascente. Ela acordou de manhã cedo com o eco daquele grito, o som batendo para frente e para trás entre as paredes de seu crânio.

Com os olhos turvos e bêbada de exaustão, Immanuelle se vestiu desajeitadamente, tentando empurrar as imagens distorcidas dos ghouls da floresta de sua mente enquanto se atrapalhava com seu vestido de botão e se preparava para um dia no mercado.

Saindo da casa adormecida, Immanuelle caminhou em direção às pastagens distantes. Ela começava quase todas as manhãs assim - cuidando das ovelhas à luz do amanhecer. Nas raras ocasiões em que ela não conseguiu - como na semana em que pegou coqueluche alguns verões antes - um lavrador contratado pelo nome de Josiah Clark interveio para preencher seu papel.

Immanuelle encontrou seu rebanho amontoado nas pastagens orientais, logo além da sombra da floresta. Os corvos empoleiravam-se nos galhos dos carvalhos e bétulas na floresta próxima, embora não cantassem nenhuma canção. O silêncio era tão espesso quanto a névoa da manhã, e só foi quebrado pelo som da canção de ninar de Immanuelle, que ecoava pelos contrafortes e campos distantes como uma endecha.

Não era uma canção de ninar normal, como as canções folclóricas ou rimas infantis que as mães cantam para os filhos, mas sim uma versão de um antigo hino de luto que ela ouvira certa vez em um funeral. Sua canção se propagou pelas pastagens, e ao som seu rebanho moveu-se para o leste, varrendo como uma maré pelas colinas onduladas. Eles estavam em cima dela em instantes, balindo e trotando alegremente, pressionando contra sua saia. Mas o carneiro de um ano, Judas, ficou para trás, com os cascos firmemente plantados e a cabeça baixa. Apesar de sua idade, ele era uma coisa grande e temível, com um pelo preto desgrenhado e dois pares de chifres: o primeiro conjunto se projetando como adagas do alto de seu crânio, o segundo se enrolando atrás das orelhas e perfurando o corte áspero de seu mandíbula.

—Judas —, Immanuelle gritou acima do assobio do vento na grama alta. —Venha agora, é hora de ir ao mercado.

O carneiro atingiu a terra com seus cascos, seus olhos semicerrados. Quando ele deu um passo à frente, as ovelhas se mexeram e se separaram, os cordeirinhos tropeçando nos cascos para abrir caminho para

ele. Ele parou a poucos metros de Immanuelle, a cabeça ligeiramente virada para o lado para que pudesse olhá-la através da curva retorcida de seu chifre.

—Estamos indo ao mercado. — Ela levantou a corda para ele ver, a folga pendurada acima do solo. —Vou precisar amarrar você.

O carneiro não se moveu.

Abaixando-se sobre um joelho, Immanuelle afrouxou o laço do nó sobre os chifres, puxando a corda para esticá-la. O carneiro lutou com ela, chutando, resistindo e jogando a cabeça, golpeando a terra com seus cascos. Mas ela segurou firme, apoiando as pernas e apertando o aperto, a corda roçando em suas palmas enquanto Judas empinava e lutava.

—Calma, — ela disse, nunca levantando sua voz acima de um murmúrio. —Calma aí.

O carneiro jogou a cabeça uma última vez e bufou com força, uma nuvem de vapor saindo de suas narinas, espessa como fumaça de cachimbo no ar frio da manhã.

—Vamos lá, seu velho rabugento. — Ela o incitou junto com outro puxão na corda. —Precisamos levá-lo ao mercado.

A caminhada pelas Clareiras foi longa e, apesar do frio inicial da manhã, o sol estava quente. Trilhas de suor escorriam pela espinha de Immanuelle enquanto ela caminhava ao longo do caminho sinuoso para a cidade. Se ela tivesse tomado o atalho pela floresta - em vez do longo caminho ao redor da orla da floresta - ela já estaria na cidade. Mas ela prometeu a Martha que ficaria longe da floresta, e ela estava determinada a manter sua palavra.

Então Immanuelle seguiu em frente, com a mochila pesando sobre os ombros enquanto caminhava. Seus pés doíam em suas botas, que eram um tamanho e meio muito pequenas e beliscavam seus saltos tanto que empolavam. Muitas vezes parecia que tudo o que ela possuía era muito grande

ou muito pequeno, como se ela não fosse adequada para o mundo em que nasceu.

No meio do caminho para o mercado, Immanuelle parou para o café da manhã. Ela encontrou um lugar fresco na sombra sob uma bétula e vasculhou o conteúdo de sua mochila em busca da fatia de queijo e pão marrom duro como tijolo que Anna havia assado na noite anterior. Ela comeu rapidamente, jogou as cascas de pão para Judas, que as agarrou e balançou a cabeça, puxando a corda com tanta força que ela teve de agarrá-lo pelos chifres para evitar que ele fugisse.

À distância, Floresta Sombria se mexeu. Quase parecia chamá-la quando o vento soprava pelos galhos, como uma língua secreta sibilante.

De acordo com as lendas e as Sagradas Escrituras, Floresta Sombria, como todas as coisas amaldiçoadas e miseráveis do mundo, foi gerada pela Mãe das Trevas, deusa dos infernos. Enquanto o Bom Pai construía o mundo com luz e chama, soprando vida na poeira, Ela convocou Seus males das sombras, gerando legiões de bestas e demônios, criaturas mutiladas e coisas rastejantes que se escondiam no meio-mundo purulento entre os vivos e os mortos.

E foi daquele meio-mundo, dos corredores da floresta amaldiçoada, que as primeiras bruxas - Lilith, Delilah e os dois Amantes, Jael e Mercy - surgiram pela primeira vez. Os Quatro Profanos (como foram chamados mais tarde) encontraram um lugar entre os primeiros colonos de Betel, que os aceitaram como refugiados e lhes ofereceram santuário. As mulheres tomaram maridos e deram à luz filhos, viveram no rebanho do Pai como aliadas e amigas. Mas enquanto as quatro bruxas vestiam pele de mulher humana, suas almas foram feitas à imagem de sua Mãe e, como Ela, procuraram destruir as criações do Bom Pai, sufocando Sua luz com suas trevas e sombras.

As quatro bruxas plantaram sementes de discórdia nos corações dos bons homens de Betel, tentando-os e desencaminhando suas almas. As raízes de seu engano eram profundas, e não demorou muito para que o domínio da terra passasse para suas mãos. Foi apenas pela graça do Pai que um jovem chamado David Ford - o primeiro profeta - reuniu um bravo exército de sagrados cruzados para derrubar as quatro bruxas com fogo e purgando em uma rebelião sangrenta, banindo suas almas para a amaldiçoada floresta de onde elas vieram.

Mas o poder das bruxas e da Deusa das trevas a que serviam permaneceu muito depois do fim da Guerra Santa. Mesmo agora, seus fantasmas ainda assombravam Floresta Sombria, famintos pelas almas daqueles que ousavam entrar em seu reino.

Ou assim as histórias dizem.

Assim que Immanuelle terminou seu café da manhã, ela se levantou para continuar sua jornada pelas Clareiras. A estrada principal serpenteava mais perto de Floresta Sombria agora, e ela podia ver os memoriais pontuando a linha de árvores distante. Havia coroas de flores silvestres, símbolos e tributos, até mesmo um pequeno par de sapatos infantis pendurados em uma cerca pelos cadarços - como se alguém acreditasse que a criança a que pertenciam poderia um dia emergir das árvores para reclamá-los. Essas relíquias eram tudo o que restava daqueles que foram perdidos para Floresta Sombria. O que a floresta pegava, raramente voltava.

Immanuelle e sua mãe eram exceções a isso - milagres, disseram alguns. Mas em seus momentos mais fracos, quando o vento agitava-se entre os pinheiros e os corvos cantavam suas canções, Immanuelle sentia como se Floresta Sombria ainda a segurasse, como se a estivesse chamando de volta para casa.

Com um arrepio, Immanuelle seguiu em frente, passando pelos barracos e cabanas e campos de milho ondulantes, caminhando ao longo da orla da floresta, seguindo o caminho do riacho. Acima, o sol mudou e o ar ficou espesso e pesado. A extensa pastagem das Clareira deu lugar às ruas pavimentadas de pedra de Amas - a aldeia no coração de Betel. Aqui, celeiros e propriedades foram substituídos por uma confusão de chalés de paralelepípedos e casas de cidade com telhados de ardósia, prédios de pedra com janelas de vitral que brilhavam intensamente à luz do sol do meio-dia. À distância, erguendo-se acima dos telhados, estava uma das estruturas mais altas de toda Betel, superada apenas pela torre da catedral. Era chamado de Portão Sagrado e era uma maravilha de ferro forjado construída pelo primeiro profeta, David Ford.

Além do portão, havia uma estrada larga de paralelepípedos flanqueada por postes sempre acesos que era chamada de Caminho do Peregrino. Se Betel era uma ilha no vasto mar da floresta, aquela estrada era uma ponte para os territórios estrangeiros muito além de suas fronteiras. Mas, pelo que Immanuelle sabia, apenas a Guarda do Profeta, os apóstolos e uma seleção de evangelistas estimados tinham permissão para deixar Betel, e apenas em raras ocasiões. E nunca - em todos os dezesseis anos de Immanuelle - um único estrangeiro entrou pelo portão.

Às vezes, Immanuelle se perguntava se as cidades além dos territórios de Betel não eram nada mais do que mitos. Ou talvez a floresta cada vez mais invasiva as tivesse devorado inteiramente, da mesma forma que teria feito Betel se a luz do Pai não tivesse forçado sua escuridão de volta. Mas Immanuelle sabia que essas ponderações estavam muito acima de sua posição. As complexidades do mundo além do Portão Sagrado eram melhor

deixadas para os apóstolos e o Profeta, que tinham o conhecimento e discernimento para analisá-las.

Apertando com força a corda-guia de Judas, Immanuelle abriu caminho por entre as multidões cada vez maiores do mercado. Como sempre, a praça estava lotada de tendas. Havia suportes para velas e um açougueiro com carnes cobertas de moscas em placas de gelo derretendo. Ao lado do açougueiro, uma grande tenda que vendia tecido a parafuso, exibindo uma variedade de brocados e veludos, sarjas e sedas macias. Ao passar pela tenda do perfumista, Immanuelle sentiu o cheiro de óleo fino, feito de flores e almíscar de mirra.

O relojoeiro tinha uma tenda fora de sua casa. Em uma longa mesa de carvalho, ele vendia seus relógios e relógios para os homens finos que se vestiam como se pudessem pagar por eles. A poucos passos dali, uma sapataria oferecia botas de couro com fivelas mais finas do que qualquer coisa que Immanuelle já tivera. Mais fina do que qualquer coisa que ela provavelmente *possuiria*.

Mas ela não insistiu nisso. Ela fez questão de manter a cabeça erguida, nunca se desviando da estrada principal ou mesmo interrompendo o passo para examinar as mercadorias. Judas trotava ao lado dela, seus cascos pretos deslizando pelas pedras. Suas orelhas se curvavam para um lado e para o outro, narinas dilatadas enquanto ele observava as imagens e os sons do mercado. Às vezes ele vagava, mas Immanuelle mantinha a corda curta para que ele nunca estivesse a mais de um passo de seu quadril.

A intervalos ao longo da estrada, agachados nas esquinas de paralelepípedos com tigelas e xícaras de moedas, estavam os mendigos da periferia. Muitos deles andavam descalços, levantando-se para recolher moedas dos transeuntes que eram gentis o suficiente para oferecê-las. Mas a

maioria dos frequentadores do mercado ignorava totalmente os mendigos. A Periferia eram exilados, afinal, rejeitados como os filhos menores e menos favorecidos do Pai. Alguns dos membros mais radicais do rebanho sugeriam que sua própria aparência era uma punição, alegando que o rico ébano de sua pele era um sinal externo de sua lealdade interior à Mãe das Trevas, que era parecida com ela.

Havia muitas histórias sobre como a Periferia chegaram pela primeira vez a Betel, mas o entendimento geral era que eles eram descendentes de refugiados que fugiram para lá nos dias antigos. Havia muitos rumores sobre o que eles estavam fugindo. Alguns diziam que foi uma seca que transformou a terra em cinzas. Outros contavam histórias de um céu que chorou fogo e enxofre. Outros ainda afirmavam que um mar faminto havia inundado sua terra natal, a maré subindo tão alto que afogou montanhas e os forçou a fugir para a selva.

Um santo chamado Abdiah governava a Igreja naquela época. Ele disse que o Pai puniu esses refugiados por sua fidelidade à mãe. Afirmou que as pragas que os expulsaram de casa eram uma forma de retribuição divina. Ele determinou que era a vontade do Pai conduzir os que moravam nos arredores de Betel, para que pudessem continuar o processo de sua santificação por meio do serviço à Igreja. E assim, a pedido de Abdiah, pela primeira vez em seus séculos de história, Betel abriu seu portão para estranhos.

Para evitar o que Abdiah chamou de disseminação de falácias, a Periferia foi confinada a um assentamento na cúspide sul de Betel. Lá, os servos da Igreja ministravam a eles - espalhando a palavra do Pai, transformando os pagãos em crentes uma alma de cada vez no que mais tarde foi chamado de Grande Evangelismo. Com o passar das décadas, os moradores da periferia foram se adaptando aos costumes de Betel. Eles adotaram sua fé e língua

comum, continuaram seu processo de contrição por meio do serviço à Igreja. Gradualmente, com o passar das gerações, os da periferia viraram as costas para a história, até se tornarem mais cidadões de Betel do que não. Mas estava claro para Immanuelle que eles não eram tratados como tal. *Ela* não era tratada como tal.

Não importa o fato de que a maioria dos da Periferia modernos carregava o sangue dos colonos de Betel ou que eles lutaram contra os exércitos de Lilith na Guerra Santa. Compartilhado ou derramado, parecia que o sangue não importava tanto quanto a aparência. E assim, não importa quantos séculos se passassem, não importa o que eles prestassem a serviço da melhoria de Betel, parecia que sempre seriam enviados para os arredores.

Naquele dia, havia cerca de uma dúzia de mendigos na estrada principal. Quando Immanuelle se aproximou deles, eles se viraram para ela como sempre faziam, embora nenhum estendesse suas tigelas ou xícaras, ou mesmo a saudasse com mais do que um olhar frio. Em vez disso, eles pareciam estudá-la, suas expressões ela descreveria como uma mistura de curiosidade e desprezo.

Ela não os culpava.

Enquanto do lado de fora ela compartilhava seus recursos de pele escura, nariz firme, os negros olhos arregalados mas, nada se parecia, na verdade não. Ela nunca conheceu a pobreza de uma vida além das Clareiras ou andou pelas estradas da periferia, nem conheceu os parentes que provavelmente tinha lá. Por tudo que Immanuelle sabia, aqueles que espreitavam nas estradas podem muito bem ter sido seu sangue - parentes de seu pai, tios ou primos talvez - mas ela não os reivindicava como tais, e eles, por sua vez, também não a reivindicaram.

Immanuelle caminhou um pouco mais rápido, olhando para seus sapatos, tentando evitar os olhares persistentes deles enquanto se dirigia ao setor de gado. Ela estava quase lá quando avistou a melhor loja de todas: a livraria do mascate.

Em comparação com as outras lojas, com seus letreiros pintados e displays elaborados, não era muito. Sua tenda era pequena, apenas uma folha de estopa esticada em três estacas de madeira. Abaixo, havia cinco fileiras de estantes, todas mais altas que Immanuelle e cheias de livros - livros de verdade - não como os tomos e hinários decorativos que ficavam acima da lareira da casa dos Moore, intocados e não lidos. Eram livros sobre botânica e medicina, livros de poesia e tradição, atlas e histórias de Betel e dos assentamentos além dela, até mesmo pequenos panfletos que ensinavam coisas como gramática e aritmética. Era uma maravilha que eles tivessem sido aprovados pela Guarda do Profeta.

Depois de amarrar Judas a um poste próximo, Immanuelle foi em direção à tenda. Apesar de saber que deveria estar a caminho do distrito pecuário, ela se demorou entre as prateleiras, abrindo os livros para sentir o cheiro de almíscar de suas encadernações e passou os dedos pelas páginas. Embora ela tivesse parado de estudar aos doze anos, como todas as meninas em Betel faziam para observar o Protocolo Sagrado do Profeta, Immanuelle era uma leitora fervorosa. Na verdade, ler era uma das poucas coisas em que ela se sentia realmente boa, uma das poucas coisas de que se orgulhava. Ela às vezes pensava que, se ela tinha algum Dom, era esse. Os livros eram para ela o que a fé era para Martha; ela nunca se sentiu mais próxima do Pai do que naqueles momentos sob a sombra da tenda do livro, lendo as histórias de um estranho que ela nunca conheceu.

O primeiro livro que ela selecionou era grosso e encadernado em um pano cinza claro. Não havia título, apenas a palavra *Elegia* estampada em sua lombada com tinta dourada. Immanuelle o abriu e leu as primeiras linhas de um poema sobre uma tempestade varrendo o oceano. Ela nunca tinha visto o oceano antes, ou conhecido alguém que o tivesse visto, mas enquanto lia os versos em voz alta, podia ouvir o rugido das ondas, saborear a salmoura das águas e sentir o vento batendo em seus cachos.

—De volta, eu percebo. — Immanuelle ergueu os olhos para encontrar o lojista, Tobis, observando-a. Ao lado dele, para sua surpresa, estava Ezra, o filho do Profeta, que se sentou com ela e Leah à beira do rio no dia anterior.

Ele estava vestido à paisana, igual aos fazendeiros recém-chegados do campo, exceto pela adaga sagrada do apóstolo, que ainda estava pendurada na corrente em seu pescoço. Ele estava segurando dois livros em uma das mãos. O primeiro era uma cópia grossa das Sagradas Escrituras encadernada em couro marrom; o segundo era fino, encapado em tecido e sem título. Ele sorriu para ela em saudação, e ela baixou a cabeça em resposta, colocando o livro de volta em seu lugar na estante. Ela não podia pagar de qualquer maneira. Os Moores mal tinham o suficiente para colocar comida na mesa e pagar o dízimo ao Profeta e sua Igreja; não havia cobre para desperdiçar em coisas frívolas como histórias, papel e poesia. Esses privilégios eram reservados para apóstolos e homens que tinham dinheiro de sobra. Homens como Ezra.

—Não tenha pressa —, disse Tobis, aproximando-se, o aroma apimentado da fumaça do cachimbo flutuando pelas prateleiras. —Não nos deixe incomodar você.

—Você não está me incomodando de jeito nenhum. — Murmurou Immanuelle, dando um passo em direção à rua. Ela gesticulou na direção de Judas, que estava sob a sombra de um poste de luz, batendo nas pedras com

os cascos. —Eu estava saindo. Não estou aqui para fazer compras, apenas para vender.

—Bobagem, — O dono da loja falou em torno da haste de seu cachimbo. —Há um livro para todos. Deve haver algo que chame sua atenção.

O olhar de Immanuelle foi para Ezra - para seu casaco de lã fina e botas polidas, para os livros encadernados em couro enfiados debaixo do braço, tão bem feitos que ela imaginou que o preço de um seria o suficiente para cobrir os remédios de Abrão nas próximas semanas. Ela enrubesceu. —Não tenho dinheiro.

O dono da loja sorriu, seus dentes crivados de aço e cobre. —Então que tal uma pechincha? Vou trocar um livro com você pelo carneiro.

Por um momento, ela hesitou.

Alguma parte tola dela estava disposta a fazer isso, disposta a vender Judas por alguns restos de poesia. Mas então ela pensou em Honor com chumaços de pano enfiados na ponta dos sapatos para preencher os buracos e impedir que a umidade vazasse, em Glory em seu vestido usado, pendurado em seus ombros como um velho saco de grãos. Ela pensou em Abrão e sua tosse forte, pensou em todos os remédios de que ele precisava para curá-lo. Ela engoliu em seco e balançou a cabeça. —Eu não posso.

—Que tal? — O dono da loja apontou com o polegar em direção ao colar da mãe - a pedra polida do rio amarrada em uma corda de couro. Era um símbolo rudimentar, nada parecido com as pérolas e joias que algumas das garotas de Betel usavam, mas era uma das únicas coisas que Immanuelle havia herdado dela e ela a valorizava mais do que tudo. —Essa pedra fica muito bem no seu peito.

Immanuelle ergueu a mão em um impulso. —Eu-

—Ela disse não, — Ezra cortou asperamente, surpreendendo-a. —Ela não quer o livro. Deixe-a em paz.

O lojista teve o bom senso de cuidar dele. Ele balançou a cabeça como uma galinha enquanto recuava. —Como você diz, senhor, como você diz.

Ezra observou o mascate retornar aos seus livros, boca fechada, olhos semicerrados. Algo em seu olhar lembrou Immanuelle do jeito que ele olhou para ela no sábado, a maneira como ele vacilou, como se tivesse visto algo nela que não pretendia. Agora ele se voltou para ela. —Você lê?

Immanuelle enrubesceu, apesar de tudo, mais do que um pouco orgulhosa por ele ter notado. Muitas de suas colegas - Leah e Judith e os outras - mal conseguiam ler, sabendo apenas seus próprios nomes e alguns dos versículos mais importantes das Escrituras. Se não fosse pela insistência de Abrão para que Immanuelle aprendesse a ler e administrar a fazenda Moore em seu lugar, ela poderia ter acabado como a maioria das outras garotas que ela conhecia, mal conseguindo assinar seu próprio nome, sem conhecer um livro de histórias de uma coleção de poesia. —Eu leio bem o suficiente.

Ezra ergueu uma sobrancelha. —E você está aqui sozinha? Você não tem uma acompanhante?

—Eu não preciso de um acompanhante, — ela disse, sabendo que era uma violação do Protocolo na melhor das hipóteses e uma violação na pior, mas ela não tomou Ezra como um delator. Ela libertou Judas do poste e o levou para a rua. —Eu conheço as estradas bem o suficiente para fazer a viagem sozinha.

Para sua surpresa, Ezra seguiu ao seu lado, a multidão se separando enquanto ele caminhava. —É um longo caminho para viajar sozinha. A terra de Moore é o quê? A quinze quilômetros de distância?

—Dez. — Immanuelle ficou surpresa por ele conhecer suas terras. A maioria não. —E não é problema nenhum. Eu parto depois do nascer do sol e estou aqui antes do meio-dia.

—E você não se importa? — Ele perguntou.

Immanuelle balançou a cabeça, apertando com força a corda enquanto cruzavam para o setor de gado. Mesmo se ela fizesse, não importaria. Suas queixas e aborrecimentos não lhe colocariam comida na barriga; elas não pagariam dízimos, cobrariam o telhado ou cobririam as dívidas vencidas no outono. Apenas os ricos podiam se dar ao luxo de cuidar das coisas; o resto simplesmente abaixava a cabeça, mordia a língua e fazia o que precisava ser feito. Ezra obviamente se enquadrava na primeira categoria, e ela na última.

Na verdade, foi uma surpresa encontrá-lo no mercado. Como sucessor do Profeta, ela imaginava que ele teria responsabilidades mais importantes do que comprar e negociar. Tarefas como essa estavam muito abaixo dele. E, no entanto, lá estava ele, caminhando com ela como se estivesse dando um passeio no sábado, carregando livros como se o Profeta o tivesse enviado em uma missão de servo.

Ezra a pegou olhando e estendeu um de seus livros, o maior dos dois, com as palavras *As Sagradas Escrituras* gravadas em ouro na capa. —Aqui. Dê uma olhada.

Immanuelle balançou a cabeça, puxando Judas para longe de um curral de galinhas. —Temos nossa própria cópia das Escrituras em casa.

Ezra esboçou um meio sorriso e olhou por cima do ombro, tirando a corda de Judas da mão dela. —Estas não são escrituras.

Immanuelle pegou o livro com cautela. Por fora, parecia exatamente com as Escrituras, mas quando ela o abriu, não havia versos ou salmos, mas sim imagens, esboços e impressões de animais estranhos e árvores assomadas,

montanhas, pássaros e insetos como que ela nunca tinha visto antes. Algumas das páginas estavam gravadas com desenhos de grandes reinos e templos, cidades pagãs em reinos muito além do portão de Betel.

Só então, uma grande zombaria soou acima do barulho do mercado. Immanuelle ergueu os olhos para uma pausa na multidão e teve um vislumbre das hastes de aço. Lá, amarrada, amordaçada e balançando nos pés, estava uma jovem loira, a mesma sobre quem Judith e sua amiga fofocaram no sábado - a pobre garota que havia atraído um fazendeiro local ao pecado com sedução e prostituição.

Ao vê-la, Immanuelle fechou o livro de Ezra com tanta força e rapidez que quase o deixou cair na lama da rua. Ela o empurrou contra o peito dele. — Leve-o de volta. Por favor.

Ezra revirou os olhos, entregando-lhe a corda-guia de Judas. —E eu aqui pensando que uma garota com a ousadia de dançar com demônios não se assustaria com essas coisas.

—Não estou com medo —, ela mentiu, os ouvidos zumbindo com os gritos da multidão. —Mas aquele livro é ...

—Uma enciclopédia —, disse ele. —Um livro de conhecimento.

Immanuelle sabia muito bem que havia apenas um livro do conhecimento, e não tinha imagens. —É proibido.

Ezra a estudou em silêncio por um momento; então seu olhar percorreu o mercado até a garota no estoque, chorando e lutando contra as correntes. — Não é estranho que ler um livro seja um pecado, mas trancar uma menina no tronco e deixá-la aos cachorros é mais um dia de trabalho do Bom Padre?

Immanuelle olhou para ele, assustada. —O que? — Ela nunca teria pensado que o próprio filho do Profeta - e o herdeiro da Igreja, nada menos - diria tal coisa, mesmo que fosse verdade.

Ezra deu aquele sorriso torto dele, mas seu olhar era sombrio. —Vejo você no sábado. — Disse ele, e então, sem nem mesmo um aceno de cabeça, despediu-se.

CAPITULO TRES

Os mortos caminham entre os vivos. Esta é a primeira verdade e a mais importante.

— AS ESCRITURAS SAGRADAS

Immanuele não vendeu Judas naquele dia. Ela barganhou e barganhou, ela chamou os habitantes da cidade que passavam e fez tudo que podia para se livrar do carneiro, mas ninguém o queria. Não haveria vestido novo para Glória, sapatos para Honor ou dízimos para pagar ao Profeta.

Ela falhou.

A estrada principal estava quase vazia quando Immanuelle abandonou seu posto de mercado e começou a longa jornada de volta às Clareiras. Enquanto ela caminhava, seus pensamentos foram para aquela prostituta no tronco. A memória da garota - algemada e de joelhos fracos e tão jovem, murmurando súplicas pelo nariz - a assombrava, mesmo enquanto ela tentava tirar isso de sua mente e se concentrar em sua jornada para casa.

Ela seguiu em frente. O sol se pôs baixo no horizonte e uma tempestade negra varria as planícies. A chuva caía das nuvens e o vento uivava sobre ela como algo vivo.

Immanuelle apressou o passo, puxando a alça da mochila mais para cima e puxando Judas junto. Ele lutava com ela a cada passo, cascos pretos tropeçando nos paralelepípedos, olhos revirando. Ela tentou acalmá-lo acima do trovão, mas ele não deu ouvidos a ela.

Enquanto eles cruzavam a estrada principal para o caminho de terra que cortava as Clareiras, um raio cortou as nuvens. Judas recuou com tanta força que Immanuelle perdeu o equilíbrio e escorregou nas pedras escorregadias pela chuva. Uma onda de dor que machucou os ossos se dividiu entre suas costelas e expulsou o ar de seus pulmões. Ela engasgou, agachando-se na lama enquanto Judas balançava a cabeça freneticamente.

—Calma, — ela ofegou, lutando para se colocar de pé. —Calma aí.

O carneiro empinou novamente, cascos cortando fundo no solo quando ele pousou do outro lado da estrada. Ele se virou para olhar Immanuelle nos olhos; então ele abaixou a cabeça e a atacou.

Immanuelle saltou para a direita. Judas desviou para a esquerda, a ponta de seu chifre cortando a borda de sua boca, cortando seu lábio inferior. Ela bateu no chão de joelhos novamente, raspando-os em carne viva.

O carneiro enfurecido deu outro puxão poderoso e a corda-guia se partiu em duas. Libertado, Judas resistiu mais uma vez, então disparou em direção à floresta, desaparecendo entre as árvores.

Immanuelle respirou fundo e gritou: *– Judas!*

Ela ficou de pé, cambaleando até o meio-fio, onde metade da estrada divergia em direção à floresta distante. O caminho pela floresta era léguas mais curto do que o caminho mais longo e, se Immanuelle o tomasse, tinha certeza de que voltaria para casa mais cedo.

Mas o aviso de Martha se arrastou por sua mente: *Há maldade na floresta.*

Mas então ela pensou nos dízimos que viriam, no telhado vazando e nos buracos nos sapatos de Glory. Ela pensou em colheitas ruins, jantares de mingau e reservas de inverno em declínio. Ela pensou em tudo que eles precisavam e em tudo que lhes faltava e deu um passo em direção à linha das árvores. Então outro.

Na fronteira da floresta, estava mais silencioso, o vento diminuindo. Immanuelle chamou Judas mais uma vez, as mãos em concha ao redor da boca, olhando para as sombras entre as árvores. Mas não havia nada, apenas o sussurro do vento passando pelos pinheiros e fervendo na grama alta. *Venha aqui, venha aqui,* parecia dizer.

Immanuelle sentiu algo se agitar na boca do estômago. Ela sentiu seu coração acelerar, batendo tão rápido quanto as asas de um beija-flor. Ela olhou de volta para a estrada, para a cidade. O sol ainda estava parcialmente obscurecido por nuvens de tempestade, mas pela maneira como ele se assentou no céu, ela sabia que tinha cerca de uma hora antes de se pôr totalmente. Uma hora para procurar Judas, então. Uma hora para corrigir seus erros.

Ela poderia fazer isso, se ela se apressasse. Ela sabia que ainda poderia consertar seu erro, com ninguém - nem mesmo Martha - sabendo disso.

Immanuelle deu um passo hesitante para o meio das árvores e depois outro, com as pernas subitamente pesadas, os pés dormentes nas botas.

O vento soprava pelos galhos das árvores, chamando-a para a frente: *Venha aqui. Venha aqui.*

De repente, ela estava correndo, quebrando entre os olmos e os carvalhos. O ar cheirava a chuva e seiva, terra e a doce decomposição da podridão da floresta. O trovão soou e o vento aumentou novamente. Amoreiras agarraram seu vestido e prenderam-se nas alças de sua mochila enquanto ela avançava pela floresta.

– *Judas!* – Ela gritou, vadeando pela vegetação rasteira, tropeçando nas raízes das árvores e nos nós de amoreira-preta emaranhada. E ela continuou, correndo pela floresta o mais rápido que suas pernas podiam levá-la.

Mas o carneiro havia sumido.

E o sol estava se pondo.

E Immanuelle logo percebeu que estava perdida.

Apertando os olhos na chuva, ela se virou, tentando refazer seus passos. Mas a Floresta Sombria parecia mudar conforme ela se movia, e ela não conseguia encontrar o caminho novamente. Ela estava com frio, sozinha e com fome. Seus joelhos estavam fracos e sua mochila parecia pesada, como se pesasse pedras. Com tristeza, ela percebeu que Martha estava certa em alertá-la contra a floresta, e ela foi tola em desobedecer.

Olhando para o topo das árvores, Immanuelle viu que as últimas nuvens de tempestade estavam se dissipando. O vento ainda sacudia os galhos, mas a chuva torrencial havia se transformado em garoa, e o brilho opaco do sol poente filtrava-se pelos pinheiros. Ela seguiu sua luz, rompendo para oeste, correndo o mais rápido que seus pés entorpecidos podiam levá-la. Mas as sombras eram ainda mais rápidas, e a noite caiu rápido ao seu redor.

Quando os últimos raios de sol morreram na escuridão, os joelhos de Immanuelle dobraram sob ela. Ela cambaleou, caindo em um canto lamacento entre as raízes de um carvalho. Lá, encolhida na lama, ela puxou os joelhos até o peito e tentou recuperar o fôlego. Enquanto o vento uivava entre as árvores, ela agarrou o pingente de sua mãe para dar sorte.

Mas ela não orou. Ela não teve coragem de fazer isso.

Acima, o resto da tempestade cessou, deixando apenas um punhado de estrelas e uma lua minguante que pairava, baixa, no céu noturno. Enquanto Immanuelle olhava para o céu distante, uma calma caiu sobre ela como as dobras macias de um cobertor, e ela começou a se sentir menos sozinha, com menos medo. Havia algo de gentil na maneira como o luar lambia as folhas e o vento se movia pelas copas das árvores. Era como se Floresta Sombria estivesse cantando para ela uma canção de ninar, uma que ela já tinha ouvido antes: *Venha cá, Immanuelle. Venha aqui.*

Enquanto a voz do vento infiltrava-se pelas árvores, as sombras embaçaram diante de seus olhos, o luar e a escuridão se unindo como tinta. Uma espécie de alerta apoderou-se dela e sentiu o gosto de metal na parte de trás da garganta. Mas de alguma forma, ela não sentiu medo. Fora arrancado dela, como se ela tivesse se tornado um pouco menos do que inteira, uma meia menina existindo entre o que é e o que não é.

Ela não era apenas Immanuelle agora. Ela era mais. E ela era menos.

Ela estava em Floresta Sombria. E Floresta Sombria estava nela também.

Apoiando a mão contra o tronco do carvalho, ela se levantou, os joelhos ainda fracos sob ela, os pés ainda dormentes. O sussurro do vento ficou mais alto, e ela tropeçou cegamente na escuridão atrás dela, esperando que isso pudesse levá-la até a borda da floresta.

Gradualmente, as árvores diminuíram e, por um momento, Immanuelle pensou ter encontrado seu fim. Mas sua esperança se desvaneceu quando ela cruzou para uma pequena clareira, um círculo cortado na espessura da floresta toda iluminada com a luz da lua. Em torno de seu perímetro crescia um largo anel de cogumelos, o maior que Immanuelle já vira.

E bem no centro desse anel, duas mulheres estavam nuas, as pernas nuas emaranhadas, os lábios separados. A maior das duas, uma mulher de cabelos negros com o corpo de uma aranha, estava deitada em cima da outra, a coluna contorcida, os ombros tão tensos que Immanuelle pôde ver os músculos tensos se tensionarem e espasmos sob sua pele, que era tão fina e cinza como o de um cadáver. A segunda mulher se contorcia sob sua amante, movendo a boca para o pescoço.

A mochila de Immanuelle escorregou de seu ombro e atingiu o chão.

As mulheres pararam, se agarraram e se desvencilharam umas das outras, levantando-se do chão. Uma delas tentou agarrar algo nas sombras da

grama alta, um objeto escuro que Immanuelle não conseguia ver de onde estava. Elas se viraram para encará-la em uníssono.

Em pé, as mulheres eram trinta centímetros mais altas que ela. Ambas tinham a mesma expressão relaxada: bocas abertas, lábios vermelhos e escorregadios, como as abas de uma ferida aberta. Cortado entre suas sobrancelhas estava o que parecia ser o selo de uma noiva, apenas a estrela no meio era um pouco diferente, menos elaborada, talvez. Embora as mulheres permanecessem imóveis, seus ossos pareciam se mexer e se mover, como se seus esqueletos estivessem lutando para se livrar delas. Seus olhos eram de um branco morto, a cor de ossos desbotados pelo sol. Sem pupilas, sem íris e, ainda assim, seus olhares estavam fixos em Immanuelle.

CAPITULO QUATRO

É um amor estranho entre o Pai e a Mãe, entre a luz e as trevas. Nenhum pode existir sem o outro. E ainda assim eles nunca podem ser um.

— AS ESCRITURAS SAGRADAS

A mulher loira deu um passo à frente primeiro, sua mão escorregando livre do aperto de sua amante. Ela cruzou a clareira em algumas passadas largas e parou perto de onde Immanuelle estava. De perto, ela podia ver que as feições da mulher estavam mutiladas - seu nariz estava muito quebrado, o osso da ponta se projetando em uma articulação afiada. Seus lábios estavam carnudos, embora um pouco inchados, e Immanuelle viu que o de baixo estava partido ao meio. Seus seios pendiam pesados e nus, e sua cabeça pendia para um lado, como se seu pescoço não tivesse força para manter seu crânio ereto.

A mulher de cabelo preto avançou atrás dela, vadeando pela grama e samambaias. Ela era a mais alta e mais bonita das duas e caminhava com a graça hesitante de uma corça. Ela parou perto de sua amante e deslizou a mão em volta da cintura, como se para puxá-la de volta. Mas a mulher a afastou e deu um passo à frente de qualquer maneira, estendendo lentamente a mão para Immanuelle, como se em uma saudação. Seus dedos eram pálidos e tortos - tão mutilados quanto os de Abrão - e estavam dobrados em torno de algo pequeno e preto.

Um livro com capa de couro.

A mulher pálida pressionou o livro contra o peito de Immanuelle e ela cambaleou para trás, caindo no tronco de um pinheiro próximo. A boca da mulher se torceu em algo como um sorriso.

Pegue. As palavras estavam no vento, fervendo entre os galhos das árvores. Os joelhos de Immanuelle ficaram fracos com o som. *É seu.*

Suas mãos tremiam ao aceitar o presente da mulher. O livro era pesado e estranhamente quente ao toque, como se o sangue fluísse pela capa. Ao agarrá-lo, Immanuelle não sentiu medo da presença das mulheres, nem vergonha de sua nudez. A sensação mais estranha caiu sobre ela. Era uma espécie de desamarramento, como se sua alma não estivesse mais ligada ao corpo.

Um grito estrangulado atravessou a floresta, quebrando seu transe.

Judas.

Immanuelle voltou a prestar atenção e se voltou para as árvores. Ela conseguiu cambalear alguns passos para a frente, agarrar sua mochila do chão e enfiar o livro no bolso da frente antes de começar a correr.

Ramos agarraram seu vestido e chicotearam suas bochechas. Ela não sabia dizer se era o vento uivando em seus ouvidos ou as mulheres chamando-a de volta para a clareira. Mas a cada passo, a cada estocada, a floresta parecia engoli-la. As árvores engrossaram; as copas das árvores pressionavam mais para baixo; as sombras se agitavam como tinta agitada.

Ela não ligou. Ela continuou correndo.

A bota de Immanuelle prendeu-se no gancho de uma raiz de árvore e ela caiu, batendo no chão com um *baque*. Ela se levantou do chão, com falta de ar, e viu um rosto familiar espiando-a das sombras: Judas.

Mas não era *todo* Judas - apenas sua cabeça, decepada, sangrando, empoleirada no topo de um toco de árvore próximo.

Ela levou a mão à boca ao vê-lo, reprimindo um grito e a bile que subiu por sua garganta. Ela começou a tremer, grandes estremecimentos que a sacudiram tão violentamente que ela mal conseguia ficar de pé.

Ela começou a correr novamente, ainda mais rápido desta vez, cortando o matagal e entre os pinheiros, desesperada para escapar. E, pela graça do Pai, ela o fez.

As árvores começaram a diminuir e as sombras recuaram e, gradualmente, a floresta deu lugar às planícies de Betel, e ela pôde finalmente ver o caminho sinuoso que a levaria de volta para casa. Ela desabou na orla da floresta, rastejando das sombras das árvores sobre as mãos e joelhos enquanto lutava para recuperar o fôlego. Ela conseguiu se forçar a ficar de pé, com os joelhos fracos e arfando enquanto mancava o resto do caminho de volta para casa nas Clareira, cambaleando pelo caminho como se tivesse pesos acorrentados aos tornozelos. Ao se aproximar da terra dos Moore, ela viu Martha, Anna e Glory caminhando pelas pastagens altas e pelos campos de milho mortos, todas elas segurando lamparinass e chamando seu nome.

Immanuelle gritou para elas e elas se viraram. Glory avançou primeiro, a bainha de sua camisola amarrando em torno de seus tornozelos enquanto ela corria. Ela pegou Immanuelle pela cintura em um abraço forte.

Anna veio em seguida, elogiando os céus enquanto levava a mão ao rosto de Immanuelle para correr os dedos ao longo dos arranhões sangrentos onde as amoreiras a haviam cortado, seu lábio rachado e o queixo machucado. —O que aconteceu?

Immanuelle abriu a boca para responder, mas nenhuma palavra saiu. Ela ergueu o olhar para Martha, que estava parada alguns metros atrás, a lamparina abaixada, os olhos estreitos. Sem uma palavra, ela abaixou a cabeça, apontando as três de volta para a casa da fazenda. Glory afrouxou o aperto em

volta da cintura de Immanuelle e Anna recuou, e as quatro caminharam pelas pastagens em silêncio absoluto.

Depois que elas entraram na casa, Anna conduziu Glory escada acima, parando apenas para desejar boa noite as duas. Foi só depois que elas desapareceram em seus respectivos quartos que Martha se virou para Immanuelle e falou: —Siga-me.

Martha a conduziu pela sala até a cozinha, que estava às escuras, exceto pelo brilho quente da lareira. Ela pegou um atiçador de ferro do gancho e atiçou o fogo. Então ela encostou a maçaneta na lateral da lareira, apoiada nos tijolos de forma que sua ponta de ferro permanecesse no meio das chamas. —Você vendeu o carneiro?

Immanuelle balançou a cabeça.

—Então onde ele está?

Immanuelle fechou os olhos e ainda podia ver a cabeça de Judas empoleirada no topo daquele toco. —Eu perdi ele. Eu o perdi na floresta.

—Você foi para Floresta Sombria? À *noite*?

—Eu não queria, — Immanuelle disse suavemente, seu lábio partido latejando enquanto ela falava. —Judas se libertou de suas amarras e correu para as árvores. Achei que poderia encontrá-lo, mas houve uma tempestade e eu me perdi, e então a noite caiu. Eu sinto muito. Era perigoso e tolo. Eu deveria ter sabido melhor. Eu deveria ter ouvido você.

Martha levou a mão à testa. Ela parecia velha naquele momento, murcha, como se os acontecimentos da noite tivessem esgotado a pouca juventude que lhe restava. Abrão não foi o único que se deteriorou com o passar dos anos. Immanuelle também vira Martha sofrer. Ela sabia que sua avó se apegava a suas doutrinas e escrituras não por fé, mas por medo. Pois, embora Martha nunca tivesse sequer murmurado o nome da filha, Immanuelle sabia

que ela vivia à sombra de Miriam. Tudo o que Martha fazia - de suas orações à caridade - era apenas uma tentativa inútil de escapar da maldição da morte de sua filha.

—Eu vi algo. — Disse Immanuelle, e sua própria voz soou distante e estranha, como se algum estranho estivesse falando de outra sala.

—O que? — Uma luz terrível apareceu nos olhos de Martha. —O que você viu?

—Mulheres. Duas mulheres na floresta, sozinhas. — Immanuelle cruzou os dedos em torno da alça de sua mochila. O estranho livro parecia tão pesado quanto uma pedra no fundo. Ela sabia que deveria entregá-lo a Martha. Mas ela não o fez; ela não podia. As palavras das mulheres no vento traçaram em sua mente: *É seu.* Immanuelle nunca teve muito de nada. Às vezes ela sentia que mal pertencia a si mesma. A ideia de se separar de uma das poucas coisas no mundo que cabia a ela reivindicar era quase insuportável, pior do que uma chicotada. Não, ela não podia desistir.

—E o que essas mulheres estavam fazendo na floresta?

Immanuelle engoliu em seco. Por um momento, ela se lembrou de como se sentira em sua primeira confissão: sentada na ponta de sua cadeira nas sombras da cozinha, o apóstolo Amós sentado à sua frente, as Escrituras nas mãos, carrancudo. Ele perguntou a ela se ela já havia se entregado aos pecados da carne, ou se, à noite, suas mãos vagavam onde não deveriam.

Martha bufou e Immanuelle voltou ao presente. —Elas estavam juntas, de mãos dadas. E seus olhos eram estranhos, vidrados, todos brancos. Elas pareciam doentes. Quase, bem... mortas.

Os lábios de Martha se contraíram e se torceram com tanta violência que, no brilho opaco da lareira, ela quase gostou de Abrão. Sua mão tremia quando

ela alcançou o atiçador novamente, agarrando seu cabo de ferro enquanto o puxava das brasas, quente, vermelho e fumegante. —Estenda sua mão.

Immanuelle deu meio passo para trás. Por mais que tentasse, ela não conseguia abrir os dedos. Suas unhas cortaram profundamente as palmas das mãos.

O olhar de Martha escureceu. —É sua mão ou sua bochecha. Escolha.

Cerrando os dentes, Immanuelle ergueu o braço e estendeu a mão para o brilho sangrento da luz do fogo.

Por sua vez, Martha proferiu a oração do pecador. —Cuidado com o desejo do teu coração e dos teus olhos. Acalme sua língua e tampe seu ouvido. Atenda ao chamado do sussurro de seu pai. Não demore perto de demônios. Desvie teu coração da tentação do pecado, e quando tua alma se extraviar, busque consolo por meio da confissão verdadeira, na expiação encontre seu caminho.

O aperto de Martha apertou o cabo do atiçador e ela baixou a ponta brilhante até a palma da mão de Immanuelle. —Para a glória do Pai.

A dor lancinante da queimadura deixou Immanuelle de joelhos. Ela cortou um grito entre os dentes cerrados e desabou, chorando, segurando a mão contra o peito.

Sua visão foi por um momento, e quando seus olhos focaram novamente, ela se viu encostada nos armários da cozinha, Martha no chão ao lado dela. O leve cheiro de carne carbonizada pairava no ar.

—O mal é a doença e a doença é a dor —, disse Martha, parecendo prestes a chorar, como se o ato de aplicar a punição fosse tão ruim quanto a própria punição. —Você está me ouvindo, criança?

Immanuelle balançou a cabeça, sufocando um soluço. Com a mão boa, ela puxou a mochila para perto, temendo que sua avó procurasse e encontrasse o livro dentro dela.

—Diga-me que você entende. Promete-me.

Immanuelle arrastou as palavras da boca do estômago. A mentira tinha um gosto amargo ao passar por sua língua. —Eu prometo.

CAPITULO CINCO

O Pai ama aqueles que O servem fielmente. Mas aqueles que se desviam do caminho da justiça - o pagão e a bruxa, o libertino e o herege - sentirão o calor de Suas chamas celestiais.

— AS ESCRITURAS SAGRADAS

A noite, após Anna ter enfaixado a mão e o resto dos Moores estar dormindo em suas camas. Immanuelle tirou o livro proibido de sua mochila e ergueu-o à luz de velas. Foi bem feito, ela percebeu após uma inspeção mais detalhada. Suas capas dianteiras e traseiras eram cortadas de pedaços de couro, tão macios quanto o focinho de um bezerro recém-nascido. Um marcador de seda apareceu entre as páginas, tão leve que tremulou um pouco quando Immanuelle respirou.

Ela abriu a capa, a lombada estalando com o movimento, e sentiu o perfume misturado de papel envelhecido e cola de cavalo. Havia uma assinatura rabiscada no final da primeira página: *Miriam Elizabeth Moore*.

As mãos de Immanuelle tremeram com tanta violência que ela quase deixou cair o livro. Esse era o nome e a assinatura de sua mãe. O livro pertencera a ela. Mas por que aquelas mulheres em Floresta Sombria teriam um livro que já foi de sua mãe? Que negócios elas tinham com ela?

Abaixo da assinatura, para surpresa de Immanuelle, havia um pequeno esboço a tinta. Suas bordas eram irregulares como se tivessem sido arrancadas de algum outro livro e coladas nas páginas deste, mas os detalhes eram tão bem representados que Immanuelle imediatamente reconheceu os traços de

sua mãe pelas pinturas que estavam penduradas na sala. No esboço, Miriam era jovem, talvez dezessete ou dezoito, pouco mais velha do que a própria Immanuelle. Ela usava um vestido longo, sem cor no desenho, mas Immanuelle sabia que era vinho tinto, pois era o mesmo que estava dobrado na parte inferior de seu baú de esperança. No retrato, a floresta estava atrás dela e ela sorria.

Na página seguinte, uma ilustração de um jovem que gostava de Immanuelle. Seu cabelo era uma touca justa de cachos saca-rolhas, e alguns dos cachos mais soltos caíam sobre sua testa. Ele tinha uma mandíbula cortada e olhos escuros com cílios grossos, e sua pele era apenas alguns tons mais profunda que a de Immanuelle. Sua expressão era bastante severa, mas seus olhos não eram indelicados. Não havia data embaixo do retrato, apenas seu nome, a primeira vez que ele apareceu nas páginas do livro: *Daniel Lewis Ward*. O retrato era acompanhado por uma série de escritos que parecem poemas de amor:

Às vezes acho que compartilhamos uma alma. Sua dor se tornou minha. E a minha dele.

Algumas páginas depois...

Eu amo-o. Ele me ensinou como. Acho que não sabia como escolher amar até conhecê-lo.

As entradas a seguir eram mais curtas, a caligrafia um pouco mais desleixada do que antes, como se as palavras tivessem sido escritas com muita pressa. A maioria delas detalhava breves encontros que Miriam teve com Daniel ao abrigo da noite ou momentos roubados depois da igreja nos dias de sábado. Em todas essas entradas, das quais havia dezenas, Miriam nunca mencionou o Profeta. Mesmo assim, Immanuelle podia sentir sua presença nas páginas, uma sombra nas margens, uma mancha por trás das palavras. E

embora Immanuelle soubesse que essa história só poderia terminar em tragédia, ela se viu esperando em vão por um desfecho diferente. As entradas de Miriam mudaram de alegria para esperança, para trepidação e desespero absoluto... e depois do desespero veio uma espécie de desamparo.

Houve um longo intervalo de meses entre as entradas e Immanuelle só pôde presumir que isso explicava o tempo que Miriam foi detida no Refúgio do Profeta. Então: *Eles o tiraram de mim. Eles o colocaram na pira. As chamas queimaram alto. Eles me fizeram assistir o fogo levá-lo.*

Immanuelle tentou conter as lágrimas, mas algumas caíram mesmo assim. Ela se forçou a virar a página. A próxima entrada era datada de *Verão no Ano do Ômega*. Dizia: *Estou grávida.*

As lágrimas correram livremente então, e Immanuelle fez uma pausa para enxugá-las na manga de sua camisola. O registro a seguir era datado de *Inverno de Ômega* - oito meses completos após o que o precedeu. Dizia: *Eu vi os males deste mundo e os amei.*

As entradas que se seguiram foram progressivamente mais estranhas. Em vez da caligrafia extensa que Immanuelle passou a ser conhecida como a caligrafia de sua mãe, essas anotações eram desleixadas, como se ela as tivesse escrito no escuro. Os desenhos também eram diferentes. Os retratos e paisagens haviam se tornado rabiscos frenéticos, abstrações manchadas de tinta tão mutiladas que Immanuelle mal conseguia decifrá-los. Um retratava uma mulher curvada, parecendo vomitar galhos de árvores. Outro era um autorretrato de Miriam em pé, nua, um braço dobrado em volta dos seios, o cabelo solto nas costas. Sua barriga de grávida estava inchada e pintada com um símbolo tosco que lembrava Immanuelle dos selos que as noivas usavam cortado entre as sobrancelhas, só que essa marca era muito maior.

Na página oposta, a imagem de duas figuras retorcidas. Elas estavam nuas como as outras mulheres, e suas mãos estavam unidas. Ambas traziam o que Immanuelle inicialmente confundiu com o selo do Profeta entre as sobrancelhas. Mas em uma inspeção mais próxima, ela notou que a estrela no meio do selo tinha apenas sete pontas, em vez das oito habituais. Gravado no canto do desenho havia um título e uma data: *As Amantes, Inverno no Ano de Ômega*. Eram as mulheres que Immanuelle vira na floresta. As mulheres que lhe deram o diário. E elas não eram *quaisquer* mulheres. Elas eram as Amantes, Jael e Mercy, bruxas e servos da Mãe das Trevas que morreram nos incêndios da Guerra Santa, purgadas por causa de seus pecados e lascívia.

De alguma forma, desafiando toda a lógica, elas estavam vivas em Floresta Sombria e sua mãe as *conhecia*. Morou com elas talvez. Por que mais as bruxas teriam dado o livro a Immanuelle? Por que outro motivo o livro teria esboços das bruxas? Será que as Amantes se consideraram cumprindo as ordens de Miriam quando o deram a Immanuelle? Isso era para ser uma espécie de herança? O cumprimento de uma promessa que fizeram a Miriam há muito tempo?

Abalada, Immanuelle continuou a ler. As entradas ficaram mais curtas, menos numerosas e mais espaçadas. Na maior parte, apenas esboços grosseiros, pontuados aqui e ali por uma entrada ilegível. Um esboço representava dois carvalhos, seus troncos entalhados com estranhos símbolos bifurcados. Logo atrás das árvores, uma pequena cabana idílica, erguida em um pequeno vale no meio da floresta. Demorou um pouco para perceber o que estava olhando. Essa cabana era o lugar onde Miriam afirmava ter passado os meses de inverno depois de fugir para Floresta Sombria.

Immanuelle continuou folheando esses escritos estranhos - parecia estranho chamá-los de entradas, dado o quão incoerentes se tornaram. Mas um

desenho chamou sua atenção. No primeiro plano, havia um rosto - uma linha rachada no lugar de uma boca, dois olhos estreitos, lábios carnudos e um nariz grosso e comprido que parecia quebrado. No fundo, espreitando acima de seu ombro, estava o contorno retorcido da forma nua de uma mulher. Montada em seu pescoço não estava uma cabeça, mas algo que Immanuelle só poderia descrever como uma caveira de veado, coroada com uma ampla cremalheira de chifres.

Lilith.

O nome surgiu na mente de Immanuelle espontaneamente, o fragmento de uma história contada apenas em torno de fogueiras ou sussurrada por trás das mãos em concha. Lilith, filha da Mãe das Trevas. A Senhora dos Pecados. Bruxa Rainha da Floresta. Immanuelle a teria conhecido em qualquer lugar.

Na página seguinte, o esboço de uma mulher emergindo do que parecia ser um lago. Como as Amantes, ela estava nua e seus longos cabelos negros caíam soltos sobre os ombros. A imagem foi intitulada *Dalilah, a Bruxa da Água.* Ao lado do desenho, uma nota: *Eu vi a Besta e suas donzelas novamente. Eu ouço seus gritos na floresta à noite. Eles me chamam, e eu os chamo. Não existe amor tão puro assim.*

Uma semente amarga se formou na boca do estômago de Immanuelle. Suas mãos tremiam ao virar as páginas finais do diário. De tudo que ela tinha visto até agora, esses desenhos rabiscados eram os mais problemáticos. As palavras que acompanhavam estavam tão emaranhadas que era quase impossível decifrá-las. Mas Immanuelle foi capaz de analisar uma frase que aparecia e reaparecia continuamente nos fundos dos desenhos, esmagada nas margens das entradas rabiscadas: *Seu sangue gera sangue. Seu sangue gera sangue. Seu sangue gera sangue.*

Immanuelle continuou lendo e, à medida que o fazia, os desenhos foram ficando cada vez mais abstratos. Algumas páginas estavam apenas salpicadas de tinta, outras com uma série de traços infligidos com tanta violência que as marcas rasgaram as páginas em pedaços. Dessas ilustrações finais, se você poderia chamá-las assim, havia apenas uma que Immanuelle poderia distinguir. Não, *ela* - porque, por algum motivo insondável, Immanuelle tinha certeza de que era ela - era um redemoinho. Uma mistura de dentes e olhos e carne transformada. As dobras de tulipa do que poderia ter sido a virilha da criatura ou talvez uma boca aberta. Dedos quebrados e olhos sem corpo com fendas para as pupilas. Inexplicavelmente, a tinta ainda parecia úmida e ondulava em direção às bordas do papel como se ameaçando derramar na cama, encharcar os lençóis de preto.

A última entrada do diário era diferente de qualquer outra que veio antes. Cada centímetro daquelas duas páginas estava coberto com as mesmas quatro

palavras: *Sangue. Praga. Trevas. Abate. Sangue. Praga. Trevas. Abate. Sangue. Pra ga. Trevas. Abate. Sangue. Praga. Trevas. Abate...*

E assim por diante.

Logo abaixo da tempestade dessas palavras, uma nota de rodapé rabiscada no final da página final do diário: *Pai, ajude-os. Pai ajude a todos nós.*

CAPITULO SEIS

Eu vi você pela primeira vez na beira do rio. Havia sol em suas bochechas e vento em seus cachos, e você se sentou com os pés na água, sorrindo para mim. Não acho que tenha sentido medo real até aquele momento, mas Pai, como minha testemunha, eu temia você.

—CARTAS FINAIS DE DANIEL WARD

Oito dias se passaram sem nenhum evento. De manhã, Immanuelle mandava as ovelhas para pastar. Às vezes, ela levava as crianças para a escola. Ela vendia sua lã no mercado e evitava as tentações da tenda do livro e do bosque. No sábado, ela foi à catedral e colocou seus pecados aos pés do Profeta. Ela fechou os olhos em oração e não os abriu. Ela cantou seus hinos com tanto vigor que ficou rouca no meio do culto e teve que sussurrar durante as horas restantes de adoração. Em casa, ela não desobedeceu a Martha nem brigou com Glory.

Ela manteve os credos e mandamentos.

Mas à noite, depois que o restante dos Moores se retirava para seus quartos e as crianças dormiam, Immanuelle tirava o diário da mãe de debaixo do travesseiro e o lia com reverência, como Martha se debruçava sobre as páginas das Sagradas Escrituras do Profeta.

Em seus sonhos, ela via as mulheres da floresta. Suas pernas emaranhadas e dedos agarrados. Os olhares mortos que fitavam, sem ver, a escuridão dos corredores da floresta, os lábios separados como se tivessem sido pegas no meio de um beijo. E pela manhã, quando Immanuelle acordava

daqueles sonhos miseráveis - suando frio, as pernas emaranhadas nos lençóis - ela pensou apenas na Floresta Sombria e em seu desejo crescente de retornar a ela mais uma vez.

Na manhã do corte de Leah e sua ligação com o Profeta, Immanuelle acordou com o diário da mãe sob a bochecha. Ela se sentou assustada, alisando as páginas antes de fechá-lo e colocá-lo sob o colchão.

Depois de colocar os pés nas botas sujas, ela desceu as escadas e saiu pela porta dos fundos, atravessando o curral e descendo para o pasto para deixar as ovelhas pastarem. Então, preparando-se para o passeio de charrete até a catedral, ela tirou a velha mula de sua cabana e escovou-a, depois a alimentou e controlou.

Entre os campos e pastagens estava a Floresta Sombria, as árvores lançadas na sombra pela luz do sol nascente. Immanuelle se viu procurando rostos entre os galhos, as Amantes que vira na floresta naquela noite, as figuras esboçadas no diário de sua mãe.

Mas ela não viu nada. A floresta distante estava parada.

Quando Immanuelle voltou para a casa da fazenda, as filhas de Moore estavam tomando café da manhã na sala de jantar. Honor estava sentada à mesa, pegando o resto de seu mingau, e Glory estudava seu reflexo no fundo de uma panela polida, puxando suas tranças e franzindo a testa.

Anna vestiu sua melhor roupa de sábado. Seu cabelo estava amontoado no topo da cabeça e adornado com flores silvestres. Ela estava radiante; ela sempre sorria nos dias difíceis.

—E pensar que foi Leah quem chamou a atenção do Profeta. — Disse ela, quase cantando a letra.

Martha dobrou a esquina da cozinha, trazendo Abrão com ela. Ele se apoiava pesadamente em seu ombro, seu pé mutilado deslizando pelo assoalho. Martha olhou para Immanuelle incisivamente, uma carranca vincando o selo entre suas sobrancelhas. —Isso mostra a virtude dela.

As bochechas de Immanuelle queimaram de vergonha com o leve desprezo. —É verdade.

Com isso, ela se mandou para o banheiro, tropeçando na barra da camisola enquanto caminhava. Ela começou a tarefa de se preparar. Havia pouco que ela pudesse fazer a não ser lavar a sujeira das mãos e molhar os cachos em uma triste tentativa de domesticá-los. Ela tentou empilhar o cabelo no alto da cabeça do jeito que Anna fez, mas seus cachos emaranhados, devorando alfinetes e prendendo os dentes de seu pente.

Então, ela deixou o cabelo solto, os cachos grossos varrendo a base do pescoço. Ela beliscou as bochechas para dar cor, mordeu os lábios e umedeceu-os.

Ela franziu a testa para seu reflexo no espelho acima da pia. Quanto mais ela olhava em seus próprios olhos, mais seu rosto se contorcia e mudava. Sua pele empalideceu. Seus olhos se arregalaram. Sua boca se torceu em um sorriso de escárnio.

De repente, não era seu rosto no espelho, mas o de uma das Amantes. O mesmo ghoul que lhe dera o diário. Seus lábios se separaram. Uma voz estranha e estridente ecoou em sua mente: —*Sangue. Praga. Trevas. Massacre.*

Immanuelle cambaleou para trás da pia tão rápido que caiu na banheira e caiu no chão. Ao se levantar, ela fugiu do banheiro e subiu as escadas de ferro até seu quarto no sótão, chutando a porta atrás de si.

Ela respirou fundo algumas vezes na tentativa de acalmar o coração acelerado. Suas mãos tremiam quando ela as pressionou contra o rosto, fechando os olhos com força, como se a escuridão fosse suficiente para manter suas memórias afastadas. Mas não havia como esquecer as mulheres da floresta. E pior ainda, Immanuelle não tinha certeza se queria esquecer. Certamente se o fizesse, ela teria abandonado seu pecado e virado o diário. Ou melhor ainda, jogado no fogo da lareira para queimar. Mas ela não fez. Ela não conseguiu. Ela preferia levar um ferro em brasa na bochecha do que assistir o pouco que restava de sua mãe se transformar em cinzas.

Mas as bruxas que lhe deram o diário, e o mal que elas fizeram, eram um assunto completamente diferente. Ela se recusava a ser vítima de seus tormentos como sua mãe. Ela não abandonaria sua fé tão rapidamente. Ela decidiu manter o diário, mesmo que apenas como um lembrete do que o pecado pode fazer a alguém fraco o suficiente para sucumbir a ele.

Abaixando as mãos, Immanuelle encontrou o vestido que usara para cortar Judith estendido ao pé da cama. Era uma cor de zibelina desbotada com uma saia fina, mangas compridas bufantes e um cordão de botões de cobre enferrujados que acabavam logo abaixo do busto. Vestido de criança, mais adequado para uma garota da idade de Glory do que o de Immanuelle.

Ela suspirou. Não havia ajuda para isso. Ela certamente não poderia usar seu traje de sábado. Era muito informal para uma ocasião tão importante. Mas então ela se lembrou do desenho de sua mãe que encontrara no final do diário alguns dias antes. O esboço dela em pé na frente da floresta proibida.

Immanuelle caiu de joelhos diante do baú da esperança e vasculhou seus pertences. A maioria eram apenas lembranças, colchas e pedaços de fita, buquês secos e outras lembranças que ela colecionou ao longo dos anos. Nada tão importante quanto o diário, nada proibido. Mas no fundo do baú,

embrulhado em papel pergaminho, estava o vestido de sua mãe, o mesmo que ela usara no retrato.

Não era nada especial como o vestido que Leah usaria para o corte, mas era um vestido de sábado bem costurado, vermelho vinho com botões de cobre no pescoço. Na estranha ocasião em que Immanuelle o usava - em seu quarto no sótão, quando todas as outras haviam adormecido - ela se sentia perfeitamente apresentável, muito calma, como as garotas que costumava ver vagando pelas lojas do mercado com suas luvas e xales de seda.

Ela tirou a camisola e colocou o vestido. Não era um ajuste perfeito, a cintura era cortada muito larga e os quadris talvez fossem um pouco mais apertados do que Martha consideraria saudável, mas era um ajuste melhor do que as roupas de segunda mão de Anna e muito mais fino. Além disso, sua bainha caía até o chão para cobrir facilmente o topo de suas botas, que eram muito gastas para serem adequadas a qualquer ocasião mais formal do que uma travessura no pasto.

Depois de vestida, Immanuelle pegou uma coroa de flores silvestres do alto de seu guarda-roupa. As flores secaram bem na semana depois que ela as colheu com Leah, e a faixa da coroa - uma teia retorcida de caules trançados - segurou firme. Cautelosamente, ela o colocou no topo da cabeça, prendeu-o no lugar e se virou para olhar seu reflexo na janela do quarto.

Ela não podia chamar a si mesma de visão; seu lábio ainda estava gravemente cortado e machucado pela briga com Judas dias antes. Mas ela achava que, ao lado de Judith e Leah e o resto das garotas que compareceriam ao corte, ela não pareceria tão deslocada. A cor do vestido complementava o bronzeado rico de sua pele e tirava a cor de seus olhos, e com as flores em seu cabelo, seus cachos pareciam bastante bonitos.

Immanuelle deslizou para o corredor, as saias farfalhando em volta dos tornozelos. Ela desceu as escadas devagar e entrou na cozinha. Honor estava vestida com um jaleco da cor do crepúsculo, seus pés gordos enfiados em minúsculas botas de couro. Ela foi a primeira a avistar Immanuelle e gritou de alegria ao vê-la.

—Deixe-me usar a coroa! — Ela implorou, rindo e arranhando o ar. Com um sorriso irônico, Immanuelle a atendeu, equilibrando a coroa sobre os cachos ruivos da criança.

—Esse é o vestido de Miriam. — Martha parou na soleira, segurando um pano de prato úmido.

Immanuelle não conseguia se lembrar da última vez que Martha dissera o nome da filha. Soou estranho em sua boca, estrangeiro.

Immanuelle tirou a coroa da cabeça de Honor e a colocou sozinha novamente, ajustando rapidamente os alfinetes. —Eu encontrei no fundo do meu baú de esperança. Achei que poderia usá-lo até o corte, se você achar adequado.

—Adequado? — Os lábios de Martha se torceram. —Sim, é isso.

Immanuelle hesitou, sem saber o que dizer e se perguntando se deveria voltar para o quarto e colocar o vestido que Anna havia preparado para ela. Mas ela não conseguia se mover.

Para sua surpresa, o olhar de Martha se suavizou, não com afeto, mas com o que Immanuelle só poderia descrever como resignação. —Você usa como sua mãe. — Ela disse.

Os Moore levaram a charrete até a catedral, a mula arrastando todos eles pelas planícies. Era um dia lindo. O sol era um beijo quente na nuca de Immanuelle e o ar cheirava a verão, todo suor, mel e flores de maçã.

Enquanto cavalgavam, ela teve o cuidado de manter os olhos longe de Floresta Sombria. Martha a estava observando desde a noite em que ela voltou da floresta. Seu olhar estava aguçado e Immanuelle sabia que o castigo seria rápido e doloroso se ela fosse pega vagando pela floresta novamente. Então ela manteve o olhar treinado no chão da carroça, as mãos cruzadas no colo.

Quando chegaram à catedral, a maior parte da congregação já estava reunida em comunhão no gramado. Immanuelle saltou da charrete e examinou a multidão em busca de Leah, mas em vez disso seu olhar encontrou Ezra, que estava com alguns meninos da idade dele e um bando de meninas, incluindo Hope, Judith e algumas das outras esposas do Profeta.

Ao ver Immanuelle, ele acenou com a cabeça como forma de saudação. Ela acenou por sua vez - consciente de como Judith e o resto das garotas a estudavam enquanto ela o fazia - e escapou para as sombras da catedral. Lá ela encontrou Leah ajoelhada aos pés do altar em oração. Ao eco dos passos de Immanuelle, ela abriu os olhos e se virou para encará-la.

Leah era uma visão, envolta em branco, seu cabelo pendurado tão longo que tocava a parte inferior de suas costas. Ela abriu um sorriso e correu pelo corredor, pegando Immanuelle em um abraço forte.

Elas ficaram abraçados em silêncio por um longo tempo.

Este seria o fim delas, o fim do que compartilharam na infância. Em algum lugar com o passar dos anos, Leah havia se tornado uma mulher e Immanuelle não, e agora as duas se separariam.

—Você parece a noiva de um profeta. — Disse Immanuelle, tentando não soar tão triste quanto se sentia.

Leah sorriu e deu um pequeno giro, a saia pálida de seu vestido de corte ondulando, leve como névoa. Ela os havia costurado à mão em chiffon meses antes de seu casamento, trabalhando durante a noite à luz de velas, costurando os versículos das Escrituras do Profeta em suas saias, como era costume para noivas jovens. Seus pés estavam descalços e limpos, seu cabelo repartido ao meio. Em seu pescoço estava uma nova adaga sagrada de ouro muito parecida com as que os apóstolos usavam, embora sua lâmina fosse cega e muito mais curta. Ela brincou um pouco com ela enquanto falava. —Eu pensei que você nunca viria. Eu estava preocupada.

—Nossa mula demorou. — Disse Immanuelle.

—Bem, estou feliz que você esteja aqui agora. Eu preciso de você. Para ter força.

—Você me tem. Sempre.

Leah estendeu a mão para agarrar a mão de Immanuelle, seus dedos frios. Ela estudou as bandagens. —Você vai me dizer o que aconteceu?

—Eu não estava planejando.

—Bem, eu quero saber e você não pode me recusar porque é meu dia de corte. Fora com isso.

Immanuelle olhou para suas botas. —Fui queimada como punição.

—Foi Martha que fez, não foi?

Immanuelle acenou com a cabeça, sem olhar para ela.

—Ela é muito dura com você. Sempre foi.

—Desta vez, a punição foi justificada. Acredite em mim.

Leah franziu a testa. —O que você fez?

Immanuelle parou, meio envergonhada, meio com medo de contar a ela. —Eu fui para Floresta Sombria. Meu carneiro se soltou de suas amarras e fugiu para as árvores. Tentei segui-lo, mas a noite caiu rápido e me perdi. Eu

ia desistir, esperar até de manhã para encontrar o caminho de casa novamente... mas então ouvi vozes.

—E o que as vozes disseram?

Immanuelle vacilou. —Elas não estavam dizendo nada que eu pudesse entender.

—Então elas eram... *estrangeiras*?

—Não. Acho que não. É que os sons que elas faziam não eram palavras. Eram apenas choramingos e gemidos.

Leah parecia muito pálida e muito doente. —Como elas se parecem?

—Elas eram altos, muito magros. Muito fino. E elas estavam deitados juntos em um vale na floresta, abraçando-se da maneira que um marido e uma mulher se abraçariam.

Os olhos de Leah se arregalaram. —O que elas fizeram quando viram você?

Immanuelle abriu a boca para contar a ela sobre o diário de sua mãe, mas parou abruptamente. Era melhor para as duas se ela mordesse a língua. Ela temia já ter falado demais. Afinal, em pouco tempo Leah seria a esposa do Profeta, ligada a ele pelo selo sagrado. Immanuelle sabia que havia poder em uma promessa como aquela e, embora confiasse em Leah como sua amiga, como noiva de um profeta ela não pertenceria mais a si mesma. —Elas não fizeram nada. Elas apenas ficaram lá. Corri antes que elas tivessem a chance de se aproximar.

Leah ficou quieta por um longo tempo, como se estivesse tentando decidir se ela acreditava ou não nela. Então: —O que diabos você estava pensando? A floresta é perigosa. Há uma razão pela qual somos ensinadas a ficar longe dela.

Uma onda de raiva lambeu a nuca de Immanuelle. —Você acha que eu não sei disso?

Leah a pegou pelo ombro, segurando com tanta força que ela estremeceu. —Saber não é o suficiente, Immanuelle. Você tem que me prometer que nunca mais entrará em Floresta Sombria novamente.

—Eu não vou.

—Bom, — disse Leah, e seu aperto afrouxou. —Espero que aquelas mulheres que você viu voltem para o inferno de onde vieram. Não há lugar para elas aqui.

—Mas elas não estavam aqui—, disse Immanuelle calmamente. —Elas estavam em Floresta Sombria.

—E o Pai também não tem poder sobre a floresta?

Immanuelle pensou no diário de sua mãe, as quatro palavras no final de sua anotação final: *Sangue. Praga. Trevas. Abate.* —Talvez o Pai tenha dado as costas à floresta —, disse ela, com o cuidado de manter a voz baixa. —Ele tem Seu reino, e a Mãe das Trevas tem o dela.

—Mesmo assim, você passou pelos corredores de Floresta Sombria ilesa. Isso tem que significar alguma coisa.

Antes que Immanuelle tivesse a chance de responder, o sino da igreja tocou e as portas da frente se abriram. O Profeta entrou em uma inclinação de luz do sol. Ele usava roupas simples, sem mantos ou estolas como fazia nos dias de sábado. De alguma forma, seu uso comum o tornava ainda mais intimidante. Immanuelle não pôde deixar de notar como ele parecia pálido. Seus olhos estavam sombreados com bolsas escuras e ela poderia jurar que havia uma crosta de sangue nos cantos de seus lábios.

O olhar do Profeta foi primeiro para Immanuelle, caindo em seu vestido, e algo como reconhecimento despertou em seus olhos. Ele parecia olhar

através dela, para um tempo perdido quando Miriam ainda estava viva. Ela nunca tinha entendido completamente o que o Profeta tinha visto em sua mãe. Alguns disseram que era amor, outros luxúria, mas a maioria acreditava que Miriam havia seduzido o Profeta com sua bruxaria. Havia tantas histórias e segredos, fios emaranhados e pontas soltas, mas Immanuelle se perguntou se a verdade estaria em algum lugar nas interseções entre todos eles.

Depois de uma longa pausa, o Profeta se virou e acenou com a cabeça para Leah, como se tivesse acabado de lembrar que ela estava lá. Ele caminhou até o altar em silêncio, parando apenas para tossir na manga. O resto da congregação seguiu atrás dele, enfileirando-se nos bancos. Os apóstolos caminharam ao redor do perímetro do salão, Ezra entre eles.

Immanuelle fez o possível para não olhar para ele.

Por sua vez, o olhar de Leah caiu para o Profeta. —Está na hora.

Immanuelle assentiu, dando um aperto final na mão de Leah antes de escorregar em direção ao altar. Quando Immanuelle foi procurar seu lugar nos bancos, os apóstolos levantaram uma invocação e Leah subiu no altar, cuidando para ajeitar suas saias de forma que seus joelhos não aparecessem. E lá estava ela, imóvel, à espera da lâmina.

O Profeta colocou a mão em sua barriga. —Eu te abençoo com a semente do Pai. — A mão dele mudou para o peito dela. —O coração do cordeiro.

Leah deu um sorriso trêmulo. Lágrimas escorreram pelo seu rosto.

O Profeta ergueu a corrente de sua adaga e colocou-a sobre a cabeça. —Que o poder do Pai se mova através de você, de agora em diante e para sempre.

O rebanho falou em uníssono. —*Bênçãos para sempre.*

Com isso, ele baixou a lâmina até a testa de Leah e a cortou, esculpindo a primeira linha do selo sagrado. Ela não gritou ou lutou, mesmo quando o

sangue escorregou por suas têmporas e acumulou-se nas cavidades de suas orelhas.

O rebanho assistia em silêncio. Immanuelle agarrou o banco com os nós dos dedos brancos para evitar correr enquanto o ritual de corte se arrastava.

O que pareceram horas depois, o Profeta colocou a mão no topo da cabeça de Leah e a acariciou, suavemente, seus dedos demorando nas mechas de seu cabelo, bagunçando seus cachos.

Ao seu toque, Leah sentou-se lentamente, um fio de sangue escorrendo pela curva de seu nariz e escorregando em seus lábios. Com um sorriso vacilante e olhos cheios de lágrimas, ela se virou para a congregação e lambeu o sangue.

CAPITULO SETE

Lilith com sua coroa de osso
É mãe das feras
Delilah com seu sorriso terno
Nada em águas profundas
Jael e Mercy cantam suas canções
para a lua e as estrelas acima
Contando histórias de pecado mortal
E seu amor profano
Mas aqueles que se aventuram na floresta
depois que o sol se põe
Nunca verão a luz da manhã
Ou viverão para aprender e crescer
– CANÇÃO DE NINAR DE BETEL

Uma festa seguia o corte, uma das maiores desde a colheita do outono. Havia nove mesas para acomodar os convidados de Leah e do Profeta, cada uma tão comprida que se estendia de uma extremidade à outra do cemitério. Cada uma estava lotada com uma variedade de travessas e pratos. Havia carne assada com batatas, milho assado e uma variedade de pães e queijos. Para beber, cidra de maçã e vinho de cevada, que os homens bebiam em grandes canecas de madeira, as barbas cheias de espuma. Para sobremesa, ameixas escalfadas com creme e açúcar.

Acima, a lua pairava redonda e cheia e o céu estava salpicado de estrelas. Os convidados participavam em abundância, jantando, conversando e rindo, embriagados com o poder do corte. Famílias se reuniam em comunhão e as esposas do Profeta moviam-se entre as mesas, atendendo aos convidados e reservando um tempo para cumprimentar cada pessoa por vez.

À frente de tudo isso - em uma pequena mesa posta para dois - estavam Leah e seu marido, o Profeta. Ela estava sorrindo, apesar da dor de seu novo ferimento, que já tinha sido limpo e enfaixado. Quando ela viu Immanuelle, sentada com os Moores nos fundos do cemitério, o sorriso de Leah cresceu ainda mais. Seus olhos estavam em chamas com a luz das fogueiras, suas bochechas coradas com o calor e talvez alguns goles de vinho de cevada. Ao lado dela estava o Profeta, os cotovelos apoiados na mesa, os dedos entrelaçados. Ele seguiu o olhar de sua nova esposa até Immanuelle, e ela teve a nítida impressão de que ele a estava estudando.

Um arrepio percorreu a espinha de Immanuelle com o pensamento, mas antes que ela tivesse a chance de desviar o olhar, o Profeta se levantou e, imediatamente, seu rebanho ficou em silêncio. Seu olhar se desviou dela enquanto ele contornava a mesa para se dirigir à congregação. —Esta noite é uma ocasião alegre, — ele disse, sua voz um pouco rouca. —Eu me juntei em sagrada união com uma verdadeira filha do Pai, e por isso, sou grato.

O rebanho aplaudiu.

—O Pai, em Sua divina providência, achou por bem oferecer-me muitas esposas que personificam as virtudes de nossa fé. Por isso, gostaria de homenagear nosso Pai na celebração de Sua infinita graça e generosidade. — Ele fez uma pausa para tossir na dobra da manga da camisa, então se recuperou com um sorriso. —Chamem as bruxas.

A congregação aplaudiu. Os homens ergueram as canecas e as esposas bateram com os pratos na mesa; crianças batiam em seus joelhos e barrigas. Ao som da fanfarra, os apóstolos emergiram da catedral, carregando espantalhos em forma de mulher. Cada uma das figuras foi montada em uma cruz de ferro, de modo que seus braços de madeira estavam estendidos, seu pescoço e corpo amarrados.

Após sua chegada, a congregação explodiu em aplausos. Os homens ergueram os punhos, gritando maldições ao vento.

O primeiro apóstolo deu um passo à frente com a primeira bruxa, uma pequena figura de vime pouco maior que Honor.

—Essa é a misericórdia. — Disse Anna, dedicando um tempo para ensinar suas filhas nos detalhes da fé.

O próximo apóstolo segurou sua bruxa bem acima de sua cabeça, então a camisola dela chicoteou e tremulou com o vento. Quando sua saia balançou, expondo o que seria sua modéstia, alguns dos homens mais ousados zombaram. *—Prostituta! Prostituta!*

—E quem ela pode ser? — Anna apontou enquanto o apóstolo carregava a figura em direção às chamas que rugiam.

—Aquela é Jael, — disse Immanuelle, e ela estremeceu quando disse o nome, lembrando-se da criatura miserável que ela havia encontrado em Floresta Sombria dias antes. —A segunda Amante.

—Sim, — disse Anna, e seus lábios se curvaram em desgosto. —É ela. E ela também é má. Má e astuta como a própria Mãe das Trevas. — Ela esticou a mão para fazer cócegas na barriga de Honor. A garota gritou e deu uma risadinha, chutando as pernas por baixo da mesa, os pratos e canecas saltando um pouco quando sua bota bateu na perna.

A terceira bruxa a seguiu. Ela usava um vestido não muito diferente do de Immanuelle, só que o corpete era forrado de palha para imitar o inchaço da barriga de uma mulher grávida.

—Delilah, — disse Martha. —Bruxa da Água. A própria prostituta do inferno.

Era Ezra quem carregava a última bruxa, carregando-a em uma cruz de ferro. A figura tinha o dobro do tamanho das outras e ela estava nua, seu corpo feito de folhas de bétula. Os braços de uma muda torcida de cada lado de sua cabeça, formando uma cremalheira de chifres.

Anna não disse seu nome em voz alta, embora tenha se alegrado quando Ezra a carregou para perto. Mas Glory e Honor ficaram em silêncio em seu rastro, encolhendo-se um pouco quando a sombra da última bruxa passou por elas.

Seu nome veio à tona das profundezas da mente de Immanuelle: Lilith. Primeira filha da Mãe das Trevas. Bruxa Rainha da Floresta que reinou em cólera, matando todos e quaisquer que se opusessem a ela.

Cada um dos apóstolos ergueu sua bruxa acima da cabeça e a cravou profundamente no solo, de modo que as figuras ficaram de pé em suas cruzes de ferro. O Profeta ergueu sua tocha, um galho em chamas quase do tamanho de Immanuelle. Então ele o moveu para as bruxas, iluminando cada uma delas por vez. As Amantes, Jael e Mercy, primeiro, depois a Bruxa da Água, Delilah.

Immanuelle sentiu um gosto amargo no fundo da garganta e seu estômago se revirou. O som de sangue batendo em seus ouvidos abafou brevemente as multidões zombeteiras.

Lilith foi a última bruxa a queimar naquela noite, e o Profeta aproveitou ao máximo o momento. Ele ergueu seu galho em chamas bem acima da cabeça e o enfiou entre os chifres dela, da maneira como alguém empunha uma

espada. Seus olhos mantinham o brilho da chama da tocha, as brasas parecendo brilhar nas fossas de suas pupilas.

Em silêncio, Immanuelle observou Lilith queimar, viu as chamas mastigá-la e engoli-la, mesmo enquanto o resto dos convidados voltava para sua comida e conversa. Ela observou as bruxas queimarem até que o fogo morreu e os ossos enegrecidos de Lilith foram a única coisa que restou, fumegando nos braços da cruz de ferro.

Immanuelle fugiu do banquete, com o estômago aquecido pelo vinho de cevada e a cabeça grossa. Ela passou por crianças correndo em círculos em volta dos restos carbonizados das piras de bruxas, gritando hinos acima da música do violinista. Ela passou por Leah e o Profeta e a multidão de suas outras esposas. Ela passou pelos Moores sem ser vista.

Immanuelle cambaleou ao redor da catedral até o cemitério atrás dela. Lá, ela caiu de joelhos e soltou, vomitando vinho de cevada na moita. Ela ficou de pé, tonta, deu alguns passos à frente e levantou-se novamente. Seu vômito respingou em uma lápide próxima e vazou, fedendo, na terra.

Tremendo apesar do calor do verão, Immanuelle respirou fundo para se firmar e limpou a boca com a manga.

Ela tinha sido tola ao pensar que poderia banir a memória das bruxas. O que ela tinha visto na floresta naquele dia era real. As Amantes não estavam passando ilusões. Elas tinham sido de carne e osso, tão reais quanto ela. O diário, as cartas, a floresta proibida - nada disso iria deixá-la, e ela não poderia deixá-la. Nenhuma quantidade de oração ou penitência a baniria.

O que ela viu na floresta se tornou uma parte dela... e era uma parte dela que ela sabia que precisava matar, e rapidamente.

Levantando-se do chão, Immanuelle vagou pelo cemitério, serpenteando entre as lápides, lendo epitáfios na tentativa de clarear a cabeça. Alguns deles pertenceram a profetas e apóstolos de épocas passadas, mas a maioria marcava o local de descanso dos soldados cruzados que morreram na guerra civil para derrubar as bruxas. Algumas eram valas comuns, e as pedras que as marcavam diziam simplesmente: *Em memória dos Homens do Pai e da escuridão que eles limparam.* Quanto às bruxas, não havia monumentos para marcar seus túmulos. Seus ossos e memórias estavam dentro da Floresta Sombria.

No centro do cemitério havia uma placa grossa de mármore, quase dois andares de altura, talhada em um pináculo que se projetava do solo como um osso semienterrado. Immanuelle se ajoelhou para ler a inscrição ao pé do monumento, embora ela não precisasse. Como quase todo mundo em Betel, ela sabia de cor.

Dizia: *Aqui está o primeiro profeta do Pai, David Ford, da Primavera no Ano da Chama ao Inverno no Ano do Despertar*. Abaixo disso, as palavras gravadas profundamente na pedra diziam: *Sangue por sangue.*

Immanuelle estremeceu. Enterrados sob seus pés estavam os ossos do Matador de Bruxas, o profeta que purgou e queimou e purificou Betel do mal. Pois foi David Ford quem ordenou que Lilith e o resto de seu clã colocassem a pira, que ateou fogo e alimentou as chamas. Cada expurgo começou com ele e a guerra que ele travou durante os Dias Sombrios.

Immanuelle se levantou do chão. Ao fazer isso, ela ouviu um grito suave no vento. Facilitando entre as lápides, ela caminhou até a borda do cemitério, que parava perto da floresta. Uma cerca de ferro corria ao longo da borda do cemitério, separando-o da floresta invasora logo além do Solo Sagrado. E foi lá

que ela os avistou, Ezra e Judith juntos na escuridão, a apenas alguns passos do memorial atrás dela. Eles estavam próximos um do outro, e Judith o segurava pela camisa, o pano enrolado em ambos os punhos.

—Chega. — Disse Ezra, e puxou os dedos dela, tentando abri-los.

Judith apenas o agarrou com mais força. —Você não pode me fazer desejá-lo.

—Você fez uma promessa, — Ezra retrucou. —Você foi cortada como Leah, e você faria bem em se lembrar disso.

Ele começou a empurrá-la para longe dele, e foi então que Judith correu para frente, forçando seus lábios nos dele. Ela colocou as mãos sob a camisa dele, movendo os quadris contra ele. —Por favor. — Ela murmurou em sua boca, seu pescoço. —Por favor, Ezra.

Ele a agarrou pelos ombros, empurrando-a para trás. —Eu disse não.

As lágrimas encheram os olhos de Judith. Ela se esticou para frente novamente, agarrando-o pelo cabo de sua adaga, e puxou-a com tanta violência que a corrente que a segurava quebrou. Os elos da corrente prateada deslizaram na escuridão, voando tão longe que atingiram o solo aos pés de Immanuelle.

Seu coração tropeçou, então saltou uma batida. Ela se virou para sair, tropeçando nas saias do vestido de sua mãe enquanto caminhava, desesperada para ir embora, quando uma das crianças brincando perto do fogo gritou.

Ezra chamou a atenção, avistando Immanuelle quando ele virou a cabeça. Ele chamou o nome dela e ela fugiu, correndo pelo cemitério tão rápido quanto correra na floresta na noite da tempestade.

CAPITULO OITO

Pai, ajude-os. Pai ajude a todos nós.

—MIRIAM MOORE

Naquela noite Immanuelle sonhou com a floresta. No sono, ela conjurou visões da Mãe das Trevas vagando pelos corredores da floresta, embalando um cordeiro abatido em seus braços, Seu véu negro arrastando-se pelos arbustos. Ela sonhou com espantalhos de bruxas queimando como tochas na noite, membros emaranhados e beijos roubados. Em seus pesadelos, ela viu as Amantes labutando na terra, agarrando-se umas as outras, os dentes à mostra, os olhos claros afiados pelo luar.

Quando acordou, suava frio, a parte de trás da camisola úmida, colando-se aos ombros como uma segunda pele. Ela se sentou, tonta, seu coração batendo forte contra suas costelas. Seus ouvidos zumbiam com um balido lamentoso.

A princípio, ela pensou que fosse o eco de um sonho. Mas quando soou novamente, sua mente foi para seu rebanho, as sombras de seus pesadelos sumindo enquanto ela se levantava e tirava a capa do gancho na porta. Ela enfiou os pés nas botas sujas, pegou a lamparina da mesa de cabeceira e desceu as escadas do sótão para o corredor.

A casa da fazenda estava em silêncio, exceto pelo chiado dos roncos de Abrão. Ela sabia que ele tinha tomado a cama de Anna por causa de quão perto ele parecia. Ele ficava na cama de Anna com frequência naquela época, raramente, ou nunca, assombrando a de Martha.

Immanuelle ficou feliz com isso. Nas noites em que Abrão ia para Martha, ela não dormia, e muitas vezes Immanuelle a ouvia andando pelos corredores. Uma vez, anos atrás, perto da meia-noite, Immanuelle pegou sua avó na cozinha com uma caneca cheia de uísque de Abrão, olhando para a escuridão da floresta enquanto seu marido dormia em sua cama.

Outro grito cortou o silêncio e os pensamentos de Immanuelle voltaram para seu rebanho. Ela desceu as escadas o mais silenciosamente que pôde. Sua lamparina balançava enquanto ela se apressava, lançando luz e sombra. O choro continuou, um som oco e agudo que parecia escapar pelos ossos da casa. Quando Immanuelle cruzou para o pasto de trás, ela percebeu - com uma torção fria em sua barriga - que estava vindo de Floresta Sombria.

Saindo da varanda dos fundos, Immanuelle cruzou para as pastagens, o brilho de sua lamparina a óleo um ponto quente na maré negra da noite.

Outro grito, este mais agudo que o anterior e mais alto.

Immanuelle disparou em direção às pastagens em uma corrida completa, apenas para encontrar seu rebanho agarrado junto contra o frio da meia-noite, parado e silencioso e inteiramente ileso. Ela fez uma rápida contagem de cabeças. Vinte e sete no total, cada cordeiro e cada ovelha eram responsáveis. Mas o choro continuou, agora mais um uivo do que um lamento.

Então, outra coisa: um grito, rasgado direto da garganta de uma mulher.

Ao ouvir o som, uma dor aguda percorreu Immanuelle. Ela se dobrou, a lamparina escorregando de sua mão. Ela o arrancou do chão antes que o óleo pudesse derramar e a grama pegasse fogo, seus dentes cerrados contra a dor em seu estômago.

Os gritos ficaram mais frenéticos, até que Immanuelle percebeu que não eram gritos, mas sim um tipo de música. Ela sabia que deveria voltar para casa,

voltar para sua cama onde estava segura e deixar a floresta entregue aos seus próprios males. Mas ela não fez.

Foi como se alguém tivesse amarrado um fio em torno de seu esterno e puxado, puxando-a para mais perto. Como se algo ou alguém a estivesse conduzindo para Floresta Sombria. Talvez ela pudesse lutar se realmente tentasse. Ela podia ouvir todos os instintos que a incentivavam a se virar e voltar para a casa da fazenda. Ela poderia manter suas promessas.

Mas ela não fez nenhuma dessas coisas.

Em vez disso, ela deu um passo em direção à linha das árvores, vadeando pela grama ondulante do pasto, escalando a cerca que o circundava, atraída pelos gritos da floresta. Com a lamparina na mão, Immanuelle remexeu na mata cerrada, seguindo o chamado da floresta por entre as árvores. Ela não sabia por onde andava ou para onde caminhava, mas sabia - sem realmente saber - que não estava perdida.

E assim por diante. Amoreiras agarraram sua camisola, e o frio soprou em sua nuca. Os gritos pareciam deslizar entre as árvores, embora fossem mais suaves, morrendo em suspiros e sussurros que se perdiam no vento sibilante. Ela podia ouvir seu nome agora no refrão: *Immanuelle. Immanuelle.*

Mas ela não sentiu medo. Ela não sentia nada além de tontura e luz, como se ela não estivesse andando tanto quanto deslizando entre as árvores, tão leve quanto as próprias sombras.

Um galho quebrou. Sua mão apertou a alça da lamparina e ela estremeceu um pouco, a mão queimada esfregando sob as bandagens.

Ela sentiu o cheiro de algo úmido e inebriante no ar e, à medida que os gritos se acalmavam, ela ouviu o bater suave da água em movimento.

Por instinto, ela seguiu o som, levantando sua lamparina bem alto para iluminar as árvores. Empurrando os ombros no mato, ela entrou em uma

pequena clareira. Em seu centro havia um lago, sua água escura como óleo. Como um espelho, ele refletia o rosto da lua de volta para si mesmo. Ela parou na beira da água, sua mão apertando a alça de sua lamparina.

—Olá? — Ela gritou na noite, mas a floresta engoliu o som. Apesar do silêncio, não houve eco. Os gritos morreram. As árvores estavam imóveis.

Immanuelle soube então que deveria ter corrido, refez seus passos e fugido de volta para a casa da fazenda. Mas em vez disso, ela endireitou os ombros e firmou os pés, encontrando um pedaço de força para se agarrar. — Se houver alguém aqui, mostre-se. Eu sei que sua espécie se esconde em Floresta Sombria. Eu sei que vocês conheceram minha mãe, e você me chamam como vocês chamaram ela. — Qualquer que fosse o mal que buscavam com ela, Immanuelle precisava ser conhecido agora e acabado.

Um grande anel ondulante formou-se no centro da lagoa. As ondas lambiam a costa e a lamparina de Immanuelle estalava como se o óleo estivesse acabando.

Na luz bruxuleante, uma mulher emergiu da parte rasa. Immanuelle cambaleou meio passo para trás e ergueu a lamparina. —Quem está aí?

A mulher não respondeu. Ela deslizou pela parte rasa como um peixinho, seus membros emaranhados nos juncos. Ao se aproximar, Immanuelle viu que ela era linda, com o tipo de rosto que poderia virar a cabeça de um profeta ou arrancar o coração de um homem por trás de suas costelas. E então Immanuelle a reconheceu das páginas do diário de sua mãe. Ela tinha a mesma boca áspera de uma das mulheres dos desenhos, que teria sido quase comicamente larga se seus lábios não fossem tão carnudos e bonitos. Seu cabelo era escuro e liso, da mesma cor da escória do lago que se agarrava às rochas na parte rasa. Sua pele era pálida como a de um cadáver,

igual à pele das Amantes e, como elas, ela trazia uma marca entre as sobrancelhas, uma estrela de sete pontas no meio de um círculo.

Immanuelle soube então: Esta era Dalilah, a Bruxa da Água.

A mulher deslizou a barriga ao longo da encosta da costa e se pôs de pé. A lama negra cobria seus seios nus e modéstia, mas no calor da lamparina, Immanuelle pôde distinguir cada corte e contorno. À medida que a bruxa se aproximava, ela percebeu que não era uma mulher, mas sim uma garota de sua idade, não mais do que dezesseis ou dezessete, dezoito no máximo.

Delilah se aproximou tanto que Immanuelle podia cheirá-la. Ela cheirava a coisas mortas, tudo líquen e folhas e podridão de lagoa. Foi então - ao luar - que Immanuelle viu seus hematomas, manchas pretas tão escuras quanto manchas de tinta marcando seu rosto. Seu olho direito estava ligeiramente inchado e os dois lábios partidos.

A bruxa estendeu a mão, os dedos envolvendo o pulso de Immanuelle. Em um movimento rápido, ela rasgou as bandagens, expondo a queimadura de Immanuelle ao ar frio da noite. Apesar de todas as pomadas e cuidados de Anna, não tinha sarado bem. Estava vermelho, com raiva e com pus úmido, provavelmente deixando uma cicatriz feia assim que as crostas descessem.

Cautelosamente, como uma mãe segura um filho, a mulher levou a palma da mão de Immanuelle à boca e a lambeu. Seus lábios irradiavam um frio entorpecente.

Então Delilah a beijou: primeiro a carne de sua palma, depois seu pulso, os lábios da bruxa percorrendo seus tendões até as pontas dos dedos. Ela manteve seus olhos escuros em Immanuelle enquanto fazia isso, nunca quebrando seu olhar.

O medo inundou o peito de Immanuelle e sua visão turvou. Ela pegou pedaços das páginas do diário de sua mãe transpostos com o rosto da mulher - seu rosto magro, pálido e morto. A lamparina escorregou de sua mão e atingiu a terra com um *baque surdo*.

Delilah puxou sua mão. Immanuelle deu meio passo à frente, depois outro, tirando as botas enquanto caminhava. Ela entrou na água descalça. Ela sentiu as ondas subirem ao seu redor, até os tornozelos, panturrilhas, coxas, lambendo a curva de sua virilha, o inchaço de seus seios, até que seus pés roçavam o fundo e a água beijou seu queixo.

Delilah a conduziu, cada vez mais fundo, vadeando para trás para que pudesse olhar para ela. Aqueles olhos mortos e inchados fixos nos de Immanuelle.

E então elas estavam abaixo, perdidas para a escuridão e o frio e a sombra. O aperto da bruxa afrouxou, seus dedos escorregando do pulso de Immanuelle enquanto ela escorregava para as profundezas escuras do lago.

Immanuelle tentou segui-la, mas suas pernas estavam mortas sob ela, tão pesadas que ela teve que lutar a cada passo. O frio subiu das profundezas do lago, e ela estava afundando como se tivesse tijolos acorrentados aos tornozelos. Seu peito apertou quando ela deslizou para a escuridão.

Ela viu rostos, fantasias passageiras, na escuridão fria: o brilho do sorriso de sua mãe, os retratos das Amantes pálidas como a lua, o cadáver de vime de uma bruxa queimando em uma cruz, uma menina, uma mulher com o cabelo tosado curto como o de um menino.

Immanuelle estendeu a mão para eles e tentou gritar, com a voz trêmula, perdida nas águas.

E então - quando ela estava se rendendo à escuridão - ela ascendeu novamente, rompendo a superfície com um suspiro. Do outro lado das águas

do lago, a linha das árvores distantes se borrou e dobrou. A bruxa se foi. Ela estava sozinha.

Em Betel, era pecado nadar. Não era modesto ou prudente entrar na água, pois era considerado domínio dos demônios. Mas Leah ensinou Immanuelle em segredo em um verão, quando eram jovens e ousadas. As duas balançaram para cima e para baixo na parte rasa do riacho, tampando o nariz e remando até que Immanuelle aprendeu a respirar entre as braçadas.

E era em Leah quem Immanuelle pensava agora, enquanto remava e chutava, seguindo o brilho de sua lamparina de volta à margem do lago. Uma corrente profunda puxou seus tornozelos, e cada golpe era uma luta. Quando ela finalmente conseguiu voltar para a parte rasa, ela rastejou subindo a margem em suas mãos e joelhos e desabou, vomitando lama na costa.

Seu pecado a salvou.

Enquanto pressionava a barriga, os braços tremendo, ela avistou dois pés descalços caminhando pelas sombras da vegetação rasteira e pisando no halo pálido da lamparina. Empurrando os cachos molhados de seus olhos, ela olhou para cima para ver uma forma que era feminina - mas bestial - pairando sobre ela.

Ela - pois Immanuelle tinha certeza de que era um "ela" - tinha uma forma alta e rude. Suas pernas eram longas e delgadas, seus braços caídos, as pontas dos dedos roçando seus joelhos. E ela estava nua, tanto que nem mesmo um pelo de pudor cobria sua virilha. Mas não foi sua nudez que atraiu a atenção de Immanuelle, mas sim o crânio de veado que se erguia sobre seu pescoço fino e pálido. Uma coroa de osso.

Seu nome subiu aos lábios de Immanuelle como uma maldição. —Lilith.

A Besta bufou forte. O vapor se agitou através das rachaduras de seu crânio, enrolando em torno de seus chifres.

Immanuelle se agachou na lama. Mesmo em seu terror, ela teve o bom senso de reconhecer uma rainha quando a via. Ela baixou o olhar, seu coração batendo tão forte dentro do peito que doeu. E lá estava ela, prostrada na lama e nas sombras, sua respiração ofegante, suas lágrimas abrindo trilhas através da sujeira e lama do lago em suas bochechas.

Ela iria morrer lá; ela tinha certeza disso. Ela iria morrer como os outros que foram tolos o suficiente para cruzar a floresta à noite. Ela não tinha fé de que alcançaria os céus - não depois de todos os seus pecados e tolices - mas orou mesmo assim.

Os pés da Besta mudaram de posição. Os dedos dos pés descalços agarraram-se à lama enquanto ela se agachava. Immanuelle arriscou um olhar para cima. Aquela grande cabeça de caveira inclinada para o lado, um movimento tão humano, até infantil, que por um momento fugaz, Immanuelle se lembrou de Glory.

A Besta ergueu uma mão que parecia vagamente humana. Com dedos longos e impossivelmente finos, ela deslizou ao longo da ponta do nariz de Immanuelle, então escorregou.

Paralisada, Immanuelle procurou os olhos de Lilith, fitando as órbitas pretas e vazias do temível crânio. Mas ela não encontrou nada dentro deles, exceto vapor e sombras rodopiantes.

Seus joelhos fraquejaram embaixo dela.

Lilith envolveu uma mão gigante e fria em seu pulso e a colocou de pé. O vento estremeceu pela floresta e as árvores pareciam se curvar e tremer em seu rastro. As águas do lago se agitaram e aumentaram, e a névoa inundou a clareira, girando em torno de seus tornozelos. Quando a criatura levantou a mão para prender um cacho atrás da orelha de Immanuelle, algo como um soluço escapou de seus lábios.

Então a dor perfurou seu estômago mais uma vez, e Immanuelle se dobrou, mal conseguindo ficar de pé. Mais uma vez, ela implorou por salvação - desta vez em voz alta - chamando o Pai, depois a Mãe e, finalmente, a própria Lilith, quaisquer deuses que se dignassem a ouvir.

Mas não houve resposta, nada. Nada além da dor ardente em sua barriga.

E quando os joelhos de Immanuelle enfraqueceram embaixo dela, um rastro de sangue escorregou por sua perna, passando ao longo de sua panturrilha e escorregando até o tornozelo, onde desapareceu na água acumulando-se a seus pés.

De repente, o lago parou.

O vento acalmou e as árvores pararam de se debater.

Lilith recuou lentamente para as sombras, abaixando o crânio para evitar pegar os galhos com seus chifres. Ao fazer isso, Immanuelle poderia jurar que viu algo cintilar brevemente no preto de suas órbitas. E então a bruxa se foi.

Immanuelle correu. Mas a cada passo, a cada estocada que dava através de arbustos e samambaias, a dor em seu estômago ficava mais aguda e a escuridão ficava mais densa, e a floresta parecia engoli-la, arrastando-a para trás três metros a cada cinco que corria. Acima, os galhos se arqueavam em um estranho caleidoscópio, a luz da lua se fragmentando, as sombras se espalhando, as estrelas tremeluzindo no escuro.

Mas ela continuou correndo, mesmo enquanto a escuridão se arrastava em seus tornozelos, puxando-a de volta para o coração da floresta. Ela viu uma

luz distante na escuridão. O brilho opaco das janelas aquecidas por velas. A casa da fazenda Moore espiava pelas brechas entre as árvores.

Dor esculpiu em sua barriga e um grande rugido encheu seus ouvidos enquanto as sombras se erguiam ao seu redor. A última coisa que Immanuelle viu, antes que a noite a engolisse, foi o olho brilhante da lua, piscando por entre as árvores.

CAPITULO NOVE

Com o derramamento de sangue vem o poder dos céus e dos infernos. Pois uma oferta de ferro compra expiação, em todas as suas muitas formas.

— AS ESCRITURAS SAGRADAS

Immanuelle acordou esparramada pelo chão. Levou alguns segundos para perceber que não estava nas profundezas de Floresta Sombria, mas em sua própria casa, em sua própria cozinha, deitada de bruços ao pé da pia. Do outro lado da sala, sua capa molhada e enlameada estava amontoada ao lado da porta dos fundos, que estava entreaberta.

De repente, as memórias da noite voltaram à sua mente. Lá estava Delilah deslizando pelos juncos e rasos, Lilith deslizando de volta para as sombras da Floresta Sombria tão silenciosamente quanto ela chegou, os galhos se fechando ao seu redor, a escuridão caindo. Ela se lembrou de correr pela floresta, da dor em sua barriga, do sangramento, desabando na borda da floresta, o rosto da lua olhando para ela através das frestas entre as árvores.

Ela poderia ter pensado que era tudo um sonho, se não fosse pela lama preta endurecida sob suas unhas, seu cabelo molhado e sua camisola enlameada.

Não, aconteceu. *Tudo* isso aconteceu.

Pela luz azul que entrava pela janela da cozinha, ela sabia que o sol estava se aproximando, embora, pelo que podia dizer, o resto da casa ainda não tivesse acordado. Ela estava grata por isso. Ela só podia imaginar a surra que Martha infligiria se soubesse que Immanuelle estava na floresta novamente.

Immanuelle afastou o pensamento de sua mente, sentindo o gosto de bile no fundo da garganta. Uma dor surda atravessou sua barriga novamente e ela estremeceu. Apertando os olhos, ela olhou para baixo entre as pernas para ver que havia uma poça pequena e fria de sangue abaixo dela. Ela estava fluindo livremente, a umidade vermelha escorrendo por sua saia e manchando o assoalho.

Seu primeiro sangramento.

Immanuelle correu para limpar a cozinha, enxugando o sangue com um pano de prato velho e enxugando a lama. Quando o chão foi esfregado, ela subiu as escadas até o banheiro, pegou um punhado de trapos da cesta perto da pia e lutou para colocá-los em seus calções, sentindo-se menos como uma mulher e mais como uma criança tentando mudar os seus panos sujos. Seu sangramento deveria ter sido um momento de celebração, alívio - contra todas as probabilidades, ela era finalmente uma mulher - mas tudo o que ela conseguia sentir era como era pequena, que ferida e um pouco doente.

Immanuelle compartilhou a notícia com Anna primeiro, depois Martha depois dela. Houve uma onda de excitação, alguém a sentou em uma cadeira da sala de jantar, serviu-lhe uma xícara fumegante de chá de folhas de framboesa e um prato de ovos e bolo frito, que ela se sentiu mal para comer. Mas, apesar da insistência de Anna para que ela ficasse na cama, ao nascer do sol Immanuelle estava a caminho do pasto, com o cajado na mão. Pastorear o rebanho era uma tarefa difícil. Ela estava lenta e cansada da noite na floresta, e sua barriga doía com as dores do sangramento. O rebanho pareceu sentir sua inquietação. Os carneiros estavam inquietos, as ovelhas

nervosas. Os cordeiros baliam a cada brisa que passava, como se temessem que o vento arrebatasse a carne de seus ossos. Immanuelle precisou de tudo para conduzi-los às pastagens ocidentais e, quando a ação foi finalmente cumprida, ela desabou na grama alta, exausta, com o estômago doendo.

Um pouco além da borda do pasto, Floresta Sombria assomava, a sombra da floresta arranhando as planícies enquanto o sol mudava. Alguns abutres circundaram os pinheiros, cavalgando o vento, mas não havia sinal das bruxas. Nenhuma mulher da floresta. Sem Amantes que se contorcem. Delilah não se escondia entre as árvores e ela não viu nenhum sinal de Lilith.

A floresta estava silenciosa.

Conforme a luz do sol nascente se deslocava por entre as árvores, os pensamentos de Immanuelle foram para a última anotação no diário de Miriam: *Sangue. Praga. Trevas. Abate. Pai, ajude-os.*

O que Miriam tinha visto na floresta que inspirou esses escritos? O que ela sabia que Immanuelle não? E talvez o mais importante, qual foi o desejo carnal que compeliu Immanuelle a retornar à floresta repetidamente, apesar do perigo?

Por que Floresta Sombria a chamou?

Immanuelle poderia ter ficado ali o dia todo, olhando para as árvores e lutando com a verdade, se não tivesse se distraído com o som de alguém chamando seu nome.

Ela se virou, apertando os olhos contra a luz do sol nascente, e viu Ezra vindo em sua direção, um pacote na mão. —Bom dia. — Disse ele.

Com uma pontada, Immanuelle se lembrou de tê-lo visto na noite anterior, na orla da floresta, envolto no abraço de Judith.

Immanuelle voltou seu olhar para suas ovelhas. À distância, seu lavrador, Josiah, conduzia o rebanho para longe de Floresta Sombria. —Que o Pai assim o queira.

Ezra parou perto dela, mas a brisa carregava o cheiro dele - feno recém-cortado e cedro. Uma batida de silêncio. Ele enfiou as mãos nos bolsos. —Estou aqui para me desculpar.

Immanuelle hesitou, sem saber o que dizer. Os oficiais da Igreja raramente pediam desculpas, pelo fato de raramente pecarem. —Pedir desculpas pelo quê?

Ezra se sentou na grama ao lado dela, tão perto que seus ombros quase se tocaram. Ele observou o pasto em silêncio, então se virou para ela. —Pelo que você viu ontem à noite, depois do banquete. Não me comportei de forma digna do meu nome. Foi baixo da minha parte, e também foi egoísmo torná-la a par dos meus pecados.

Seus pecados não eram da conta dela. O olhar de Immanuelle se moveu para a linha das árvores. Ela abraçou os joelhos contra o peito e ficou em silêncio. Sem esperar pela resposta dela, Ezra empurrou o pacote que estava carregando nas mãos dela.

Immanuelle estava decidida a recusar seu presente, até que sentisse o peso e a forma dele. Era um livro.

—É o que você estava lendo no mercado —, disse ele, enquanto ela rasgava o papel. Um pouco de cor apareceu em suas bochechas e ele quase parecia envergonhado, embora ela soubesse que isso não era possível. Não havia nenhuma maneira de alguém como ela provocar essa reação de gente como ele. —Quase exatamente igual.

Immanuelle folheou o livro até o meio até encontrar o poema que havia lido naquele dia. Ele estava certo, era o mesmo, embora a encadernação do lado

de fora fosse diferente e quase todas as páginas estivessem marcadas com o selo da Igreja. Ele deve ter procurado na biblioteca particular do Profeta, ela percebeu com um sobressalto. Teria sido um gesto gentil, se não fosse o fato de ser um suborno.

—Não preciso de um livro para ficar quieta. — Ela fechou o livro e o estendeu para ele. —Seu negócio é seu. Não vou contar a ninguém. Você não precisa se preocupar.

—Eu não estou preocupado. Eu... apenas me sinto culpado por pedir que você guarde meus segredos.

—Então não pergunte —, disse Immanuelle, ainda segurando o livro para ele. —Não é problema.

—Mas é um pecado. — Ezra estava certo sobre isso. Era um pecado, e muito grave. O mesmo crime que colocou seu pai, Daniel, na pira. Mas à luz do que ela tinha visto na floresta na noite anterior, parecia quase banal.

—Os pecados podem ser perdoados. — Disse ela, ecoando as palavras de Leah de alguns sábados anteriores.

—Sim, — disse Ezra. —Mas a culpa é uma coisa difícil de aliviar.

—E é por isso que você quer que eu fique com o livro? Para aliviar sua culpa?

—Se não for pedir muito. — Ezra encolheu os ombros. —Além disso, prefiro ter alguém para conversar.

—Sobre poesia?

Ele assentiu. —Há mais na biblioteca. Posso verificar as prateleiras, trazer mais livros.

—Não —, disse Immanuelle. —Isso vai servir, obrigada. Mesmo se você estiver tentando comprar meu silêncio.

Ela se encolheu, ansiosa por mais uma vez ter ido longe demais e falado demais, mas Ezra apenas sorriu.

Pela primeira vez, ela notou que ele tinha uma leve camada de sardas no nariz, que estava ligeiramente torto, como se ele tivesse levado um soco feio em uma briga de pátio de escola. E talvez ele tivesse. Rumores sobre Ezra se espalhavam tão rápido quanto os rumores sobre ela. Ele era conhecido por ser incrivelmente inteligente, sempre lendo ou estudando, o tipo de pessoa que sabia como fazer as perguntas certas. Ele também era forte, com a vontade obstinada de seu pai e, como ele, Ezra tinha o respeito da maioria dos homens em Betel, e se não fosse isso, então medo - medo do poder do Profeta que queimava nele como fogo sagrado, embora ele não tivesse... Eu ainda nem testemunhei sua Primeira Visão.

—O que aconteceu com o seu lábio? — A pergunta de Ezra a tirou de seus pensamentos e ela percebeu que ele a estava observando. Ela ergueu a mão para tocar o local onde Judas a havia golpeado. Embora seu lábio cortado há muito tivesse cicatrizado, a borda de sua boca ainda estava machucada e inchada. —Eu perdi uma luta com um carneiro furioso.

—O que você tinha no mercado?

—Sim. — Ela pensou na cabeça ensanguentada de Judas, deixada no toco como um presente, então deixou escapar: —Ele está morto.

—Um sacrifício? — Seu olhar voltou para o pasto.

Ela começou a balançar a cabeça, mas se conteve. —Talvez.

Ezra ficou de pé e se espreguiçou, girando os ombros. —Diga-me se você gosta desse livro. Há mais de onde isso veio. Há uma biblioteca no Refúgio; Eu posso conseguir o que você quiser.

Immanuelle abriu a boca para responder, para dizer a ele que uma garota como ela não tinha nada que ver com os livros do Profeta, por mais que ela

quisesse lê-los, quando um grito irrompeu nas pastagens. Ela reconheceu a voz: Glory.

Houve uma pausa momentânea; então um segundo grito soou.

Immanuelle ficou de pé em um instante. Ezra se posicionou na frente dela enquanto ela se movia, como se quisesse protegê-la de qualquer dano que estivesse vindo em sua direção. Mas Immanuelle não teve tempo para agradar seu cavalheirismo. Ela passou por ele, correndo em direção ao eco dos gritos de Glory. E enquanto corria, tudo em que conseguia pensar eram as mulheres da floresta - as bruxas de olhos mortos.

Ela encontrou Glory junto ao poço no final das pastagens, a poucos metros da orla da floresta, um balde virado a seus pés.

—Você está machucada? — Immanuelle perguntou, diminuindo a velocidade até parar.

Glory balançou a cabeça, a boca aberta, cachos loiros grudando em seus lábios. Seu olhar cintilou para Ezra, como se ela estivesse tão chocada por vê-lo quanto pelo que quer que a tivesse assustado. Mas o momento passou e ela recuperou os sentidos. As palavras pareceram ficar presas em sua garganta quando ela apontou para o balde com um dedo trêmulo.

Ezra se abaixou para pegá-lo. Foi então que Immanuelle sentiu o cheiro de podridão no ar, úmido e fétido. Algo preto penetrou no solo, escorregando nas paredes do balde.

Immanuelle engoliu em seco, com o estômago embrulhado, enquanto Ezra colocava o balde no gancho e o colocava nas profundezas do poço novamente. Ele girou a manivela e o balde desceu, desaparecendo nas profundezas. Quando o som da borda do balde rompendo a água ecoou pelo poço, ele começou a girar a alavanca novamente, trabalhando rápido, os ombros esticados com o esforço.

Lentamente, o balde subiu acima das pedras da parede do poço. Ezra o tirou do gancho e Glory cambaleou para trás, como se ele tivesse puxado uma víbora da água.

Ele baixou o balde até o chão e, para horror de Immanuelle, ela viu que estava cheio até a borda com um líquido espesso e escuro que espirrava pela borda e enegrecia o solo abaixo. Immanuelle caiu de joelhos ao lado dele e mergulhou os dedos no balde. Quando ela tirou a mão, as pontas dos dedos estavam vermelhas.

—Sangue, — ela sussurrou, e com essas palavras, uma espécie de déjà vu terrível caiu sobre ela, tão poderoso que parecia arrancar sua alma de seu corpo. Levou um momento para ela voltar a si mesma. —Onde está Martha?

—Ela foi para o Solo Sagrado com a Mãe para dar à luz —, disse Glory, tropeçando nas palavras. —A sexta esposa do apóstolo Isaac foi para...

—E quanto a Abrão? Onde ele está?

—E-em sua oficina.

—Vá buscá-lo. — Disse ela, e quando a garota não se mexeu, deu-lhe um pequeno empurrão na direção certa. —*Agora!*

Ezra deu um passo à frente então, franzindo a testa para ela. —Você está bem?

Immanuelle concordou com a cabeça, tentou responder, mas ficou em silêncio enquanto olhava para a mão manchada de sangue. Ela sentiu aquela atração novamente, a força fantasma que a arrastou de seu corpo poucos momentos antes - não muito diferente da isca da floresta. —Eu estou...

Sangue. Praga. Trevas. Abate. Sangue. Praga. Trevas. Abate. Sangue.

Sangue.

—Immanuelle...

—Obrigada pelo livro. — Com isso, Immanuelle se virou e disparou em direção à casa da fazenda, cortando as pastagens em uma corrida completa. Estava vazia, como Glory dissera que estaria, e Immanuelle correu pela sala e subiu as escadas para o quarto. Ao pé da cama, ela caiu de joelhos, enfiou a mão por baixo do colchão e retirou o diário. Ela o abriu ali no chão, manchando as páginas com sangue enquanto ela passava por elas para a entrada

final: *Sangue. Praga. Trevas. Abate. Sangue. Praga. Trevas. Abate. Sangue. Praga. Trevas. Abate. Sangue. Praga. Trevas. Abate. Sangue-*

Sangue.

Claro.

O choque se transformou em pavor, e o pavor se transformou em horror quando Immanuelle leu as palavras, percebendo seu significado pela primeira vez. O papel. A lista. Os desenhos da floresta e suas bruxas. As palavras de Miriam não foram divagações de uma louca. Elas eram avisos do que ainda estava por vir.

Quatro avisos. Quatro bruxas. Quatro pragas, e a primeira veio sobre eles.

—Immanuelle, o que... — Ezra entrou em seu quarto, agachou-se ao lado dela. Seu olhar foi dela para o diário aberto em seu colo. —O que é isso?

Immanuelle fechou o diário, jogou-o de volta na arca da esperança e fechou-o. Ela se virou para oferecer a Ezra uma desculpa passageira, mas o som dos sinos da igreja a interrompeu. Doze badaladas em rápida sucessão, uma pausa e, em seguida, mais sinos tocando em Betel enquanto outros atendiam ao alarme. E assim, a primeira das pragas começou.

CAPITULO DEZ

O amor é um ato de lealdade.

— AS ESCRITURAS SAGRADAS

Immanuelle estava sentada na carroça de mulas ao lado de Martha, olhando para as planícies agonizantes enquanto desciam a estrada principal em direção ao Solo Sagrado. O ar estava pesado com o fedor de sangue coagulado, e o zumbido dos mosquitos gordurosos de sangue era tão alto que quase abafou o barulho das rodas da carroça.

Nos tempos antigos - quando as filhas da Mãe das Trevas travavam guerra contra o rebanho do Pai - havia batalhas nas planícies. Immanuelle relembrou as histórias que seus professores contavam na escola, contos de homens feridos e campos de batalha encharcados de sangue que se estendiam até onde a vista alcançava.

Immanuelle pensava nessas histórias enquanto cavalgavam em direção à catedral, cruzando as fazendas moribundas de Clareiras e quilômetros de campos de milho enegrecidos pelo sangue. Nas semanas desde que a praga de sangue atingiu, as águas contaminadas se infiltraram no solo, infectando a terra e matando as plantações.

O mundo inteiro ficou vermelho e podre.

A garganta de Immanuelle doeu. Ela não tinha bebido um gole desde o nascer do sol. A família Moore racionava água agora - todo mundo fazia - mas ainda assim, não havia o suficiente para todos. Não havia água potável em

nenhum lugar dentro das fronteiras de Betel, e havia rumores de que os suprimentos da Igreja estavam quase esgotados.

Para a surpresa de Immanuelle, Martha puxou as rédeas, conduzindo a mula em direção à periferia, uma extensa favela que se escondia na sombra da floresta do sul. A maioria do povo de Betel evitava os arredores, por medo dos pecadores que moravam lá em vergonha e miséria.

—Sangue inundando o Solo Sagrado —, disse Martha, para explicar por que decidira fazer o caminho mais longo até a catedral. —As estradas lá são intransitáveis.

A carroça passou por uma série de barracos tão curvados e decrépitos que pareciam estar a uma rajada de desabar em um monte de gravetos. Ao se aproximarem do centro do vilarejo, Immanuelle avistou a pequena e dilapidada igreja onde os que moravam nos arredores se reuniam para adorar no sábado, quando o restante de Betel se reunia na catedral. O prédio tinha uma torre curta e torta e um único vitral que representava uma mulher com um véu preto, que Immanuelle presumiu ser uma santa ou anjo, embora ela não usasse diadema. Não foi até que o carrinho se aproximou que ela reconheceu a mulher por quem ela era: a Mãe das Trevas.

Nos afrescos pintados nos tetos abobadados da catedral, a Deusa sempre foi retratada como uma desgraçada, todos os membros retorcidos e dedos em garras, lábios manchados com o sangue dos cruzados que ela devorou na batalha. Mas neste retrato, a Mãe das Trevas estava linda, até gentil. Sua pele era de um tom profundo de ébano, quase tão escuro quanto seu véu, mas seus olhos eram claros como a lua e grandes. Ela não parecia a maldita deusa das bruxas e dos infernos. Não, nesta representação, ela parecia mais mortal do que monstro... e de alguma forma, isso era pior.

A carroça continuou a chacoalhar. Alguns meninos sem camisa corriam descalços pela lama das ruas. Conforme Martha e Immanuelle se aproximavam, elas pararam seus jogos e congelaram, com os olhos de coruja e em silêncio enquanto a carroça de mulas passava rugindo.

À distância, estava a sombra de Floresta Sombria ocidental. Quanto mais se aventuravam na aldeia, mais perto o Floresta Sombria se arrastava. Embora as florestas das Clareira no leste fossem exuberantes e densas, elas não eram nada em comparação com as selvas que delimitavam os arredores. De alguma forma, a floresta do oeste parecia mais viva. As copas das árvores rastejavam com vida - raposas do tamanho de gatos corriam pelos galhos das árvores e corvos empoleiravam-se na copa dos carvalhos e cornizos, bronzeando suas asas e grasnando suas canções noturnas. Acima, um falcão de barriga branca circulava a floresta extensa e um vento poderoso agitava-se por entre as árvores, trazendo o cheiro de argila e matança.

Correndo por toda a extensão da floresta havia tributos e sacrifícios - um alqueire de milho enfiado em um recanto entre as raízes das árvores, uma pele de carneiro pendurada no galho baixo de um carvalho, uma cesta de ovos no topo de um toco de árvore, grinaldas do que parecia ser alecrim seco, galinhas mortas e coelhos amarrados pelas pernas e pendurados nos galhos dos pinheiros.

Immanuelle se esticou para fora de sua cadeira para ter uma visão melhor da estranha variedade. —O que é isso?

Martha manteve os olhos na estrada. —São ofertas.

A carroça passou rugindo pelo que parecia ser uma espécie de altar - uma intrincada obra de palha de gravetos e galhos sobre a qual uma cabra jazia estripada. —Ofertas para quem?

—A floresta —, disse Martha, e parecia cuspir as palavras. —Por aqui, eles os adoram. O Profeta deveria jogá-los na selva por tal pecado. Se eles amam tanto a floresta, deixe-os voltar para ela.

—Por que ele não o faz?

—É um ato de misericórdia, eu suponho. Mas eu não presumo os caminhos do Profeta e nem você deveria. — Ela lançou um olhar firme para Immanuelle antes de voltar seu olhar para a estrada. —Além disso, os da periferia têm sua posição - como nós temos a nossa. Até o pecador tem um lugar neste mundo. E até o herege pode exaltar o Pai à sua maneira.

Ao cruzarem para o centro da favela, uma jovem com pele de mogno emergiu das ruínas de uma casa em ruínas e vagava pelo meio da estrada. Seus pés estavam descalços e machucados, e havia um bebê aos berros amarrado ao peito com uma tipóia. Ela abriu os braços quando elas se aproximaram, os lábios ressecados entreabertos, os olhos selvagens. —Água para o bebê, por favor. Poupe-nos uma gota para beber.

Martha murmurou uma prece e deu um puxão nas rédeas. As rodas da carroça quebraram uma poça, respingando sangue na mulher. Ela cambaleou para trás, agarrando o filho, e tropeçou na bainha do vestido enquanto recuava.

Immanuelle se virou para dizer algo, mas Martha a segurou pelo pulso. —Deixe-a com seus pecados.

Mas Immanuelle não conseguia tirar os olhos da mulher. Ela a observou, agachada e chorando na beira da estrada, até que ela encolheu a não mais do que um cisco no horizonte e então desapareceu.

Elas seguiram em frente. Quando elas viraram para o sul em direção ao Terreno Sagrado, o zumbido das moscas e mosquitos ficou mais alto. A favela deu lugar a planícies abertas e prados inundados de sangue que estavam inundados pelo transbordamento de águas subterrâneas contaminadas. À

distância, as extensas propriedades que pertenceram aos apóstolos da Igreja, campos de milho e áreas de gado tão grandes que se estendiam bem além do horizonte ocidental. Eles estavam cheios de cadáveres apodrecidos e cheios de moscas de vacas, cavalos e outros animais que morreram de sede nos primeiros dias da peste.

—Miriam costumava cavalgar nessas colinas —, disse Martha, com as mãos ainda firmes nas rédeas. Ela sorriu levemente e Immanuelle teve um vislumbre da mulher que ela poderia ter sido antes da morte da filha. Alguém gentil, calorosa até. —Abrão comprou um pônei para ela no verão de seu décimo terceiro aniversário. Ela cavalgava quase todos os dias, subindo e descendo esses caminhos - indo rápido como os próprios demônios - até que um dia ela correu demais. Essa égua tropeçou em uma pedra perdida na estrada e quebrou o joelho. Eu assisti isso acontecer. Ela caiu ali mesmo. — Martha apontou para um bosque de macieiras mortas ao longo da berma da estrada.

—O que aconteceu com o pônei? — Immanuelle perguntou, e quando ela falou seus lábios rachados se abriram. Ela tentou molhá-los, mas sua língua estava seca.

—Miriam o matou —, disse Martha, naquele tom monótono e morto, como se estivesse apenas comentando sobre o tempo. —Abrão ia fazer isso, mas ela não deixou. Ela mesma disparou o rifle e acertou aquele pônei bem no olho.

Immanuelle processou isso em silêncio, um calafrio percorrendo sua espinha. A carroça estremeceu na estrada para a catedral, as sombras pressionando conforme o sol se punha. Era só ela e Martha naquela noite. Anna ficou em casa para cuidar do resto da família.

—Vão em paz. — Ela disse a eles enquanto saíam, e Immanuelle percebeu que ela estava preocupada. Qualquer pessoa com o sentido que o Pai lhes deu estava. A terra sob seus pés estava sangrando e, apesar de suas melhores orações e esforços, eles não conseguiam parar. Era exatamente como Miriam profetizou em seu diário.

Se o Profeta e os apóstolos sabiam a causa da praga de sangue ou uma maneira de pará-la, eles não haviam compartilhado suas descobertas com o rebanho. Eles simplesmente exortaram o povo a orar e jejuar, na esperança de ganhar o favor do Pai. Até então, eles eram instruídos a racionar seus recursos - colher frutas e vegetais para fazer suco, coletar a água da chuva e o pouco que pudessem com o orvalho todas as noites e manhãs. Mas esses poucos esforços não eram suficientes. Immanuelle já havia perdido seis de suas ovelhas com sede ou envenenamento.

Mas, apesar dessas dificuldades terríveis, havia alguma esperança. Dias depois da praga de sangue, uma tempestade varreu Betel. E, devido aos esforços coordenados dos fazendeiros e da Igreja, uma boa quantidade de água foi coletada. Além disso, as reservas de gelo nas catacumbas do Refúgio do Profeta mostraram-se úteis, assim como suas extensas adegas. Falava-se até em importar água potável de assentamentos além do Portão Sagrado. Ainda assim, apesar dessas provisões, os recursos estavam diminuindo rapidamente e, sem chuva por vários dias, o pânico estava começando a crescer novamente. Gado e outros animais estavam morrendo a cada dia, e mais perdas, perdas *humanas*, eram esperadas se a praga de sangue não acabasse logo.

Depois de um longo e sinuoso passeio, elas se aproximaram da catedral para encontrá-la cheia. Era um dia de semana, mas os fazendeiros haviam deixado seus campos mais cedo e todos os apóstolos estavam reunidos.

Immanuelle saltou da carroça. A multidão mudou, o pátio cheio de homens e meninos vestidos com camisas suadas e calças manchadas de sangue, as roupas cheirando a campos.

À distância, Immanuelle viu o riacho onde ela e Leah costumavam se encontrar depois da igreja, reduzido agora a pouco mais do que um corte sangrento escavado nas colinas. As rochas do rio salientes estavam manchadas de sangue coagulado. Todo o desfiladeiro parecia o cenário de um massacre, e Immanuelle sentiu o fedor de podridão de onde estava.

—Por aqui. — Martha a incentivou. Juntas, elas se abaixaram no meio da multidão, esquivando-se de carroças e carruagens. Em comparação com sua comunhão de sábado, este era um assunto solene. Todos pareciam estar falando em murmúrios baixos, como se temessem provocar o próprio Pai se falassem mais alto.

Martha e Immanuelle subiram os degraus e entraram na catedral. Dentro, o ar estava denso com o cheiro forte de sangue e suor. As pessoas lotaram os bancos e se espalharam pelos corredores adjacentes. Na frente, em uma fileira atrás do altar, estavam os apóstolos e outros santos de alto escalão da Igreja, mas Ezra não estava entre eles. Ele estava no chão da catedral, andando de banco em banco com um balde de leite e uma concha de ferro. Ele parou na frente de um velho e levou a concha aos lábios. Alguns momentos depois, quando uma garotinha se aproximou dele, ele baixou o balde no chão, ajoelhou-se e sussurrou algo que a fez rir. Depois que ela bebeu até se fartar, ele enxugou sua boca com a manga da camisa, pegou o balde e seguiu em frente.

Quando ele cruzou para o corredor central, seus olhos encontraram os de Immanuelle. Ele hesitou por um momento, como se estivesse com vergonha de

ser pego no meio de seu ministério. Mas então ele se recuperou e começou a andar em sua direção, cruzando a multidão ao lado dela.

Ele levou a concha aos lábios. —Aqui. — Ele disse, sua voz áspera. Ele soou como se ele próprio precisasse de uma bebida.

Immanuelle se inclinou para frente, a borda fria da concha pressionada contra seu lábio inferior. Ela deu um pequeno gole. Então outro. O leite estava quente e doce. Enquanto ela bebia, isso acalmou seus lábios rachados e aliviou a queimação em sua garganta. Ela secou a concha, e Ezra a estava mergulhando no balde novamente para lhe oferecer um segundo gole, quando Martha chamou seu nome.

A mão da mulher se fechou em torno do ombro de Immanuelle com força. Seus olhos piscaram de Immanuelle para Ezra, então de volta para Immanuelle novamente. —Venha agora, devemos encontrar um lugar para sentar antes de sermos obrigados a ficar de pé.

—Ela é bem-vinda para se sentar conosco. — Disse Ezra, e acenou com a cabeça para um banco a alguns metros de distância, lotado com seus amigos e meio-irmãos. Seu convite pareceu despertar o interesse deles. Como herdeiro em ascensão, Ezra era um prêmio entre as jovens solteiras de Betel e era conhecido pelas moças da corte quando lhe convinha. Mas se suas expressões de choque eram qualquer indicação, Immanuelle tinha certeza de que seus amigos nunca o tinham visto entreter uma garota que se parecesse com ela.

Martha também parecia ciente disso, e Immanuelle percebeu que ela desprezava a atenção. —Immanuelle permanecerá onde pertence, comigo.

—Muito bem. — disse Ezra, talvez percebendo que sua vontade não era páreo para a de Martha. Cuidadosamente, ele tirou a concha da mão de Immanuelle e voltou para seus amigos. Por sua vez, ela começou a ir atrás de

Martha, perfeitamente ciente dos olhares que a seguiram enquanto ela caminhava.

Pouco depois de terem se sentado, o Primeiro Apóstolo, Isaac, foi até o altar. Ele era um homem alto, pálido e selvagem, com uma boca severa e um queixo duro. Immanuelle imaginou que ele poderia ter sido muito bonito em sua época, e ela sabia que ele tinha esposas para provar isso. Sua voz tinha o timbre rico de um órgão bem afinado e reverberava pela catedral enquanto ele falava. —Nos reunimos hoje para tratar de uma doença grave. Estou aqui em nome do Profeta, que - após este grande mal - retirou-se para o seu santuário, por um período de oração e súplica.

Esta declaração foi recebida com um coro de murmúrios. Só no ano anterior, o Profeta passou semanas trancado no Refúgio, envolvido em jejum e meditação. Mas havia preocupações crescentes de que suas licenças sabáticas abruptas fossem na verdade devido a sua saúde debilitada.

—Nossas terras foram contaminadas —, disse o apóstolo, caminhando ao pé do altar. —Um grande mal se move em nossas águas. Nossos rios correm com ele. Eu sei que vocês temem por suas famílias, colheitas e terras. Vocês estão certos em fazer isso. Essa praga não é obra da natureza, como a conhecemos. É mais do que casualidade. Alguém entre nós, talvez até mesmo alguém sentado nos bancos esta noite, trouxe esta maldição sobre nós.

Arfadas ecoaram pela catedral e os sussurros começaram, um grande assobio como o som das cigarras no verão.

O apóstolo Isaac ergueu a voz quase para gritar. —O Profeta tem certeza de que alguém se reuniu com as forças das trevas para despertar esse mal antes adormecido.

A respiração de Immanuelle engatou. Ela pensou em Delilah vadeando pela parte rasa do lago, nas Amantes se contorcendo na sujeira da campina, o

vislumbre dos pés descalços de Lilith quando ela emergiu das sombras de Floresta Sombria. Seria possível que essas breves trocas fossem o início de algo muito maior e mais horrível do que ela percebeu na época? Era possível que *ela* tivesse alguma parte nisso?

—Diga-me, como esse mal foi conjurado? — Uma voz ecoou na parte de trás da catedral, fina e trêmula. Uma velha se adiantou e Immanuelle a reconheceu instantaneamente. Era Hagar, a primeira esposa do profeta anterior e uma das últimas ainda vivas. Apoiando-se pesadamente em sua bengala, Hagar mancou para o corredor e olhou para Isaac. —Você diz que este pecador deve ter se reunido com forças em Floresta Sombria, mas deve ter sido mais do que isso. Muitos tolos caminharam pela floresta e testemunharam seus horrores sem gerar pragas como esta. Não vimos uma potência assim desde os dias de David Ford. Por que um mal tão grave despertou agora, de todos os tempos?

—O Profeta acredita que houve algum tipo de... *incentivo* feito, —disse o apóstolo Isaac hesitante. —O Pai não é o único que recebe ofertas de sangue. Se alguém entre nós realizou um ritual, fez um sacrifício de sangue para a Mãe, pode ter sido o suficiente para despertar este mal.

A respiração de Immanuelle diminuiu um pouco com isso. Ela pode ter pecado ao entrar em Floresta Sombria, testemunhado coisas que não deveria, mas não se rebaixou a ponto de fazer uma oferenda à Mãe. A praga deve ter sido obra de outra pessoa.

Ainda assim, parecia que o apóstolo Isaac falou apenas com Immanuelle quando disse: —Se algum de vocês se ofereceu as Trevas, peço que confesse seus pecados agora - para que possa poupar sua alma do fogo da pira e das chamas sagradas de purificação.

CAPITULO ONZE

Pois é no fogo da purificação que as almas dos homens encontram a fé.
—AS ESCRITURAS SAGRADAS

Havia fogo em todas as línguas quando a reunião foi encerrada. Queimar era a punição tradicional por bruxaria ou heresia em Betel, mas já fazia anos desde a última purificação. Alguns falavam disso como uma bênção, outros como uma emoção, relembrando as grandes piras que queimavam no topo das colinas em purgações do passado. Embora parecesse que todos ficaram terrivelmente abalados com a proclamação do apóstolo Isaac de que uma maldição fora lançada deliberadamente, Immanuelle não sabia dizer o que os assustava mais: a praga do sangue ou a ameaça das chamas sagradas.

—Immanuelle. — Ela se virou ao som de seu nome para descobrir que Leah havia escapado das garras das outras noivas do Profeta.

Era a primeira vez que Immanuelle viu sua amiga desde a noite de seu corte. O selo entre suas sobrancelhas estava se curando bem, embora as bolsas escuras sob seus olhos tivessem se aprofundado, ainda que ligeiramente.

—Você parece bem. — Immanuelle se permitiu essa pequena mentira enquanto se abraçavam. —As outras são gentis com você?

—Elas me tratam como quiserem —, disse Leah, então olhou por cima do ombro. A poucos metros de distância, as outras esposas do Profeta se agruparam, suas bocas pressionadas em linhas finas enquanto estudavam a multidão. Ela pegou Immanuelle pelo cotovelo e a guiou alguns passos para longe, onde ouvidos atentos não os ouviriam. —A maioria delas não é cruel,

mas também não é gentil. Esther, a mãe de Ezra, é a única que é realmente boa para mim.

—E quanto ao seu marido? Ele é bom para você?

Leah corou, mas seus olhos não aqueceram. —Ele me convoca com frequência.

Ele costuma dormir com ela. Immanuelle se encolheu com o pensamento. —E... isso te agrada?

Leah olhou para suas mãos e Immanuelle viu que elas tremiam, muito levemente. Ela agarrou os dedos em uma tentativa de pará-los, apertando com tanta força que ficaram sem sangue. —Agrada-me fazer a vontade do Pai.

—Não estou perguntando sobre a vontade do Pai. Estou perguntando sobre a sua. — Ela se aproximou um pouco mais da amiga e baixou a voz. — Ele te agrada? Você está feliz?

—O que me agrada é estar aqui com você.

—Leah-

—Não —, disse ela, uma repreensão firme. —Por favor, Immanuelle. Podemos apenas falar de algo, qualquer outra coisa? Já se passaram semanas desde a última vez que te vi. Como você se saiu?

—Muito bem —, disse Immanuelle, relutante em mudar de assunto, mas sabendo que não tinha escolha. —O rebanho está indo bem, considerando-se, embora eu tenha perdido alguns cordeiros e uma das minhas melhores ovelhas reprodutoras para a peste...

—Mas e *você*, Immanuelle? Como você está?

—Eu... estou bem. Eu sangrei. — Algo travou no lugar quando Immanuelle disse essas palavras.

Ela *sangrou*.

De alguma forma, ela quase se esqueceu. Naquela noite na Floresta Sombria, enquanto Lilith ficava sobre ela e Delilah se movia pelas sombras das profundezas, seu primeiro sangue começou. Seu fluxo estava estável quando ela acordou na manhã seguinte, no chão da cozinha, mas ela começou a sangrar naquela noite no lago com as bruxas.

As mãos de Immanuelle começaram a tremer. Seu batimento cardíaco acelerou para um ritmo rápido e brutal.

E se o sangramento mensal dela fosse o sacrifício de sangue de que o apóstolo Isaque falou? E se ela tivesse gerado todo esse mal? Era possível que ela fosse alguma cúmplice desconhecida na trama de Lilith? A própria ideia a fez querer vomitar, mas ela não podia negar a crescente suspeita de que o que quer que tenha ocorrido na Floresta Sombria naquela noite era muito maior do que um encontro casual.

Um pensamento horrível ocorreu a ela então, a resposta a uma pergunta que ela vinha se fazendo desde que entrou na floresta. E se o diário fosse uma isca? Todas aquelas semanas atrás, quando as bruxas deram a ela o presente das palavras de sua mãe, ela presumiu que o motivo delas tinha sido algum tipo de parentesco ou afinidade com Miriam. Mas e se não fosse isso? E se o verdadeiro motivo pelo qual lhe deram o diário fosse para garantir que ela voltaria para sangrar ali? E se o diário fosse apenas uma isca, um laço com a floresta?

As pernas de Immanuelle ficaram fracas de pavor quando toda a verdade se deu conta dela. Naquela noite na Floresta Sombria, ela foi enganada e manipulada para fazer o sacrifício de sangue que as bruxas precisavam para gerar a praga. Ela colocou algo em movimento. Abriu uma porta que ela não sabia fechar, e agora toda Betel estava sofrendo por seu pecado e ingenuidade.

Ela tinha feito isso.

Leah pegou a mão dela. —Immanuelle? O que há de errado?

Immanuelle não respondeu. Seus pensamentos estavam girando tão rapidamente que era impossível formar palavras. Se ela fosse uma pessoa melhor, teria confessado tudo naquele momento. Ela teria ido ao apóstolo Isaac, contado a ele o que sabia sobre a praga - como ela começou, onde e o fato de que ela suspeitava que havia mais por vir. Ela teria revirado o diário da mãe. Mas Immanuelle sabia que, se fizesse isso, havia uma grande chance de ser enviada para a pira sob a acusação de bruxaria. Informar a Igreja era condenar a si mesma - ela tinha certeza disso. E a ideia de entregar o diário de Miriam à Igreja era insuportável. Pode ter sido usado como isca, mas ainda era um pedaço de sua mãe e, mais do que isso, era o local de seu conhecimento sobre as bruxas e os bosques por que vagavam. Talvez ainda pudesse ser útil para ela.

Algo ocorreu a ela então, uma ideia perigosa... E se houvesse outra maneira? Uma forma de deter a praga de sangue sem envolver a Igreja, sem se incriminar. E se ela pudesse acabar com a praga da mesma forma que ela começou: com seu sangue?

Não era uma ideia tão estranha. Era lógico que, se um sacrifício desencadeasse todo esse mal sobre Betel, outro sacrifício poderia trazê-lo de volta. Talvez se ela voltasse para a floresta, ela pudesse desfazer o que foi feito. Afinal, foi o sangue dela que gerou essa praga; talvez o sangue dela pudesse acabar com isso também.

Mas se ela entrasse na floresta novamente - não, *quando* ela entrasse na floresta novamente, ela precisaria estar preparada. Não era hora para instintos e deduções; ela precisava de fatos. Ela sabia que acabar com a praga não poderia ser tão simples quanto ir para Floresta Sombria e sangrar. Tinha que haver algo mais, algum ritual de como uma oferta era feita. Mas não havia

como ela acessar essas informações por conta própria. Immanuelle iria precisar de um cúmplice - alguém com as chaves da biblioteca do Profeta - e ela sabia exatamente a quem recorrer.

—Preciso falar com Ezra —, disse Immanuelle, esticando o pescoço para espiar por entre a multidão que se dispersava. —Você sabe onde ele está?

Leah franziu a testa, claramente confusa. —Por que você precisa falar com ele?

—Ele me deve um favor. — Disse ela, lembrando-se de sua conversa no pasto. Ezra disse a ela que a biblioteca do Profeta era uma coleção extensa. Se houvesse alguma informação sobre as práticas das bruxas e como elas lançavam e quebravam suas pragas, ela teria que estar lá.

—Talvez devêssemos apenas ir lá fora, — disse Leah, do jeito gentil que você faria para derrubar um cavalo assustado. —Tome um pouco de ar. Você parece que está prestes a desmaiar.

Immanuelle avistou Ezra então, de pé ao pé do altar onde o apóstolo Isaac havia feito seu discurso poucos minutos antes. Ele estava conversando com um grupo de amigos, mas para surpresa de Immanuelle, não foi um desafio chamar sua atenção. Quando ela gesticulou em direção a um corredor escuro na ala leste da catedral, ele foi rápido em se retirar, abrindo caminho entre seus amigos com apenas uma palavra de despedida.

—Espere... — disse Leah, quase frenética em sua preocupação.

Immanuelle acenou para ela. —Só vou demorar um pouco.

E com isso, ela começou atrás de Ezra, vadeando pela multidão até chegar ao banco vazio onde ele estava esperando.

—Achei que sua avó fosse cortar minha garganta. Ela é sempre tão intimidante ou...? — Ele vacilou, lendo sua expressão. —O que há de errado? Eu não te coloquei em nenhum problema, não é?

—De modo nenhum. Eu só preciso de um momento do seu tempo, se você tiver de sobra.

Os olhos de Ezra se estreitaram, mas ele assentiu e a conduziu a uma pequena abside fora da catedral principal. Aqui, havia dois bancos de oração lado a lado diante de uma efígie de pedra do Santo Padre. Em um altar baixo havia dezenas de velas, a maioria delas acesas e tremeluzindo. Em uma travessa de cerâmica, incenso queimava e a fumaça fragrante pairava no ar como fios de seda de aranha.

Ezra e Immanuelle se ajoelharam no banco, ombro a ombro, e acenderam velas, como era de costume, uma para cada um deles. Immanuelle juntou as mãos e baixou a cabeça. —A última vez que conversamos, você mencionou a biblioteca do Profeta. Você disse que havia todos os tipos de livros lá. Até livros de conhecimento, como o que você me mostrou no mercado naquele dia.

Ele assentiu. —Se você quiser um livro, dê-me o título e eu pego para você.

—É isso mesmo, não sei exatamente o que estou procurando. Eu teria que estar lá, pessoalmente, examinar os livros sozinha para encontrar o que eu quero, o que eu preciso.

—E o que é isso, exatamente?

—Uma maneira de parar a praga de sangue.

Ezra piscou para ela, e com grande satisfação, ela percebeu que o pegou desprevenido. Sua expressão passou de contemplativa a preocupada. —Você não deveria deixar o negócio de acabar com as pragas para a Igreja?

—Por que deveria, se os homens da Igreja claramente não estão mais informados do que eu? — Claro que não era só isso; ela escondia a verdade sobre seu próprio papel na praga de sangue, e a maneira como as bruxas a usaram para gerá-la. Mas ela não podia confiar em Ezra com essas coisas. Ele

pode ser um rebelde à sua própria maneira, cético em relação à própria Igreja a que servia, mas ainda era o herdeiro do Profeta. —Quero ajudar e não vejo por que não deveria ser capaz.

Ezra observou as velas em silêncio por um longo tempo, esfregando a nuca. —É proibido às mulheres andar pelos corredores da biblioteca.

—Eu sei. Eu não perguntaria se não fosse importante, mas...

—Eu fiz você engolir meu pecado, então agora você quer que eu carregue o seu?

Immanuelle não queria que chegasse a esse ponto, mas ela balançou a cabeça. —Eu teria algo em você, e você teria algo em mim. Estaríamos quites. Um segredo para um segredo.

Ezra considerou isso por um momento. Então: —Quando você precisa de acesso?

—Amanhã à tarde, de preferência, enquanto nosso lavrador cuida do rebanho. — Quando ela teria tempo para escapar despercebida.

Ele ficou de pé. —Amanhã então. Eu vou te encontrar nos portões do Refúgio ao meio-dia.

CAPITULO DOZE

Nós somos os consagrados, os escolhidos do Pai. E o que pertence a Ele é Seu, para sempre.

— AS ESCRITURAS SAGRADAS

O Refúgio do Profeta era o edifício mais antigo de Betel, construído nos Dias Sombrios, antes que sua fé tivesse escrituras ou uma doutrina adequada. Ficava em uma colina solitária com vista para um trecho de campos de gado ondulantes. Era uma estrutura alta e imponente, composta pelos aposentos principais - uma catedral de pedra em colapso onde os primeiros da fé já haviam adorado - e uma série de expansões, algumas delas construídas apenas um mês antes.

Toda a propriedade era cercada por uma parede de ferro forjado com cerca de três metros de altura. Diz-se que, durante a Guerra Santa, as cabeças decepadas das quatro bruxas e seus aliados foram montadas em suas pontas. De acordo com essas mesmas lendas, o cadáver sem cabeça de Lilith também foi pendurado no portão da parede e, por ordem de David Ford, coroado com um diadema de crânio de veado para zombar de seu reinado e massacre. Caminhando em direção ao portão, Immanuelle quase podia imaginar: as cabeças decepadas dos pecadores olhando boquiabertas para ela, suas mandíbulas pregadas nas torres de ferro da parede; ao lado deles, o cadáver com a coroa de uma caveira da rainha das bruxas pendurado no arco, balançando com o vento. Immanuelle balançou a cabeça para limpar a imagem medonha e continuou pela porta de entrada.

Ela encontrou Ezra esperando por ela logo atrás da entrada do Refúgio. Ele estava sentado sob os galhos de um choupo alto, as costas coladas ao tronco e as pernas cruzadas nos tornozelos, lendo um livro do tamanho da palma da mão.

Havia muitas pessoas perambulando pelo pátio - principalmente servos e trabalhadores rurais que cuidavam das extensas estâncias do Profeta -, mas Ezra ainda ergueu a cabeça quando ela se aproximou, como se a conhecesse pelo som de seus passos. Ele deslizou o livro no bolso de trás da calça enquanto se levantava, acenando com a cabeça em direção às portas do Refúgio. —Por aqui.

Se o Refúgio do Profeta parecia grandioso por fora, seu interior era nada menos que imaculado. O salão de entrada era quase tão grande quanto a própria catedral, com tetos arqueados no alto. Cada uma das janelas do corredor tinha três metros de altura, e cada caixilho era equipado com painéis de vitrais, de modo que a luz do sol que entrava por eles tingia as paredes e o chão com as cores do arco-íris. O ar cheirava a especiarias, um fedor bom e inebriante que lembrava os banquetes da colheita e a carne assada em fogueiras no inverno.

Ezra a conduziu por uma série de longos corredores, seus passos ecoando conforme eles avançavam. Ele se distanciava alguns passos sempre que outras pessoas passavam por eles, mas quando estavam sozinhos, ele se preocupava em apontar pequenos detalhes sobre a casa. Entre eles estavam as pinturas penduradas nas paredes (a maioria retratos dos primeiros profetas que reinaram nos dias após a Guerra Santa) e os corredores que levavam a

lugares como a cozinha do Refúgio ou as enfermarias de confinamento, onde as novas noivas estavam se alojado.

Immanuelle se perguntou, de passagem, que corredor levava ao quarto onde sua mãe havia esfaqueado o Profeta, mas não ousou perguntar.

Eles dobraram outra esquina, entrando em um corredor pequeno e claro. Aqui, uma série de janelas finas alinhavam-se nas paredes, cada uma com menos de meio passo de distância da seguinte. Em frente às janelas havia uma fileira de portas, cada uma com um nome pintado nos trilhos transversais em tinta dourada:

Hannah, *Charlotte*, *Sarah*, *Charity*, *Naomi*, *Esther*, *Judith*, *Bethany*, *Justice*, *D inah*, *Ruth*, *Tilda*. Esses eram os aposentos das esposas. Immanuelle leu cada nome por vez, procurando o de Leah.

—Ezra, é você? — Uma voz saiu de uma porta aberta no corredor. Era rala e adornada por um leve sotaque que Immanuelle jamais ouvira na língua de nenhum nativo de Betel.

Ezra parou, soltando uma maldição baixa. Então ele se recompôs e caminhou até a porta. —Sim, mãe?

Immanuelle diminuiu a velocidade até parar em seus calcanhares e olhou para o quarto logo atrás dela. Lá, de pé no centro, estava a mãe de Ezra, Esther Chambers. Immanuelle só a tinha visto de relance - do outro lado da catedral ou do outro lado do cemitério -, mas aqueles breves encontros foram suficientes para distingui-la como uma das mulheres mais bonitas que já vira. Esther era alta como Ezra, embora um pouco magra. Veias pálidas percorriam seu pescoço e subiam até suas têmporas. Seu cabelo, que era da cor negra como o de seu filho, estava amontoado no alto da cabeça e preso por um único alfinete dourado. Ao se aproximar, Immanuelle sentiu um cheiro de jasmim no ar.

A mulher a observou, e um leve sorriso cruzou seus lábios e desapareceu no espaço de um instante. —Quem é sua amiga, meu filho? — Ela perguntou, seu olhar voltando para Ezra.

—Esta é a Srta. Immanuelle Moore. — Ele evitou dar a sua mãe uma visão melhor dela. —Senhorita Moore, posso apresentar minha mãe, Esther Chambers.

—Ah, — disse a mulher, e aquele sorriso cruzou sua boca novamente, um gêmeo sutil do de Ezra. —Filha de Miriam.

—Sim, senhora. — Immanuelle murmurou, olhando para suas botas. A mulher que estava diante dela agora era amplamente conhecida como a esposa favorita do Profeta.

—Por favor, me chame de Esther. — Ela deslizou sua mão fria na de Immanuelle. —É um prazer conhecê-la.

Immanuelle conseguiu acenar com a cabeça e sorrir. Ela esperava que a mulher deslizasse sua mão como o Protocolo ditaria, mas ela não o fez. Ela segurou os dedos de Immanuelle, seus olhos verdes viçosos olhando para ela em uma avaliação fria. —E o que o traz ao Refúgio?

Ezra interveio. —Ela está aqui para ver Leah.

—Eu acredito que Leah está na ala oeste, — disse Esther, falando suavemente agora. De perto, Immanuelle percebeu algo que ela havia perdido antes. No canto da boca de Esther havia um hematoma que se apagava devido ao que parecia ser uma aplicação de pó de arroz pálido. —Ela está ao lado do Profeta. Ele estava... bastante perturbado hoje. Provavelmente seria melhor chamá-la em uma data posterior.

Ezra ficou quieto por muito tempo enquanto procurava o rosto de sua mãe. —Vou dar uma palavrinha com ele.

—Você não fará tal coisa —, disse Esther com súbita aspereza, mas se recuperou antes de falar novamente, forçando aquele sorriso gentil. —Não se esqueça de que você tem uma convidada. Seria rude de sua parte abandoná-la. Por favor, siga seu caminho e que o Pai abençoe seus passos.

Ezra ficou quieto depois que sua mãe se retirou para seu quarto, fechando e trancando a porta atrás dela. Ele se afastou em silêncio, as mãos nos bolsos, o olhar nas botas, perdido em uma espécie de taciturno que Immanuelle não sabia como romper, embora achasse que deveria.

Ela não entendeu completamente o que aconteceu com Esther no corredor - mas ela suspeitava que tinha algo a ver com o Profeta e o hematoma no canto da boca de Esther. A ideia de Leah estar com o Profeta em meio a seu mau humor revirou o estômago de Immanuelle. Os profetas eram meramente homens e os homens eram criaturas falíveis, propensas às paixões da carne, até mesmo tentadas à violência quando sua raiva transbordava.

Afinal, um profeta nada mais era do que um vaso do Pai, e o Pai nem sempre era o benevolente deus da luz. Ele também era ira e fogo, enxofre e tempestade, e frequentemente usava Seu poder onipotente para ferir as bruxas e os pagãos. Immanuelle só podia imaginar o quão perigoso um homem poderia se tornar quando cheio de uma ira sagrada como aquela.

Depois de uma curta caminhada por uma série de corredores sombrios e iluminados por lamparinas, eles chegaram a uma ampla galeria. Em sua extremidade havia um par de portas duplas pretas quase duas vezes mais altas que Immanuelle. Isso tinha que ser parte da estrutura original do Refúgio, ela percebeu, onde o primeiro da fé tinha adorado.

Ezra tirou uma chave do bolso de trás e encaixou na fechadura da porta. Houve um clique suave quando o ferrolho deslizou para fora do lugar. Ambas as portas se abriram e eles entraram na biblioteca.

Immanuelle nunca tinha visto tantos livros em um lugar ao mesmo tempo e tinha certeza de que nunca veria novamente. Este não era um espaço pequeno de uma sala enfiado nos fundos de uma escola. Era uma catedral cheia, mas no lugar dos bancos, havia estantes de livros, fileiras e mais fileiras delas, do altar até a soleira onde ela estava. Na parede direita havia uma escada em espiral que subia até o que deveria ser o deck do órgão, mas em vez de um órgão, havia apenas alguns tubos enferrujados com prateleiras tortas presas entre eles. A metade frontal do convés era protegida por um portão de ferro forjado, um gêmeo daquele que cercava o próprio Refúgio.

—É isso, — disse Ezra com um aceno de mão. —A biblioteca do Profeta.

—É enorme.

—Suponho que sim. — disse Ezra, como se não tivesse pensado assim antes. E talvez ele não tivesse. Afinal, a grandeza do Refúgio era tudo o que ele conhecia. Ele acenou para Immanuelle segui-lo através das prateleiras até a escada que descia do deck do órgão. Pegando as saias, Immanuelle subiu atrás dele, e Ezra, sempre um cavalheiro, ofereceu-lhe a mão.

—Esta é a seção restrita —, disse ele enquanto subiam. —Todos os textos relativos às coisas sombrias são mantidos aqui. Se você está procurando informações sobre as pragas, é aqui que você as encontrará.

Immanuelle arriscou um olhar para o andar térreo, lá embaixo. A queda era tão forte que foi quase estonteante. —Acho que nunca estive tão alto.

—Um dia terei de levá-la ao campanário da catedral. Essa visão é muito melhor do que esta. — Ezra escalou a última escada, parou em frente ao portão e o destrancou com uma pequena chave enferrujada que tirou do bolso. Ele o segurou aberto para ela e a conduziu com um passe de sua mão.

Immanuelle passou por ele para a saliência. Era maior do que ela esperava, mas a maior parte do espaço era ocupada por uma série de nove

prateleiras altas que se estendiam da escada até a parede oposta. Quase todos os livros alojados lá estavam acorrentados às estantes em que estavam.

Ezra imediatamente começou a vasculhar a coleção. Nuvens de poeira, grossas como fumaça, floresciam no ar enquanto ele deslizava os livros das estantes, com as correntes enferrujadas chacoalhando.

—Você costuma vir aqui para ler? — Immanuelle perguntou, seguindo atrás dele pelos corredores.

—Não, — disse Ezra. —A última vez que estive aqui, tinha nove anos. Eu não tinha minha adaga, então escalei o portão para entrar. Quebrei meu cotovelo quando caí do outro lado, mas ainda consegui folhear alguns livros antes de ser encontrado.

—Eles valeram a pena?

Ezra sorriu tristemente e balançou a cabeça. —Não, mas a expressão no rosto do meu pai quando ele percebeu que eu consegui entrar em um dos lugares mais restritos de Betel certamente foi.

Immanuelle tentou esconder o sorriso voltando-se para a estante mais próxima dela. Muitos dos livros guardados ali eram tão antigos que Immanuelle temeu que pudessem se transformar em uma pilha de poeira se ela os tocasse. Alguns eram pouco mais do que algumas folhas de papel amassado amarradas com pedaços de barbante. Outros eram apenas diários como o de sua mãe, escritos por profetas do passado.

Foram essas coleções que Immanuelle e Ezra começaram a vasculhar, em busca de referências às pragas. Era um trabalho lento e às vezes árduo, mas Immanuelle descobriu que não se importava. No início, foi bastante estimulante ler as palavras de homens que morreram há tanto tempo. Mas seu entusiasmo diminuiu quando percebeu a imensidão da tarefa que estava

diante dela. Havia centenas de livros apenas na saliência e milhares mais abaixo. Levaria anos para classificar todos eles.

Durante horas eles vasculharam a coleção, com pouco para mostrar, e Immanuelle estava perto de desistir de sua pesquisa quando avistou um livro solitário em uma prateleira vazia no canto oposto do deck do órgão. Aninhando o livro nos braços, Immanuelle limpou uma camada de poeira com um passe de seus dedos e abriu a capa. A página de rosto dizia: *As Quatro Profanas: Um Compêndio* e datava do *Ano do Tormento*. Não houve autor citado.

O que se seguiu foi uma história das bruxas e seus crimes - desde o início da rebelião do coven até sua derrota nas mãos de David Ford sete anos depois. No início, Immanuelle presumiu que o livro estava limitado aos eventos da Guerra Santa, mas conforme ela folheava suas páginas, ela percebeu que mergulhou fundo na prática da bruxaria e no poder pagão que o coven de Lilith exerceu contra os exércitos de Betel. Entre esses relatos, uma prática, especificamente, chamou a atenção de Immanuelle - *a alimentação da mãe*.

Descreveu, em termos gerais, uma oferenda ritualística que acontecia em um lago no coração da floresta, conhecido apenas como Barriga da Mãe. Embora o livro tivesse muitas redações - páginas que foram arrancadas ou pintadas com tinta preta para bloquear as palavras -, Immanuelle foi capaz de reunir a essência da prática. O livro afirmava que aqueles que faziam oferendas de sangue à Mãe neste lugar profano eram frequentemente recompensados com o poder das trevas.

De acordo com o relato, havia rumores de que Lilith e sua laia faziam sacrifícios na Barriga da Mãe para ganhar poder e favorecimento. Houve relatos de bruxas que cortaram os pulsos no meio do lago, deixaram o sangue

escorrer para a água para saciar a fome da Mãe. Alguns alegaram que Lilith jogou as cabeças decepadas dos cativos de guerra dos cruzados nas profundezas da água. Uma passagem descreveu bruxas que se agachavam na parte rasa com as saias levantadas até os joelhos, permitindo que seu sangramento mensal fluísse para a água. O livro também observou que no rastro da guerra - quando Lilith e seu coven foram derrotados - David Ford e seu exército de cruzados executaram bruxas na lagoa, afogando-as por seus pecados contra a Igreja.

A passagem a seguir observou que todas essas ofertas eram precedidas por um tipo de oração ou chamado que Floresta Sombria atendia. As bruxas cantavam um encantamento que parecia o assobio e o silêncio do vento nas árvores da floresta. Outras entravam nas profundezas do lago, sussurrando seus mais sinceros desejos para a floresta enquanto avançavam. Mas ficou claro para Immanuelle que Floresta Sombria exigia uma oração antes que uma oferta fosse feita, e ela teve a impressão de que não era tanto o que alguém dizia, mas sim o ato de dizê-lo que mais importava. Sangrar não era suficiente. Floresta Sombria queria que as almas que viessem em busca de seu poder implorassem por ele primeiro.

Abaixo desses relatos horríveis, havia uma ilustração detalhada de um lago no meio da floresta. As mãos de Immanuelle começaram a tremer violentamente, tremendo na página. Era uma representação quase perfeita do lago onde ela encontrou Lilith e Delilah pela primeira vez. Cada detalhe daquele desenho alinhado com sua memória.

Essa foi toda a confirmação de que Immanuelle precisava. Aquela lagoa, onde ela encontrou Lilith pela primeira vez, era o altar da Mãe das Trevas, e o primeiro sangue de Immanuelle foi o sacrifício. Estava claro para ela que, se

quisesse acabar com a praga, teria que voltar àquele lago e fazer uma segunda oferta para reverter a primeira.

Mas havia um problema com seu plano: Immanuelle não tinha a menor ideia de como voltar para o lago. A floresta era vasta e desorientadora. Levaria dias, senão semanas, para localizar a lagoa, se é que ela era capaz de localizá-la.

Immanuelle fechou o livro, levantou-se com dificuldade e foi até Ezra. — Eu preciso ver um mapa de Betel. Você pode encontrar um para mim?

Ezra ergueu uma sobrancelha, mas para o imenso alívio de Immanuelle, ele não a questionou. Ele apenas acenou com a cabeça em direção à escada como se dissesse, *depois de você*. Ao descer, ele desapareceu por um longo corredor de estantes de livros. Depois de alguns longos momentos, ele voltou com um volume enorme, sua capa tão larga quanto os ombros de Immanuelle eram largos.

—Por aqui. — Ele acenou com a cabeça em direção à frente da capela. Immanuelle o seguiu até uma laje de pedra rachada com uma única cadeira de madeira puxada até ela. Demorou um pouco para perceber que era um altar, onde os primeiros da fé deviam ter feito seus sacrifícios.

Atrás dela havia uma janela de vitral que se estendia do chão da catedral até seu teto abobadado, cerca de seis metros acima. No lado esquerdo do painel, havia representações de sagrados cruzados a cavalo, avançando pelas planícies, suas espadas resplandecentes com o fogo do Pai. E em uma inspeção mais próxima, Immanuelle viu Seu rosto no grande olho do sol, observando enquanto Seus filhos avançavam para a batalha.

No lado oposto do painel estava um redemoinho de infernos, uma legião de feras e bruxas fugindo das chamas do pai. Pairando acima de sua prole em

um véu de noite estava a Mãe das Trevas. Ela usava a lua como uma coroa e chorava lágrimas de sangue.

Uma placa de ferro abaixo da janela dizia: *A Guerra Santa*.

—É alguma coisa, não é? — disse Ezra, olhando para as vidraças, as bochechas avermelhadas pela luz do sol que entrava pelas chamas do fogo. — Uma legião inteira se transformou em cinzas, tudo por um capricho.

Immanuelle olhou para ele, atordoada e quieta. Suas palavras chegaram perto de uma blasfêmia completa, um pecado que poderia provocar açoite público se Ezra fosse menos do que o sucessor do Profeta. Seu olhar seguiu para o canto esquerdo da janela, onde um menino pequeno de pele escura se encolhia enquanto as chamas do pai devoravam uma mulher que poderia ser sua mãe.

—Mas não foi um capricho, — ela disse finalmente, encontrando sua voz. —Os cruzados invocaram o Bom Pai para livrá-los das bruxas e Ele respondeu às suas orações com fogo sagrado. Ele salvou todos eles da ruína, da condenação nas mãos da Mãe das Trevas. Essas chamas foram Sua bênção.

Os olhos de Ezra se estreitaram e ele olhou para a janela com óbvio desprezo. —Assim dizem as Escrituras.

—Você não acredita nelas?

—Tudo o que estou dizendo é que se eu fosse um deus todo-poderoso que pudesse fazer o que quisesse, teria encontrado outra maneira de acabar com a guerra. — Ele olhou de volta para Immanuelle. —Não é?

—Eu não sou um deus, então eu não poderia dizer. Não posso presumir que conheço a vontade do Pai. E se eu soubesse, tenho certeza de que não haveria motivo para dúvidas ou perguntas.

—Falou como uma verdadeira crente. — Disse Ezra, mas fez isso soar como um insulto.

Depois de alguns momentos de busca, ele encontrou a página certa e acenou para ela com um passe de sua mão. Lá, com tinta no que parecia ser pergaminho, estava um mapa. Ele delineava os limites de Betel: a parede oeste, a vila e a praça do mercado, os extensos solos sagrados e as pastagens ondulantes das clareiras além deles. No canto esquerdo do mapa, reduzido a pouco mais que um rabisco, ficavam os Arredores. E circundando tudo isso havia grandes faixas de sombra, marcadas com uma simples nota de rodapé: *A Floresta Sombria*.

—Encontrou o que procurava? — A voz de Ezra ecoou no silêncio.

Immanuelle balançou a cabeça. O lago onde ela encontrou Lilith não estava marcado em nenhum lugar. —A biblioteca teria algo mais específico? Como um mapa de Floresta Sombria?

Ezra franziu a testa. Mais uma vez, ela se perguntou se tinha ido longe demais ou confiado nele com muita facilidade. —Pelo que eu sei, não há nenhum mapa da floresta— , disse ele, e fechou o livro. —Mas eu posso ser capaz de ajudá-la. Eu costumava brincar na Floresta Sombria quando era mais jovem e ainda conheço a área bem o suficiente. Há uma boa chance de que, se você souber para onde quer ir, eu possa te levar lá.

Immanuelle ficou boquiaberta. —Você foi para a floresta como... *uma criança*?

—Às vezes, quando encontrava uma maneira de escapar furtivamente do Refúgio. — Ezra encolheu os ombros como se não fosse nada, mas parecia um pouco orgulhoso. —Claro, eu nunca fiquei depois do pôr do sol. Eu não estava muito entusiasmado com a ideia das bruxas da floresta rasgando a carne de meus ossos.

Immanuelle estremeceu, pensando nas bruxas, com seus olhos famintos e dedos em forma de gancho. —Você teria sorte se isso fosse tudo que elas fizessem.

Ele zombou, como se fosse uma piada, como se todas as lendas da Floresta Sombria fossem meramente forragem para contos de esposas.

—Você não acredita nas histórias? — ela perguntou, incrédula. —Você não acredita que as bruxas são reais?

—Não é uma questão de crença.

—Então, o que é?

Ele demorou para pensar em sua resposta. Por fim, ele disse: —É uma questão de quem está sendo criativo com a verdade.

Immanuelle não tinha certeza do que ele queria dizer com isso, mas parecia perto da blasfêmia. —Verdades criativas não explicam séculos de desaparecimentos na floresta.

—As pessoas não desaparecem na floresta. Elas escapam. É por isso que elas nunca voltam: porque elas não querem.

Immanuelle não conseguia imaginar ninguém deixando Betel intencionalmente. Afinal, para onde elas iriam? Para as cidades ímpias e pagãs do oeste? Para as ruínas sem vida no leste? Ninguém buscaria consolo em lugares como esses. Além de Betel, não havia nada. Não havia outro lugar para ir. —E todas as crianças desaparecidas? O que aconteceu com todas elas?

Ezra encolheu os ombros. —Floresta Sombria é um lugar perigoso. Os predadores têm que comer, e lá fora uma criança indefesa é apenas comida para os lobos.

—Então onde estão todos os corpos? Os ossos?

—A natureza tem uma maneira de limpar sua bagunça. Meu palpite é que os animais chegam aos cadáveres antes que qualquer outra pessoa tenha a chance.

—E quanto à praga de sangue?

—O que tem isso?

—Bem, se não veio da floresta, então qual é a fonte de tudo isso? É realmente tão difícil para você acreditar que possa haver algo em Floresta Sombria que deseja o que merece? Que as lendas são verdadeiras e que as bruxas que morreram nunca foram embora, e agora elas querem... — Ela traçou os dedos pelas esculturas no altar, reconhecendo as palavras da lápide de David Ford: *Sangue por sangue*. —Vingança.

Ezra começou a responder, mas antes que ele tivesse a chance de falar, houve o barulho de chaves e o *clique* agudo de uma fechadura deslizando para fora do lugar. Ele se virou para encará-la, sua expressão em pânico. —Há uma porta nos fundos da biblioteca, atrás das prateleiras da seção médica. Isso leva a um lance de escadas que leva aos porões. Desça o corredor, pelas portas no final. Encontro você no portão da frente. — As portas se abriram com um gemido retumbante. — *Vá agora!*

Immanuelle correu para as duas prateleiras mais próximas, esquivando-se atrás delas quando um homem solitário cruzou para o corredor central. — De volta à biblioteca?

Embora a voz estivesse rouca, Immanuelle imediatamente a reconheceu dos sábados e festas anteriores.

Pertencia ao Profeta.

—Pensei em fazer algumas pesquisas. — Disse Ezra.

O Profeta acenou com a cabeça, dobrando para trás para ficar perto de uma prateleira que estava a apenas alguns metros de Immanuelle. Ela recuou, tentando ao máximo pisar com leveza nas pedras do calçamento.

O Profeta se demorou, nada além de alguns livros entre eles. De perto, Immanuelle tinha certeza de que não confundiu o desprezo mal velado em sua expressão quando ele olhou para Ezra. Seu lábio superior se curvou um pouco quando ele falou. —Pesquisando sobre o quê?

Os olhos de Ezra foram para Immanuelle. *Vá,* seu olhar parecia dizer. Mas ela se agachou, congelada, atrás da prateleira, com medo de ser pega pelo Profeta se ela se movesse um centímetro.

Ezra voltou sua atenção para seu pai, sua expressão ilegível. —A mãe está sofrendo com a... *aflição contundente* mais uma vez. Eu estava procurando uma maneira de aliviar sua dor, mas estou começando a achar que não vou encontrar uma cura por trás dessas paredes.

O Profeta se encolheu com a ameaça velada, sua compostura falhando por um momento. Mas ele se recuperou rapidamente, deslizou um livro da prateleira mais próxima a ele, um livro grosso sem título, e folheou lentamente as páginas. —Se sua mãe está doente, peça que ela procure um médico. Tenho um trabalho mais importante para você.

Ezra ficou muito quieto, como se temesse dizer algo de que se arrependeria. Quando ele falou, sua voz estava tensa. —O que gostaria que eu fizesse?

O Profeta se virou para colocar seu livro de volta na estante, e Immanuelle se abaixou para um corredor adjacente para evitar ser vista. Lá, ela encontrou a porta. Era pequena, uns bons meio pé mais baixo do que ela, como se fosse feito para uma criança. Ela estava pegando a maçaneta quando

ouviu o Profeta dizer: —Preciso dos relatos do censo de todas as mulheres de Betel.

Um arrepio percorreu a espinha de Immanuelle. Apressadamente, ela deslizou pela porta e começou a fechá-la atrás dela. O rangido das dobradiças ecoou pela biblioteca.

—Você ouviu isso? — A voz do Profeta era cortante.

Immanuelle congelou, a mão ainda no trinco. Ela espiou pela fresta entre a porta e sua moldura. Ela sabia que deveria recuar pelo corredor conforme as instruções, mas não conseguia tirar os olhos da cena que se desenrolava diante dela.

O Profeta tossiu, asperamente, na dobra do cotovelo. Quando ele falou de novo, sua voz era apenas uma rouquidão. —Eu poderia jurar que ouvi algo.

Ezra empurrou o altar e caminhou pelo corredor central. —Apenas as pedras assentando, provavelmente. O Refúgio tem ossos antigos.

—É verdade. — A voz do Profeta ecoou enquanto ele se movia pelo corredor onde Immanuelle havia se escondido poucos momentos antes. Ela poderia jurar que ele estava mancando um pouco, mas talvez só parecesse assim por causa de seu estranho ponto de vista.

Ela prendeu a respiração enquanto o Profeta se aproximava ainda mais, e ela se encolheu atrás da porta agora, sabendo que deveria ir embora. Mas ela precisava saber sobre os nomes das mulheres de Betel. O que o Profeta queria com elas? E se ele tivesse visto algo em uma visão, ou suspeitasse que uma delas estava por trás da praga? E se ele suspeitasse *dela*?

Os passos pesados do Profeta estavam a poucos passos da porta agora.

—Pai, os nomes, — Ezra gritou, chamando sua atenção para longe. —Se eu quiser obter os registros de todas as mulheres em Betel, devem ser pelo menos oito ou nove mil.

—Provavelmente mais do que isso. — O Profeta passou pela porta, para grande alívio de Immanuelle. Ela arriscou outra espiada pela fenda. —Faça as seleções do censo e envie os registros para meus aposentos. Quero todas as contas na minha mesa até o final da semana. Peça ajuda aos escribas, se necessário. Eu não me importo se eles tiverem que trabalhar a noite toda para ver isso. Eu quero isso feito. Estou entendido?

Ezra baixou a cabeça. —Isso é tudo que você exige de mim?

O Profeta refletiu sobre isso, olhando para Ezra com algo semelhante a nojo. Era um fato conhecido que o filho escolhido do Profeta não era frequentemente seu favorito. Immanuelle imaginou que não era fácil para um homem encarar sua própria ruína. As Sagradas Escrituras estavam cheias de histórias de profetas que tentaram matar seus herdeiros para prolongar suas próprias vidas e reinados. Por sua vez, vários herdeiros tentaram matar seus predecessores para acelerar sua ascensão ao poder.

Observando o Profeta e Ezra então, Immanuelle se lembrou daquelas histórias horríveis - de violência contra filho e pai, mestre e aprendiz, cismas que ameaçavam separar a Igreja. A tensão entre os dois era tão sinistra quanto palpável. Naquele momento, Ezra e o Profeta eram inimigos antes de se tornarem parentes. Um, a ruína do outro. Immanuelle não pôde deixar de pensar que era uma coisa horrível de se ver, independentemente de o Pai o ter ordenado.

—Tem mais uma coisa. — O Profeta se moveu para ficar diante de seu filho. Ele tirou algo do bolso de trás da calça. Apertando os olhos, Immanuelle viu que era uma adaga.

A adaga *de Ezra*.

A corrente estava quebrada, a trava muito dobrada, como se tivesse sido arrancada do pescoço de Ezra - e Immanuelle percebeu, com um sobressalto,

que sim. Era a mesma lâmina que Judith havia agarrado no meio de sua luta com Ezra, na noite do corte de Leah.

O Profeta a deixou balançar agora entre ele e seu filho, a lâmina pegando a luz do sol enquanto balançava para frente e para trás. —Eu encontrei isto nos aposentos de Judith. Diga-me, como entrou em sua posse?

Por algum milagre, Ezra manteve a compostura. —Eu perdi minha adaga na noite do corte de Leah.

—Você *perdeu*?

—Eu estava distraído.

—Por minha esposa?—

—Não —, disse Ezra, e Immanuelle ficou maravilhada com a maneira como ele conseguia fazer uma mentira soar como a verdade. —Não Judith. Por alguma coisa... alguém. Quando voltei ao local pensei ter deixado cair minha adaga, ela havia sumido. Judith deve ter encontrado. Tenho certeza de que ela pretendia devolvê-lo para mim.

—Mas estava sob seus travesseiros —, disse o Profeta em um sussurro rouco. —Por que minha esposa manteria a adaga sagrada do meu filho sob seus travesseiros enquanto ela dormia à noite?

Immanuelle queria mais do que tudo agora correr - fugir e deixar o Refúgio bem para trás - mas ela se viu incapaz de se mover; seus pés ficaram presos ao chão.

O Profeta pegou Ezra pelo pulso e pressionou a adaga profundamente no centro de sua palma, dobrando os dedos de Ezra sobre a lâmina de forma que ele foi forçado a segurá-la com as mãos nuas. O homem mais velho fez uma pausa, a mão pousando levemente sobre a do filho, e olhou em seus olhos. Então ele apertou, tão repentinamente e com tanta força que os nós dos dedos estalaram.

Immanuelle observou com horror sem fôlego enquanto o sangue escorria pelas fendas entre os dedos de Ezra. Ele trabalhou sua mandíbula, mas não vacilou, não quebrou o olhar de seu pai, mesmo enquanto o sangue escorria por seu pulso e a lâmina penetrava mais fundo.

—O que você faz nas sombras acaba na luz. — O Profeta se aproximou de seu filho. —Eu pensei ter criado você para entender isso. Talvez eu tenha me enganado.

—Você não estava. — A expressão de Ezra permaneceu inalterada, mas havia algo frio e desafiador em seus olhos, como se seu pai fosse quem tinha que fazer as pazes, não ele.

O Profeta o soltou abruptamente. Ele pareceu assustado, quase nauseado, ao ver o que havia feito - a adaga e suas próprias mãos, ambas manchadas com o sangue de seu filho. —A misericórdia do Pai é uma questão —, disse ele enquanto tentava recuperar a compostura. —Mas o meu é outro. Você faria bem em se lembrar disso.

O Profeta então se virou para partir, mas Ezra não largou a adaga. Na verdade, Immanuelle pôde ver que ele a segurava com ainda mais força e ofegou quando um novo fluxo de sangue escorreu por seu pulso. Ele observou em silêncio enquanto seu pai caminhava até as portas da biblioteca.

O sangue salpicou as pedras aos pés de Ezra, mas ainda assim ele manteve a mão fechada ao redor da lâmina da adaga. Foi só depois que seu pai saiu da biblioteca que ele respondeu, sua voz suave: —Eu me lembrarei, pai.

CAPÍTULO TREZE

Tentei amá-lo e tentei tirar você da minha cabeça. Mas não é fácil virar as costas para um lar, e foi isso que descobri em você.

—DAS CARTAS DE MIRIAM MOORE

Os corredores abaixo do Refúgio do Profeta lembravam Immanuelle estranhamente da Floresta Sombria. As sombras eram espessas e úmidas e pareciam grudar em suas roupas enquanto ela caminhava pelos corredores. O ar cheirava a ferro e decomposição, e à luz das tochas bruxuleantes ela podia ver que as paredes de pedra choravam sangue.

Ela vagou, desorientada e com frio, uma mão deslizando ao longo da parede escorregadia de sangue para guiá-la. Sozinha, não havia nada que a impedisse de repetir a cena da biblioteca em sua cabeça: a paranoia do Profeta; sua malícia súbita e cruel; sangue respingando nas pedras; e o olhar vazio de Ezra. A cada passo, os corredores se fechavam em torno dela, e as sombras pareciam encher seus pulmões de modo que ela tinha que ofegar e lutar para respirar.

Quando ela finalmente alcançou o primeiro andar, seu coração estava batendo tão rápido que doía. Ela tropeçou pela porta, saindo das sombras úmidas e entrando em um corredor estreito com tetos arqueados.

Uma porta se abriu e fechou, e Immanuelle se virou para ver Judith parada a alguns passos de distância. Ela usava um vestido azul-claro e tinha na mão um pedaço de bordado desgastado que ainda era muito melhor do que qualquer coisa que Immanuelle já havia costurado.

—O que você está fazendo aqui? — Judith exigiu, e seu olhar traçou sobre ela, observando cada falha - os buracos remendados no topo de suas botas, suas saias manchadas de sangue, a desordem desordenada de seus cachos. — Você não deveria estar nos campos com seu rebanho... ou na periferia?

Immanuelle se encolheu. Ela levantou a mão para arrumar o cabelo, mas depois pensou melhor e parou. Nenhuma quantidade de ostentação satisfaria o rancor de Judith. Ela sempre encontraria algum defeito em que se fixar, ou alguma farpa cruel para fazer Immanuelle se sentir menos do que ela era. — Bom dia para você, Judith.

A garota não ofereceu nenhuma saudação em troca. Seu olhar vagou de Immanuelle para a porta atrás dela. —De onde você acabou de sair?

Immanuelle deu um passo além dela. —Eu me perdi.

Judith a agarrou pelo braço com força suficiente para deixar hematomas, mas quando falou sua voz ainda era fina e doce. —Você cheira a sangue. Você estava vagando pelas catacumbas?

—Não. Estou aqui a negócios. — Disse Immanuelle, mantendo a voz firme.

—De quem?

—Isso é problema meu.

Judith inclinou a cabeça para o lado. Um sorriso apareceu em seus lábios, mas não havia gentileza nisso. Sua mão escorregou. —Eu sei que você nos viu naquela noite.

Isso deveria ter sido o fim de tudo, mas Immanuelle parou por um momento, demorando-se no centro do corredor.

—Você se acha tão inteligente, não é? Segurando pequenas ameaças acima da minha cabeça.

—Não sei do que você está falando.

—Não insulte minha inteligência. Eu sei que você nos viu naquela noite. Você estava bisbilhotando então como está agora, enfiando o nariz onde não pertence.

—Não estou aqui para bisbilhotar.

Judith zombou, então riu abertamente, e de alguma forma ela parecia mais cruel sorrindo do que carrancuda. —Você veste uma mentira tão bem quanto uma criança usa um espartilhom—, disse Judith, e ela puxou uma das cordas de seu corpete. —A decepção não combina com você, e está tudo bem se você está embolsando caramelos no mercado ou mentindo para seu pai sobre um garoto que beijou atrás da escola. Mas não acho que esse seja o tipo de segredo que você guarda. Acho que os pecados que você está escondendo podem mandá-la para a pira se você não tomar cuidado.

Judith não devia saber, Immanuelle percebeu, do perigo que corria, que o Profeta estava ciente de seu namoro com Ezra. Não havia como Judith perder tempo no corredor com ela se soubesse em quantos problemas ela estava metida. A garota mimada estava tão acostumada a sempre ter o que queria que não conseguia imaginar um dia em que não pudesse. A ideia de que ela seria pega era tão pequena, tão inconcebível, que ela nem havia parado para considerá-la. —Você é uma tola se pensa que sou eu quem está em perigo.

Pela primeira vez na memória recente - ou talvez em todos os dezesseis anos que Immanuelle a conhecia - Judith pareceu devidamente surpresa. Uma gama de emoções passou por seu rosto, como uma série de sombras em rápida sucessão, variando da raiva ao medo e à dúvida. Ela abriu os lábios para responder ao aviso de Immanuelle, ou talvez exigir uma explicação, quando uma porta se abriu no corredor. As duas garotas se viraram imediatamente e viram um homem alto e pálido passar pela soleira. Ele era um criado, se suas botas e avental sujos fossem alguma indicação. Pendurado na alça de seu cinto

estava uma adaga sagrada, bem como um pequeno martelo de ferro um pouco mais longo que a mão de Immanuelle. A única marca de sua posição era o símbolo da Guarda do Profeta, bordado no canto direito de seu avental.

O homem sorriu para elas, mas o gesto careceu de qualquer pretensão de calor. —Perdoe-me, senhora. Seu marido quer uma palavra.

Os olhos de Judith foram do homem para Immanuelle, depois de volta para o homem novamente.

—Por aqui. — Ele parecia impaciente agora.

Os olhos de Judith se encheram de lágrimas de repente e ela começou a tremer. Por um momento absurdo, Immanuelle pensou em alcançá-la, como se houvesse algo que ela pudesse fazer para impedir o destino que a esperava na forma daquele homem estranho e zombeteiro no final do corredor.

Mas então Judith começou a avançar, cada passo lento e pesado, suas saias de veludo arrastando atrás dela enquanto ela caminhava. Immanuelle viu o terror em seus olhos ao passar pela soleira e chegar ao homem que a esperava, dobrou uma esquina e desapareceu.

CAPITULO QUATORZE

Nós nos separamos para ficarmos juntos. Os fragmentos de mim se encaixam nos fragmentos de você, e nossos remanescentes se tornaram maiores do que a soma de quem costumávamos ser.

—DAS CARTAS DE DANIEL WARD

Immanuelle encontrou Ezra lado de fora do portão da frente nas pastagens orientais, ao lado do mesmo choupo sob o qual ele estava lendo quando ela chegou. Em sua mão boa, as rédeas de um corcel preto alto. Na sua mão ruim, um pano manchado que ele agarrou para estancar o sangramento. —Por que demorou tanto? — Ele demandou.

Immanuelle se obrigou a não olhar para a mão dele. —Sua adorável amante me pegou nos corredores. Ela queria bater um papo.

—Judith?

—Sim, Judith, — Immanuelle retrucou, repentinamente furiosa. —O quê, você tem dificuldade para se lembrar de todas elas?

Ezra franziu a testa. Ele forçou a mão boa na direção dela e acenou com a cabeça para o carrinho. —Suba. Vou te levar para casa.

Immanuelle não se mexeu. —O que há entre vocês dois?

—O que?

—Você e Judith. O que há entre vocês?

—Não há nada entre nós.

Immanuelle lutou contra o desejo de cruzar os braços sobre o peito. —Eu a vi beijar você, e não parecia que era a sua primeira vez.

A mão de Ezra apertou o pano e ele mexeu o maxilar. —Não, não foi. Mas foi a última.

Immanuelle soube então que deveria morder a língua, deixar Ezra entregue aos seus pecados. Mas então ela pensou naquele homem estranho e sarcástico no corredor e no olhar de terror que passou pelo rosto de Judith quando ela caminhou para encontrá-lo. Sua raiva borbulhou e as palavras saíram antes que ela tivesse a chance de contê-las. —Por que você começou em primeiro lugar? Meninas queimaram na pira por menos do que os pecados que vocês cometeram juntos. Meu próprio pai foi queimado por crimes menores.

Ezra pelo menos teve a decência de parecer envergonhado. —Immanuelle...

—Você sabe dos perigos. Você deve ter sabido.

—Eu sabia. Ambos sabíamos.

—Então por que? — ela exigiu, apontando para a mão dele. —Por que arriscar tudo?

—Você não entenderia.

Os pensamentos de Immanuelle foram para o pai. Ela o imaginou com sua mãe, encontrando-se em segredo como Ezra com Judith. Ela pensou em tudo que eles arriscaram um pelo outro: sua felicidade, sua fé, qualquer chance que eles tivessem em um futuro. —Você tem razão —, disse Immanuelle com firmeza. —Nunca vou entender por que as pessoas escolhem ferir aqueles que afirmam amar.

—Eu não amo Judith, e ela não me ama. Não é desse jeito. Nunca foi.

—Não parecia assim na outra noite.

—Bem, nem sempre tudo é como parece —, disse ele, frustrado. —Olha, Immanuelle, se você quer uma história sobre amor, perda e desgosto, deveria

ter pegado um livro da biblioteca. O que Judith e eu tínhamos não era nada parecido.

—Então, por que se preocupar com isso em primeiro lugar?

—Terminamos de discutir isso. — Ele acenou com a cabeça em direção ao carrinho. —Agora, vamos lá.

—Eu andarei.

—Não, você não vai, — disse Ezra, virando-se para atrelar seu corcel à carroça. Ele lutou um pouco com as fivelas, estremecendo toda vez que era forçado a usar a mão ruim. —Olha, eu respondi a todas as suas perguntas o melhor que eu sei. Menti para meu pai para levá-la à biblioteca, quebrando pelo menos metade dos códigos do Protocolo de Betel no processo. Portanto, se você fizer a gentileza de me permitir acompanhá-la até sua casa, eu agradeceria muito. Isso é agradável o suficiente para você ou você prefere que eu rasteje?

Ela passou por ele com os ombros. —Prefiro caminhar.

—Maldição, Immanuelle.

Ela se virou para ele então, tão rápido que seu calcanhar cravou fundo na terra. —Uma língua tão imunda para o filho de um profeta.

—É um mundo imundo, — ele retrucou. —É exatamente por isso que eu preferiria que você me deixasse acompanhá-la para casa.

Um vento fraco soprou na grama alta.

Immanuelle olhou novamente para a mão de Ezra. O pano que ele segurava estava quase ensopado e, embora ele mantivesse sua expressão estoica, ela percebeu que ele estava com dor. Ele tinha que estar, com uma ferida daquelas. E então havia a questão das dores mais profundas - aquelas invisíveis que não podiam ser tratadas com bandagens ou unguentos.

—É sobre o seu pai? — Ela perguntou baixinho.

Ezra não olhou para ela, mas seu aperto no pano ficou mais forte. — Suba. O sol está se pondo rápido.

—Você não respondeu minha pergunta sobre você e Judith.

—E eu não pretendo — Ele deu um tapinha no banco da carroça. — Suba. Agora.

—Dê-me uma resposta e eu considerarei.

Ezra apertou a mandíbula novamente e, por um momento, Immanuelle teve certeza de que os dois permaneceriam ali, enraizados no lugar, até que a noite se transformasse no amanhecer e suas pernas ficassem fracas. Mas para sua surpresa, Ezra quebrou primeiro.

—As pessoas fazem coisas tolas e imprudentes quando estão desesperadas para encontrar maneiras de escapar de si mesmas. — Ele suspirou e baixou a cabeça. —Por mais feio que seja, às vezes a verdade nada mais é do que isso.

Immanuelle o estudou por um momento. Então ela subiu na carroça.

Por um tempo, os dois cavalgaram em silêncio, o pôr do sol morrendo na escuridão, as sombras se estendendo entre as árvores enquanto eles cruzavam o Solo Sagrado. Ao se aproximarem das Clareiras, Immanuelle tirou um rolo de bandagens do bolso de sua mochila. Com alguma persuasão, Ezra a deixou pegar sua mão e tirar o pano de seu ferimento. Era um corte feio, profundo o suficiente para precisar de pontos, mas Immanuelle fez o melhor que pôde para amarrar bem as bandagens e estancar o sangramento. Enquanto ela cuidava dele, ela pensou na ironia de tudo isso. Apenas algumas semanas atrás, ela cuidou de uma ferida semelhante. Talvez ela e Ezra tivessem mais em comum do que ela pensava. Era essa a fonte do parentesco que ela sentia entre eles? Dor compartilhada?

Um vento frio e cortante soprou do norte e soprou nas copas das árvores. O corcel assustou-se, evitando, então Ezra teve que puxar as rédeas e levantar a voz acima do rugido para acalmá-lo.

Immanuelle estremeceu e agarrou-se ao assento. Ezra, com os olhos ainda fixos na escuridão distante, tirou uma das mãos das rédeas e enfiou a mão na parte de trás da carroça, pegando um cobertor. —Aqui.

—Obrigada. — Disse ela, puxando o cobertor sobre os ombros.

—Não é nada.

—Mesmo assim.

O caminho serpenteava para o leste em direção às Clareiras, cortando o coração de Betel. Mas à medida que se aproximavam da borda da Floresta Sombria mais uma vez, sua escravidão ficou mais forte. Immanuelle se perguntou então se o poder do Pai chamava Ezra da mesma forma que a floresta o chamava. Se ele estivesse tão atraído pela luz quanto ela pela sombra.

Ezra olhou para ela pela periferia. —O que é isso?

Ela corou, envergonhada de ser pega olhando. —É só isso... bem, eu me perguntei se...

Ele sorriu, claramente divertido com a gagueira dela. —Fora com isso.

—Você sempre se sentiu chamado para a missão profética?

Ezra balançou a cabeça. —Eu nunca quis ser herdeiro. Eu queria viajar, ir além da parede.

—Por que você iria querer fazer isso?

—Porque há mais no mundo do que Betel. A selva não dura para sempre. Existe vida além dela. Tem que haver.

—Você quer dizer as cidades pagãs?

—Esse é um nome para elas. Mas antes de Ford construir o muro, aquelas cidades pagãs eram aliadas de Betel.

—Mas isso foi há séculos.

—Eu sei, — disse Ezra, seus olhos no horizonte. —É por isso que eu queria ir - descobrir o que aconteceu, saber se estamos sozinhos aqui.

Ela franziu a testa, confusa. Como herdeiro, Ezra era uma das únicas pessoas em Betel que tinha jurisdição para abrir o Portão Sagrado e conceder passagem por ele. Pareceu a Immanuelle que, se ele realmente quisesse deixar Betel, já teria partido. —Por que você simplesmente não vai?

Ezra tirou a adaga do bolso como resposta. Ele ainda não tinha limpado, Immanuelle notou, e a lâmina ainda estava incrustada com seu sangue. —Disseram que meu lugar é aqui.

Eles ficaram quietos mais uma vez. As rodas da carroça sacudiam através de buracos e poças de sangue quando eles entraram nas Clareiras. Enquanto a escuridão era densa demais para ver através, Immanuelle podia ouvir o suave *silêncio* do vento nos galhos da floresta ocidental.

—Devíamos subir à torre do sino da catedral amanhã, — disse Ezra, quebrando o silêncio entre eles. —Estarei em sessão com os apóstolos à tarde, mas estou livre pela manhã.

Sua proposta a surpreendeu, tanto por sua ousadia quanto pelo fato de que ele a sugeriu. Quando ele mencionou levá-la para a torre do sino, ela nunca - mesmo por um momento - esperava que ele cumprisse sua promessa. Mas embora uma parte dela estivesse animada com a perspectiva, ela balançou a cabeça. —Eu não posso.

—Você tem outros planos? — Ezra perguntou, e Immanuelle teve a estranha suspeita de que havia algo mais, algo mais por trás da pergunta, embora ela não pudesse dizer exatamente o quê.

—Eu estou indo para Floresta Sombria. — No momento em que a verdade estava livre dela, ela se perguntou por que ela havia oferecido. Ela

supôs que uma pequena e fraca parte dela queria impressioná-lo... e ela se odiava por isso.

Mas, para sua surpresa, Ezra parecia relativamente imperturbável com sua confissão. —Achei que você tivesse medo da floresta.

—Eu tenho. Qualquer pessoa com o bom senso com que nasceu, teria —, disse Immanuelle. E embora isso fosse verdade, ela percebeu que o medo não era uma desculpa razoável para não fazer o que precisava ser feito. Era uma ideia estranha, pois Immanuelle nunca foi particularmente corajosa. Mas nos dias que se seguiram ao início da praga de sangue, ela começou a desenvolver seu próprio tipo de coragem. E ela gostava da sensação disso. —Algumas coisas precisam ser feitas, quer me assustem ou não.

Ezra se aproximou, inclinando a cabeça em direção à dela, e ela percebeu que ele estava lutando para lê-la, decifrar a verdade. —O que uma garota como você precisa fazer na floresta das bruxas?

Ela não via sentido em mentir para ele. —Eu quero parar o sangramento, — ela disse simplesmente. —E eu acho que sei como fazer isso.

Immanuelle esperou por sua risada, por seu ridículo, mas ela não veio. — Encontro você no poço ao amanhecer.

Foi a vez dela ficar chocada. —Você não pode vir comigo.

—Eu posso e irei, — disse Ezra, como se o assunto já tivesse sido discutido e decidido. —De jeito nenhum vou deixar você ir para Floresta Sombria sozinha.

—Mas é perigoso para os homens andar na floresta —, disse Immanuelle, lembrando-se das histórias que Martha lhe contara quando criança, para alertá-la sobre a floresta e seus males. Ela frequentemente afirmava que durante os Dias Sombrios, os homens que ousavam entrar na floresta

frequentemente voltavam raivosos, enfeitiçados pela loucura pelo coven da floresta.

Ezra acenou para ela. —Isso é superstição.

Immanuelle já pensara o mesmo, mas isso foi antes de testemunhar as bruxas da floresta. Agora ela sabia que os perigos de Floresta Sombria eram reais e, embora estivesse disposta a arriscar sua própria vida para deter a praga que havia começado, ela não arriscaria a de Ezra também. —É muito perigoso. Acredite em mim. Especialmente porque você é um homem santo, a floresta é hostil para com gente como você.

Ele revirou os olhos. —Essa é uma mentira que os pagãos inventaram nos tempos antigos para impedir que os soldados de Betel cruzassem suas fronteiras.

—Isso não é verdade. Só porque você não viu os horrores de Floresta Sombria em primeira mão, não significa que eles não sejam reais. A floresta é perigosa, e se você quiser viver, deve ficar bem longe dela.

Ezra abriu a boca para responder quando o cavalo deu um relincho alto. A carroça estava tão listada à direita que Immanuelle teria caído de cabeça se Ezra não a tivesse segurado pela cintura.

À frente do cavalo, no meio da estrada, estava um cão de caça. Era uma criatura corpulenta e sarnenta, e rosnava, seus olhos refletindo a luz das lamparinas oscilantes da carroça. Ele bateu nos cascos do cavalo, sua boca escorregadia de sangue e espumando.

Ezra passou as rédeas para Immanuelle. —Segure isso e fique aqui.

—Mas sua mão-

—Estou bem. — Ele se virou para a parte de trás da carroça, onde, de um monte de feno, tirou um rifle comprido.

—Você não vai-

—É raivoso. — Disse ele enquanto pulava do carrinho. Com a arma levantada, ele caminhou em direção ao cão. Ele rosnou com sua abordagem, pressionando-se contra o chão.

O cavalo resistiu e Immanuelle puxou as rédeas com tanta força que as palmas das mãos doeram.

Ezra ergueu o rifle até o ombro.

O cão saltou.

O estalo da bala saindo do cano dividiu a escuridão. O cão cambaleou, tropeçando nas próprias patas e caiu morto no pó.

A bile subiu pela garganta de Immanuelle e ela sufocou o enjoo enquanto Ezra voltava para seu assento, inclinando o rifle contra o banco. Ele pegou as rédeas de suas mãos trêmulas e as estalou duas vezes, impelindo o cavalo a passar pelo cadáver ensanguentado do cão. Nem ele nem Immanuelle disseram uma palavra.

Depois de mais alguns minutos, a carroça fez uma curva e começou a descer a longa e irregular estrada que levava às terras dos Moore. A luz da casa da fazenda apareceu à distância, brilhando através das ondas de grama de trigo.

Ao se aproximarem, Ezra disse: —De manhã, então? Ao amanhecer?

Immanuelle murmurou algo menos que sagrado, mas cedeu, sabendo que era inútil discutir. —Sim, e traga seu rifle. Você pode muito bem precisar.

Ele agarrou as rédeas, parecendo um pouco presunçoso. —Eu vou te encontrar no poço.

Immanuelle assentiu. Então, algo ocorreu a ela. —Por que o Profeta queria esses nomes?

—O que?

—No Refúgio, seu pai pediu que você compilasse todos os nomes das mulheres e meninas em Betel. Por quê?

A resposta de Ezra foi hesitante. —Diz-se que uma maldição só pode sair da boca de uma mulher. Da boca de uma bruxa.

Uma maldição. Lá estava, então. A verdade abertamente. —Isso é o que ele pensa que é?

—Bem, certamente não é uma bênção —, disse Ezra. —O que mais você poderia chamar?

Immanuelle pensou na catedral, no vitral que representava as legiões da Mãe sendo queimadas e mortas. Ela pensou na garota amordaçada, acorrentada às ações do mercado. Ela pensou em multidões zombeteiras e piras em chamas. Ela pensou em Leah deitada de bruços no altar, sangue acumulando nas cavidades de suas orelhas, uma lâmina em sua testa. Ela pensou em meninas casadas com homens com idade suficiente para serem avós delas. Ela pensou em mendigos famintos da periferia agachados na beira da estrada com seus copos de moedas. Ela pensou no olhar do Profeta e na maneira como ele se movia sobre ela, demorando-se onde não deveria.

Immanuelle respondeu à pergunta de Ezra em um sussurro rouco: —Um castigo.

CAPITULO QUINZE

Quando a floresta estiver com fome, alimente-a.
-DOS QUATRO IMPÉRIOS: UM COMPÊNDIO

Na manhã seguinte, Immanuelle acordou antes do nascer do sol e foi até a oficina vazia de Abrão buscar suprimentos. Ela examinou as ferramentas antes de fazer suas seleções: um rolo grosso de corda longo o suficiente para percorrer toda a extensão da casa da fazenda com folga de sobra, um rolo de gaze limpo e a faca de corte mais afiada de Abram. A corda era pesada o suficiente para desequilibrá-la, mas Immanuelle conseguiu jogá-la por cima do ombro ao cruzar os campos em pousio até o cercado fechado onde as ovelhas passavam as noites. Apressadamente, ela as deixou sair para pastar, onde permaneceriam sob o olhar atento do lavrador, Josiah, enquanto ela estivesse na floresta.

Com o rebanho cuidado, Immanuelle dirigiu-se ao poço na extremidade oriental das pastagens, onde esperou a chegada de Ezra. Para passar o tempo, ela folheou as páginas do diário de sua mãe, revisitando os esboços das bruxas em preparação para o que estava prestes a fazer. Se tudo corresse de acordo com o plano, ela localizaria o lago, entraria na água e faria seu sacrifício e, quando emergisse da Floresta Sombria novamente, a praga de sangue teria acabado. Ela apenas rezava para que a luz do dia fosse o suficiente para manter o clã de Lilith à distância.

Vários metros adiante, chegando ao topo de uma colina e cruzando para o pasto, veio Ezra. Ele usava roupa de trabalho e sua mão estava recentemente enfaixada com algumas tiras de gaze branca limpa. Em uma tira de couro pendurada no ombro, seu rifle.

Immanuelle franziu a testa, olhando para o sol. Já havia se erguido acima do horizonte. —Você está atrasado.

As ovelhas se espalharam enquanto Ezra se movia pelo rebanho. Ele parou perto dela. De perto, ele parecia bastante cansado, talvez depois de uma noite examinando o censo. —E você está lendo literatura proibida.

Immanuelle fechou o diário e o enfiou apressadamente na mochila. —Como você sabe que é proibida?

—Você parece culpada. Ninguém parece culpado ao ler um livro que o protocolo permite. — Ele acenou com a cabeça em direção ao rolo de corda ao lado dela. —Para que é isso?

—Pesca —, disse ela, tirando a sujeira de suas saias enquanto se levantava. —Devemos?

Ezra avançou primeiro, vadeando através das ondas de grama alta até a borda da floresta. Ela o seguiu até o mato, odiando-se pela maneira como seu coração se acalmou no momento em que as árvores se fecharam em torno dela. A floresta estava tão bonita como ela nunca tinha visto. A luz do sol filtrada pelas árvores, manchando o caminho estreito que serpenteava pelo matagal da floresta.

Nunca a floresta pareceu tão gentil e viva. Em comparação com Betel - onde tudo estava murcho e morrendo - era uma justaposição completa. Lá, na Floresta Sombria, quase parecia que a praga de sangue era um pesadelo vago e distante. Se não fosse pelos vislumbres do rio vermelho correndo por entre

as árvores, ou pelos sulcos cheios de sangue no caminho, Immanuelle poderia ter acreditado que a praga de sangue havia sido contida apenas para Betel.

Mas a verdade era ainda mais surpreendente. Ao contrário de Betel, que havia sido devastada pelos horrores da peste, a floresta estava prosperando com ela. Como se a floresta estivesse saturada de sangue. As árvores floresciam fora da estação, seus galhos viçosos com um novo crescimento. A moita de espinheiros era tão densa que invadia o caminho, tornando difícil segui-la às vezes. Quase parecia que a floresta estava se expandindo, crescendo além de seus limites designados.

Era disso que se tratava essa praga de sangue? Era alguma manobra das bruxas para assumir o domínio de Betel? Lilith estava tentando reivindicar o que havia sido perdido para ela todos aqueles anos atrás?

Ezra olhou de volta para Immanuelle. —Para alguém que afirma temer a Floresta Sombria, você certamente parece à vontade.

Ele estava certo, pelo menos em parte. Havia algo sobre Floresta Sombria que a fazia sentir como se ela se tornasse mais parecida com ela quando ela entrava, e quando ela a deixava, menos. Mas talvez fosse apenas a malandragem das bruxas. —Você parece bastante tenso para alguém que não parece.

—Se você está pronta para o pior, então não terá nada a temer em primeiro lugar.

—É isso que você espera encontrar aqui? — Immanuelle perguntou, abaixando-se sob o galho de um carvalho. Ela sentiu uma pontada de culpa por todos os segredos que vinha escondendo dele. —O pior?

—Talvez, — ele disse. —Posso não acreditar em bruxas e contos populares, mas sei o suficiente para perceber que poucas coisas boas vêm da Floresta Sombria.

As palavras doeram, e ela levou um momento para perceber o porquê: ela era da Floresta Sombria, pelo menos parcialmente. Era o lugar onde ela havia crescido na barriga da mãe, seu primeiro lar, quisesse ela admitir ou não.

Ezra se virou para olhar para ela. —Você não concorda?

—Eu não sei, — ela disse, se aproximando, reduzindo pela metade a pequena distância que havia entre eles. —Acho que estou inclinada a pensar que coisas boas podem vir de lugares inesperados.

Ezra esticou o braço acima da cabeça, agarrando um galho com a mão boa, apoiando-se um pouco nele. Eles estavam próximos um do outro, próximos demais para serem considerados adequados pelo Protocolo de Betel. Mas eles não estavam mais em Betel, e Floresta Sombria era sem lei.

Foi Ezra quem quebrou o silêncio, um tom áspero em sua voz. —Você é um quebra-cabeça, sabia disso?

Immanuelle ergueu o queixo para olhar para ele por completo. Os lábios de Ezra estavam separados e a luz do sol brincava em seu rosto, pintando sombras ao longo de suas bochechas e queixo. Embora mal houvesse o comprimento de um dedo entre eles, tudo o que Immanuelle queria fazer era se aproximar. Mas ela não se atreveu a se deixar ir. Ela não conseguia. —Foi o que me disseram.

Eles caminharam em silêncio por um tempo depois disso. Immanuelle estava muito consciente do silêncio repentino e da distância cuidadosa entre eles. Parecia que horas haviam se passado quando Ezra finalmente parou e apontou para uma brecha nas árvores. —Estava aqui.

Immanuelle deu um passo à frente dele. Com certeza, ele estava. Lá estava o lago, uma grande ferida sangrenta no meio da floresta. As árvores que o circundavam eram muito mais altas do que Immanuelle se lembrava, e suas raízes alcançavam as profundezas do lago, submersas em sangue, fartando-se

dele. O doce fedor de decomposição era tão enjoativo e espesso que Immanuelle quase engasgou com o cheiro.

Ela se voltou para Ezra, tirou o rolo de corda do ombro e baixou a mochila até o chão. —Feche os olhos e vire-se.

—O que você está-

Immanuelle levantou a barra da saia até os joelhos e olhou para ele por cima do ombro. A canção da floresta tornou-se provocadora. Era no ritmo rápido de seu batimento cardíaco, no assobio do vento, no *baque surdo* das botas de Ezra na terra enquanto ele se aproximava um pouco mais.

—Olhos fechados. — Ela o lembrou.

Desta vez, Ezra obedeceu, fechando os olhos e inclinando o rosto para o topo das árvores. —Por que eu sinto que tudo o que você está fazendo é uma ideia ruim, quebra de credo?

—Eu não sei. — Ela fez uma pausa para tirar as botas. —Talvez porque você seja um herdeiro mau, violador de crenças, que tem um gosto por tais ideias.

Ela não estava olhando para ele, mas ela podia ouvir o sorriso em sua voz quando ele respondeu. —Você acha que eu sou um herdeiro ruim?

—Eu acho que você é desonesto. — Ela tirou o vestido, o tecido caindo em seus tornozelos. Ela o dobrou rapidamente e recuperou a corda, amarrando-a na cintura. Quando estava seguro, ela caminhou até Ezra e colocou a folga em sua mão boa. —Segure isso e não solte.

Ezra se virou para encará-la totalmente, e seus olhos brilharam enquanto ele traçava a corda de sua mão até a cintura dela. A corda de Immanuelle de repente pareceu tão fina quanto a névoa da manhã. —Eu disse para você fechar os olhos.

O olhar de Ezra foi dela para a água, depois voltou novamente. Ela poderia jurar que ele parecia quase... confuso. —Você não vai-

—Eu tenho que. A praga de sangue não acabará se eu não o fizer.

—Isso é ridículo, — disse Ezra, balançando a cabeça. Ele havia agradado suas travessuras até agora, mas estava claro que sua paciência havia se esgotado. —Se você está decidida a fazer alguém entrar naquela lagoa, que seja eu. Você segura a corda.

Immanuelle balançou a cabeça. —Tem que ser eu.

—Por quê? — Ele exigiu, exasperado. Com raiva, até. —O que este lago tem a ver com o fim da praga de sangue? Eu não entendo.

—Não tenho tempo para explicar isso a você e, mesmo que tivesse, não tenho certeza se você acreditaria em mim. Mas isso não importa agora. Você está aqui porque escolheu estar, então pode me ajudar ou pode ir embora. Eu apenas peço que tudo o que você escolher fazer, você o faça rapidamente e com discrição. Eu mantive seus segredos, então você mantenha os meus.

Ezra apertou sua mandíbula, em conflito. —Esta é uma missão tola.

—Segure a corda — disse ela, abaixando-se para tirar a faca de Abram de sua mochila. —Se você fizer isso, não há nada com que se preocupar.

—Mas a água está contaminada.

—Bem, eu não vou beber, vou? Vou fazer como um peixe e nadar. Você tem a corda. Se algo der errado - estou atrasada demais ou começar a lutar - me puxe de volta. Sem danos causados.

A mão de Ezra apertou a folga. —Bem. Mas no instante em que algo dá errado - você apenas respinga muito forte - e eu o puxo de volta para a costa.

—Justo.

Com a faca na mão, Immanuelle começou a descer a costa. A lama fria e negra como sangue escorria entre os dedos dos pés e sugava seus pés, a

salmoura fazendo suas bolhas arderem. Engolindo uma onda de náusea, ela se arrastou até os tornozelos, joelhos, cintura, encolhendo-se quando a lama fria e sangrenta lambeu sua barriga e vazou pela calcinha. Parando para se preparar, ela continuou andando, vadeando através do sangue. Quando seu lábio inferior mal estava acima da água, ela fechou os olhos com força e sussurrou sua prece para Floresta Sombria.

—Não vou te dizer meu nome, porque você já sabe. Já ouvi você me chamar antes. — Ela fez uma pausa, ficando na ponta dos pés, esforçando-se para manter a cabeça acima da superfície. —Estou aqui em nome de Betel, para implorar... não, para *implorar* pelo fim das pragas que foram geradas aqui semanas atrás. Aceite este sacrifício. Por favor.

E com isso, ela ergueu a faca até o antebraço e fez um corte profundo.

À medida que seu sangue se misturava com o do lago, um forte vento soprou pela floresta, tão forte que dobrou as mudas de pinheiro. Ondas largas irradiavam do centro do lago, como se alguém tivesse jogado uma pedra em suas profundezas. As ondas quebraram contra a margem do lago em rápida sucessão, e Immanuelle teve que enraizar os pés na lama para não ser arrastada.

Ezra deu dois puxões fortes na corda e ela se virou para olhá-lo por cima do ombro. Ele puxou a corda novamente, desta vez com mais força, gritou o nome dela acima do vento forte. Mas antes que Immanuelle tivesse a chance de responder, uma mão fria envolveu seu tornozelo e a puxou para baixo.

CAPÍTULO DEZESSEIS

A mulher é uma criatura astuta. Feita à semelhança de sua Mãe, ela é ao mesmo tempo a criadora e a destruidora. Ela é gentil até ser cruel, mansa até ser impiedosa.

-DOS PRIMEIROS ESCRITOS DE DAVID FORD

A Bruxa da Água flutuava na sombra das profundezas. Ela disparou em torno de Immanuelle, rápida como um peixinho, enquanto se debatia e lutava, tentando não se afogar. A bruxa inclinou a cabeça para o lado e se aproximou, então elas estavam quase nariz com nariz. Sua expressão se torceu em uma carranca, os lábios se separaram e, quando ela gemeu, o sangue começou a borbulhar e grandes formas pretas surgiram das sombras das profundezas.

Immanuelle se debateu, tão assustada que quase respirou fundo e engasgou. As formas eram figuras, mulheres e meninas. Algumas eram da idade de Honor, algumas ainda mais jovens. À medida que se aproximavam, Immanuelle pôde ver que todas estavam gravemente feridas de uma forma ou de outra, pouco mais do que cadáveres apanhados nas garras da corrente. A garganta de uma mulher estava aberta. Outra usava um laço em volta do pescoço. O rosto de uma terceira estava tão machucado e inchado que ela mal parecia humana. Uma quarta aninhava a cabeça decepada contra o peito, como se fosse um bebê. Mais e mais almas surgiram das sombras das profundezas até que os mortos estivessem perto de uma legião.

Do escuro veio um berro, como o sino de uma catedral badalando nas profundezas. Ao som, os cadáveres ganharam vida e flutuaram de volta para a escuridão.

Então, da escuridão e da sombra, um novo rosto apareceu.

O profeta?

Não, ele não.

Esse era um rosto que Immanuelle reconheceu da estátua na praça do mercado, dos retratos pendurados nas paredes da Catedral do Profeta e do Refúgio.

Ele foi o primeiro profeta. O Assassino de Bruxas, David Ford.

Os lábios de Ford se esticaram em um sorriso horrível, sua boca escancarada como se ele quisesse engoli-la inteira. Ele respirou fundo e um grito solitário ecoou pela lagoa.

E então, do preto, houve fogo.

As chamas invadiram a água e devoraram as mulheres. Seus gritos tornaram-se um coro, misturados com a risada profunda e estridente de David Ford. As mulheres choraram e se debateram, algumas implorando por suas mães, outras por misericórdia. Mas as chamas não diminuíram.

Immanuelle se esticou para frente, alcançando suas mãos, desesperada para ajudá-las, mas a corda ao redor dela se sacudiu, o nó mordendo sua barriga. Ela lutou, avançando com as garras, em direção às mulheres e meninas, enquanto o fogo crescia.

Outro puxão na corda a deixou sem fôlego. Ela engasgou, e o sangue correu para encher sua boca. Nas profundezas negras da lagoa, ela ainda podia ouvir Delilah gritando.

Immanuelle não se lembrava de quebrar a superfície da água ou de ser puxada para a margem do lago. Um momento ela estava nas profundezas sangrentas; no próximo ela estava deitada de costas, olhando para as copas das árvores. Ela se sentou - rolando de joelhos - e vomitou. Sangue e bile respingaram na costa. Não foi até a segunda onda de enjoo diminuir que ela levantou a cabeça e apertou os olhos através das sombras do crepúsculo. Ela podia jurar que passava do meio-dia quando Delilah a arrastou para baixo. Por quanto tempo ela flutuou nas profundezas?

As conjurações do lago voltaram à sua mente: as figuras, os apelos e gritos, o fogo. Essas mulheres e meninas não eram todas bruxas - algumas eram muito jovens para praticar qualquer fé. Elas foram vítimas, inocentes massacradas por gente como David Ford sob o pretexto de uma purificação sagrada. Ele as matou a sangue frio. As Sagradas Escrituras sempre fizeram com que esses conflitos parecessem batalhas e guerras, mas na verdade, foi apenas um massacre.

Era uma verdade horrível, mas uma Immanuelle foi forçada a empurrar para o fundo de sua mente. Ela precisava se concentrar nas maldições e nas bruxas e voltar para Betel e... Ezra.

Ezra.

Ela levantou a cabeça para procurá-lo, os joelhos dobrando-se sob ela enquanto ela ficava de pé. Mas ele não estava na margem onde ela o vira pela última vez. E a corda em volta de sua cintura estava frouxa.

Immanuelle cambaleou para a frente, chamando por ele, mas ele não respondeu.

Então, ao escalar a margem, ela o viu caído nos juncos. Ela correu para ele, tropeçando na costa e caiu para o lado dele. Ezra estava inerte, com os

olhos bem abertos, as pupilas tão inchadas que quase devoravam suas íris. Seu nariz e boca estavam manchados de sangue, mas ela não sabia dizer se era do lago ou dele. O corte em sua mão machucada sangrava muito, as bandagens se rasgaram e os pontos se abriram pela fricção da corda, que ele ainda segurava com força. E seus membros... eles estavam presos ao chão da floresta, presos por um emaranhado de espinhos e raízes de árvores.

A poucos metros de onde ele estava, estava seu rifle, inútil entre os juncos, o cano de metal retorcido em um nó, como se não fosse nada mais do que um pedaço de arame.

Immanuelle lutou para arrancar as plantas - ensanguentando as mãos enquanto arrancava os arbustos - mas o controle da floresta sobre Ezra se manteve firme e, por mais que tentasse, não conseguiu libertá-lo. Desesperada, ela ergueu a faca de Abrão e começou a cortar o emaranhado de espinhos e raízes de árvores, cortando cuidadosamente seus braços.

Ezra estendeu a mão para ela, sua mão pairando no ar entre eles. Ele olhou para ela com uma espécie de espanto atordoado, mas seus olhos estavam vazios e completamente fora de foco, como se ele estivesse vendo algo mais do que apenas ela. Mas quanto mais ele olhava para ela, mais sua expressão mudava - espanto se transformando em confusão, confusão em pavor e pavor em completo horror.

Algo mudou na floresta.

O ar ficou frio. O lago começou a borbulhar, pequenas ondas batendo contra suas margens sangrentas. Acima, um banco de nuvens escuras se agitou e ventos de tempestade assobiaram através das copas das árvores. Alguns corvos voaram para o céu, fugindo para o leste, e o vento começou a rugir, soprando por entre as árvores com tanta força que as dobrou ao dobro.

Immanuelle continuou cortando as vinhas com a faca de Abrão, trabalhando o mais rápido que podia. Ela ensanguentou as próprias mãos rasgando as amoreiras ao redor de seus tornozelos. —Você vai ficar bem. Eu vou libertar você. Espere um pouco mais; você está quase... Ezra?

Ele olhou para ela como se ela fosse uma estranha... não, pior do que uma estranha, uma inimiga. Ele parou de lutar contra as vinhas e galhos que o prendiam ao chão da floresta e começou a lutar contra ela, atacando e gritando, exigindo que ela ficasse longe.

Mas Immanuelle se recusou a ceder. Ela continuou cortando os galhos, trabalhando para libertá-lo do aperto do Floresta Sombria, mesmo enquanto ele se debatia e lutava como se o toque dela o estivesse queimando. E quando Immanuelle cortou a última das raízes que prendiam suas pernas ao chão, Ezra atacou, prendendo a mão em sua garganta com tanta rapidez que ela não teve chance de gritar.

Seus dedos - lisos com sangue - penetraram profundamente nas cavidades de cada lado de sua garganta, selando-a. Immanuelle tentou arrancar seus dedos, agarrando suas mãos, seus braços, sua camisa. Mas não adiantou. O aperto de Ezra era implacável, e seu domínio sobre ela só aumentou. Sua audição foi a primeira, e sua visão começou a ir atrás, o preto aparecendo em sua periferia. Ela percebeu então que estava prestes a morrer, ali na floresta, nas mãos de um menino que ela teria chamado de amigo.

Em um último ato de desespero, Immanuelle ergueu a faca de Abrão, forçou-a contra o peito de Ezra e a ponta da lâmina atingiu a cavidade entre suas clavículas. Por um momento eles ficaram sentados ali, congelados no lugar - Ezra com uma mão em volta da garganta de Immanuelle e Immanuelle com uma lâmina na sua.

Assim que ela começou a perder a consciência, os olhos de Ezra entraram em foco. Houve um lampejo de reconhecimento, depois horror.

Ele a deixou.

Immanuelle chutou para longe dele, ofegando por ar, e ergueu a lâmina entre eles, pronta para usá-la caso ele a alcançasse novamente.

Mas antes que Ezra tivesse a chance de fazer algo mais do que murmurar o nome dela, seus membros se contorceram em uma série de convulsões. Ele se debateu, a cabeça girando no eixo, as costas arqueadas com tanta força que Immanuelle temeu que sua coluna se partisse em duas. Mas de alguma forma, apesar dos estertores dessas horríveis convulsões, Ezra estava... falando, cuspir orações e catecismos, salmos e provérbios, e estranhas Escrituras que Immanuelle nunca tinha ouvido antes. Foi então, e só então, que ela percebeu o que estava testemunhando - uma visão, a primeira de Ezra.

Os ventos de tempestade varreram a floresta. Pinheiros curvaram-se profundamente e as copas das árvores se agitaram. Immanuelle pesou suas opções enquanto se atrapalhava com o vestido. Seu primeiro pensamento foi egoísta: evite o risco de um segundo ataque e deixe Ezra lá na floresta. Deixe-o encontrar sua própria saída. Mas quando ela se levantou para sair, sua própria culpa levou a melhor sobre ela. Ela se virou para Ezra, que estava imóvel na terra, o pior de sua visão agora passado.

Ou eles deixavam a floresta juntos, ou não saíram.

Então ela sentou Ezra, abaixou-se debaixo do braço dele e ficou de pé, sem pouca dificuldade, cerrando os dentes enquanto empurrava os dois de pé e cambaleava em direção às árvores. Immanuelle tentou gritar por ajuda acima do vento forte, rezando para que algum caçador ou ajudante de campo prestasse atenção neles, mas seus pedidos de ajuda se perderam no tumulto da

tempestade. Ainda assim, ela continuou, lutando por cada passo, os pulmões queimando com o esforço.

A borda do Floresta Sombria parecia recuar três passos mais longe para cada dois que ela dava, então Immanuelle se moveu mais rápido, mesmo enquanto as sombras se erguiam ao redor dela como água. À distância, ela podia apenas distinguir a linha brilhante da borda da floresta, onde a luz do sol se derramava por entre as árvores. Mas por mais estranho e distorcido que fosse - apesar de seu terror e desespero, apesar do estado terrível de Ezra - ainda havia uma parte miserável dela que queria desesperadamente ficar.

Mas Immanuelle não seria tentada tão facilmente.

Não agora, quando o destino de Ezra dependia do que ela fizesse a seguir.

Ela se forçou a seguir em frente, lutando por cada passo em direção à luz do sol. E então, com uma estocada final, ela limpou a floresta e se ajoelhou na ponta da linha das árvores. Ezra desceu com ela, e eles bateram no chão juntos com um *baque surdo*.

Immanuelle ajoelhou-se nas mãos e nos joelhos, rolando Ezra de costas, afastando o cabelo de seus olhos. Ela pressionou a mão em seu peito, mas não conseguia sentir os batimentos cardíacos.

Do outro lado das pastagens distantes, o lavrador, Josiah, disparou em direção a eles em disparada, dispersando o rebanho ao se aproximar. Immanuelle aninhou a cabeça de Ezra entre as mãos, limpou a sujeira de suas bochechas e implorou que ele voltasse para ela.

Mas ele não respondeu. Ele não se mexeu.

CAPÍTULO DEZESSETE

O Pai derramará Seu espírito na carne de Seu servo; e o rebanho o chamará de Profeta, pois ele verá as maravilhas dos céus e falará na língua dos anjos. Os segredos da terra e do sangue serão revelados a ele e ele conhecerá a voz de seu pai.

— AS ESCRITURAS SAGRADAS

Houve nove dias antes de Immanuelle ouvir qualquer notícia de Ezra. Depois que Josiah cavalgou até Amas em busca de ajuda, ele voltou com o que parecia ser metade da Guarda do Profeta a cavalo. Immanuelle ainda estava no pasto com Ezra, a cabeça aninhada no colo dela, Anna ajoelhada ao lado deles, enxugando a testa com um pano úmido em uma tentativa vã de aliviar o tormento de sua visão. Glory estava chorando a alguns metros de distância, ondas de grama morta balançando em sua cintura. À distância, a Guarda do Profeta se espalhou pelas colinas onduladas do pasto.

O resto aconteceu muito rapidamente. Pelo menos foi o que pareceu a Immanuelle.

Em um momento, a cabeça de Ezra estava aninhada em seu colo, sua mão agarrando a dela enquanto ele lutava contra seu segundo ataque. No próximo, ele se foi, arrebatado por alguns membros sem rosto da Guarda do Profeta. Alguns dos guardas ficaram para interrogar Immanuelle, lá no pasto. Por sua vez, ela havia fornecido a eles algumas mentiras e meias-verdades. Apenas o suficiente para acabar com suas suspeitas sem se incriminar ou revelar o verdadeiro horror do que realmente aconteceu em Floresta Sombria naquele dia.

Immanuelle só podia esperar que, se Ezra acordasse - não, *quando* Ezra acordasse, ele não exporia suas mentiras. Mas ela não o teria culpado se o fizesse. Não depois de tudo o que ele suportou na Floresta Sombria.

Quando a notícia da condição de Ezra finalmente chegou, veio na forma de um édito sagrado entregue em mãos por um dos mensageiros pessoais do Profeta. Enquanto a carta foi endereçada a Abrão, ele deu a Immanuelle a honra de quebrar o selo e ler o edital. Suas mãos tremiam violentamente enquanto ela rasgava o selo de cera em dois. A carta dizia o seguinte:

Com a maior alegria, compartilhamos a notícia de que Ezra Chambers recebeu sua Primeira Visão. Após oito dias morando com o Pai através do Dom da Visão, ele recuperou a consciência e agora está se recuperando no Refúgio, em preparação para o próximo sábado. Viva Ezra Chambers, herdeiro da Sagrada Profecia, e que o Pai abençoe seu predecessor, Grant Chambers, em seus últimos dias.

Na luz sozinho,

A Santa Assembleia dos Apóstolos do Profeta

Houve uma estripação no sábado seguinte para comemorar a Primeira Visão de Ezra. Os Moores acordaram cedo, vestidos com suas melhores roupas, tendo o cuidado de passar os vincos de suas saias e engraxar os sapatos em homenagem à ocasião especial. Eles partiram ao amanhecer e chegaram antes que o sol clareasse as copas das árvores.

A catedral estava tão lotada quanto Immanuelle jamais a vira. A poucos passos do cemitério, o rio corria livremente. A maior parte do sangue coagulado nas rochas havia sido lavado e a água tinha adquirido um tom enferrujado. A mancha da praga de sangue finalmente acabou. Muitos declararam que foi um milagre - o primeiro de Ezra.

Immanuelle examinou a multidão no cemitério, em busca de Leah. Mas ela notou que sua amiga não estava entre as noivas do Profeta que estavam severamente postas na soleira da catedral, todas elas vestidas com vestidos pretos idênticos. Algumas seguravam lenços úmidos contra os olhos inchados, lamentando abertamente o que tinham a perder - um marido, um pai, um líder. O Profeta não demoraria muito neste mundo agora que Ezra havia subido ao poder. Se os rumores de sua doença fossem verdadeiros, ele não viveria para ver o Ano Novo.

Ao som do sino, Immanuelle cruzou o cemitério e subiu as escadas da catedral. Ela se acomodou em um banco que ficava a poucos metros do altar.

Estava quente com todos amontoados nos bancos, ombro a ombro. O ar estava pesado com o cheiro de suor e incenso queimando.

As portas da catedral se fecharam. Os apóstolos moviam-se ao longo das paredes, fechando as janelas à medida que avançavam. O Profeta veio atrás deles, vestido com túnicas formais, seus pés descalços arrastando-se pelo chão. Ele mancava acentuadamente e parecia que lutava mais e mais a cada passo. Várias vezes ele teve que se apoiar em um banco para não cair. Enquanto ele cambaleava mais perto, Immanuelle podia ouvir sua respiração difícil, um chiado profundo que sacudia no fundo de seus pulmões. Estava claro que qualquer doença que o atormentasse - fosse gota, febre ou alguma doença sem nome - estava piorando rapidamente.

Ezra entrou atrás do pai, diminuindo os passos para não passar por ele. Eles subiram ao altar juntos e ficaram, ombro a ombro, de frente para o rebanho. Houve alguns aplausos, mas o Profeta ordenou silêncio com a mão levantada.

As portas da catedral se abriram novamente. O som de cascos em pedra ecoou pela catedral quando o apóstolo Isaac trouxe o sacrifício. Era um

pequeno bezerro, os botões de seus chifres perfurando sua pele, seus grandes olhos castanhos e parecidos com uma corça.

Honor agarrou um punhado das saias de Immanuelle. Ela nunca tinha aceitado bem as matanças.

—Está tudo bem. — Sussurrou Immanuelle, passando os dedos pelos cabelos.

O apóstolo Isaac puxou o bezerro para o altar. Ele escorregou um pouco na escada de pedra manchada, os cascos escorregando por baixo dele, as pernas se inclinando ao encontrar o equilíbrio. Isaac desceu a mão pela lateral do corpo, recolhendo as pernas para que fosse forçado a ficar deitado com o estômago pressionado contra a ardósia fria do altar. O bezerro obedeceu sem luta, muito jovem e muito denso para sentir o cheiro da morte no ar.

O Profeta avançou com Ezra ao seu lado, os pés descalços raspando no chão. Ele ergueu a lâmina bem acima de sua cabeça. —Para Ezra.

O rebanho respondeu como um só. *– Que reine por muito tempo!*

Algumas horas após o serviço de sábado e o massacre, Immanuelle deixou sua família e pegou a carruagem da noiva de volta para o Refúgio com Leah. Todos os olhos estavam em Immanuelle quando ela entrou na galeria. Apesar de seus temores iniciais, Ezra, o Pai o abençoe, não a traiu para a Igreja. Muito pelo contrário, na verdade. Qualquer mentira que ele havia construído para explicar a presença deles na Floresta Sombria naquele dia a havia colocado como a heroína. E agora parecia que todos queriam saber a história da infeliz pastorinha que salvou o sucessor do Profeta das garras da Floresta Sombria. Mas Immanuelle estava cansada de histórias e mentiras. E ela fez tudo que podia para evitar olhares errantes enquanto se acomodava em

seu lugar na mesa de banquete e pegava sua comida. Ela tentou acompanhar a conversa, mas quando a discussão se voltou para os trabalhosos esforços do parto, sua atenção diminuiu e seu olhar vagou pela galeria.

A galeria estava imaculada. As mesas estavam decoradas com coroas de rosas, recém-cortadas e colhidas no conservatório do Profeta. Castiçais tão altos quanto Abrão ficavam em intervalos ao longo das paredes, sua luz aquecendo os rostos dos convidados, que estavam sentados conversando sobre pratos cheios de assado e batata. Com o fim da praga de sangue e revogada a ordem de ração, o vinho e a água correram em abundância.

Na frente da galeria havia uma longa mesa de carvalho onde o Profeta estava sentado. À sua esquerda estava Esther com um vestido lilás claro, e à sua direita, Ezra, os olhos vidrados e injetados de sangue.

O Profeta se inclinou para frente em seu assento, cortando um pedaço de carne da cabra assada na travessa à sua frente. Enquanto ele passava a lâmina entre os ossos, seu olhar se moveu pela congregação e encontrou o caminho para Immanuelle. Seus olhos se encontraram, e o Profeta largou sua faca e, com algum esforço, ergueu sua taça para brindá-la, um movimento que alguns de seus convidados refletiram.

Tudo o que Immanuelle conseguiu em resposta ao gesto foi um breve aceno de cabeça. Ela fixou os olhos no prato, tentando engolir o vômito que fervia no fundo de sua garganta sempre que o olhar do Profeta pousava sobre ela.

E ultimamente, isso tinha acontecido com frequência.

Leah colocou a mão em seu ombro. —Você está bem?

—Tudo bem —, disse Immanuelle, passando o garfo por uma poça de molho. —Por que você pergunta?

—Porque você parece pálida e assustada, como se tivesse visto o rosto da Mãe das Trevas em pessoa. Você está doente? — Leah exigiu.

—Não.

—Cansada, então?

Immanuelle assentiu. Claro que ela estava. Ela estava exausta e irritada, cansada de contar as mesmas histórias repetidamente, responder às mesmas perguntas e entreter as mesmas pessoas que, em circunstâncias normais, não gostariam de ter nada a ver com ela. Ela não queria nada mais do que voltar para casa e se retirar para a cama. Ela não conseguia se lembrar da última vez que se sentiu tão terrivelmente deslocada.

Normalmente, Immanuelle nunca teria comparecido a uma celebração tão estimada em primeiro lugar, mas por causa do fato de ter sido ela quem "resgatou" Ezra, o Profeta lhe ofereceu um convite formal para a festa de celebração. Ela deveria ter ficado animada, mas tudo o que conseguiu reunir em resposta ao convite foi um pavor profundo e terrível. Ela nunca tinha sido boa com eventos sociais, e eles sempre eram mais difíceis de suportar sem sua família ao seu lado. Ela tentou todas as desculpas que conseguiu pensar para evitar a ocasião, mas Martha se manteve firme, forçando-a a aceitar o convite para não insultar a Igreja. Então, lá ela se sentou. —Eu sinto muito. Não sou eu mesma hoje.

Leah esfregou o braço com simpatia. —Está tudo bem. Patience estava apenas perguntando se você nos contaria a história novamente.

Uma garota franzina e bonita, que Immanuelle presumiu ser Patience, sorriu timidamente da mesa. Immanuelle poderia dizer que ela era uma noiva nova pelo selo lascado entre as sobrancelhas. Se seu vestido fino e ar equilibrado fossem alguma indicação, ela se casou bem.

Immanuelle tomou um gole de vinho quente para ganhar tempo, a bebida tão quente que picou sua língua. Em menos palavras, ela contou a mesma mentira que contara aos apóstolos: —Eu estava nas pastagens e encontrei Ezra na orla da floresta. Tentei acordá-lo, mas ele não se mexeu, então pedi ajuda... e a ajuda veio.

Hope soltou um longo suspiro, seus ombros caindo. —Parece o início de uma história de amor.

—Não seja ridícula, — disse Patience, revirando os olhos. —Ezra Chambers tem coisas muito mais importantes a fazer do que brincar na Floresta Sombria com... — Seus olhos traçaram Immanuelle, observando seus cachos, sua pele escura, seus lábios carnudos. —alguma garota da periferia.

Immanuelle se encolheu. Havia verdade nessas palavras duras. Qualquer que fosse o parentesco que ela e Ezra uma vez tiveram, provavelmente morreu no dia de sua Primeira Visão. Havia certos códigos de conduta em Betel que impediam as pessoas da periferia de se aventurarem no interior, e mesmo que não fossem escritos ou falados, ela sabia que deveria obedecê-los.

—Além disso, — Patience divagou. —entre o novo título de Ezra e o que aconteceu com Judith, acho que nosso herdeiro manterá distância.

À menção do nome de Judith, a mesa ficou em silêncio. Leah olhou fixamente para sua taça, aparentemente apaixonada pelas profundezas de seu vinho, e as garotas mais jovens que estavam rindo na beira da mesa agora estavam paradas.

—O que aconteceu com Judith? — Immanuelle tentou manter a voz leve e uniforme, mas seu coração batia mais rápido ao se lembrar daquele dia no Refúgio, quando o homem estranho no avental manchado apareceu no final do corredor para escoltar Judith até o Profeta.

Ninguém respondeu. Todas pareciam preocupadas em mexer na comida ou bebericar vinho.

Por fim, Lea disse: —Na noite após a visão de Ezra, Judith foi tirada da enfermaria de confinamento e enviada à contrição.

Contrição. Era uma punição reservada aos mais grosseiros infratores do Santo Protocolo do Padre. Ninguém sabia exatamente o que significava arrependimento - além de excomunhão ou detenção imediata. Alguns alegaram que consistia em jejuns forçados para matar o pecado de fome e limpar a alma. Outros contavam histórias de longas prisões nas masmorras do Refúgio, onde aqueles que pagavam penitência eram submetidos a espancamentos violentos para exorcizar demônios e pecados do corpo. Mas uma coisa era certa: todos os que foram enviados a contrição voltaram... diferentes. Era o ato final de santificação, se a alma em questão fosse forte o suficiente para ver isso.

Immanuelle sentiu-se subitamente enjoada, como se corresse o risco de trazer à tona cada bocado de assado que se obrigou a engolir. Ela mal conseguia pronunciar as palavras. —Qual foi o pecado de Judith?

—Eles não vão dizer. — Patience levou a taça aos lábios e acrescentou: — Mas se a prostituição dela teve alguma coisa a ver com isso, suponho que ela ficará presa por algum tempo.

As sobrancelhas de Leah uniram-se. —Você não deveria dizer coisas tão terríveis.

—Por que não deveria? É a verdade. — O olhar da garota voltou para Immanuelle. —Uma com o qual ouso dizer que alguns de nós podemos aprender.

Immanuelle ficou tensa. Com uma pontada, ela olhou através da galeria para a mesa do Profeta. Ao lado do pai, Ezra estava sentado afundado na

cadeira, engolindo os últimos restos de vinho. Ele fez uma pausa para limpar a boca com as costas da mão, agarrou a garrafa, encheu sua taça até a borda e bebeu como se estivesse tentando se afogar.

Immanuelle se perguntou se ele se sentia responsável pela punição de Judith, se foi o encontro amoroso que resultou em sua detenção. Nesse caso, Immanuelle temia por ela. Ela e Judith estavam longe de serem amigas, mas se os horrores da sagrada contrição eram tudo o que Immanuelle acreditava que eram, então ela não podia evitar ter pena dela. E com essa pena veio uma espécie de raiva, não por Judith ou Ezra, mas pelo sistema que responsabilizava um por seus pecados enquanto o outro era elogiado.

O olhar de Ezra mudou e ele encontrou os olhos de Immanuelle pela primeira vez naquele dia. Quando ela sorriu, ele desviou o olhar e se afastou da mesa tão abruptamente que os talheres chacoalharam. Sem uma palavra de despedida, ele cambaleou pela galeria até as portas na extremidade oposta. Os olhares dos convidados o seguiram, mas ninguém o perseguiu. Ester tentou, mas o Profeta colocou uma mão firme em seu pulso, prendendo-o na mesa. Atrás deles, a Guarda do Profeta permanecia taciturna, esperando por uma ordem.

Sem perder o ritmo, o Profeta se afastou da cadeira e se levantou. Ele ordenou que o quarteto tocasse um hino animado e, com um lampejo de mão, convocou um novo barril de hidromel das cozinhas do Refúgio. Os servos correram de mesa em mesa, enchendo canecas e taças até a borda. Em questão de momentos, a partida de Ezra foi praticamente esquecida.

Immanuelle se afastou da mesa, os pés da cadeira raspando no chão.

—Onde você vai? — Leah perguntou. —Ainda nem comemos sobremesa! Eu tenho autoridade para dizer que os chefs estão servindo uma torta de maçã com creme de leite.

—Não tenho estômago para doces hoje —, disse Immanuelle, olhando através da multidão para as portas pelas quais Ezra havia desaparecido. —Acho que vou tomar um pouco de ar.

Leah olhou para ela, olhos estreitos. Então ela se afastou da mesa e agarrou a mão de Immanuelle, fechando seus dedos. —Eu irei com você.

Assim que elas saíram, cortando os corredores entre as mesas, e saíram para o corredor, Leah se virou para ela. —Você está indo atrás de Ezra, não é?

—O que te faz pensar isso?

—Ele está lançando olhares furtivos para você sempre que você está de costas, e você está fazendo o mesmo com ele. Vocês dois não conseguem tirar os olhos um do outro.

Immanuelle corou, mas não diminuiu o ritmo. —Não é desse jeito.

—Então o que você não está me dizendo? Você não confia em mim?

—Eu confio em você. Só não quero arrastar você para problemas desnecessários.

—Problema? — Leah a pegou pelo braço quando um servo passou, carregando uma bandeja com tortas de maçã. Ela baixou a voz para um sussurro. —O que você quer dizer com problemas? Aconteceu alguma coisa na floresta naquele dia? Ezra fez algo com você?

—Claro que não! Ezra nunca faria.

Mas mesmo enquanto falava, Immanuelle sabia que não importava se Ezra tinha feito alguma coisa. O verdadeiro perigo era estar perto dele, sob os olhos vigilantes de Betel. Judith foi um excelente exemplo disso. E Immanuelle tinha vergonha de admitir, mas estava egoisticamente aliviada por Judith quem agora estava pagando o preço em contrição, pois poderia facilmente ter sido ela.

—Se não é Ezra, então o que foi? O que é tudo isso? — Leah exigiu, apontando para ela com um passe de sua mão. —Você está horrível, Immanuelle - toda frágil e quieta. Não é como você. Isso tem algo a ver com aquelas mulheres que você viu na noite em que foi para Floresta Sombria?

Immanuelle não queria mentir para ela, mas sabia que, à luz das coisas, mentir era melhor do que a verdade. —Não.

Leah a estudou por um momento, tentando decidir no que ela queria acreditar. Immanuelle se preparou para mais perguntas, mas elas não vieram. Com um sorriso, Leah enganchou um braço no dela. —Boa. Eu estava com um pouco de medo de que Ezra tivesse transformado você em uma meretriz afetada. — Immanuelle deu uma cotovelada nas costelas dela e Leah riu. —Claro, eu não culparia você se ele tivesse. Apesar de todos os seus presentes sagrados, ele tem olhos de demônio - e língua de um também. Eu não confio nele nem um pouco.

—Ele não é tão ruim quanto parece —, disse Immanuelle. —Agora, fique quieta. Esses corredores carregam ecos, e ele pode ouvir você.

—Bem, ele não vai ouvir nada que ele já não saiba. Tenho certeza de que aquele menino está tramando desde o dia em que nos conhecemos na beira do rio. Eu vi a maneira como ele olhou para você.

—Leah!

Leah sorriu para Immanuelle, balançando as sobrancelhas sugestivamente, e as duas caíram na risada. Quando chegaram à biblioteca, estavam rindo e cambaleando, tropeçando nos próprios sapatos, trocando piadas e histórias.

—Prudence tentou tingir o cabelo de vermelho com suco de beterraba —, disse Leah entre risos. —E seus cachos ficaram tão azuis quanto as pétalas de uma centáurea. Todo esse esforço para chamar a atenção do *Joab Sidney*? Quer

dizer, o homem é velho. Se você me perguntar, ele está a dois passos do túmulo.

—Você é um miserável.

— *Somos* miseráveis. É por isso que somos um ajuste perfeito. Sempre foi.

—E será. — Disse Immanuelle, começando pelo corredor em direção à biblioteca, mas antes que ela pudesse dar mais alguns passos, Leah a arrastou de volta.

—Tenho uma coisa para te contar. — Disse ela, repentinamente séria.

—O que é?

Leah hesitou. —Prometa-me que manterá isso para si mesma. Não importa como você se sinta, não importa o quão brava isso a deixe.

—Prometo que não vou contar a ninguém —, disse Immanuelle. —Você tem minha palavra.

—Tudo bem —, disse Leah, e seu queixo tremeu um pouco. —Me dê sua mão.

Immanuelle obedeceu sem questionar, e Leah guiou sua mão pelas camadas de seu vestido, até que Immanuelle pudesse sentir o formato de sua barriga, que estava inchada em um inchaço pronunciado.

—Você está... você não está... você *não pode* estar...?

—Grávida.

A boca de Immanuelle se abriu. —Quantos meses?

As sobrancelhas de Leah uniram-se como sempre faziam quando ela estava decidindo se queria ou não mentir. Por fim, ela sussurrou: — Seis. Algumas semanas mais ou menos.

Immanuelle ficou muito quieta e muito quieta.

— Diga alguma coisa — Leah implorou, em uma voz tão suave e tão jovem que nem parecia a dela. —Diga qualquer coisa. Grite comigo se for preciso. Eu prefiro isso ao seu silêncio.

—É dele?

—Claro que é dele. — Ela retrucou, com uma aspereza que não era dela.

—Mas como isso é possível? Você mal se casou há um mês.

Leah olhou para seus pés, envergonhada. —Fomos prometidos logo depois.

—Logo depois do *quê*?

Leah franziu a testa, e ela não sabia dizer se era raiva o que lia em seus olhos ou dor. —Ele veio até mim uma noite, antes do meu corte, enquanto eu estava fazendo penitência.

Penitência. Claro.

Muitas meninas em Betel eram convidadas a servir na Igreja como servas das esposas do Profeta ou de outros habitantes do Refúgio. Como bastarda de nascimento, Immanuelle nunca foi alistada, mas Leah serviu com frequência nos anos anteriores ao noivado. Perto do final de seu serviço, parecia que ela passava mais noites no Refúgio do que em sua própria casa. Agora Immanuelle sabia por quê. —Quando isso começou?

Leah parecia doente de vergonha. —Algumas semanas antes do meu primeiro sangue.

—Então você tinha apenas treze anos? — Immanuelle sussurrou, e foi tão horrível que, mesmo enquanto dizia isso, ela mal conseguia acreditar que era verdade. —Leah, você estava... ele estava...

O queixo de Leah tremeu. —Todos nós pecamos.

—Mas ele é o Profeta...

—Ele é apenas um homem, Immanuelle. Os homens cometem erros.

—Mas você era uma criança. Você era apenas uma garotinha.

Leah baixou a cabeça, tentando conter as lágrimas.

—Por que você não me contou?

—Porque você teria feito o que está fazendo agora.

—E o que eu estou fazendo, Leah?

—Expondo seu coração partido. Compartilhando a vergonha do meu pecado como se fosse seu fardo também. — Leah estendeu a mão para ela, pegou-a pela mão e puxou-a para perto. —Essa dor é minha. Eu não preciso que você carregue para mim. Um dia você vai ter que aprender que não podemos compartilhar tudo. Às vezes, teremos que caminhar sozinhos.

As palavras caíram como um tapa. Immanuelle abriu a boca para dizer algo, qualquer coisa, para preencher o silêncio feio que se formou entre elas, temendo que demoraria para sempre se ela não o fizesse, mas Leah adiantou-se.

—Vou deixar vocês dois conversando.

—O que-

Uma porta se fechou no corredor e Immanuelle se virou para ver Ezra saindo da biblioteca com uma pilha de livros tão alta que ele teve que equilibrar o topo da pilha com o queixo. Quando ele se encaminhou para elas, alguns dos volumes maiores caíram de seus braços e bateram no chão com um *baque* retumbante. Immanuelle deu um passo à frente para ajudá-lo a pegá-los.

Ezra murmurou algo que soou como um agradecimento e arrancou o livro da mão dela. De perto, ele cheirava a álcool - algo muito, muito mais forte do que o vinho quente servido no banquete. Immanuelle se virou para Leah, dividida entre ficar e ir. Mas quando Ezra cambaleou pelo corredor, ela caminhou atrás dele. Pouco antes de dobrar a esquina, ela se virou para olhar

para a amiga. Leah estava imóvel no meio do corredor como se fixada no lugar. Immanuelle observou quando ela baixou a cabeça, passou os braços em volta da barriga e se virou lentamente.

CAPITULO DEZOITO

Às vezes me pergunto se meus segredos são melhores engolidos do que falados. Talvez minhas verdades tenham causado dano suficiente. Talvez eu deva levar minhas memórias para o túmulo e deixar os mortos julgarem meus pecados.

—MIRIAM MOORE

—Nós precisamos conversar. — Disse Immanuelle, lutando para acompanhar os passos largos de Ezra.

—Se você está preocupado que eu contei a alguém o que aconteceu na floresta, não se preocupe. — Ele disse rispidamente, olhando para frente. Ele falou como se soubesse algo mais do que ela disse a ele, o que implorou a pergunta... o que? O que ele acha que aconteceu na floresta?

—Eu sei que você não contou a ninguém —, disse Immanuelle, dando dois passos para acompanhá-lo. —Se você tivesse, eu provavelmente estaria em arrependimento agora...

—Ou em uma pira. — Ele fez uma pausa e disse: —Venha comigo.

Pegando as saias com uma das mãos, Immanuelle seguiu Ezra pelo corredor e subiu um lance de escadas sinuoso. No topo havia uma porta de ferro que Ezra abriu com um chute, quase deixando cair seus livros no processo. Ele se virou para olhar para ela. —Você vem ou não?

Immanuelle nunca tinha entrado nos aposentos de um homem antes e tinha certeza de que Martha a esfolaria até os ossos se ela suspeitasse de uma transgressão tão grave e lasciva. Ela parou por um momento, então acenou com a cabeça.

Assim que ela passou pela soleira, Ezra jogou seus livros em uma mesa próxima e fechou a porta. Acima, o lustre estremeceu, os cristais chocalhando juntos. Immanuelle notou que o teto era pintado como o céu, pontilhado de planetas e estrelas e gravado com as formas de constelações, algumas tão grandes que se estendiam pelo quarto de uma ponta a outra. As paredes de pedra estavam decoradas com tapeçarias e retratos de santos e apóstolos de aparência severa de séculos passados. Na metade direita do quarto havia uma grande cama de ferro forrada com brocado escuro e algumas peles de carneiro grossas. Logo além dela, uma escrivaninha de madeira construída no estilo rude de um bloco de açougueiro, sua superfície coberta de penas e papel pergaminho.

Em frente à porta havia uma lareira que percorria toda a extensão da parede. Acima dela, pintado à mão sobre os tijolos, estava um mapa do mundo além dos territórios de Betel. Immanuelle viu os nomes de todas as cidades pagãs: Gall no árido norte, Hebron no interior, Sine nas montanhas, Judá na cúspide do deserto, Shoan ao sul, onde o mar furioso lambia a terra e a mancha negra de Valta - o domínio da Mãe das Trevas - no Extremo Oriente.

Por todo o quarto, empilhados em pilhas da altura de Immanuelle, havia livros. Eles estavam enfiados em prateleiras, empoleirados em cima da lareira, até mesmo amontoados embaixo da cama. Mas foi somente quando Immanuelle se aproximou o suficiente para ler seus títulos que ela percebeu que quase todos eles relacionados à história, estudo e prática da bruxaria.

Seu coração parou em seu peito, como se alguma mão o tivesse fechado e apertado com força. Ela só conseguia pensar em uma razão para Ezra ter desenvolvido um gosto repentino por livros de bruxaria, e tudo começou com ela e terminou com o que aconteceu em Floresta Sombria. —O que é isso, Ezra? Você está me assustando.

—Algo arrastou você para baixo. — Disse Ezra, e o peso de seu olhar fez sua pele arrepiar.

—O que?

—De volta à floresta, na lagoa, algo arrastou você para baixo e o manteve lá por um longo tempo.

Apesar do fogo ardente, um frio profundo a atingiu. —O que você quer dizer com muito tempo?

—Vinte minutos. Talvez mais.

—Isso é impossível —, sussurrou Immanuelle, balançando a cabeça. — Você deve estar enganado, eu mal dormi por mais de um minuto. Eu te avisei, Floresta Sombria tem um jeito de torcer a mente dos homens...

—Não me trate com condescendência —, ele retrucou. —Eu sei o que eu vi. Você entrou na água, algo a arrastou para baixo e a manteve lá. — Sua voz falhou na última palavra e ele baixou a cabeça. —Eu tentei mergulhar atrás de você, mas a floresta me segurou, e eu não pude. Eu só tive que ficar lá impotente, vendo você se afogar com aquela maldita corda na minha mão. Perto do final, eu só esperava puxar seu cadáver para a praia para que seus parentes tivessem algo para enterrar.

—Ezra... Eu sinto muito.

Immanuelle nem tinha certeza se ele a ouviu. Ele manteve os olhos fixos no fogo enquanto falava. —Quando eu era jovem, minha avó costumava me contar histórias de meninas que flutuavam centímetros acima de suas camas enquanto dormiam à noite. Garotas que podiam convencer um homem a tirar a própria vida ou a vida de outra pessoa. Meninas que foram executadas - jogadas em um lago com pedras de moinho acorrentadas aos tornozelos - apenas para serem retiradas vivas da água uma hora depois. Garotas que riam enquanto queimavam na pira. Eu nunca dei crédito a essas histórias, mas

você... — Ele perdeu a linha de pensamento. Demorou um pouco para se recompor. —Qual era a sua obsessão com a praga de sangue? Você disse que só queria acabar com isso, mas era mais do que isso, não era? Você sabe algo que o resto de nós não sabe. O que é?

Então Ezra sabia a verdade, ou pelo menos o suficiente para mandá-la para a pira. Era fútil mentir, à luz disso. —Eu fui para Floresta Sombria, pouco antes da praga de sangue começar, e enquanto eu estava lá eu fiz... um encontro.

—Um encontro com o quê?

—As bruxas da floresta. Elas são reais. Eu estava com elas na noite anterior ao início da praga de sangue. Acho que minha presença na floresta desencadeou algo terrível. Quando voltei, estava tentando desfazer. E eu teria te contado antes, eu queria, mas...

—Você não podia confiar em mim.

—Você é o filho e herdeiro do Profeta. Uma palavra sua poderia ter me enviado para a pira. Não sabia se podia confiar em você meus segredos. Eu ainda não entendo.

Ezra desviou-se dela, cruzou o quarto até sua escrivaninha, destrancou a gaveta de cima com a lâmina de sua adaga sagrada, retirou um maço de papéis e estendeu-os para ela.

Immanuelle os pegou. —O que é isso?

—Sua entrada no censo. Eu deveria entregá-lo ao meu pai dias atrás.

—Por que você não fez isso?

—Leia você mesmo e descubra. — Quando ela hesitou, Ezra acenou com a cabeça em direção às cadeiras que ficavam perto da lareira. Entre eles havia uma mesa que continha uma garrafa de vidro e uma taça. —Continue.

Immanuelle se sentou em uma das cadeiras e Ezra se acomodou em frente a ela. Ele se serviu de um pouco de vinho, observando-a por cima da borda enquanto bebia. A primeira página contava os detalhes da história pessoal de Immanuelle - seu nome completo e os nomes de seus pais, sua data de nascimento. No final do relato, uma marca estranha e confusa que Immanuelle inicialmente confundiu com uma mancha de tinta. Mas, examinando mais de perto, ela viu que era algum tipo de símbolo estranho: o selo de uma noiva, apenas as pontas da estrela eram mais longas, e havia sete delas em vez de oito. Quanto mais ela estudava aquela marca estranha, mais certeza ela tinha de que ela tinha visto antes.

Então a compreensão a atingiu.

Essa marca era a mesma esculpida na testa de Dalilah e das Amantes.

A mão de Immanuelle começou a tremer. Ela se inclinou para fora de sua cadeira, apontou para a marca no final do censo e estendeu a página para Ezra para esclarecimentos. —É isto-

Ele apenas balançou a cabeça, seu olhar no fogo. —A marca da Mãe. É o símbolo do qual o selo de corte foi derivado, anos atrás. David Ford procurou uma maneira de recuperá-la, então ele alterou a marca e a chamou de sua.

—Então, por que parece inalterado aqui?

Ezra engoliu a borra de seu vinho, pôs-se de pé e pousou a taça na lareira. —Normalmente, a Igreja usa a marca da Mãe para identificar aqueles que foram acusados de bruxaria com credibilidade. Mas às vezes, é usado para identificar os descendentes diretos de bruxas e rastrear suas linhagens. Dias atrás, quando meu pai me pediu para examinar os arquivos do censo, era isso que ele estava procurando.

—Eu não entendo.

Ezra esfregou a nuca como se seus músculos estivessem doendo. Ele parecia tão abatido e fraco quanto no lago, dias atrás. —A marca da Mãe aparece ao lado de pelo menos um de seus ancestrais, a cada duas gerações, do lado de seu pai. A última sendo sua avó, a mãe de seu pai, Vera Ward.

—Que significa...

Ezra apenas acenou com a cabeça, quieto e desanimado. Nenhum deles falou com a acusação silenciosa que pairava no ar entre eles como uma nuvem de fumaça de pira.

—Quando você descobriu isso? — Immanuelle sussurrou.

—A noite antes de entrarmos em Floresta Sombria. Seu censo foi um dos primeiros que li.

Suas mãos começaram a tremer. —Você contou a alguém?

—Claro que não.

— Você *vai* contar a alguém?

Silêncio, então: —Eu não sou meu pai.

—E ainda assim aqui estou, sob uma inquisição.

—É isso que você pensa que é isso? — Ezra exigiu, parecendo quase traído.

—O que mais você chamaria? Desde o momento em que entrei neste quarto, tudo o que você fez foi me questionar como se eu fosse algum tipo de criminosa em julgamento.

Um longo silêncio se estendeu entre eles, quebrado apenas pelo crepitar do fogo da lareira. Lá fora, um vento forte soprou nas planícies e as vidraças chacoalharam em seus invólucros. Um coro desencarnado de risos e música flutuou no andar de baixo, os sons tão distantes que pareciam quase espectrais.

Ezra se virou para Immanuelle e estendeu a mão. —Me dê isto.

—O que?

—Sua conta do censo. Me dê isto.

—Por quê? — Immanuelle sussurrou, chocada e talvez mais apavorada do que nunca. —O que você vai fazer com isso?

Ezra não perguntou novamente. Ele deu um passo à frente e pegou os papéis tão rapidamente que Immanuelle não teve chance de pegá-los de volta.

—Ezra, por favor-

Ele jogou os papéis no fogo e os dois assistiram em silêncio enquanto as chamas famintas os devoravam.

—Vamos manter isso em segredo, — disse Ezra em um murmúrio abafado. —Não vou falar do que aconteceu em Floresta Sombria naquele dia e nem você. Ninguém precisa saber a verdade sobre sua herança. Quando sairmos deste quarto, será como se nunca tivesse acontecido - a floresta, as bruxas, o censo, tudo isso. Nunca mais falaremos disso.

—Mas a praga-

—Acabou, Immanuelle. Você acabou na lagoa.

—Você não sabe disso —, disse ela, lembrando-se do diário da mãe, com as palavras rabiscadas nas páginas finais: *Sangue. Praga. Trevas. Abate.* —E se houver mais por vir?

—Mais do que está por vir?

—Pragas —, disse Immanuelle, agora caminhando com cuidado. —O que acontece se for mais do que apenas o sangue?

—O que você quer dizer?

—Quero dizer, e se esta praga não for a última? E se houver mais por vir?

—Acabou com sangue. — Disse Ezra, e ele parecia tanto com o pai que Immanuelle se encolheu.

—Só porque você quer que isso seja verdade, não significa que seja. A visão é formidável, sim, mas só permite que você tenha vislumbres do

futuro. Não lhe dá o poder de moldá-lo. Eu sei que você está com medo, Ezra. Eu também. Mas isso não nos dá o direito de fechar os olhos e fingir que o que nos assusta não existe. Se mais pragas vierem...

—Pelo amor do Pai, elas não virão.

— *Se* vierem, temos que estar prontos para enfrentá-las.

Ezra voltou para o assento ao lado dela, parecendo exausto. Ele se curvou para a frente, os braços apoiados nas rótulas, a cabeça baixa. —Ouça-me, Immanuelle. Ou termina aqui, com isso, ou termina com você morta. Não há meio-termo. É por isso que estou dizendo - estou *implorando* - para deixar isso de lado.

Ela vacilou com isso. Não era uma ameaça, mas a maneira como Ezra falava fazia parecer que o futuro era *imutável*, o que era, claro, impossível. A não ser que... —Você viu isso em uma de suas visões? Você me viu?

Ele se esquivou da pergunta. —Não preciso da Visão para confirmar o que já sei que é verdade. Garotas como você não duram muito em Betel. É por isso que você precisa manter sua cabeça baixa se quiser sobreviver a isso. Prometa que você vai.

—Por que você se importa com o que eu faço, Ezra?

Ele manteve o olhar fixo no chão, como se ele não pudesse olhar para ela. —Você sabe porque.

Immanuelle enrubesceu. Ela não sabia o que dizer sobre isso, ou se ela deveria dizer alguma coisa. —Você me faz uma promessa também.

—Qualquer coisa. O que você quiser.

—É em relação ao seu pai.

Ezra congelou. Uma gama de expressões passou por seu rosto em rápida sucessão, tão rápida que ela não sabia o que ele estava sentindo. —Ele te machucou?

Immanuelle balançou a cabeça. —Eu não. Uma amiga. Ela era jovem quando isso aconteceu, e temo que não seja a única vítima do Profeta... *compulsões*

Ezra se levantou tão rápido que os pés da poltrona arranharam o chão com um guincho. Ele meio que se virou para a porta do quarto.

—Não faça isso —, disse Immanuelle, estendendo a mão. —Ele está morrendo. Alguns dizem que ele não durará o ano todo. Ele nunca vai tomar outra noiva. Ele está muito fraco para levantar a mão para alguém agora.

—Então o que você quer que eu faça? — Ezra exigiu, e ela viu a raiva nele então. —Nada?

—Nada exceto me prometa que quando for a sua vez de usar a adaga do Profeta, você protegerá aqueles que não podem se proteger - das pragas, de seus maridos, de qualquer pessoa ou qualquer coisa que possa machucá-los. Prometa-me que corrigirá os erros do passado.

—Eu prometo, — disse Ezra, e imediatamente ela percebeu que ele falava sério. —Pela minha vida.

Immanuelle assentiu, satisfeita por ter feito o pouco que podia. Para uma camponesa das Clareiras, ela certamente tinha vindo de longe. Parecia surreal para ela estar fazendo barganhas com o herdeiro do Profeta, acertando contas com bruxas, fazendo planos para o futuro de Betel, quando há apenas algumas semanas a extensão de suas responsabilidades terminava nas fronteiras da terra de Moore.

Mas o tempo para esquemas emocionantes e grandiosidade havia chegado ao fim. Por agora, e talvez para sempre, as pragas acabaram. Ezra seguiria o caminho dele e ela o dela. Qualquer afinidade que eles compartilhassem morreria rapidamente. Na verdade, ela duvidava que eles voltassem a falar de forma tão franca. No devido tempo, Ezra se levantaria

para tomar seu lugar como Profeta, e Immanuelle se retiraria para as sombras de seu passado. Ela deveria ter se contentado com isso. Mas ela não estava.

—Cuide-se —, disse Ezra, e ele, como ela, parecia sentir que era um adeus. —Por favor.

Ela forçou um sorriso enquanto ficava de pé. —Você faz o mesmo.

—E se você precisar de alguma coisa-

—Não vou —, disse Immanuelle, caminhando até a porta. Ela parou uma batida, a mão na maçaneta. —Mas obrigada. Por tudo isso. Você foi um amigo para mim quando eu precisava desesperadamente de um, e nunca vou esquecer isso.

CAPÍTULO DEZENOVE

Da Mãe vêm doenças e febre, pestilência e praga. Ela amaldiçoa a terra com podridão e doença, pois o pecado foi conduzido desde Seu ventre.

— AS ESCRITURAS SAGRADAS

Três semanas se passaram sem qualquer sinal das maldições. As feras da Floresta Sombria estavam adormecidas. Nenhuma bruxa chamou Immanuelle durante a noite ou assombrou seus sonhos. Se ela não as tivesse visto em primeira mão - se ela não tivesse sentido os dedos frios de Lilith travar em torno de seu pulso - ela poderia ter acreditado que as pragas haviam acabado e sido embalada pela complacência como o resto de Betel, convencida de que todo o mal que desceu sobre eles foi expurgado pelo Luz do pai.

Mas Immanuelle *tinha* visto, e apesar de seu juramento a Ezra, não era fácil esquecer.

Naquela noite, Glory e Honor se retiraram para suas camas cedo, com uma gripe de verão. Por um tempo, Immanuelle e as esposas de Moore ficaram acordadas para cuidar delas. Mas depois que as meninas caíram no sono agitado da febre, elas também se retiraram para seus respectivos aposentos para passar a noite.

Com todos dormindo e a casa da fazenda em silêncio, Immanuelle voltou às páginas do livro de sua mãe. Esse tinha sido seu ritual todas as noites desde a investidura formal de Ezra como herdeiro do Profeta. Ela voltou-se para seu desenho favorito no livro - o retrato de seu pai, Daniel Ward, que Miriam havia esboçado anos atrás.

Agora que a praga havia acabado, ela sentiu que tinha tempo para lamentar o luto por seu pai de uma forma que nunca teve antes. Ela sempre viveu ao lado da memória de Miriam, tendo crescido na casa de sua infância, mas era diferente com Daniel. Ele nunca tinha sido totalmente real para ela como Miriam era... até aquela noite, semanas atrás, quando ela leu pela primeira vez o relato do censo no Refúgio e viu a marca da bruxa ao lado de seu nome, a mesma que denotava os relatos de tantos Wards que vieram antes dela.

E enquanto uma parte dela queria desesperadamente manter sua promessa a Ezra e deixar o passado para trás, uma parte ainda maior dela queria entender a verdade sobre quem e o que ela era. Ela queria conhecer seus parentes na periferia e se eles sofriam das mesmas tentações que ela. Ela queria entender por que era tão compelida pela Floresta Sombria, por que as bruxas primeiro lhe deram o diário de Miriam, por que escolheram usar seu sangue como uma oferenda para gerar aquela terrível praga. Talvez fosse apenas seu orgulho, mas por mais que tentasse, não conseguia se resignar à vida que levava antes. Ela queria respostas e sabia onde encontrá-las: na periferia, com a família que nunca conheceu.

A única coisa que a impedia de buscar respostas era seu juramento a Ezra. Ainda assim, ela não podia deixar de sentir que, dos dois, ela era a única a se sacrificar mais. Afinal, Ezra sabia quem ele era - filho do Profeta, herdeiro da Igreja - mas o mesmo não poderia ser dito sobre Immanuelle. A questão de quem e o que ela era permanecia, e a menos que ela mergulhasse nos mistérios de seu passado, sempre permaneceria.

Com um suspiro, Immanuelle fechou o diário e caminhou pelo quarto até a janela, subiu em um poleiro na saliência e afastou as cortinas. A lua era um corte crescente no céu noturno. À distância, Floresta Sombria estava escura

e imóvel, e embora não houvesse vento para sussurrar seu nome, Immanuelle ainda podia sentir seu chamado. As semanas de negação e repressão ainda não foram suficientes para silenciá-lo. Olhando para as árvores, ela se perguntou se algum dia ficaria livre dessa tentação. Ou se a escravidão da Floresta Sombria fosse tão intrínseca a ela quanto a Visão o era a Ezra.

Talvez ela não tivesse escolha. Era tolice dela pensar que sim?

Uma dor surda latejava em seu estômago e Immanuelle chamou a atenção. Demorou alguns longos momentos para ela perceber o que era: as dores de seu sangramento. Com certeza, quando ela levantou as saias de sua camisola e verificou suas roupas íntimas, ela as encontrou molhadas e vermelhas, manchadas.

Escorregando para fora do parapeito da janela, Immanuelle saiu do quarto e desceu os degraus do sótão. Ela se esgueirou até o banheiro e pegou sua cesta de trapos do armário embaixo da pia. Anna mostrou a ela como cortá-los para que fossem confortáveis de usar, mas também grossos o suficiente para estancar seu fluxo.

Ela os enfiou nas roupas íntimas e lavou as mãos na pia. Ao fazer isso, ela estava ciente de como ela parecia cansada no espelho, seus olhos injetados de sangue sombreados por bolsas escuras. Ela estava voltando para o quarto quando ouviu uma batida forte na porta dos fundos da casa da fazenda. Era meia-noite, tarde demais para visitas. Mas as batidas continuaram, seu ritmo estável como um batimento cardíaco.

Movendo a mão para a parede, ela deslizou para o corredor e desceu as escadas, entrando na sala da frente. Lá, ela encontrou Glory em pé na frente da poltrona de Martha, com os olhos fechados.

Immanuelle relaxou então, pois Glory era conhecida por passear dormindo. A garota não era aventureira em suas horas de vigília, mas à noite

não era incomum encontrá-la vagando pelos corredores em seus sonhos. Os Moores trancavam as portas todas as noites, apenas para impedi-la de vagar pela floresta.

—Glory. — Immanuelle colocou as mãos nos ombros da garota, tentando sacudi-la para acordá-la. Ela podia sentir o calor da febre queimando o tecido de sua camisola. —Você está caminhando em seus sonhos novamente. Teremos que amarrar seus pulsos à cabeceira da cama para evitar que você vagueie...

Outra rachadura. Esta atingiu com o som oco de um osso quebrando - e veio da cozinha.

As mãos de Immanuelle caíram dos ombros de Glory. Seguindo o som, ela passou pela sala da frente, parando para levantar um pesado suporte para livros do suporte da lareira. Quando ela dobrou a esquina e entrou na cozinha, ela o ergueu acima de sua cabeça, pronta para atacar qualquer estranho que encontrasse seu caminho para dentro de sua casa.

Mas não havia intruso.

Do outro lado da cozinha, parada na sombra da soleira, estava Honor, sua testa pressionada contra a porta. Suas costas arquearam quando ela se jogou para frente, e sua cabeça bateu na madeira com um estalo de revirar o estômago. O sangue escorria pela ponte de seu nariz.

Immanuelle avançou, o suporte para livros caindo no chão.

Honor atingiu a porta novamente, com tanta força que as janelas chacoalharam em seus invólucros. Então Immanuelle estava em cima dela, arrastando a criança para longe, gritando por ajuda. Honor estava em seus braços, rígida e estoica, queimando de febre, surda para seus gritos.

E então, a segunda maldição veio sobre eles.

Parte Dois

PRAGA

CAPITULO VINTE

Um homem que conhece seu passado é um homem com o poder de escolher seu futuro.

—DAS PARÁBOLAS DO PROFETA ZACARIAS

Nos dias depois disso, mais de duzentos adoeceram, sucumbindo primeiro à febre e depois à loucura. Immanuelle ouviu histórias de homens adultos arrancando os olhos das órbitas, mulheres castas de fé que tiraram as roupas e fugiram, nuas, para a Floresta Sombria, gritando enquanto caminhavam. Outros, principalmente crianças pequenas como Honor, sofriam de uma aflição diferente, mas talvez mais sinistra, e sucumbiram às garras de um sono tão profundo quanto a morte. Pelo que Immanuelle sabia, nenhum dos curandeiros em Betel foi capaz de acordá-las.

Daqueles que adoeceram nos primeiros dias do contágio, sessenta morreram antes do sábado. Para evitar que a praga se propagasse, os mortos foram queimados em piras de purga. Mas aqueles que fugiram para Floresta Sombria em acessos de loucura nunca foram vistos ou ouvidos novamente.

Segundo todos os relatos, era o pior contágio na história de mil anos de Betel, e as pessoas o chamavam de muitas coisas - a aflição, a febre, a gripe maníaca - mas Immanuelle sempre se referia a ela por um nome, aquele escrito dezenas de vezes nas páginas finais do diário de sua mãe: *Praga.*

—Mais água —, Martha exigiu, enxugando uma camada de suor da testa. Embora todas as janelas estivessem abertas, cada sopro de vento trazia a fumaça quente das piras que ardiam nas Clareiras. —E traga o mil-folhas.

— Em circunstâncias normais, queimar os corpos dos inocentes era uma violação grave do Protocolo Sagrado. Mas em uma tentativa desesperada de impedir a propagação da doença, a Igreja fez uma rara emenda à sua lei sagrada.

Immanuelle obedeceu, as saias batendo em seus tornozelos enquanto ela entrava na cozinha, pegando uma bacia com água e um feixe de flor de mil-folhas secas da caixa de ervas embaixo da pia. Ela correu escada acima o mais rápido que pôde, sem tropeçar na barra da saia, e entrou no quarto das crianças.

Lá, ela encontrou Anna apertando os nós em torno dos pulsos de Glory, amarrando-a à cabeceira da cama para impedi-la de escapar, como ela havia tentado fazer seis vezes desde a noite em que adoeceu pela primeira vez. Anna amarrou as algemas de pano com tanta força que havia hematomas em volta dos pulsos da filha, mas não havia como evitar. Quase metade dos aflitos com a praga tinham mutilado ou até mesmo se matado no meio de sua loucura, pulando de janelas ou batendo suas próprias cabeças, como Honor quase fez na noite em que Immanuelle a encontrou.

Ao toque de sua mãe, Glory se debateu e gritou, as pernas enroscadas em seus lençóis, as bochechas brilhando de febre.

Immanuelle colocou a bacia ao lado da cama, tirou o mil-folhas da boca e agarrou a tigela da mesinha de cabeceira. Ela esmagou as flores o melhor que pôde, transformando-as em uma pasta. Então ela adicionou um pouco de água - ainda levemente tingida pelos últimos vestígios da praga de sangue - e misturou a polpa com os dedos.

Foi Martha quem administrou a poção, agarrando Glory com firmeza pela base do pescoço e empurrando-a para cima, como se segura um recém-nascido aos berros. Ela forçou a tigela à boca, e Glory se debateu e cuspiu,

puxando as cordas, seus olhos revirando em seu crânio enquanto a corrente de ar gotejava entre seus lábios e seu queixo.

Honor estava deitada do outro lado do quarto com os olhos fechados, os cobertores dobrados sob o queixo. Immanuelle colocou a mão na bochecha e fez uma careta. A febre ainda aumentava dentro dela. A garota estava tão imóvel que Immanuelle teve que deslizar um dedo sob o nariz para ver se ela estava respirando. Ela não se mexeu nenhuma vez desde que a praga chegou. Naquela noite, ela caiu em um sono profundo de que temiam que ela nunca acordasse.

Foi assim por horas - Glory se debatendo na cama, Honor em coma, Anna chorando em uma cadeira no canto - até que Immanuelle não aguentou mais. Ela deixou a casa da fazenda para as pastagens. Dias atrás, seu lavrador, Josiah, foi chamado de volta para sua própria casa nas distantes Clareiras para cuidar de sua esposa enferma. Portanto, além de Immanuelle, não havia ninguém para cuidar das ovelhas pastando.

Ao cruzar as pastagens, com o cajado na mão, ela pesou as opções disponíveis. Seus medos mais sombrios se tornaram realidade. O sacrifício que ela fez no lago não funcionou afinal. A praga estava sobre eles e, se não acabasse logo, Immanuelle temia que a vida de suas irmãs fosse perdida. Mas o que ela poderia fazer para impedir?

Sua oferta de sangue não tinha sido suficiente para quebrar a maldição, e ela não tinha ninguém a quem pedir ajuda. A Igreja parecia desamparada diante de tamanho mal. Immanuelle pensou em pedir ajuda a Ezra, como fizera antes, mas decidiu não fazer isso. Ele deixou claro que não queria participar de pragas ou bruxaria, nada dela. A última vez que ela o arrastou para seus esquemas, ele quase pagou um preço mortal. Parecia cruel chamá-lo novamente.

Mas se não fosse Ezra, a quem ela poderia recorrer? Tinha que haver alguém, algo. Uma cura ou esquema para impedir isso. Ela tinha que acreditar nisso, apenas por princípio, porque se não acreditasse, isso significava que a esperança estava perdida e suas irmãs iriam morrer.

Uma memória surgiu no fundo de sua mente, uma imagem de seus papéis do censo, a marca da bruxa abaixo de seu nome e os nomes dos Wards que vieram antes dela. Seria possível que as próprias respostas que ela buscava - sobre as pragas, as bruxas e uma maneira de derrotá-las - estivessem esperando por ela na periferia, na forma da família que ela nunca conheceu? Se a marca da bruxa era alguma indicação, eles eram versados na magia da Floresta Sombria e do coven que andava por seus caminhos. Se houvesse alguma ajuda em Betel, Immanuelle tinha certeza de que ela encontraria com eles.

Mas como ela poderia escapar para a periferia sem ser notada, com Honor e a Glory tão doentes como estavam? Não havia como desculpar sua ausência por mais de uma hora, e ela precisaria de pelo menos um dia para encontrar seus parentes nos arredores.

Immanuelle franziu a testa, olhando além do rebanho de ovelhas pastando, para as janelas da oficina de Abrão brilhando à distância. Uma ideia tomou forma no fundo de sua mente.

Abrão. Claro.

Immanuelle pode não ter conseguido conquistar Martha... mas talvez Abrão fosse mais simpático. Ele era bondoso, mais gentil do que Martha e menos piedoso do que Anna. Talvez ele visse o mérito em seus desejos de estender a mão para seus parentes na periferia.

Incentivada por essa ideia, Immanuelle conduziu a última das ovelhas para o curral onde passaram as noites e se dirigiu à oficina de Abrão. Era um

espaço humilde. O piso de madeira estava polvilhado com um espesso tapete de serragem. Como de costume, uma série de projetos inacabados desordenava o espaço de trabalho - um par de mesas laterais de tronco de árvore, um banquinho e uma casa de bonecas que sem dúvida era para ser um presente de aniversário de Honor.

Pinturas adornavam as paredes, todas de sua mãe. Havia paisagens extensas em painéis de madeira, pergaminhos pintados com flores em aquarela desbotadas, algumas naturezas mortas. Havia até um autorretrato, que mostrava Miriam, sorrindo, com o cabelo solto.

Immanuelle olhou por cima do ombro de Abrão para ver no que ele estava trabalhando e parou de repente. Lá, sobre a mesa, estava um pequeno caixão meio entalhado. Era grande o suficiente para apenas um membro da família Moore: Honor.

—Ela ainda está... conosco —, disse Abrão sem tirar os olhos de seu trabalho. —Eu só quero estar pronto... se o pior vier.

Immanuelle começou a tremer. —Ela vai acordar.

—Possivelmente. Mas se ela não o fizer... Eu tenho que estar preparado... Sempre me prometi... isso se eu tivesse que fazer... enterrar outra criança... Eu faria isso corretamente. Em um caixão... de minha própria criação. Eu perdi essa chance... com sua mãe. Eu não vou... deixar acontecer novamente. Mesmo se... Eu tiver que coletar... seus ossos da... pira, eu pretendo... dar a ela... um enterro adequado. Eu deveria...

Immanuelle sabia a que ele se referia. O costume de Betel determinava que os inocentes fossem enterrados e os pecadores queimados, na esperança de que as chamas da pira os purificassem de seus pecados e lhes permitissem a passagem para o reino do purgatório. Por causa de seus crimes, Miriam morreu em desonra e, como resultado, ela nunca teve um caixão ou cemitério

adequado no cemitério onde seus ancestrais foram sepultados. —Você sente falta dela?

—Mais do que você sabe.

Immanuelle se sentou no banquinho ao lado dele. —E você se arrepende de quebrar o protocolo para escondê-la aqui, anos atrás?

A mão de Abrão apertou seu cinzel, mas ele balançou a cabeça.

—Mesmo sendo um pecado?

—Melhor assumir o pecado... seus próprios ombros... do que permitir danos... para acontecer com outros. Às vezes, uma pessoa... tem uma obrigação... para agir no interesse do... bem maior.

Este era o momento dela, e Immanuelle foi rápida em aproveitá-lo. —Durante esse tempo, minha mãe falou alguma vez sobre meu pai?

Abrão vacilou e baixou a ferramenta. —Mais do que ela... alguém mais. Quando a loucura... levou ela usou... para chamá-lo. Reivindicou seu fantasma... estava vagando pelo... corredores. Ela diria que sim... chamando ela de casa. Eu gosto de pensar... que ele fez no final.

A garganta de Immanuelle se fechou com tanta força que ela mal conseguia falar. —Quero ir para a periferia, pai. Quero conhecer as pessoas que o conheceram. Eu quero conhecer seus parentes. *Minha* família.

Abrão permaneceu sem expressão. Ele voltou ao trabalho, arrastando um pouco de lixa na parede do caixão. —Porque agora?

—Porque se eu não fizer isso agora, talvez nunca tenha a chance. Com a febre se espalhando.

—Quando você... quer ir?

—Amanhã, se possível. Mas prefiro que Martha não saiba. Isso só iria incomodá-la.

—Então você veio pedir minha bênção?

—Isso e sua ajuda. Talvez você possa distrair Martha.

—Você quer dizer mentir... por você. Enganá-la... em acreditar em algo assim... não é verdade.

Immanuelle se encolheu, mas assentiu. —Como você disse, às vezes uma pessoa tem a obrigação de agir no interesse do bem maior, mesmo que isso signifique que ela tenha que pecar para fazê-lo. E não é bom para mim encontrar meus parentes enquanto ainda tenho a chance?

Abrão ofereceu a ela um sorriso raro. Ela poderia jurar que ele parecia quase orgulhoso dela. —Pena que você não... nasceu um menino. Teria feito um... bom apóstolo com sua inclinação... para falar em círculos.

—Então você vai fazer isso? — Immanuelle sussurrou, mal acreditando em sua boa sorte. —Você vai me ajudar a chegar à periferia?

Abrão parou para soprar serragem de dentro do caixão. —O que eu não vou fazer... por você?

CAPITULO VINTE E UM

Pois os fogos da purificação são justos e o Pai se alegra com a visão de suas chamas.

— AS ESCRITURAS SAGRADAS

Immanuelle saiu para os arredores ao amanhecer. A jornada passou em uma série de vislumbres desencarnados, como se ela estivesse tão impressionada com a perspectiva de encontrar seus parentes que não conseguia processar o que estava olhando. Houve o lampejo de um homem com uma máscara parecida com o rosto de um corvo, atiçando as chamas de uma pira com um forcado, um corpo envolto em uma mortalha na parte de trás de uma carroça quicando a cada sulco na estrada. A fumaça azul quebrou em ondas acima da copa das árvores, tão espessa que feriu seus olhos, e o ar vibrou com os gritos da praga doente.

Havia mulheres vagando em nada mais do que suas roupas. Homens descalços cambaleando pelas estradas, alguns tremendo, outros uivando e se coçando até sangrar. Quando Immanuelle passou por uma fazenda vizinha, ela viu uma garota correndo por um milharal moribundo, os braços estendidos em direção a Floresta Sombria. Ela estava vestindo apenas uma longa camisola manchada de sangue, e as saias enroscadas em torno de seus tornozelos enquanto ela fugia. Um homem correu atrás dela, seu pai ou marido talvez; a distância tornava difícil saber. Ele a pegou pela cintura e a arrastou chutando e gritando para a terra a poucos metros da borda da floresta.

Immanuelle desviou os olhos. A cena parecia o tipo de indignidade que era errado testemunhar. Abalada, ela continuou andando, descendo rapidamente a estrada principal, até que viu a periferia emergir de uma névoa de fumaça de pira.

Seu coração disparou em um ritmo rápido, mesmo quando ela diminuiu a velocidade para uma parada no meio da estrada.

Depois de todos esses anos sofrendo, ela finalmente iria encontrar seus parentes.

Immanuelle avançou, notando que a periferia estava estranhamente silenciosa. Sem crianças nas ruas, sem febres fugindo para as florestas. As estradas estavam quase vazias, exceto pelo estranho fazendeiro ou comerciante conduzindo uma carroça de mula. As janelas das casas estavam fechadas. Os cães estavam amarrados a postes de luz e cercas; alguns deles latiram para ela quando ela passou por eles. De vez em quando, um corvo gritava ao longe, mas, fora isso, o silêncio era quase completo. Por alguma razão - seja a pequena população, ou algum ato de misericórdia em nome das bruxas - a periferia foi poupada de toda a fúria da praga.

Depois de uma longa caminhada pelas ruas sinuosas, Immanuelle encontrou o centro da vila, onde ficava a capela. Era uma estrutura estranha. Ao contrário da Catedral do Profeta, que foi construída com lajes de ardósia, a Igreja da Periferia era composta por uma cobertura rústica de ramos e mudas entrelaçadas. Suas janelas tinham retratos com vitrais de santos estranhos de pele escura que Immanuelle não conhecia pelo nome. Cada um deles segurava uma espécie de talismã - uma vela acesa, um galho cortado, uma fita vermelha tecida entre os dedos, o botão retorcido de uma articulação.

Em todos os seus dezesseis anos, Immanuelle nunca vira santos ou efígies em sua própria imagem. Nenhuma das estátuas e pinturas alojadas na

Catedral do Profeta tinha qualquer semelhança com ela. Mas quando ela olhou para aqueles santos imortalizados em vitrais, uma espécie de dolorosa familiaridade caiu sobre ela, como se algo que ela tinha esquecido que tinha perdido estivesse finalmente sendo devolvido.

A porta da frente foi cortada de uma placa grossa de carvalho e parecia que pertencia às dobradiças de uma abóbada, não de uma igreja. Mesmo que estivesse entreaberta, Immanuelle teve que jogar o ombro contra ela e lançar todo o seu peso no esforço de abri-la. o salão estava escuro, lançado em uma névoa de fumaça de incenso tão densa que seus olhos começaram a arder e se encher de lágrimas. Não havia bancos lá, apenas bancos longos e estreitos que ocupavam a metade do comprimento do salão, posicionados em fileiras de cada lado do corredor. Acima, uma varanda envolvia o perímetro do salão, onde várias mulheres estavam olhando para ela.

No final do corredor havia uma espécie de altar. Mas, ao contrário do da Catedral do Profeta, este altar tinha uma borda levantada em torno de suas bordas, criando uma espécie de bacia rasa dentro, onde uma pequena fogueira queimava. Um homem estava diante da oferta, seu rosto banhado pela fumaça. Quando Immanuelle se aproximou, ela viu que ele usava uma adaga sagrada - embora velha e enferrujada. Ele tinha a cabeça raspada e seus olhos eram do tom mais claro de âmbar, um contraste nítido com o rico ébano de sua pele. Se ela tivesse que adivinhar, diria que ele tinha a idade de Abrão, talvez um pouco mais jovem. Ele usava túnicas simples, cortadas do que parecia ser uma estopa áspera, amarrada na cintura com uma corda de couro tão comprida que as borlas deslizavam pelo chão. Ao se aproximar dele, Immanuelle sentiu uma certa seriedade que ela só experimentara na floresta quando Lilith emergiu da linha das árvores.

—Meu nome é Immanuelle Moore...

—Não há necessidade —, disse ele e voltou para o fogo. Ao lado dela, em um pequeno pedestal de pedra, estava um grupo de galinhas jovens, amarradas pelo pescoço. O padre as pegou pela corda e as lançou nas chamas com o murmúrio de algo que poderia ser uma oração, mas foi tão breve que Immanuelle não sabia dizer. O cheiro de penas queimadas e carne tostada se misturava ao fedor espesso do incenso. —Eu sei quem você é.

—Como?

O padre riu, como se ela tivesse contado uma piada particularmente espirituosa. —Existem poucos de nós que não a conhecem. Diga-me, o que o traz à periferia hoje?

—Estou aqui pela minha família.

—E por que você os procura agora?

—Porque estou pronta.

O padre ergueu uma sobrancelha. A avaliou em meio à fumaça. —Você não estava antes?

Immanuelle endireitou os ombros. —Eu estava com medo antes. Mas não estou mais. Então, eu gostaria de vê-los, se você pudesse me indicar a direção certa.

A expressão do padre mudou de fria para pena. —Temo que você veio ao lugar errado, Sra. Moore. Não há enfermarias aqui.

O vento a deixou, como se ela tivesse levado um soco no estômago. Ela se inclinou para a frente e se apoiou no encosto de um banco. —Eles se foram todos? Morto?

—Não. Nem todos eles. Pelo que eu sei, sua avó, Vera Ward, é a última de seus parentes vivos. Mas ela deixou Betel poucos dias depois que seu pai foi assassinado.

Afinal, havia esperança. Talvez nem tudo estivesse perdido. —Você sabe onde ela está?

O padre acenou com a cabeça para a direita. Immanuelle o seguiu por um estreito corredor entre dois bancos e até uma salinha perto da capela. Parecia muito com as absides e galerias adjacentes da Catedral do Profeta, só que esse espaço era muito menor. Suas paredes foram pintadas com o extenso mural de Betel e os territórios além dela. Na parede oposta ficavam as Clareiras, Arredores e Solos Sagrados, com as designações apropriadas para marcos famosos como a tumba do primeiro profeta, o Refúgio, a Igreja dos Arredores e, claro, a Catedral do Profeta. Ao redor de tudo estava Floresta Sombria... só que não foi pintado dessa forma. No mural, a floresta assumia a forma de uma mulher nua, enrolada em forma fetal em torno de Betel.

Immanuelle olhou para o afresco por um longo tempo em um silêncio sem fôlego, traçando a forma da mulher, tentando sem sucesso analisar seu significado. Por fim, seu olhar caiu para um verso curto gravado em uma placa de madeira no lado direito da parede: *A floresta é senciente de uma maneira que o homem não é. Ela vê com mil olhos e não se esquece de nada.*

—Isso é das Sagradas Escrituras? — Ela perguntou.

O padre abanou a cabeça. —Nenhuma que você encontrará em seu livro sagrado. Considere isso... um adendo não sancionado.

—É uma referência à Mãe ou à floresta?

—Ambos—, disse o padre. —A Mãe *é* a floresta. Ela é a alma, e Floresta Sombria é o corpo dela. Para nós, as duas entidades são intrínsecas. Uma é igual a outra.

Immanuelle tocou um ponto próximo à borda da floresta, traçando o caminho da linha das árvores que corria ao longo das terras de Moore. — Nunca ouvi isso ser explicado dessa forma antes.

—Isso é porque seu povo não foi educado nos caminhos da Mãe.

Immanuelle não gostou da maneira como ele disse "seu povo", como se para apagar o laço de sangue que a ligava aos arredores e às enfermarias. Mas ela não fez menção a essa discrepância. Em vez disso, ela voltou sua atenção para o mural, inclinando a cabeça para estudar o mapa acima dela. O teto era alto e estava pintado com os contornos esmaecidos de mapas, mas as ilustrações eram muito mais abstratas do que as que representavam Betel. Ela viu alguns nomes que reconheceu - Hebron, Gall, Valta. —As cidades pagãs?

—Nas palavras de seu Profeta, sim.

—É onde vou encontrar minha avó?

O padre balançou a cabeça e bateu em um pequeno ponto em branco na selva ao norte de Betel. A aldeia foi rotulada Ishmel. Para a imensa surpresa de Immanuelle, não ficava longe de Betel. A julgar pela escala do mapa, ficava a apenas algumas léguas do Portão Sagrado. Ela imaginou que, com um bom cavalo, um batedor treinado poderia cavalgar até lá em menos de um dia ou mais.

—Existe alguma maneira de falar com ela?

O padre abanou a cabeça. —É ilegal enviar cartas pelo portão e, mesmo que você pudesse enviar uma carta, não há promessa de que receberia uma resposta. Duvido que Vera mande uma carta de volta para Betel e arrisque a ira da Igreja. Se você quiser falar com ela, terá que fazê-lo pessoalmente. Encontre alguém para contrabandear você pelo Portão Sagrado e outra pessoa para contrabandear você de volta.

—É mesmo possível?

—Quase tudo é possível se você fizer as perguntas certas às pessoas certas e estiver disposta a pagar o preço.

Immanuelle refletiu sobre isso por um momento. —Como vou saber se minha avó ainda está em Ishmel?

—Você não vai. Não há como. Sair de Betel é um ato de fé. A própria Vera costumava dizer isso antes de partir.

—Você quer dizer antes de ela ser exilada?

Ele franziu a testa para ela como se ela tivesse dito algo desrespeitoso ou fora de hora. —Vera deu as costas a este lugar por vontade própria. Saiu pelo portão muito antes de seu Profeta ter a chance de exilá-la formalmente. Na verdade, ela foi embora na noite seguinte ao incêndio do filho. Seu corpo ainda estava na pira quando ela fugiu.

Immanuelle se encolheu com a imagem de seu pai, morto na pira. —Você acha que ela ainda está aí?

—Sim —, disse o padre. —Aquela mulher sabia como sangrar pelo que queria e sempre teve jeito com a floresta. Tenho certeza de que os selvagens foram bons com ela.

Immanuelle se lembrou de semanas atrás, da última vez em que esteve nos arredores. Naquele dia, enquanto ela e Martha passavam na carroça, ela viu uma infinidade de tributos espalhados ao longo da orla da floresta. Era assim que os da Periferia estavam tentando evitar a fúria total das pragas? Alimentando Floresta Sombria para ganhar seu favor? —Você quer dizer que ela fez oferendas para a floresta em troca de... segurança?

O padre riu, um som impetuoso que ecoou pela capela. —A floresta não protege ninguém. Se você deseja o conforto enfadonho da segurança, você faz um sacrifício de sangue ao Pai na esperança de apaziguá-lo. Mas se é o poder que você quer, é melhor você deixar seus sacrifícios aos pés da Mãe.

—Mas como você sangra para comprar o poder da Mãe? — Immanuelle perguntou, ficando cada vez mais confusa. —Eu imagino que deve ser mais difícil do que cortar seu polegar e fazer uma oração.

O padre franziu a testa, claramente ficando desconfiado. —Por que uma garota das Clareiras faria uma pergunta dessas?

—Curiosidade. — Disse Immanuelle, mas ela poderia dizer que o padre sabia que era uma mentira.

Ele passou por ela, suas vestes farfalhando enquanto ele voltava para a capela. —Sabe, Vera queria ficar com você. Sempre disse que se Daniel e Miriam tivessem filhos, eles deveriam ser criados na periferia.

—Eu não sabia. — Sussurrou Immanuelle, a voz cheia de lágrimas. Todos esses anos ela tinha sido uma idiota, supondo que sua família na periferia não tinha nenhum interesse nela, que ela estava sozinha no mundo, além dos Moores. Era uma revelação estranha e maravilhosa, mas também sofrida. Doeu pensar que ela tinha sido mantida separada de alguém que ela poderia ter conhecido e amado. Alguém que também poderia tê-la amado e compreendido de uma forma que os mouros simplesmente não podiam.

—Se o portão se abrir para você, então você deve ir para Vera. Você é toda a família que ela deixou. Seria bom para ela ver você.

Immanuelle se virou para olhar para o pequeno ponto na parede, Ishmel, uma ilhota no vasto mar do deserto. —Talvez eu vá.

Os dois saíram da abside, de volta à capela. As galinhas ainda estavam queimando no altar e uma menina estava ao lado dele, alimentando o fogo com agulhas de pinheiro, musgo, raminhos de alecrim seco e outras ervas que Immanuelle não conhecia pelo nome.

—Se você não tem outras perguntas, eu realmente deveria voltar ao meu trabalho. — O padre apontou para o altar em chamas.

—Eu tenho mais um pedido.

Ele ergueu uma sobrancelha. —Esperançosamente, não uma que diga respeito à bruxaria e magia do sangue?

Immanuelle enrubesceu. —Não. Nada como isso. Eu só queria saber se seria possível para mim ver a casa onde meu pai e minha avó moravam.

O padre refletiu por um momento, então acenou com a cabeça, chamando a garota que cuidava da oferta queimada. Ela era deslumbrante - alta e de pele escura, com olhos arregalados e maçãs do rosto bem cortadas. Seu cabelo era um pouco mais escuro que o de Immanuelle, e era cuidadosamente trançado para trás em uma série de quatro trancinhas grossas e preso em um coque apertado na nuca.

—Adrine, esta é Immanuelle Moore —, disse o padre, e acenou com a cabeça entre os dois. —Você a levará para as ruínas da casa de Ward.

Adrine a avaliou, sem expressão, acenou com a cabeça, então girou nos calcanhares e saiu da capela. Immanuelle se virou para se despedir do padre, mas ele já rezava sobre o altar, o rosto velado por uma névoa de fumaça.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

As portas da casa do Pai estão sempre abertas a quem o serve fielmente. Mas o pecador será rejeitado.

—AS ESCRITURAS SAGRADAS

Immanuelle e Adrine caminharam em silêncio pelas ruas desertas. A aldeia pela qual elas passaram estava tão silenciosa que Immanuelle poderia ter pensado que estava deserta há muito tempo. Não havia crianças brincando nas ruas. Nenhum cachorro latindo. Nenhum sinal de vida, exceto pelos abutres circulando no alto.

—Tudo está tão quieto —, sussurrou Immanuelle ao passarem por outra casa fechada. Havia sinos de vento de osso pendurados nas vigas de sua varanda, e eles batiam juntos com um som oco quando uma brisa soprou pela rua. —As Clareiras estão rastejando com a doença da praga.

Adrine torceu o nariz. —É assim que você está chamando nas Clareiras? A praga?

Immanuelle balançou a cabeça, envergonhada por seu lapso de língua. —É apenas... meu próprio coloquialismo. Não tenho certeza se tem um nome próprio.

—Chamamos isso de aflição da alma —, disse Adrine. —Nossos ancestrais transmitiram histórias de bruxas e adivinhos que costumavam amaldiçoar homens com doenças semelhantes.

—Então foi usado como uma espécie de arma?

Adrine acenou com a cabeça. —Num sentido.

—Você acha que há uma cura para isso?

—Acho que a doença é a cura. — Disse Adrine.

—Receio não entender o que quer dizer.

—Às vezes, as coisas que parecem estar nos prejudicando são realmente parte da cura. Quando uma criança está doente e você sangra, para ela a picada da faca parece um castigo, quando na verdade é a cura. Quando seu povo purga, você causa um grande dano, mas vê a violência e o fogo como uma cura para pecados que são muito piores. Talvez essa doença seja a mesma coisa. Talvez seja uma espécie de purgação, destinada a erradicar um mal mais profundo.

Immanuelle refletiu sobre essa teoria enquanto as duas começaram a trilhar outro caminho. Este divergia da estrada principal, serpenteando por uma série de favelas. Aqui, o fedor de esgoto estava pesado no ar. As ruas eram em sua maioria de terra e lama compactadas, e várias vezes Immanuelle pisou em sulcos tão profundos que a sujeira chegava ao topo de suas botas. A estrada principal que serpenteava através das favelas era estreita, as casas tão compactadas que às vezes os becos entre elas eram pouco mais do que a largura dos ombros. A maioria das casas era modesta demais para ter luxos como janelas de vidro, mas Immanuelle teve um vislumbre dessas residências estranhas quando o vento soprou suas cortinas. Havia famílias amontoadas em oração, crianças brincando com bonecas de palha de milho, uma mãe amamentando seu bebê, um gato preto dormindo pacificamente aos pés de uma longa esteira. Estava claro para Immanuelle que, apesar de sua miséria, nenhum dos habitantes havia sido tocado pela praga.

Immanuelle ficou aliviada quando o pequeno afloramento de casas deu lugar, mais uma vez, a pastagens abertas. Nas Clareiras - onde fazendeiros

ricos cobiçavam cada pedaço de terra - essas áreas selvagens teriam sido cultivadas e convertidas em capital. Mas aqui, a terra foi deixada inteiramente intocada, exceto pela estrada solitária que a cortava.

À distância, Floresta Sombria espreitava, as árvores tão densas que pareciam quase impenetráveis. Aqui a atração da floresta era muito mais forte do que nas Clareiras, as árvores cantavam para ela quando o vento passava por elas, e foi uma luta para Immanuelle se manter no caminho em vez de flutuar em direção a elas.

—Chegamos. — Disse Adrine, apontando para um grande pedaço de terra, logo além do alcance da floresta, onde a grama crescia até a cintura. Immanuelle saiu da estrada e entrou na campina, e foi só quando se aproximou que viu os ossos carbonizados das ruínas da casa e as pedras rachadas do que costumava ser sua fundação.

Só pelos destroços, ela poderia dizer que a casa era muito maior do que as da favela pela qual eles passaram. Na verdade, pode ter rivalizado com o tamanho da casa de Moore em sua época. Estava claro que apesar de residirem na periferia, os Wards tinham uma boa reputação. Apenas uma família importante poderia pagar uma casa tão grande.

Immanuelle ergueu a saia, pisou com cautela em um pedaço de madeira carbonizada que pode ter sido uma viga. Ela percorreu o perímetro da casa uma vez, passando com cuidado pelos escombros, depois parou e se agachou ao lado de uma das grandes pedras de ardósia. De perto, ela viu que estava profundamente entalhado com um símbolo estranho - uma cruz no centro de um círculo - que parecia uma letra de algum alfabeto estrangeiro. Quanto mais ela olhava para ele, mais a lembrava da marca da bruxa.

—O que é este símbolo? — Immanuelle perguntou, traçando-o com a ponta dos dedos. Apesar do calor implacável do sol do meio-dia, a pedra estava estranhamente fria.

—É um símbolo —, disse Adrine, dando um passo à frente. —É nosso costume esculpir as pedras fundamentais de nossas casas com eles. Para sorte, prosperidade, proteção.

—O que isso significa?

—É um sifão. — Disse a garota, sussurrando agora, embora, pelo que Immanuelle pudesse perceber, não houvesse ninguém por perto para ouvi-las.

—E o que é um sifão?

Adrine parecia relutante em responder. —Poder. Da floresta.

—E aquele? — Immanuelle apontou para as ruínas da casa para outra pedra fundamental. Este era esculpido com uma série de oito cortes sobrepostos que pareciam ter sido infligidos pela raiva.

—Um escudo —, disse Adrine. —Destinado a repelir o perigo.

Immanuelle não precisou perguntar sobre a marcação na próxima pedra fundamental. —A marca da bruxa.

Immanuelle caminhou até a última das quatro pedras, que ficava no canto mais distante da ruína, mais próxima da floresta. Ele virou e se partiu em dois pedaços grandes. As meninas tiveram que trabalhar juntas, rolando as pedras - como aranhas e vermes se contorcendo no solo recém-exposto - e juntar os pedaços quebrados de volta. Immanuelle limpou a sujeira da pedra para ver com clareza e, quando o fez, Adrine recuou tão rapidamente que quase tropeçou em uma viga caída.

Immanuelle olhou para a marca e passou os dedos pelos cortes na pedra. Parecia bastante inócuo, apenas um pequeno hexágono com uma série de cruzes cortadas em seu centro. —O que é isso?

—Nós devemos ir.

Immanuelle franziu a testa. —Por quê?

—Porque é um selo de maldição, — disse Adrine em um silvo. —É feito para causar danos.

—Mas não temos intenção de qualquer má vontade.

—Não importa. Quem sabe o que o lançador do símbolo pretendia quando fez aquela marca.

—Mas já se passaram anos —, disse Immanuelle. —e a casa está abandonada há muito tempo. Não pode haver nenhum poder sobrando nessas pedras agora.

—Uma vez que um símbolo é feito e uma maldição lançada, está feito, — disse Adrine, claramente exasperada com ela. —Não importa se uma pessoa sai, morre ou se esquece; o poder que a marca foi feita para representar vive.

Um buraco se formou no estômago de Immanuelle enquanto ela pensava nas bruxas e nas pragas que elas lançavam com seu sangue. —Então você está dizendo que as maldições duram para sempre?

—Estou dizendo que é difícil, muitas vezes impossível, desfazer o que já foi feito. Quando você faz uma marca, ela fica lá para sempre. Pode ser alterada, mas nunca totalmente apagada.

Se o que Adrine disse era verdade, isso significava que havia pouca esperança de quebrar o ciclo das pragas. Parecia que o poder sombrio da floresta teria que seguir seu curso. Mas o que isso significa para a Honor e Glory e o resto dos enfermos? Eles sobreviveriam o suficiente para ver o fim da praga?

Immanuelle pensou na entrada profética no final do diário de sua mãe: *Sangue. Praga. Trevas... Abate.* Estava claro que se eles não encontrassem uma maneira de quebrar a maldição, haveria um preço mortal a pagar. Tinha

que haver uma maneira de pará-lo, e com base em tudo que ela reuniu até agora, sua melhor chance era decodificar os símbolos, a linguagem da magia das bruxas. Se o povo de Betel tivesse alguma esperança de derrotar as pragas de Lilith, eles precisariam entendê-las, saber contra o que estavam lutando.

Immanuelle tirou a mochila do ombro, vasculhou seu conteúdo e tirou um pedaço de papel e um pequeno pedaço de grafite. Com cuidado, ela alisou a folha de papel em branco na pedra e esfregou o grafite para frente e para trás, criando a imagem perfeita de transferência da pedra fundamental. Ela começou a fazer cópias dos próximos três símbolos depois disso, então coletou todos os papéis, dobrou-os cuidadosamente e colocou-os de volta em sua mochila para mantê-los em segurança. Ela se voltou para Adrine. —Como você sabe tanto sobre essas marcações, afinal?

—Eles fazem parte da nossa linguagem.

—Você quer dizer sua língua de origem?

Adrine acenou com a cabeça. —Essas marcas são apenas palavras para nós. É a intenção por trás delas que torna os símbolos algo mais... algo perigoso.

Immanuelle atravessou as ruínas da casa e entrou na estreita faixa de terra entre ela e Floresta Sombria. A alguns passos de distância estavam os ossos abandonados do que poderia ter sido uma casinha ou um pequeno galpão de trabalho como o de Abrão. Além disso, apenas um trecho escuro e denso da floresta. Sua escravidão era quase intoxicante.

Immanuelle começou a andar na direção dele e tropeçou, sua bota prendendo o que ela pensou ser uma pedra virada para cima. Mas quando ela procurou pela origem de sua quase queda, o que ela encontrou foi um pequeno degrau e vários outros logo depois, cada um deles levando à floresta extensa além da propriedade. Immanuelle seguiu o caminho até os pés de dois grandes

carvalhos gêmeos lado a lado, seus galhos emaranhados no alto para formar uma espécie de arco. Cada um de seus troncos foi esculpido com símbolos correspondentes: um longo traço que ia do início do primeiro galho até as raízes, o topo do qual foi cortado com o que parecia ser vinte traços mais curtos de comprimentos variados.

Adrine balançou a cabeça. —Eu não conheço esses símbolos.

—Sim. — Sussurrou Immanuelle, alcançando o fundo de sua mochila. Ela abriu o diário de sua mãe na página que mostrava a cabana onde ela afirmava ter passado o inverno. No primeiro plano do desenho havia dois grandes carvalhos entalhados com marcas idênticas às das árvores à sua frente.

Immanuelle se aproximou, arrastou a bota pelas folhas caídas, descobrindo uma série de degraus que levavam às profundezas de Floresta Sombria, para a cabana onde sua mãe suportou o inverno passado. Ela pressionou a mão no tronco esculpido em símbolos do carvalho mais próximo, meio que se virou para encarar Adrine.

Mas a garota apenas balançou a cabeça. —Eu não irei com você. Não está lá.

Immanuelle apenas acenou com a cabeça, uma parte dela aliviada. Era como se ela tivesse ciúmes da floresta, como se ela quisesse seus segredos para ela e somente para ela. E assim, sem sequer parar para olhar para trás, Immanuelle juntou as saias e passou pelos carvalhos que surgiam nas sombras da Floresta Sombria.

CAPITULO VINTE E TRES

Eu fiz uma casa na floresta. Fiz um telhado de palha e construí as paredes. E foi lá, em uma sala de pau e pedra, que o acordo foi feito, e eu não o aceitaria de outra maneira.

—MIRIAM MOORE

As florestas do sul eram diferentes das que corriam ao longo das Clareira. Elas eram mais grossas, cheias de pinheiros solenes que farfalhavam quando o vento passava por suas agulhas. O resto do mundo pareceu sumir enquanto Immanuelle caminhava por entre as árvores. A luz do sol diminuiu e as sombras se espessaram, ameaçando engoli-la. O caminho que ela tentou seguir foi rapidamente devorado pelo matagal. Ela não conseguia mais sentir as pedras sob suas botas. E embora ela soubesse que deveria estar com medo, tudo o que sentiu era uma sensação horrível de conclusão. Como se ela estivesse exatamente onde deveria estar.

Immanuelle não sabia quanto tempo andou, mas era quase meio-dia quando chegou a uma cabana. Um olhar para o lugar e ela sabia que estava abandonado há muito tempo. Ela não ficaria surpresa se seus donos originais fossem os fundadores de Betel, que se estabeleceram na floresta séculos atrás. A casa inteira parecia inclinar-se sobre as pedras de sua fundação, empenada e decrépita como um velho apoiado na bengala.

Na verdade, era menos uma casa do que uma cabana. Tinha apenas uma porta e uma janela. O telhado estava afundado e a varanda estava tão podre

que suas pranchas enegrecidas se desintegraram sob suas botas. Immanuelle colocou a mão na porta e a abriu.

Ela entrou em uma sala apertada que cheirava a mofo. À sua esquerda estava uma mesa lateral, sua superfície atravancada com um arranjo de velas derretidas. Na parede oposta, havia uma lareira com um espelho rachado preso acima da lareira, grande o suficiente para abrigar o reflexo do rosto de uma pessoa. No centro do quarto havia uma cama enferrujada.

Immanuelle.

Ela se virou, procurando o dono da voz, mas em vez disso, ela encontrou algo que perdeu à primeira vista. À direita da lareira havia um pano branco ondulado e, atrás dele, uma soleira estreita. Levantando a mão trêmula, Immanuelle puxou a mortalha. Ela caiu no chão em uma nuvem de partículas de poeira girando, revelando um corredor curto, sem luz, exceto por um único raio de sol que iluminou a sala em seu final.

Immanuelle enfiou a mão na mochila, retirando primeiro a lamparina a óleo, depois um único palito de fósforo. Ela acendeu o último nas pedras da lareira, acendeu a lamparina e voltou para o corredor. O brilho vermelho da chama espalhou-se pelas paredes enquanto ela caminhava.

No final do corredor, ela fez uma pausa, erguendo a lamparina bem alto para revelar uma sala sem janelas, vazia exceto pelo círculo de cinzas em seu centro. Cortado grosseiramente no teto acima, havia um pequeno orifício para deixar sair a fumaça. Espalhados pelas cinzas estavam ossos: uma mistura de cascos e chifres, costelas, vértebras e, no meio dos estilhaços, o que parecia ser o esqueleto completo de um carneiro - sem o crânio.

Mas foram as paredes que chamaram a atenção de Immanuelle. Elas estavam esculpidas por toda parte com marcações, formas e palavras que

corriam juntas e se sobrepunham, então mal havia um centímetro do painel sem marcas.

E as escritas foram feitas por uma mão que ela reconheceu: a de sua mãe.

A compreensão a atingiu de uma vez. Esta era a cabana - *a* cabana sobre a qual Miriam havia escrito em seu diário.

As palavras de Miriam rastejavam como vinhas pelas paredes. Elas repetiam a mesma frase, indefinidamente: *A donzela terá uma filha, eles a chamarão de Immanuelle, e ela redimirá o rebanho com ira e peste.*

Immanuelle traçou os entalhes com a mão trêmula, seguindo seu caminho de uma parede a outra. As esculturas podiam ser separadas em três formas distintas: uma na parede esquerda, uma na direita e outra na parede oposta entre elas, onde as duas marcas se tornavam uma. Levou algum tempo para reconhecer essas formas pelo que eram - símbolos, exatamente como os que vira nas pedras da fundação.

Três formas. Três...*selos*.

Immanuelle se abaixou para pousar a lamparina a óleo, depois tirou a mochila do ombro e retirou os pedaços de papel em que copiara os símbolos das pedras fundamentais. Levou apenas alguns momentos para classificar os diferentes símbolos até que ela encontrou o selo de maldição. Immanuelle segurou o papel contra a parede para comparar as duas marcas e descobriu que combinavam perfeitamente em tudo, exceto na escala.

Engolindo seu pavor crescente, Immanuelle seguiu em frente.

O símbolo na parede esquerda não correspondia a nenhum dos símbolos gravados nas pedras da fundação. Era uma forma retorcida impressionante, quase parecendo mãos postas ou dedos entrelaçados. Mas, apesar disso, parecia claramente familiar para ela. Depois de alguns momentos intrigando-se em silêncio - avaliando a marca de diferentes ângulos, traçando os cortes

com as pontas dos dedos - ela percebeu. Abaixando-se sobre um joelho, ela tirou o diário da mãe da mochila, folheou-o até a página de seu segundo autorretrato, a ilustração abstrata que esboçou dias após seu retorno da floresta. Na imagem, ela estava nua, os braços meio envoltos em torno de sua modéstia, sua barriga inchada pintada com um símbolo... o mesmo que foi esculpido na parede. Se o primeiro selo era uma maldição, então este segundo era, talvez, a *concepção* dele. Uma espécie de símbolo de nascimento, se você quiser. Uma marca de criação.

Intrigada, Immanuelle passou para o último símbolo, aquele na parede oposta, o único que ela reconheceu imediatamente, porque ela o tinha visto todos os dias durante toda sua vida. Era o mesmo selo que as noivas usavam, esculpido entre suas sobrancelhas - um símbolo de união, um símbolo de ligação.

Immanuelle se levantou e foi examinar os símbolos mais de perto. Ela traçou os contornos amplos de cada escultura por vez, movendo-se lentamente de uma parede para a outra: uma marca de nascimento, uma de maldição e uma marca de ligação entre eles.

Seu sangue gera sangue. As palavras do diário de Miriam dançaram em sua mente. Ela se lembrou da noite na lagoa com as bruxas, do início da mancha de sangue. A primeira praga, e todas as pragas que a seguiram, desencadeada por seu primeiro sangramento.

Seu sangramento. Seu sangue.

Eles a chamarão de Immanuelle. Seu sangue gera sangue.

A verdade a atingiu como uma faca entre as costelas.

Lilith não lançou as pragas. Miriam sim.

E Immanuelle era a maldição.

CAPITULO VINTE E QUATRO

Em breve teremos que escolher entre quem queremos ser e quem devemos ser para continuar. De uma forma ou de outra, haverá um custo.

—DAS ÚLTIMAS CARTAS DE DANIEL WARD

Immanuelle nunca tinha ficado com raiva em sua vida. Quando criança, sob Martha, ela fora bem educada nas virtudes da paciência e do controle; ela estava mais apta a levar um tapa do que a desferir um. Mas agora, enquanto ela esvaziava sua lamparina, espirrando querosene nas paredes da cabana, uma raiva horrível a invadiu, como se algum animal enjaulado dentro dela estivesse tentando arranhar seu caminho para fora.

Ela tinha sido usada.

Era uma verdade tão terrível que Immanuelle mal conseguia concebê-la. Era pior do que ser o prenúncio das pragas, pior do que a própria condenação. A ideia de que sua mãe - por quem ela passou quase dezessete anos de luto - nunca a amou como nada mais do que uma arma, um agente de sua própria vingança.

Immanuelle jogou óleo nos símbolos com fúria cega. Ela pegou o pacote de fósforos de sua mochila e acendeu um, segurando-o preso entre os dedos enquanto olhava para os entalhes escorregadios de óleo.

Um para xingar. Um para ligação. Um para o parto.

Ela jogou o fósforo na poça de querosene a alguns metros de distância e um mar de fogo espalhou-se pelo chão. Ela recuou enquanto as chamas

corriam pelo corredor atrás dela, passando pela soleira, derramando-se na sala da frente. Em questão de segundos, a casa foi quase totalmente engolfada.

Immanuelle emergiu da cabana em uma nuvem de cinzas. Ela não tinha certeza se estava chorando mais de raiva ou de fumaça. Ela não se consolou com a visão da cabana em chamas. Algumas chamas não eram suficientes para protegê-la da verdade.

Para vingar seu amante, Miriam entregou sua filha, de corpo e alma, a Lilith. Ela era sua maldição feita carne, e tudo - o sangue e a praga, a escuridão e a matança por vir - estava tudo dentro dela. Miriam não queria justiça; ela queria sangue... e Immanuelle havia fornecido. Naquela noite na Floresta Sombria, quando ela sangrou pela primeira vez, ela desencadeou tudo. Esse era o legado de Miriam: não de amor, mas de vingança - e traição.

A fumaça caiu pelas copas das árvores enquanto a cabana continuava a queimar. O calor era tanto que Immanuelle cambaleou para trás, as cinzas no ar tão densas que quase a sufocaram.

Mesmo assim, ela não recuou.

Em seu coração, ela sabia que não fazia diferença - a cabana pegando fogo, as chamas de sua própria raiva rugindo de dentro. Nada disso equivaleria a nada mais do que cinzas ao vento. Mas era bom, tão bom, queimar-se e se enfurecer e se perder nas chamas. Era sua própria purificação pessoal e, naquele momento, era o único conforto que ela tinha. Ela se sentiu quase bêbada com isso, e talvez Miriam também se sentisse, anos atrás, quando depois da morte de Daniel Ward ela fugiu para Floresta Sombria e fechou um acordo com as bruxas. Talvez aquela raiva devoradora tivesse importado mais para ela do que qualquer outra coisa... sua alma, sua filha, sua própria vida.

Mas mesmo com a raiva de Immanuelle fervendo dentro dela - mesmo com sua raiva e culpa a consumindo - ela não conseguia se imaginar vendendo sua família para as trevas do jeito que Miriam a vendeu.

E aí estava a diferença entre elas.

Immanuelle correu então, fugindo da floresta e de todos os seus males, deixando a cabana em chamas para trás. Toda vez que ela fechava os olhos - toda vez que ela piscava - ela podia ver as palavras gravadas nas paredes, os símbolos que a prendiam às maldições... e ela correu ainda mais rápido.

Depois de uma corrida longa e brutal pelo matagal, ela emergiu da floresta e ficou sob a luz do sol poente. Ela tirou as folhas da saia e tentou se recompor, tirando os galhos do cabelo e enxugando as últimas lágrimas na manga.

Ninguém poderia saber o que ela havia encontrado na floresta. Não se ela quisesse viver.

Ao retornar da periferia e chegar à casa de Moore, ela encontrou Martha do lado de fora, machado na mão, curvada sobre o bloco de corte. Sem uma palavra de saudação, a mulher mais velha caminhou até o galinheiro, agarrou uma galinha pelo pescoço e forçou-a ao bloco. Com um movimento suave dos ombros, ela separou a cabeça do pescoço. O corpo da galinha saltou do toco, asas estalando, garras lutando para se apoiar quando atingiu o chão.

Os Moores geralmente matavam galinhas apenas em dias sagrados, então este era um deleite raro, mas Immanuelle não conseguia reunir nenhuma alegria. O medo em sua barriga foi substituído por raiva desde a descoberta da cabana, mas agora começou a crescer novamente enquanto ela lia a expressão sombria no rosto de Martha.

O pânico tomou conta dela: a praga, as meninas. Às vezes - no mais grave dos dias - o Pai exigia sacrifício, sangue em troca de uma bênção. E talvez, se estivessem desesperados o suficiente, se uma ou as duas tivessem piorado...

—Honor e Glory...

—Tudo bem. — Disse Martha, limpando uma gota de sangue de frango da bochecha.

—Então qual é a ocasião?

—Temos companhia. — Martha ergueu o cadáver emplumado da terra. —O Profeta está aqui e pediu para falar com você.

O coração de Immanuelle deu um pulo. —Ele disse por quê?

Martha enxugou as mãos e a lâmina do machado na ponta do avental. — Ele diz que veio para se confessar. Ouvi dizer que eles estão na periferia desde o amanhecer - ele e seu herdeiro - indo de casa em casa, deixando os doentes falarem caso o fim chegue. Então, eles estão aqui por Honor e Glory. — Ela olhou para Immanuelle. —Mas suponho que, em sua bondade, ele também deseja ouvir sua confissão.

Seu coração disparou, seus joelhos amoleceram e ela lutou com tudo que tinha para controlar o pânico crescente. Seu medo não a salvaria agora. O que quer que o Profeta quisesse, ele iria cobrar. Não havia como fugir e ela se recusou a se encolher diante do que não podia ser mudado. Endireitando os ombros, ela começou em direção à casa da fazenda.

—Espere. — Disse Martha.

Immanuelle fez uma pausa, uma das mãos na maçaneta da porta. —Sim?

—Semanas atrás, na noite em que você voltou da floresta, fui dura com você. Eu espero que você possa me perdoar.

Immanuelle engoliu em seco. Suas palmas estavam escorregadias de suor. —Claro.

Martha ofereceu a ela algo quase como um sorriso. —Você me assustou quando foi para Floresta Sombria naquela noite. Achei que tínhamos perdido você - como perdemos Miriam.

—Mas ela voltou.

—Não, ela não voltou. Quando ela voltou, ela trouxe a Floresta Sombria de volta com ela. É por isso que fiquei com tanto medo quando você voltou... mas não deveria ter permitido que meu medo me tornasse cruel. Isso foi um pecado, e eu sinto muito.

—Você só estava fazendo o que achava certo.

—O que não significa muito se eu estiver errada —, disse Martha, e acenou com a cabeça em direção à casa da fazenda. —Vá agora, confesse seus pecados, como eu tenho os meus. O Profeta está esperando.

O Profeta estava sentado à cabeceira da mesa familiar, ocupando o lugar de Abrão. Ele estava com as mãos cruzadas como planejava orar, mas quando Immanuelle entrou na sala de jantar, ele sorriu e gesticulou para a cadeira de Martha na extremidade oposta da mesa. —Estou feliz que você esteja em casa com segurança.

Immanuelle se sentou. —Por Sua graça.

Do outro lado da sala, Ezra estava atrás de seu pai, ombros retos, mãos cruzadas nas costas. Mesmo com Immanuelle sentada em sua linha de visão, ele mal registrou sua presença. E embora ela soubesse que isso fazia parte do juramento - deixar o passado para trás por causa dele e dela - ainda doía ver Ezra olhar para ela como se ela fosse pouco mais que uma estranha.

O Profeta recostou-se em seu assento, e suas pernas gemeram quando ele se mexeu. Immanuelle poderia jurar que ele parecia um pouco ansioso. Seu

olhar cintilou sobre ela, procurando como sempre, mas mais hesitante do que nas semanas anteriores, quando ele não fez nenhuma tentativa de conter seu olhar. Ele acenou com a cabeça em direção a sua mochila. —O que você tem aí?

—Ervas —, disse ela, esperando que a hesitação em sua voz não a traísse. —Para minhas irmãs.

—Sua avó me disse que você é uma enfermeira e tanto.

—Eu faço o que eu posso.

—Como todos nós devemos. — Disse ele.

No andar de cima, Glory soltou um grito que ecoou pela casa. O sorriso do Profeta esmaeceu com o som. Ele se virou para Immanuelle e começou a falar de novo, quando a porta dos fundos se abriu e Martha entrou com duas galinhas ensanguentadas, Anna em seus calcanhares. Elas começaram o jantar, depenando os pássaros, cortando os vegetais, tentando fingir que não estavam ouvindo enquanto trabalhavam. Um olhar de irritação cintilou no rosto do Profeta. Ele lançou seu olhar para a cozinha, levantando sua voz acima do barulho de panelas e frigideiras barulhentas. —Podemos ter um momento a sós?

Anna parou no meio de descascar uma cenoura. Tiras de casca laranja caíram no chão quando ela se virou para encará-las. Martha pôs a mão em seu ombro e as duas fizeram uma reverência e saíram correndo da sala.

O Profeta inclinou a cabeça para seu filho. —Você também.

Ezra ficou tenso, então acenou com a cabeça, saindo de trás da cadeira de seu pai. Ele passou por Immanuelle sem olhar na direção dela e começou a subir as escadas.

Enquanto os passos de Ezra se transformavam em silêncio, o olhar do Profeta voltou para ela. Ele a estudou com afiada intenção, como se estivesse

tentando gravar os detalhes de seu rosto na memória. Seu olhar era tão aguçado que ela quase podia sentir, como um dedo frio traçando ao longo de sua testa, a costura entre seus lábios, então desceu por seu pescoço até a curva de sua clavícula. Ela congelou, com medo de que a menor vacilada pudesse traí-la pelo que ela era: o arauto da praga, herege da Igreja, um peão das bruxas.

—Você é uma pastora, não é?

Ela assentiu. —Eu cuido do rebanho do meu avô.

O Profeta ergueu o copo de leite de ovelha - olhando-a por cima da borda enquanto bebia -, depois o pousou e lambeu a espuma do lábio superior. —Você e eu somos iguais nisso. Ambos temos nossos rebanhos para cuidar.

—Ouso dizer que sua vocação é maior do que a minha.

—Eu não faria isso. —O olhar do Profeta pousou nela por um momento; então ele tossiu violentamente na curva de seu braço. Ele levou algum tempo para recuperar o fôlego. —Você sabe por que vim aqui hoje?

—Para ouvir minha confissão e me dizer como absolver meus pecados.

—E você acha que é tão simples? Você acha que o pecado pode simplesmente ser eliminado com penitência de alguns minutos e um coração arrependido?

—Nem todos os pecados, não.

—E quanto ao pecado de bruxaria? — A voz do Profeta foi medida, mas seus olhos tinham uma malícia que quase a fez estremecer.

Immanuelle lutou para manter o rosto inexpressivo. —O pecado de bruxaria é punível com purga de pira.

—E você já se envolveu em tal pecado? —o Profeta perguntou, gentilmente, como se estivesse tentando arrancar a verdade dela. —Você já conjurou feitiços ou maldições?

Immanuelle ficou tensa. A imagem dos selos e símbolos esculpidos nas paredes da cabana passou por sua mente. Se lançar uma maldição era punível com a morte, qual era a punição por ser o arauto da maldição? —Claro que não.

—Você tem acompanhado os habitantes de Floresta Sombria, como sua mãe fazia uma vez?

A raiva queimou por ela, mas ela a controlou. —Eu não sou minha mãe. Senhor.

O Profeta olhou para suas mãos e havia algo estranho em seus olhos. Amargura? Arrependimento? Ela não conseguia analisar. —Isso não é uma resposta, Sra. Moore.

Immanuelle estava com medo de mentir, mas ela sabia que a verdade a condenaria. Além disso, quais eram seus enganos comparados aos do Profeta e da Igreja? Se ela tivesse que mentir, seria pelo bem de sua vida, e o mesmo não poderia ser dito para eles. —Eu não sei nada sobre a floresta ou os pecados de minha mãe. Fui criada para manter a fé.

O Profeta começou a responder, mas outro acesso de tosse o interrompeu. Ele cortou sua manga por um longo tempo, ofegando e ofegando por ar. Quando o ataque finalmente terminou, ele abaixou o braço e Immanuelle viu uma pequena mancha vermelha na curva de seu cotovelo. —E a luxúria?

Immanuelle ficou tensa. —O que?

—Prostituição, fornicação, adultério, luxúria. — Ele contou os crimes nos dedos. —Certamente você conhece seus pecados e as Escrituras se você mantiver a fé, como afirma.

As bochechas de Immanuelle se aqueceram. —Eu conheço esses pecados.

—E você participa deles?

Ela deveria ter ficado com medo, mas o que cresceu dentro dela agora era o desprezo - por ele, pela Igreja, por qualquer um que atiraria pedras nos outros enquanto escondia seus próprios pecados. —Não.

O Profeta se inclinou para a frente em sua cadeira, os cotovelos sobre a mesa, os dedos cruzados. —Então você quer dizer que nunca se apaixonou?

—Nunca.

—Então você é pura, de coração e carne?

Ela começou a tremer em seu assento. —Eu sou.

Houve um longo silêncio.

—Você faz suas orações à noite?

—Sim. — Ela mentiu.

—Você se importa com sua língua e mantém as palavras vis fora de seus lábios?

—Eu mantenho.

—Você honra os mais velhos?

—O melhor que posso.

—E você lê suas Escrituras?

Ela assentiu. Outra resposta honesta. Ela leu as Escrituras, certamente - não apenas aquelas a que ele se referia.

O Profeta se inclinou para a mesa. —Você ama o Pai de todo o coração e alma?

—Sim.

—Então diga. — Era uma exigência, não uma pergunta. —Diga que você O ama.

—Eu O amo. — Disse ela, uma fração de segundo tarde demais.

O Profeta se afastou de sua cadeira à cabeceira da mesa e se levantou. Ele caminhou ao longo da mesa, parou ao lado de sua cadeira e colocou a mão em

sua cabeça. Seu polegar traçou o ponto vazio entre as sobrancelhas, onde as esposas usavam seus selos.

Ela fez de tudo para não pular da cadeira e fugir.

—Immanuelle. — Ele virou o nome dela na língua como se fosse um cubo de açúcar, algo para ser saboreado. Sua adaga sagrada escorregou da gola de sua camisa quando ele se aproximou, a lâmina embainhada roçando sua bochecha enquanto balançava para frente e para trás. —Você faria bem em se lembrar em que acredita. Muitas vezes descobri que a alma tende a vagar em direção à escuridão.

Seu coração batia tão violentamente que ela temeu que ele fosse ouvir. — Receio não entender o que quer dizer.

O Profeta se aproximou ainda mais. Ela podia sentir a respiração dele em seu ouvido enquanto ele sussurrava: —E temo que você entenda.

—O suficiente. — O Profeta ergueu os olhos, com a mão escorregando da cabeça de Immanuelle, quando Ezra entrou na sala de jantar e contornou a mesa para ficar ao lado dela. —Ela respondeu às suas perguntas e o sol está se pondo rapidamente. Devemos seguir nosso caminho.

O olhar do Profeta escureceu quando caiu sobre Ezra, e Immanuelle se perguntou se ele era capaz de olhar para seu filho com outra coisa senão desprezo.

—Vamos. — Disse Ezra, e desta vez houve uma ameaça entre as palavras.

Os lábios do Profeta se curvaram em um sorriso de escárnio. Ele começou a falar, mas parou ao som de seu nome.

—Grant... o menino está certo. — Immanuelle se virou para ver Abrão parado na soleira entre a sala de jantar e a cozinha. Ele se apoiva em sua bengala favorita - um galho de bétula com um punho que ele esculpiu na forma de uma cabeça de falcão - e sua boca foi esculpida em uma linha fina. Ele falou

de novo, mais alto desta vez, embora Immanuelle soubesse que cada palavra era uma luta. —As estradas são perigosas... à noite... com os enfermos à espreita.

Immanuelle ficou tão aliviada ao ver Abrão naquele momento que quase chorou. O homem fraco e quieto que a criou se foi. O homem diante dela agora estava decidido, seus ombros retos, sua mandíbula firmemente cerrada.

Ela se lembrou de algo que Anna disse uma vez, como, após a morte de Miriam, depois que Abrão perdeu seus Dons e o título de apostolado foi retirado dele, ele se tornou um fantasma do homem que tinha sido antes. Mas agora, neste momento, quando ele pisou firmemente na soleira para ficar ao lado de Immanuelle, parecia que aquele homem havia ressuscitado.

Ezra colocou a mão firme no ombro do pai. —Ele está certo, pai. Os doentes estão fora de si, loucos de febre. Não é seguro viajar pelas estradas após o pôr do sol. Devíamos seguir nosso caminho. *Agora.*

Immanuelle esperou que o Profeta os repreendesse, mas ele não o fez. Em vez disso, ele voltou seu olhar para ela. Desta vez, seus olhos não aqueceram. —São dias sombrios, isso é certo, mas o Pai ainda não nos deu as costas. Ele está observando. Ele está *sempre* observando, Immanuelle. É por isso que devemos lembrar o que acreditamos e mantê-lo, se nada mais.

Assim que o Profeta partiu, Immanuelle se levantou, o movimento tão abrupto que sua cadeira caiu no chão. Mas ela não se abaixou para pegá-la. Tremendo e sem dizer uma palavra, ela fugiu da sala de jantar para a frente da casa. Abrão a chamou quando ela abriu a porta e saiu para a varanda. Lá, ela se agachou e pressionou a mão nas tábuas para se equilibrar. Ela deu vários suspiros irregulares, mas o ar estava denso com a fumaça da pira e isso fez pouco para aliviar seus pulmões em chamas. Ela ainda podia sentir a mão do

Profeta em sua cabeça, seu polegar pressionando entre suas sobrancelhas, e a memória de seu toque por si só foi o suficiente para fazê-la tremer de medo.

—Immanuelle. — Ezra saiu e fechou a porta atrás de si. —Você está bem?

Ela ficou de pé, alisou os vincos de suas saias em uma vã tentativa de se recompor. —Você deveria ir embora.

—Me dê humor por um momento.

—Por que eu deveria?

—Porque isso é um pedido de desculpas.

Ela franziu o cenho. —Um pedido de desculpas pelo quê?

—Por estar bêbado, áspero e descuidado. Por minhas ações na lagoa no meio da minha visão. Por machucar você. Por se comportar mais como um inimigo do que como um amigo. Eu nunca quero que minhas ações façam você duvidar de minha lealdade dessa forma. Você pode me perdoar?

Era, talvez, o melhor pedido de desculpas que Immanuelle já recebeu. Certamente era o mais sério. —Como se nunca tivesse acontecido. — Disse ela.

Do outro lado das pastagens e em meio à fumaça, Immanuelle avistou o Profeta em seu cavalo, esperando por Ezra. Havia gravidade em seu olhar e, mesmo à distância, ela poderia dizer que ele os estava observando. —Você precisa ir. Agora.

—Eu sei, — disse Ezra, mas ele não se moveu, apenas ficou ali olhando para o pai. Levou um momento para ela ver a expressão em seu rosto pelo que era: pavor. —Você ainda acredita que podemos encontrar uma maneira de acabar com isso?

A fumaça da pira rolou pela estrada, obscurecendo o Profeta de vista. — Nós temos que encontrar.

CAPITULO VINTE E CINCO

Muitas vezes me pergunto se meu espírito viverá nela. Às vezes espero que sim, senão para não ser esquecido.

—MIRIAM MOORE

Naquela noite, Immanuelle sonhou que ela caminhava por um campo de âmbar. Até onde a vista alcançava, ondas de trigo dourado rolavam com o sopro do vento. Os grilos cantavam canções de verão; o ar estava espesso e pegajoso, o céu sem nuvens.

À distância, duas figuras se moviam pelo trigo como peixes na água. A primeira, uma garota com cabelos dourados e um sorriso malicioso. Immanuelle a reconheceu pelo retrato no diário de sua mãe: Miriam, sua mãe.

Caminhando ao lado dela, um garoto alto com pele escura como a noite e olhos como os de Immanuelle. Ela sabia, sem realmente saber, quem ele era à primeira vista: Daniel Ward, seu pai.

Juntos, os dois caminhavam de mãos dadas através do trigo, sorrindo e rindo, extasiados um com o outro, seus rostos aquecidos com a luz do sol nascente. Quando eles se viraram e se beijaram, era com paixão... e saudade.

Immanuelle tentou segui-los através das ondas âmbar, mas eles eram rápidos e ela era lenta e, quando correram, ela tropeçou e ficou para trás.

O sol mudou no céu, como se puxado por uma corda. As sombras caíram nas planícies e o casal desapareceu na curva de uma colina. Immanuelle lutou atrás deles, sentindo o cheiro de fumaça no vento quando a noite caiu.

Ela ouviu o ruído abafado de chamas. Arrastando-se com o resto do trigo, Immanuelle olhou para as planícies abaixo. Havia uma multidão de cerca de cem pessoas reunida em torno de uma pira. De pé naquela pira, sem camisa e sangrando, estava seu pai, Daniel Ward.

Um grito irrompeu nas planícies. Immanuelle seguiu o som até Miriam, que se encolheu chorando ao pé da pira. Como sua amante, ela estava amarrada, acorrentada na garganta. Ela se lançou para a pira, rastejando sobre as mãos e os joelhos, a cinta de ferro cravando em seu pescoço, mas um puxão cruel em sua corrente a fez se espatifar e ela desabou no chão novamente.

Immanuelle não queria assistir. Ela não queria se mover, mas se viu descendo a colina, a multidão se separando para abrir caminho para ela. Ela veio ficar ao lado de Miriam, na sombra da pira.

A multidão se separou novamente. Um homem passou por eles. Immanuelle levou um momento para reconhecê-lo: o Profeta Grant Chambers, o pai de Ezra. Em suas mãos estava um galho flamejante maior do que qualquer tocha que ela já tinha visto. Ele a suportava com as duas mãos, cortando o campo até o pé da pira em três longos passos.

Miriam arranhou a terra, gritando súplicas e cuspindo maldições, implorando e chorando e amaldiçoando sobre o pouco que lhe restava para amaldiçoar - sua vida, seu sangue, sua boa palavra - a qualquer deus que pudesse ouvi-la.

Mas apesar de todos os seus apelos e maldições, o Profeta não a atendeu. Ele baixou o galho até a pira e, com um rugido, as chamas invadiram os gravetos.

Daniel não se mexeu. Ele não vacilou. Ele não implorou como Miriam fez. Quando as chamas consumiram suas pernas e o devorou, ele soltou um grito único e assustador e depois ficou em silêncio. E tão rápido quanto começou, acabou.

De carne, ossos a cinzas.

Immanuelle cambaleou, curvou-se e caiu de joelhos, batendo no chão ao lado da mãe. Ela tapou os ouvidos com as mãos para bloquear o rugido das chamas e os gritos de Miriam, a zombaria da multidão. Cada respiração trazia o fedor de carne queimada.

A fumaça rolou pelas chamas, muito densa para ver. Immanuelle engasgou, cega na escuridão; a luz da pira morreu para pouco mais do que o brilho opaco de uma brasa na noite.

Quando a escuridão clareou, Immanuelle se viu sozinha. A pira havia sumido, assim como a multidão. O Profeta e Miriam não estavam em lugar nenhum. As planícies estavam vazias.

Acima, a lua pairava, gorda e cheia.

Immanuelle semicerrou os olhos. À distância, ela podia apenas divisar a sombra crua da catedral, quebrando acima das ondas de trigo. Immanuelle começou a andar em sua direção, atravessando as pastagens vazias, viajando para o leste à luz da lua.

Ao chegar à catedral, ela vacilou, ficando imóvel à sombra da torre do sino. As portas se abriram lentamente e, mesmo à distância, ela sentiu o fedor de algo cru no ar, todo sangue e carnificina.

Immanuelle subiu os degraus de pedra e entrou em uma escuridão tão densa quanto a noite. Ela cambaleou pelo corredor central, as mãos estendidas, movendo-se de um banco para o outro.

Uma chama ganhou vida atrás do altar. Em seu brilho, Immanuelle pôde distinguir a sombra de uma figura, Miriam. Ela usava um vestido de corte branco, com as dobras espalhando-se sobre sua barriga. Quando Immanuelle se aproximou, ela viu que estava sorrindo - um sorriso molhado. Em sua mão direita ela segurava um chifre quebrado como uma adaga, sua ponta irregular pingando sangue.

Uma grande forma se moveu atrás dela, como uma aranha emergindo das bordas de sua teia. Lilith rondou até a frente do altar e pairou sobre o ombro de Miriam. Após sua chegada, a escuridão recuou e a luz das velas se espalhou pela catedral. E quando os olhos de Immanuelle se ajustaram e o salão entrou em foco, ela fez tudo o que pôde para conter um grito.

O lugar era uma tumba.

Havia uma grande quantidade de cadáveres, caídos sobre os bancos e amontoados nos corredores adjacentes, amontoados sob os vitrais e à sombra do altar. Todos eles estavam mutilados e destruídos, membros torcidos, cabeças tortas, mandíbulas quebradas.

Entre a multidão de mortos havia rostos que ela reconhecia. Judith estava deitada no banco ao lado dela, a garganta cortada acima do colarinho. A poucos metros de distância, Martha estava deitada de bruços em uma poça de sangue. Ao lado dela, Abrão, seu pescoço torcido em seu eixo. Aninhada em seus braços quebrados estava Anna, seus lábios manchados de tinta preta com sangue. A seus pés, Glory e Honor jaziam imóveis, como se estivessem adormecidas, mas seus olhos estavam abertos, suas bocas abertas, como se tivessem sido abatidas no meio de uma oração. Leah estava esticada sobre o altar, sua barriga grávida esculpida como a de um cordeiro estripado. Bem acima dela, aparafusado à parede com a espada do próprio David Ford, estava Ezra.

Os joelhos de Immanuelle dobraram. O chão ficou macio sob seus pés. Ela caiu para a frente, tropeçando nas pedras do calçamento. —O que é que você fez?

A luz das velas iluminou o rosto de Miriam. Aquele sorriso terrível dela se alargou, como uma ferida se abrindo. Ela começou a rir. —Você sabe o que é isso.

Acima, o teto curvado, pedras moendo como se a catedral estivesse desabando sobre si mesma. Immanuelle cambaleou para trás, mas não havia para onde correr. —Por quê? Por que você faria isso?

—Porque eles o tiraram de mim — sussurrou Miriam, e ao som de sua voz a luz das velas morreu, mergulhando o salão na escuridão. —Sangue por sangue.

CAPITULO VINTE E SEIS

Uma criança é um dom maior do que qualquer outro.

—DOS ESCRITOS DO PROFETA ENOCH

—Levante-se. — Immanuelle acordou com o brilho da lamparina e o corte áspero da silhueta de Martha em sua porta.

Immanuelle voltou sua atenção, as memórias do massacre voltando à sua mente - os corpos, o sangue, o massacre.

—Ezra veio do Refúgio.

—Novamente? — Immanuelle perguntou, sua voz grossa e rouca de sono. —Para quê?

Martha arrancou a capa do gancho na parede e jogou para ela. —Leah está em trabalho de parto e está sangrando muito.

—Mas ela só vai nascer daqui a semanas-

Martha se virou para encará-la. —Você sabia?

Immanuelle se atrapalhou com os botões do vestido. —Sim, mas ela só me disse algumas semanas atrás. Eu queria que você soubesse, mas ela me fez jurar que manteria o segredo e...

Martha ergueu a mão pedindo silêncio. —Agora não é hora de sua confissão. Precisamos ir para o Refúgio. Vou precisar da sua ajuda na cama de parto e Leah precisa de você também.

Martha e Immanuelle correram para o Refúgio à luz das piras de purga. Ezra cavalgava à frente delas a cavalo, galopando pelas Clareiras. No momento em que chegaram ao portão do Refúgio, ele estava esperando por elas. Immanuelle saltou da carroça antes que ela diminuísse a velocidade e parasse e corresse em sua direção, disparando em meio à fumaça das piras. Ele as conduziu até o saguão e pelo corredor em direção à ala nupcial.

Deixe-a viver, Immanuelle rezou, para o Pai, para as feras da Floresta Sombria, para as bruxas, para quem estivesse disposto a atendê-la. *Por favor, deixe Leah viver.*

Depois de uma caminhada que pareceu durar muito tempo, eles entraram em uma enfermaria que Immanuelle não reconheceu. Aqui, os gritos do enfermo enfraqueciam no silêncio e apenas uma voz soava acima do resto. Um gemido úmido e gargarejante que bateu contra as paredes e ecoou.

As mãos de Immanuelle começaram a tremer.

—É o mais longe que eu vou —, disse Ezra, e seu olhar caiu sobre Immanuelle. —Seja forte.

Ela começou a responder, mas Martha a interrompeu. —Diga a seu pai que estou aqui.

Ezra acenou com a cabeça e, sem outra palavra de despedida, saiu.

Martha avançou à frente de Immanuelle, murmurando uma prece baixinho ao abrir a porta. Elas entraram na sala de parto juntas. Era pequena, toda iluminada com a luz do fogo. O ar estava pesado com o cheiro de suor e fumaça de madeira. No fundo do quarto, falando em tons ásperos e urgentes, estavam a mãe de Leah e algumas de suas meias-irmãs mais velhas. Seus olhos estavam injetados e quase todas choravam.

No centro do quarto - lotado por uma multidão de esposas do Profeta - estava a cama onde Leah estava deitada, se contorcendo. Ela vestia apenas uma camisola fina, com as saias puxadas até as axilas. Entre suas coxas havia uma poça escura de sangue. Sua barriga estava inchada e listrada com estrias que pareciam feridas de faca, com muitas cicatrizes. A criança girava dentro dela, e cada contração violenta provocou um grito de Leah que parecia rasgar o ar em dois.

Martha empalideceu. Seu olhar se voltou para a mãe de Ezra, Esther, que estava atrás da cabeceira da cama. Ela usava uma bata longa manchada de sangue e seu cabelo estava preso em um coque caído. Foi a primeira vez que Immanuelle a viu com uma aparência menos do que imaculada.

—Há quanto tempo ela está assim?

—Dois dias.

Immanuelle olhou para ela, perplexa. —Você a deixou trabalhar por *dois dias* sem pedir ajuda?

—Os médicos do Refúgio estavam ao seu lado...

—Você deveria ter me chamado antes. — Disse Martha, em uma repreensão severa.

—Eu sei, mas estávamos apenas agindo sob as ordens do Profeta —, disse Esther, correndo para explicar. —Ele perguntou se poderíamos... *reter* informações sobre as circunstâncias da condição de Leah por mais algum tempo.

Immanuelle percebeu por quê. Ele estava tentando manter o nascimento em segredo. Deixando Leah trabalhar silenciosamente, nos confins do Refúgio, atendidos apenas por médicos pessoais do Profeta que fizeram o juramento sagrado - sob pena de purificação - para servi-lo e guardar seus segredos. Ao reter essa informação, ele poderia eliminar os detalhes da ilegitimidade da

criança e, mais importante, seu pecado. Dentro de alguns meses, ele anunciaria o nascimento da criança e ninguém questionaria as circunstâncias que cercaram sua concepção. Tudo seria considerado certo e bom.

Martha contornou a mesa de parto e começou o exame. Enquanto ela trabalhava, Esther passou um pano úmido pela testa de Leah. Ela fez uma pausa para sussurrar algo em seu ouvido, e tudo o que ela disse foi o suficiente para fazer a garota sorrir em meio às lágrimas, mesmo que apenas por um momento. A mulher se virou para Martha, baixando a voz para um sussurro tão baixo que Immanuelle teve que ler seus lábios para entendê-la. — Chegamos tarde demais?

A parteira não respondeu.

—Immanuelle. — Os olhos inchados de Leah se abriram e ela estendeu a mão. —Por favor venha.

—Estou aqui —, disse Immanuelle, avançando para pegar a amiga pela mão. —Eu estou bem aqui.

Leah sorriu e algumas lágrimas escorreram pelo seu rosto. —Eu sinto muito. Sinto muito pelo que disse da última vez que te vi. Me perdoe. Por favor. Eu sinto muito.

—Silêncio. — Immanuelle afastou uma mecha de cabelo do rosto. —Você não tem nada pelo que se desculpar.

—Eu não quis dizer isso. Eu não quero ficar sozinha. Eu não... —Uma contração violenta interrompeu suas palavras, e ela agarrou a mão de Immanuelle com tanta força que seus nós dos dedos estalaram. —Eu não quero ficar sozinha.

—Você não está. Estou aqui agora e não vou a lugar nenhum. Eu prometo.

—Mas *eu estou* indo. Eu posso sentir isso... —O que quer que ela fosse dizer morreu em um grito. Estava claro para Immanuelle que ela não era ela mesma. Suas bochechas estavam vermelhas de febre, e quando seus olhos não estavam revirados para trás, eles exibiam o mesmo frenesi de Glory.

—É a febre —, Esther sibilou, apoiando as duas mãos nos ombros de Leah para mantê-la presa à cama. —Ela está assim desde o início do trabalho de parto. Nenhuma enfermeira ou empregada pode acalmá-la.

Martha arregaçou as mangas e lavou as mãos em uma bacia com água perto da janela. —Esse é o jeito da praga.

—Vai machucar o filho dela? — Esther sussurrou, ao que Leah soltou outro longo gemido.

Martha lançou-lhe um olhar tão penetrante que poderia ter murchado um carvalho. Esther ficou em silêncio. A parteira caminhou para o lado de Leah e pressionou a mão na protuberância de sua barriga, os dedos movendo-se sobre os hematomas e estrias.

—O que é isso? — Leah perguntou, seus olhos selvagens. —O que é isso?

Martha empalideceu. —Ela está morrendo.

—Uma menina —, disse Leah, seus olhos revirando em sua cabeça. —É uma garotinha.

—Temos que salvá-la. — Esther deu a volta na cama até onde Martha estava. —Ela é filha do Profeta.

Do outro lado da sala, uma velha avançou, apoiada na bengala. Hagar, a primeira esposa do último profeta, levantou sua voz acima dos gritos de Leah. —Corte-a.

Houve um silêncio absoluto. Até os gritos de Leah foram engolidos por ele. Algumas das noivas taparam a boca com as mãos. A mais jovem entre elas correu para a porta.

Immanuelle ouviu sua própria voz chocalhar pela sala. —O que?

O olhar de Hagar mudou para Martha. —Corte ela. Salve a criança. É a vontade do Pai.

—Não —, disse Immanuelle, balançando a cabeça. —Você não pode fazer isso. Ela vai morrer.

—Meu bebê —, Leah murmurou, fora de seus sentidos. —Eu posso ouvir o batimento cardíaco dela.

Immanuelle deu um passo à frente, pegando a avó pela manga. —Martha, por favor-

—Arranja ligaduras para mim —, disse a parteira, apertando os laços do avental. —e algo que ela possa mastigar. Um pouco de couro, até mesmo uma lasca de madeira lixada. Vamos precisar da tintura de papoula também, para a dor. — Seu olhar mudou para Immanuelle. —A criança vem primeiro. Não há outro caminho.

Os servos transportaram Leah para outra sala, erguendo-a sobre uma grande mesa de carvalho que parecia um altar de madeira. Immanuelle ficou nos ombros de Leah, sussurrando histórias em seu ouvido como ela havia feito para Honor e Glory.

—Vai ficar tudo bem. — Immanuelle murmurou, puxando uma mecha úmida de cabelo para trás da orelha.

Para isso, Leah não disse nada. Ela se foi agora, perdida no estupor da tintura de papoula, que Martha havia administrado minutos antes. Sua barriga machucada pulsava em uma série de contrações violentas, mas ela estava tão sedada que mal registrou a dor.

—Tire ela daqui, — ela arrastou. —Apenas tire ela de mim. Ela não consegue respirar. Eu não consigo respirar com ela lá.

Martha entrou pelo corredor, as mãos ainda úmidas com o álcool com que se lavou. Seus olhos encontraram os de Immanuelle quando ela se aproximou da mesa, bisturi na mão. —Segure-a, se for a última coisa que você fizer.

Immanuelle acenou com a cabeça, apoiando as mãos em cada lado dos ombros de Leah.

—Isso vai doer —, disse Martha, olhando para a menina, embora Immanuelle não tivesse certeza de que Leah - drogada e bêbada pela febre da praga - era capaz de ouvi-la. —e vai doer terrivelmente, talvez pior do que qualquer coisa que você sentiu antes. Mas você deve ficar quieta e forte por sua filha, ou ela morrerá.

A cabeça de Leah rolou para o lado. —Tire ela daqui. Apenas tire ela de mim.

Martha baixou o bisturi até o quadril, logo abaixo da protuberância do bebê. Ela cortou fundo e firme, Leah gemendo com os dentes cerrados enquanto trabalhava a lâmina.

Quando ela empinou e lutou, Immanuelle jogou seu peso contra seus ombros, forçando-a a se sentar na mesa. Em frente a ela, Esther prendeu as pernas e algumas das outras garotas avançaram, agarrando seus braços para segurá-la rapidamente.

O tempo todo Martha trabalhava com estoica eficiência - mãos e antebraços ensanguentados, bochechas brilhando de suor. Immanuelle queria fechar os olhos e tampar os ouvidos, protegendo-se dos gritos que ressoavam pela sala, mas tudo o que ela podia fazer era observar a parteira esculpindo cada vez mais o ferimento até que se abrisse como um sorriso sangrento.

Leah lamentou. —*Tire ela de mim!*

Mostrando os dentes, Martha arrastou o bebê pela ferida e para a luz quente da lareira, a corda lisa de seu cordão umbilical deslizando atrás dela como uma víbora.

Leah desabou sobre a mesa, exausta, e Immanuelle saiu de trás dela para ver Martha, que estava embalando a criança, olhos arregalados e boca aberta.

—Ela não tem nome —, sussurrou Martha, as mãos tremendo ao redor da cabeça da criança com tanta violência que Immanuelle temeu que fosse largá-la. —Ela não tem nome.

Com o coração batendo forte na garganta, Immanuelle olhou por cima das dobras do cobertor. A criança era pequena e rosada, e seus olhos eram arregalados, íris de um azul brilhante. Ela parecia um bebê normal e saudável, exceto pela pequena fenda que formava uma covinha em seu lábio superior. Immanuelle estendeu a mão e o bebê a agarrou pelo dedo, arrulhando um pouco enquanto ela olhava para ela.

Leah gemeu, novas lágrimas rolando pelo seu rosto. A poça escura entre suas pernas se alargou mais e mais.

—Não —, sussurrou Immanuelle. —Ela não está morta. Ela está respirando. Ela está bem.

Martha começou a empurrar a criança nos braços de Hagar, mas ela recusou, a bengala batendo nas tábuas do chão enquanto ela se encostava na parede. —Está amaldiçoada.

—Eu a seguro. — Disse Immanuelle, dando um passo à frente para pegar a criança. Ela embalou a garota sem nome contra seu peito, protegendo-a dos olhares errantes das garotas e servos do Refúgio que se reuniam para ficar boquiabertos.

Do outro lado da sala, Martha trabalhava fervorosamente na mesa, as mãos tremendo enquanto ela perfurava a ferida de Leah, lutando para suturá-la, para impedir o sangue de fluir.

—Não a deixe ver. — Esther murmurou do outro lado da sala, enxugando a testa de Leah com uma compressa fria.

Então Immanuelle manteve distância, segurando aquela criança contra o peito nas sombras perto da lareira, tentando em vão acalmá-la. Foi só quando Hagar, apoiada em sua bengala, sussurrou: —De cinzas a cinzas. — Que ela ergueu o olhar para a mesa novamente e viu Leah esparramada - mole e sem fôlego - seus olhos vidrados fixos no teto.

Immanuelle agarrou a criança com mais força. —Não. Ela não está, está?

—Morta. — A palavra sacudiu pela sala quando Martha se afastou da mesa. Ela ergueu os olhos para Immanuelle, e as lágrimas desceram por seu rosto. —Ela está morta.

Immanuelle não se lembrava de quem tirou a criança de seus braços. Ela não se lembrava de atravessar os corredores ou fugir do Refúgio. Ela só voltou a si quando uma rajada de ar frio da noite a atingiu no rosto como um tapa.

De repente, ela estava de joelhos engasgando e ofegando, seu corpo inteiro arfando como se a praga se enfurecesse nela também. As lágrimas se seguiram e grandes soluços a atormentaram, tirando o fôlego de seus pulmões.

Immanuelle não sabia quanto tempo ela ficou agachada lá - chorando nas sombras - mas ela se lembrava de ter visto o topo das botas de Ezra quando ele desceu as escadas e sentiu o cheiro dele quando ele passou um braço em volta dos ombros dela e a puxou para seu peito.

Ele a segurou enquanto ela chorava, seu rosto enterrado nas dobras de sua camisa, agarrando suas mãos como se sua carne e ossos fossem sua única amarra para o mundo - e talvez, naquele momento, elas eram.

—Você vai ficar bem. — Ele murmurou em seu cabelo, de novo e de novo, como uma oração. E quando ele disse isso, ela começou a acreditar nele, começou a acreditar que qualquer que fosse o mal que caísse sobre a terra, ela sobreviveria. Afinal, a maldição foi gerada dela. Ela era isso, e era ela. O pecado e a salvação, a praga e os expurgos, tudo unido em um corpo por uma barganha de sangue.

Sim, Ezra estava certo; ela ficaria bem. Ela observaria toda Betel queimar sem sofrer nenhum arranhão porque Lilith e sua legião não tinham interesse em prejudicar sua salvador, a portadora da maldição, a alma das próprias pragas.

Ela havia sido usada, traída por sua mãe, vendida às bruxas. E agora - como se seu destino não fosse cruel o suficiente - ela iria assistir em um sofrimento silencioso enquanto tudo que ela amava e cuidava era destripado e massacrado e feito em pedaços. Então, uma vez que as pragas finalmente acabassem, ela permaneceria, uma sobrevivente solitária entre os ossos e as cinzas.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Eu estou com você até o fim.

—DANIEL WARD

Leah foi queimada quatro dias depois. Como esposa do Profeta, ela tinha uma pequena cerimônia e uma pira própria. Amontoada em torno das chamas estava uma multidão de enlutados, composta principalmente de parentes de Leah, que tinham vindo da aldeia para a ocasião, e algumas das esposas que se atreveram a se aventurar no Porto do Profeta. A mãe de Ezra, Esther, estava entre eles. A maioria dos enlutados ficou bem longe das chamas com panos molhados pressionados contra a boca, com medo de pegar a praga das cinzas.

—São sempre os gentis que guardam segredos —, disse Martha, semicerrando os olhos sob a luz do fogo. —Sempre os gentis que melhor escondem seus pecados.

As toras da pira se moveram e um jato de brasas invadiu o ar denso de fumaça.

—Leah não pecou —, disse Immanuelle. —Pegamos o que queríamos dela, arrancamos de sua barriga e depois a vimos morrer.

Ela esperou pela resposta de Martha - uma repreensão, um tapa na cara - mas o silêncio foi tudo o que ela se dignou a oferecer. E o silêncio era pior.

Immanuelle voltou seu olhar para a pira. Através do brilho sangrento das chamas, ela travou os olhos com o Profeta. Ele estava entre seus apóstolos, vendo sua noiva queimar. Seus olhos, como os de Martha, estavam mortos.

Algo se instalou nas profundezas de Immanuelle. Ela levou um momento para reconhecer o sentimento. Não eram as chamas da raiva alimentadas, ou os espasmos frios da dor. Não, isso era algo sombrio e silencioso... algo sinistro.

Ira.

Afinal, foi ele quem colocou Leah naquela pira. Se ele não tivesse desejado por ela quando ela era tão jovem - apenas uma garota cumprindo sua penitência no Refúgio - se ele não tivesse se permitido acovardar sua própria depravação doentia, então ela nunca teria ficado grávida antes de ser cortada. Nem ela teria sido forçada a manter um segredo tão horrível. Se o Profeta não estivesse tentando encobrir seu próprio pecado, eles teriam procurado a ajuda de Martha muito antes, e se tivessem feito isso, então talvez, apenas talvez, Leah estivesse viva hoje. Mas em vez disso, ele a deixou sangrar, a deixou sofrer por seu pecado. Mas a culpa não acabou com ele.

Não.

Essa era a grande vergonha de Betel: complacência e cumplicidade que eram responsáveis pela morte de gerações de meninas. Era a doença que colocava o orgulho dos homens antes dos inocentes que juraram proteger. Era uma estrutura que explorava os mais fracos entre eles em benefício dos nascidos no poder.

Isso fez Immanuelle querer gritar. A fez querer cair de joelhos e esculpir a terra com símbolos e maldições e a promessa de pragas. Isso a fez querer destruir a catedral, tijolo por tijolo. Queimar as capelas e o Refúgio, os grandes feudos dos apóstolos, incendiar as pastagens e fazendas. Sua raiva era tanta que ela sentiu que nunca seria saciada a menos que Betel fosse posta de joelhos. E isso a assustou.

Immanuelle caminhou, seguindo o ritmo dos outros enlutados que circundavam os arredores da fogueira. Ezra não ofereceu suas condolências enquanto caminhava ao lado dela. Ele não disse nada, e por um tempo eles apenas caminharam em silêncio, ombro a ombro, parando a cada minuto para observar as chamas. Immanuelle estava ciente dos olhares que os seguiram enquanto caminhavam. Martha os rastreou através da pira. A poucos passos dela, o Profeta e sua ninhada de apóstolos observavam.

Deixe-os conversar, Immanuelle pensou consigo mesma. No final, não faria diferença, e ela tinha certeza de que o fim estava chegando rapidamente. Suas tentativas de quebrar a maldição falharam. Suas orações ao Pai ficaram sem resposta. Eles não tinham nada agora; não havia ninguém para salvá-los e nenhuma maneira de manter as pragas vindouras sob controle. Logo a escuridão cairia sobre eles, e depois da escuridão - matança. E às vezes ela pensava que, à luz de tudo - as mentiras, os segredos, as matanças, o pecado - a matança era exatamente o que eles mereciam.

Mas era apenas sua raiva falando. Essa era apenas a dor.

Betel não merecia isso, não mais do que ela merecia ser um recipiente dessas pragas. Ainda havia inocentes vivendo dentro de suas fronteiras - Glory, Honor, o povo da periferia, homens e mulheres que não tinham escolha em seu destino. Era por eles que Immanuelle precisava encontrar uma resposta para essas pragas, uma forma de detê-las. E ela passou os dias após a morte de Leah procurando exatamente por isso, sabendo que se ela falhasse, Betel pagaria um preço alto.

O que ela precisava era de alguém a quem recorrer, uma autoridade na arte das trevas e nos costumes das bruxas. Alguém que entendia Floresta Sombria e o segredo para conter seu poder. Uma pessoa que sabia o que Miriam tinha feito e tinha uma ideia de como quebrar a maldição que ela

lançou todos aqueles anos atrás. Ela precisava de uma bruxa ou, pelo menos, de um informante que seguisse um caminho semelhante. E da maneira que Immanuelle via as coisas, havia apenas uma pessoa a quem recorrer: sua avó Vera Ward.

Ela era o verdadeiro vínculo entre Miriam e os poderes das trevas. Os mesmos símbolos rabiscados nas páginas do diário de sua mãe e as paredes da cabana na floresta foram esculpidas nas pedras da fundação da casa de Vera. Ficou claro para Immanuelle, dado o caminho na cúspide das terras de Ward, que foi Vera quem primeiro conduziu Miriam à cabana do santuário. Vera que a viu durante o inverno. E, talvez, tenha sido Vera quem primeiro apresentou Miriam ao poder das pragas. Afinal, onde mais a filha rebelde de um apóstolo teria tropeçado em tal mal? Como ela teria descoberto os costumes das bruxas se não fosse por meio de Vera, uma bruxa conhecida?

Era por isso que Immanuelle precisava encontrar sua avó, para descobrir se ela sabia como parar as pragas que ela foi cúmplice em criar. Porque se alguém sabia o que Miriam tinha feito na floresta anos atrás, ou como impedir, Immanuelle sabia que devia ser ela.

Mas para encontrar Vera antes que a próxima praga atacasse, ela precisaria deixar Betel e fazer isso logo. Uma pequena parte dela se perguntou se sua partida erea o melhor. Talvez se ela fosse embora, os horrores das pragas iriam embora com ela e tudo voltaria a ser como deveria ser. Betel seria salva.

Mas algo disse a ela que Lilith, em todo seu poder e anos de sabedoria, não seria frustrada tão facilmente. As pragas tinham como objetivo destruir Betel, e um passeio pelo Portão Sagrado não seria o suficiente para acabar com elas. Ela teria que encontrar outra maneira.

Do outro lado do fogo, o Profeta separou-se da multidão de seus apóstolos e começou a caminhar sozinho, vadeando por entre a multidão. Mas seu olhar não estava nas chamas.

Estava em Immanuelle.

No dia de sua confissão, o Profeta avisou que o Pai estava sempre observando, mas parecia que Ele não era o único. Sempre que ela estava perto, o olhar do Profeta caía sobre ela. Na catedral, ele a seguia pelos bancos. Durante seus sermões de sábado, ela muitas vezes sentia como se ele estivesse pregando apenas para ela. Mesmo quando ela estava na privacidade de seu quarto, quando a noite estava escura e a casa estava silenciosa, sua presença parecia assombrá-la.

Immanuelle caminhou um pouco mais rápido, baixando a voz para um sussurro. —Como está o bebê da Leah? Não ouvi nenhuma palavra dela desde a noite em que nasceu.

—Ela está viva. — Ezra murmurou, como se isso fosse o máximo que pudesse ser dito sobre ela.

—Ela está em perigo? — Perguntou Immanuelle, pensando naquela noite miserável em que Martha anunciou que a criança não tinha nome. Ela estava praticamente amaldiçoada. —Eles vão machucá-la?

Ezra demorou a responder. Quando ele falou, sua voz era tão baixa que ela mal podia ouvi-lo acima do rugido das chamas. —Não. Eu não vou deixá-los. Ela está segura.

—Bom.

—Você deveria vir ao Refúgio para visitá-la. Em alguns dias, assim que as multidões de luto tiverem partido. Leah teria desejado isso.

Immanuelle balançou a cabeça. —Receio não ser capaz de fazer isso.

Ele parou bruscamente. —Por quê?

—Porque estou indo embora, Ezra... e preciso da sua ajuda para fazer isso.

—Eu não entendo.

Immanuelle passou a mão pelos cachos e olhou através das chamas para o Profeta e seus apóstolos. Se a verdade vazasse - se eles soubessem o que ela era - eles a mandariam para uma pira como a que está queimando na frente dela. E ainda, apesar disso, ela se viu querendo confessar, quase desesperada para isso. Seus segredos pareciam devorá-la e, naquele momento, mais do que qualquer outra coisa, ela queria se livrar deles - se ao menos se sentisse um pouco menos sozinha.

Quando ela finalmente falou, foi em um pequeno sussurro sufocado pelas lágrimas tão estrangulado e estranho que a princípio, ela confundiu sua voz com a de outra pessoa. —Eu causei as maldições. As pragas são minha culpa.

—Do que você está falando? — Ezra perguntou bruscamente.

—Não tenho certeza se você quer saber e, mesmo que queira, não tenho certeza se posso fazer você entender.

—Tente.

Ela finalmente encontrou sua voz. —Semanas atrás, eu disse a você que tinha despertado as maldições. Na época pensei que fosse verdade, mas me enganei. Eu não acordei as maldições. Eu *sou* a maldição.

—Eu não entendo.

—Minha mãe fez algo indizível em Floresta Sombria, anos atrás. Ela fez um trato com as bruxas, me ligou à magia delas. Ela me fez um recipiente das pragas. É por isso que tenho que ir.

—Você está... *saindo de* Betel? — Perguntou ele, e Immanuelle achou quase cativante que ele parecesse mais abalado com a notícia de sua partida do que com sua confissão sobre as pragas.

Ela assentiu. —A mulher do meu arquivo do censo - Vera Ward, aquela com a marca da bruxa - ela mora em uma vila chamada Ishmel ao norte do portão. Acho que foi ela quem abrigou minha mãe durante os meses que passou no deserto.

—Como você sabe disso?

—Dias atrás eu fui para a periferia. Enquanto eu estava lá, descobri um caminho nos limites de sua propriedade, a apenas alguns metros de sua casa. Isso me levou a uma cabana na floresta, a mesma de que minha mãe falou em seu diário.

Ezra refletiu sobre isso por um momento, olhando para os sapatos. —E você tem certeza de que essa mulher, sua avó, tem uma conexão com as pragas?

Immanuelle assentiu. —Você viu a marca pelo nome dela no censo. E eu sei que ela praticava o ofício. As pessoas na periferia dizem que ela era uma bruxa de verdade, mas ela fugiu de Betel antes que seu pai tivesse a chance de queimá-la. Acho que foi ela quem ensinou a minha mãe os costumes das bruxas. Então, se eu puder encontrá-la...

—Você pode encontrar uma maneira de parar as pragas que sua mãe lançou. As pragas que ela amarrou a você.

—Precisamente.

Ezra ficou quieto por um momento, revirando essas ideias em sua cabeça. —Os mandados passam pelos guardas do portão. Eu teria que abordá-los com a proposta, com dias de antecedência. Se eu entregar o mandado nas mãos certas, há uma chance de escondê-lo do meu pai.

—E quando o mandado estiver em suas mãos, o que acontecerá?

—Então os guardas têm a obrigação legal de abrir o portão para você. A única maneira de impedir é se meu pai assinar um mandado para anular o meu. Mas ele não pode fazer isso se não souber que o mandado existe.

—Então você está dizendo que pode fazer isso? Você pode me fazer passar pelo portão?

—Eu estou dizendo que você pode sair *fora* de Betel. Mas voltar...

—Eu sei —, disse Immanuelle, assentindo. As leis de Betel eram implacáveis. Aqueles que desafiavam o Protocolo Sagrado saindo ilegalmente eram considerados estrangeiros hostis. Se o mandado de Ezra fosse revogado, ou pior ainda, anulado, após sua partida, ela nunca mais teria permissão para voltar. —Eu entendo as repercussões da minha escolha de ir. Depois que eu deixar Betel, o que acontecer comigo não será sua responsabilidade. Tudo que eu peço é que você me faça passar pelo Portão Sagrado.

—Por que você deveria ir? Você não pediu nada disso.

—As pragas nasceram através de mim e por isso são meu fardo para carregar, de mais ninguém. Você não escolheu ser Profeta, mas você tem a Visão do mesmo jeito.

—Isso é diferente.

—Não, não é. As pragas estão em mim como a Visão está em você. É meu pecado para redimir. Sou a única responsável por consertar isso.

—Então fique. Podemos consertar as coisas juntos. Entre nós dois, encontraremos um caminho.

Immanuelle balançou a cabeça, observando as chamas passarem pelos ossos de Leah. —A melhor coisa que posso fazer por Betel é deixá-la.

—E se for tudo fútil? — Ezra perguntou, colocando em palavras a pergunta que ela estava com muito medo de fazer. —E se você não conseguir

encontrar seus parentes? Ou e se você fizer isso e ela não tiver como impedir as pragas? O que então? Você vai ficar sozinha lá.

—Já estou sozinha.

A dor nos olhos de Ezra era inconfundível. —Isso não é verdade.

—Ouça-me —, disse Immanuelle, baixando a voz. —Você será o Profeta em breve e, como Profeta, não pode continuar desafiando o Protocolo para me proteger.

—Por que não?

—As Sagradas Escrituras não permitem. Você não entende? Pelas leis da Igreja, eu deveria estar queimando agora.

—Malditas Escrituras. Eu farei o que eu quiser.

—Esse foi o caminho que seu pai seguiu, e veja o que resultou. — Immanuelle jogou a mão em direção à pira, para o cadáver em chamas de Leah. —Você não pode se permitir governar impunemente como ele fez.

—Isso não é sobre ele, — Ezra retrucou, realmente zangado agora. — Você mesma disse, semanas atrás, ele está morrendo. Em breve, seus ossos estarão trancados em uma cripta como o resto dos profetas que vieram antes dele. Então qual diferença faz? O rebanho, os apóstolos, o Profeta e sua Guarda. Deixe que as pragas venham e os separem, e então, quando acabar - quando eles estiverem queimando em suas próprias piras ou apodrecendo no chão - você estará segura.

—Você não pode prometer minha segurança. Não há como nos redimirmos da realidade. Betel não mudará, Ezra. As piras continuarão queimando, não importa o que façamos; Eu sei disso agora. Mais meninas morrerão. Mais apóstolos se levantarão. Mais testes serão realizados...

Ezra balançou a cabeça. —Um profeta não pode ser julgado. E nem você poderia, se levar meu nome.

Levou um momento para compreender totalmente a declaração. Ele jogou a oferta aos pés dela tão casualmente, como se ele a estivesse apenas convidando para um passeio à tarde. —O que você está tentando dizer?

—Você poderia ser a Primeira Noiva, com todas as mesadas que vêm com o título. Você poderia cuidar da filha de Leah, criá-la no Refúgio do jeito que quiser. Você estaria segura.

Qualquer outra garota em Betel teria chorado de alegria com a oferta, teria se arremessado a ficar ao lado de Ezra como sua esposa e companheira de vida. Era nada menos que um sonho. Ou pelo menos deveria ter sido. Mas tudo em que Immanuelle conseguia pensar era em sua mãe. Essa vida - uma vida ligada ao Profeta, à Igreja e ao Refúgio - foi o que a forçou a fugir para Floresta Sombria em primeiro lugar.

—Então, você me cortaria? — Immanuelle perguntou, mal respirando. — Você me esticaria no altar da catedral como um cordeiro para ser destripado? Você espera que eu me sente lá naquela prisão de um forte, mansa e quieta e cuidando da minha língua? E fazer o que? Orar? Lamentar? Tendo pena de mim mesma para passar o tempo, enquanto as pragas assolam e devastam tudo em seu caminho?

—Poderíamos construir outra casa —, disse Ezra. —Em algum lugar seguro, longe de Floresta Sombria. Teríamos os meios.

—Teremos sorte se tivermos cinzas ao final dessas pragas. Ou você esqueceu o que já viu? O sangue? A praga? Cada maldição é pior do que a última. Não é hora para sonhos.

—E esse sonho é um destino tão terrível? Estou dizendo que posso protegê-la, aqui em Betel, se você deixar. Eu juro, pela minha vida.

Immanuelle refletiu por um momento, imaginou o futuro que teria se escolhesse ficar ao lado de Ezra. A dela seria uma vida de requinte - cheia de

boa comida, vestidos elegantes e o tipo de delícias requintadas com que ela sonhava quando era menina. Ela seria a esposa de um profeta, sua *primeira* esposa. Ela nunca seria ridicularizada ou desprezada. Nunca ficando sozinha.

Mas quanto mais ela pensava nisso, mais ela percebia a loucura disso. Se ela ficasse, não haveria bondade ou misericórdia, nem Betel. As pragas destruiriam tudo.

—Eu não quero sua proteção —, disse Immanuelle, e ela o pegou pela mão. Foi então que ela percebeu que eles tinham cicatrizes iguais - as dele em sua mão direita, as dela na esquerda - ambas as marcas cortando suas linhas de vida. —Eu quero que você me ajude a consertar isso antes que as pragas destruam tudo. Ainda há tempo, se você puder apenas me fazer passar pelo portão.

Ezra olhou para sua mão na dela. Ele encaixou seus dedos nos espaços entre os dela.

—Por favor, Ezra, enquanto ainda há tempo. Forje-me um mandado com o seu selo. Faça-me passar pelo Portão Sagrado. O destino de Betel depende disso.

Ela esperou que ele a recusasse, preparou-se para o golpe. Mas então, com um aceno severo: —Por você, e apenas você, eu farei isso.

CAPITULO VINTE E OITO

Estou grávida. Eu sei que eles iriam tirá-la de mim, como fizeram com ele. Mas não vou deixar. Eu morreria antes de fazer isso.

—MIRIAM MOORE

Immanuelle estava sentada na beira da cama de Honor, olhando pela janela para o trecho preto de Floresta Sombria. Três dias se passaram desde que o corpo de Leah queimou na pira purgadora. Três dias desde que Ezra concordou em garantir o mandado de que ela precisava para passar pelo Portão Sagrado.

Nesse tempo, Immanuelle reuniu as provisões de que precisava para a viagem e se preparou para se despedir. Ela decidiu ir e ela estava pronta para isso. Ela não sabia o que a selva continha, ou o que a enfrentaria além do portão, mas ela sabia que encontraria seu caminho.

Immanuelle correu os dedos pelo cabelo de Honor, e seus olhos machucados se abriram. Ela tinha acordado pela primeira vez desde que a doença a atingiu, poucos dias antes, embora ela não tivesse dito mais do que duas palavras desde então.

Embora Glory agora mancasse pelos corredores e se juntasse à família para jantar em seus dias melhores, Honor ainda estava confinada em sua cama. Às vezes ela tremia; outras vezes, ela chorava abertamente, como se a doença tivesse tirado algo dela e ela estivesse sofrendo.

Naquela noite, Immanuelle jantou com os Moores pela última vez. Ela percebeu cada detalhe, querendo se lembrar de tudo. A maneira como Abrão

fumava seu cachimbo entre mordidas. As covinhas nas bochechas de Anna quando ela sorria para Glory. O cinza que se enredava no cabelo de Martha, tão pálido quanto prata fiada.

Terminada a refeição e lavada a louça, Immanuelle foi para o quarto, onde embalou os últimos itens de que precisaria em sua jornada. Ela acolchoou o fundo da mochila com cobertores, grata pelo calor do verão que a pouparia por um tempo. Além dos cobertores, ela embalou um saco de cobre e comida - frutas secas, carne seca, quadrados claros de bolacha dura. Assim que Immanuelle terminou de fazer as malas, jogou a capa sobre os ombros e desceu as escadas, abrindo caminho pela sala e indo para a cozinha.

—Você está acordada até tarde.

Immanuelle parou ao ouvir a voz de Martha. Sua avó estava na frente da janela, as mãos enterradas nos bolsos da saia, a cabeça inclinada sobre o ombro, as bochechas banhadas pela lua. Ela se virou para Immanuelle, observando sua capa e botas, a mochila pendurada no ombro. Ela acenou com a cabeça em direção ao relógio na parede acima da pia.

—É quase hora das bruxas —, disse Martha, e um sorriso amargo apareceu em seus lábios. —Talvez seja assim que o Profeta deveria ter chamado este ano miserável. É mais adequado, não acha? O ano da bruxaria.

A mão de Immanuelle apertou a alça de sua mochila. —Eu quero que você saiba que estou indo. Antes que a próxima praga venha.

A mulher mais velha parecia menos zangada do que cansada. Seu olhar mudou para a janela novamente. —Volte para a cama, Immanuelle.

—Não.

Com isso, Martha se virou para encará-la. Immanuelle se preparou para uma bronca ou até mesmo um tapa na bochecha, mas ela simplesmente perguntou: —O que tem na sua mochila?

Immanuelle ergueu o queixo, tentando parecer firme quando tudo que sentia era medo. —Provisões para a estrada.

Sua avó se aproximou, seus pés descalços arranhando as tábuas do piso enquanto ela se aproximava. —Deixe-me ver.

Immanuelle deu um passo para trás. —Não.

Martha não perguntou de novo. Ela atacou, arrancando a mochila do ombro de Immanuelle. Por um momento, elas lutaram, cada uma segurando uma alça, mas Martha prevaleceu, arrancando a mochila das mãos de Immanuelle com tanta força que ela saltou para a frente e caiu nos armários.

Ela vasculhou seu conteúdo por alguns momentos em silêncio, suas sobrancelhas cinzentas franzidas em uma carranca. Ela removeu o livro de poesia primeiro, deu uma olhada rápida na primeira página - localizando o selo sagrado no canto - então o fechou novamente. Então ela retirou o diário de Miriam, e Immanuelle viu o reconhecimento cintilar em seus olhos como uma vela acesa. Enquanto Martha lia as palavras da filha - estudava seus desenhos -, seus olhos se estreitaram e se encheram de lágrimas. —Como você conseguiu esses livros? Me responda. Agora.

—Os livros foram presentes —, disse Immanuelle, escolhendo cada palavra com cuidado. —Ambos pertencem a mim, e eu gostaria deles de volta, se você pudesse ser tão gentil.

—Gentil? Você me pede para ser gentil quando guarda segredos como este? — Martha exigiu, sacudindo o diário de Miriam tão violentamente que algumas páginas se soltaram da encadernação e caíram no chão. —Isso é uma traição sagrada. Homens morreram por menos.

Immanuelle não negou. Não faria nenhuma diferença de qualquer maneira. Ela simplesmente estendeu a mão. —Minha mochila, por favor.

Martha se virou, enfiou o diário de volta na mochila e jogou-o contra a porta com tanta força que foi uma maravilha que nem todos os Moore da casa acordaram com o som. Moedas e migalhas espalhadas pelo chão. Alguns papéis voaram.

Quando Martha voltou a falar, foi em um sussurro áspero. —Eu arrastei você do ventre da minha filha. Eu chamei o seu nome dos céus e fixei em você. Eu teria amamentado você no meu próprio seio, se pudesse. E é assim que você me retribui? Com mentiras e enganos? Com bruxaria e traição? Abandonando sua família na calada da noite, escapulindo de casa como um ladrão, sem sequer se despedir? Eu não te criei para repetir os pecados de sua mãe, ou para morrer na pira como seu pai.

As palavras atingiram Immanuelle como um tapa, mas ela não disse nada, não fez nada a não ser se abaixar para recolher as moedas e papéis espalhados. Depois de reunir o último de seus pertences, ela se levantou e encarou Martha. —Eu sei que não sou a neta que você queria ou a garota que você me criou para ser. Se eu fosse listar meus pecados, ficaríamos acordadas metade da noite, e sinto muito por isso. Se eu pudesse ter sido melhor para você, eu teria. Mas acredite em mim quando digo que não posso ser o que você quer que eu seja. Estou saindo agora para manter as pessoas seguras.

—Não há segurança no pecado, Immanuelle. Apenas desespero.

Uma lágrima escorreu pela bochecha de Immanuelle, depois outra. Ela não se incomodou em enxugá-las. —Eu sei.

—Sua mãe uma vez disse coisas semelhantes. No dia em que a encontrei nos braços daquele pobre garoto de fazenda na floresta, ela disse que sabia, que entendia. Mas ela não disse. Você vê o que aconteceu com ela, por causa de seu pecado e egoísmo.

—Eu não sou minha mãe. Eu nunca fui minha mãe.

—Não, mas você é filha dela. Você se parece mais com ela do que com qualquer outra pessoa, apesar de todas as minhas orações e esforços, tudo que fiz para impedir que você compartilhasse o destino dela. Eu vejo isso agora. Eu fui uma tola em pensar que poderia ser de outra maneira.

Immanuelle deu meio passo em sua direção. —Martha-

—Não. — A mulher levantou a mão, recuando, como se temesse que Immanuelle fosse atacá-la e golpeá-la. —Você fez sua escolha. Mas saiba que se você for esta noite, não haverá retorno. Depois de sair por aquela porta para a escuridão, está feito. Não volte para casa novamente.

Immanuelle enxugou o nariz na manga, tentando se recompor. Ela mal conseguia ver Martha em meio às lágrimas. —Eu não queria decepcionar você. — Sua voz falhou com as palavras. —Eu queria mais do que tudo deixá-la orgulhosa, mas agora sei que não era para eu fazer isso, e sinto muito. Eu sinto muito.

Martha não disse nada, mas, quando Immanuelle se voltou para a porta, um soluço escapou dos lábios da mulher, e ela levou a mão à boca em uma tentativa vã de abafá-lo.

Naquele momento - vendo Martha chorar - Immanuelle quase quebrou. Ela queria largar a mochila ali mesmo, arrepender-se de seus pecados, estripar um carneiro no próximo sábado para se redimir. Talvez fosse o suficiente. Talvez as pragas passassem e ela pudesse começar de novo, voltar para a vida que levava antes.

Talvez não fosse tarde demais.

Mas então ela pensou em seu pesadelo - o massacre da igreja, cadáveres espalhados pelos corredores e caídos nos bancos, seus entes queridos entre os mortos. Se ela ficasse, perderia suas vidas, e a vida de incontáveis outros.

Ela não podia fazer isso, não por um sonho que morreu no dia em que Miriam gravou seu nome nas paredes daquela cabana.

E assim, sem dizer mais nada, Immanuelle deu as costas a Martha - a tudo que ela já conhecera - abriu a porta e desapareceu na noite.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Com a escuridão vem o pecado.

—DOS ESCRITOS DO PROFETA ENECH

Immanuelle atravessou as planícies, correndo pela noite, encontrando seu caminho através das Clareiras à luz das piras purgantes. Ela e Ezra concordaram em se encontrar no portão do Refúgio, na metade do caminho para a aldeia propriamente dita, ao longo da estrada principal. Ela pressionou a mão ao lado do corpo enquanto corria, ofegando a cada respiração, os pulmões queimando com a fumaça da pira. Mas ela continuou, correndo através da dor, através da escuridão que parecia engrossar a cada passo.

Demorou menos de uma hora para Immanuelle chegar ao portão do Refúgio. Ezra estava esperando por ela ao lado de sua carroça, que estava atrelada a um corcel escuro e carregada com suprimentos.

—Eu só precisava do mandado —, disse Immanuelle, chocada com sua generosidade. —Você não precisava fornecer tudo isso.

—Claro que sim. Passar pelo portão não significará muito se você não tiver os suprimentos de que precisa para sobreviver na selva além dele. Agora, venha, devemos seguir nosso caminho antes das patrulhas da Guarda do Profeta. Do jeito que está, nós dois temos mandados para passar pelo portão, mas se meu pai descobrir nossos planos de fuga e revogá-los, teremos mais problemas do que o suficiente.

Immanuelle fez uma pausa, notando pela primeira vez que Ezra usava uma mochila como a dela nas costas. —Espere, *nós*?

Ele assentiu. —Eu forjei mandados para nós dois. As regiões selvagens são muito perigosas para atravessar sozinha. — Ele deu um tapinha no pescoço do cavalo, que deu um relincho áspero. —Vou levá-la o mais longe que precisar.

—Mas você será o Profeta algum dia. Esta é a sua casa, seu rebanho...

—É por isso que eu preciso ver você fazer isso para sua avó. Como herdeiro do Profeta, tenho a mesma responsabilidade de acabar com isso tanto quanto você. A partir de agora, o que fazemos, fazemos juntos.

—Você já fez mais do que o suficiente. Você não tem que deixar tudo para trás.

Ezra apertou sua mandíbula. —Semanas atrás, eu fiz uma promessa de ajudá-la a proteger aqueles que não podiam se proteger. Então, vou com você para encontrar uma maneira de acabar com essas pragas. Goste você ou não.

E assim, os dois começaram a descer a longa estrada para a aldeia. Ezra apressou seu cavalo e Immanuelle notou que suas mãos estavam tão apertadas nas rédeas que os nós dos dedos estavam brancos como os ossos. Immanuelle estava sentada ao lado dele, vestida com um manto de lã escura que Ezra lhe emprestara, o capuz puxado para baixo sobre a testa para esconder o rosto daqueles por quem passavam durante a noite.

Eles estavam na metade do caminho para a aldeia quando o sino da catedral tocou.

Immanuelle se virou em seu assento, esforçando-se para ver através da escuridão. —Você ouviu isso?

Ezra acenou com a cabeça, alcançando a parte de trás da carroça para recuperar algo.

—Você acha que isso é para nós? — Immanuelle perguntou. —Você acha que eles estão olhando?

—Se eles forem —, disse Ezra, virando-se para enfrentar a estrada novamente, agora com seu rifle na mão. —eles se arrependerão.

O som dos sinos ficou mais alto, as batidas ecoando no ritmo do coração acelerado de Immanuelle. —Ezra. Você não pode estar falando sério. Nós não podemos...

Ezra puxou as rédeas, fazendo o cavalo galopar a toda velocidade. Ele gritou acima do estrondo de cascos batendo. —Eu prometi a você que faria você passar pelo portão e pretendo manter essa promessa.

A floresta ficou borrada ao lado deles, sombras manchando enquanto o cavalo ganhava velocidade. Ezra olhou por cima do ombro e praguejou. —Droga.

Immanuelle se virou, seguindo o caminho de seu olhar até duas luzes distantes que balançavam na escuridão atrás delas.

Cavaleiros. A Guarda do Profeta.

A verdade a atingiu: *Martha.*

Ela tinha visto Immanuelle partir e havia um posto de guarda nos arredores a apenas dez minutos a cavalo na estrada. Ela deve ter ido até eles, deve ter convocado a Guarda do Profeta para arrastá-la de volta. Martha a traíra, e agora que a Igreja sabia o que Immanuelle havia feito, a Guarda iria caçá-la até os confins da terra para puni-la por isso. Não haveria misericórdia.

—Espero que você tenha feito suas orações —, disse Ezra, gritando acima do vento. —Porque nós dois teremos pecados para nos redimir até o fim da noite. Aqui. — Ele colocou as rédeas em suas mãos, e Immanuelle teve que apoiar os pés contra o fundo da carroça para evitar ser arrancada do banco. Ezra subiu na parte de trás da carroça, rifle na mão. —Segure as rédeas com firmeza, mas mantenha o cavalo correndo. Não o deixe diminuir.

—O que você está fazendo? — Immanuelle perguntou. As rédeas irritavam tanto suas palmas que ela temia que sangrassem. No escuro atrás deles, as luzes brilhavam mais brilhantes, maiores, e Immanuelle podia ver a forma de um cavaleiro solitário correndo atrás deles.

Ezra ergueu o rifle, fechando um olho com força enquanto olhava para o cano. Ele colocou o dedo no gatilho. —Ganhando tempo.

O que aconteceu a seguir passou em relances. Um cavaleiro emergiu do negro, encapuzado, sua adaga sagrada batendo em seu peito enquanto seu cavalo avançava. Houve um grito.

Uma bala passou assobiando pela cabeça de Immanuelle.

Ezra puxou o gatilho.

O guarda atrás deles caiu de seu cavalo e atingiu a estrada, imóvel, sua lamparina quebrada queimando na poeira ao lado dele. Outra luz na escuridão do sul, outro cavaleiro se aproximando. As balas romperam o negro e Immanuelle se agachou, puxando as rédeas e incitando o cavalo a seguir em frente.

Ezra disparou alguns tiros de advertência na escuridão, forçando os cavaleiros a recuar, apenas para o próximo emergir das sombras, rifles erguidos, gritando ordens e maldições na noite.

Immanuelle incitou o cavalo adiante, mas os cavaleiros eram rápidos demais e, quando mais luzes apareceram no oeste, ela soube que fugir era inútil.

Tinha acabado.

—Nós não vamos conseguir, — ela gritou acima do vento forte, as rédeas comendo profundamente em suas palmas. —Há muitos deles!

Ezra abaixou seu rifle, escalando a parte de trás da carroça até o banco. Ele arrancou as rédeas de suas mãos e as puxou com força. O cavalo empinou e Ezra saltou para o chão antes que a carroça parasse de se mover.

—O que você está fazendo? — Immanuelle exigiu.

—Tirando você de Betel. — Ele colocou as rédeas em suas mãos novamente. —Os guardas postados no portão garantirão que eles abram para você. Você terá que passar rápido, antes que a Guarda do Profeta ordene que eles fechem novamente. Mas assim que você sair, estará segura, pelo menos até que meu pai dê autorização à Guarda para persegui-la na selva.

—Ezra-

—Cavalgue forte e não olhe para trás por nada. Entendeu? Existem provisões no vagão, moedas e mercadorias para comércio. Se você conseguir atravessar a selva até as cidades do outro lado, terá o suficiente para durar até o inverno, se necessário.

Immanuelle sufocou as lágrimas. —Ezra. Eles vão prendê-lo por traição por atirar na Guarda do Profeta. Você não pode ficar aqui. Você não pode fazer isso.

—Você não vai conseguir chegar ao portão se eu não fizer isso, — disse Ezra, sua voz rouca. —Os cavaleiros são muito rápidos. Posso ganhar algum tempo para você.

—Mas e quanto ao mandado?

—Já está com os guardas. Eu cuidei disso dias atrás. Você é esperada, então quando você se aproximar do portão, ele se abrirá para você. Mas você tem que ir. Agora.

O trovão dos cascos dos cavalos ficou mais alto, abafando o toque dos sinos da igreja. À distância, Immanuelle viu o clarão de uma tocha levantada acendendo-se.

—Vá, — disse Ezra, e ele se virou para os cavaleiros, rifle erguido. Quando Immanuelle não se mexeu, ele gritou. —Agora!

Immanuelle puxou as rédeas. O cavalo avançou com um sobressalto, e eles partiram novamente, correndo pela escuridão, deixando Ezra para trás.

Immanuelle ouviu um tiro, mas não tinha certeza de quem disparou. Ela não se virou. Ela manteve os olhos na estrada, as mãos nas rédeas.

Não olhe para trás, ela disse a si mesma várias vezes, como se estivesse recitando uma oração. *Não olhe para trás. Não olhe para trás.*

Outra bala sibilou pela noite, esta mais perto do que a primeira. Depois, uma terceira.

Ela olhou por cima do ombro e viu Ezra cambalear, o rifle quase escorregando de suas mãos. Ele deu dois passos para frente, um para trás; então ele ergueu a arma para o ombro novamente e atirou na escuridão.

Immanuelle agarrou as rédeas. A aldeia estava à vista agora, e ela podia ver as luzes no portão. Ela estava quase lá. Só mais alguns quilômetros. Tudo o que ela precisava fazer era continuar.

Outra bala assobiou na escuridão.

Desta vez, Immanuelle não se virou para olhar. Amarrando as rédeas, ela impulsionou o cavalo adiante, para Amas. Uma mancha de casas geminadas passou borrada. A carroça chacoalhou através de paralelepípedos e sulcos profundos na estrada. As ruas estavam quase vazias, mas os poucos que estavam nelas pularam para se proteger quando Immanuelle passou rapidamente.

O estrondo de cascos ficou mais alto à medida que a Guarda do Profeta se aproximava. Cavaleiros desonestos emergiram de becos adjacentes, abrindo caminho pelas tendas vazias do mercado. Ao longe, ela podia ver o portão, iluminado com a luz de tochas acesas.

Uma bala passou assobiando por sua cabeça.

Immanuelle quebrou as rédeas, partindo para o portão a toda velocidade, determinada a fazer isso mesmo que tivesse que abandonar a carroça e pular por cima dela. Assim que ela o liberasse, os cavaleiros se retirariam, pois não tinham o direito de persegui-la além das fronteiras de Betel sem uma autorização formal do Profeta. Assim que ela passasse pelo Portão Sagrado, ela estava segura... Pelo menos por um tempo.

Os guardas do Profeta a venceram. Gritos e tiros ecoaram pela tenda vazia do mercado. Em meros momentos ela estaria cercada. Ela não conseguiria chegar ao portão; ela não ia sair do mercado de jeito nenhum. A Guarda do Profeta iria interrompê-la e transportá-la de volta para o Refúgio para contrição, julgamento e purgação -

Algo se moveu durante a noite.

Não vento, mas sim a ausência dele, como se todo o ar estivesse sendo sugado. As tochas ficaram escuras como fósforos presos entre dois dedos. Lâmpadas de óleo piscaram. Acima, a lua morreu e as estrelas depois dela, cada uma piscando como uma vela apagada, até que o céu ficou escuro. Um grande manto de sombra caiu sobre Amas, sufocando a aldeia.

A praga das trevas estava finalmente sobre eles.

No escuro atrás dela, Immanuelle ouviu cavaleiros caindo. Tiros desonestos ressoando na escuridão. Os gritos confusos dos guardas do Profeta.

Foi apenas por sorte e a persistência de sua própria memória aguçada que Immanuelle - cega no mar da noite - foi capaz de navegar pela última das tendas do mercado e sair para a estrada principal. Ela sussurrou para o cavalo, incitando-o a avançar na escuridão, em direção ao que ela sabia ser o portão, embora as sombras fossem tão densas que ela não conseguia ver.

Então, luzes, balançando no mar do negro como vaga-lumes. Tochas no portão, o repique de um chifre de carneiro, engrenagens rangendo com um guincho ensurdecedor. À luz fraca das tochas recém-acesas, Immanuelle viu o portão se abrir. Ela puxou as rédeas uma última vez e o cavalo saltou para a frente, saindo de Betel e indo para a escuridão do deserto.

Parte Tres

Trevas

CAPITULO TRINTA

O mundo é um lugar vasto e perigoso, impróprio para o rebanho do pai.
- DOS ESCRITOS DE DAVID FORD

A estada principal se esticava no preto impenetrável. Immanuelle não podia ver a Floresta Sombria, mas ela podia sentir a intoxicação familiar de sua própria revelação enquanto ela se aprofundava cada vez mais na selva. Acima, o céu estava escuro - sem respingos de estrelas ou a lasca de uma lua crescente para iluminar o caminho à frente. A maioria das lamparinas ao longo da estrada estava escura, e as poucas que estavam acesas continham pequenas chamas mortas que tremeluziam violentamente, ameaçando apagar até mesmo com o menor sopro de vento.

Não havia vestígios de vida na estrada ou na floresta que a flanqueava. Sem rastros de carroças ou pegadas, sem corujas empoleiradas nas árvores. Como Ezra previra, a Guarda do Profeta interrompeu sua perseguição no momento em que ela passou pelo Portão Sagrado. Ela estava realmente sozinha, na estrada escura e selvagem. Mas, apesar do silêncio assustador da noite e de sua própria solidão dolorosa, ela se consolou com o fato de que, com o início da praga das trevas, a praga provavelmente havia acabado, já que cada nova praga até agora havia sinalizado o fim da antiga. Ela rezou para que Glory e Honor fossem poupadas. Então ela se lembrou de que a praga final era a *matança*. Ela só podia esperar que sua jornada pudesse impedir isso.

Immanuelle seguiu em frente. A noite passou muito depois de suas horas designadas terem se passado, e a maré negra da escuridão era quase

incompreensivelmente densa. Ela tentou o seu melhor para contar as horas à medida que passavam, mas o preto sem fim assumiu uma espécie de atemporalidade que tornava qualquer tentativa de rastrear o tempo quase impossível.

Depois do que pareceram algumas horas, uma garoa começou a cair e rapidamente deu lugar a uma camada de granizo. Sem nenhum abrigo à vista, exceto pela saliência esparsa das copas das árvores da floresta, Immanuelle não tinha nada além da capa de Ezra para protegê-la das torrentes da tempestade. Quando ela chegou às ruínas de um mosteiro abandonado há muito tempo, ela estava encharcada até os ossos e as rédeas haviam esfolado suas palmas em carne viva e ensanguentadas. Sabendo que estava exausta demais para continuar, ela decidiu acampar lá.

A estrutura era estranha, construída em uma berma que dava para uma ravina rasa. Era atarracado, estreito e longo, como um corredor ou corredor de baias de cavalos. Colunas de pedra suportavam um telhado em ruínas, que foi construído plano e baixo e coberto por uma extensão de erva doce.

Parando a carroça ao lado das ruínas, Immanuelle saltou do assento, desamarrou o cavalo e o conduziu para dentro da estrutura e para fora do granizo. Ela o alimentou e deu água com as provisões da carroça, depois se retirou, encharcada e tremendo, para o canto mais distante do mosteiro, enquanto a tempestade continuava.

Quando se sentiu descansada o suficiente para segurar as rédeas, Immanuelle se levantou, atrelou o cavalo à carroça e partiu novamente para a escuridão.

Depois de um tempo, a estrada mudou. Um caminho, o maior dos dois, era bem pavimentado e ladeado por postes de luz de cada lado. Virou para o leste, em direção à floresta profunda. A outra era apenas uma estrada estreita

que se parecia muito com os caminhos da floresta que serpenteavam pelos bosques de Bethelan.

Immanuelle foi para o oeste, para Ishmel.

Amoreiras e galhos rasgaram suas roupas enquanto ela viajava pelo estreito caminho da floresta. A estrada estava cheia de buracos e toda espécie de entulho espalhada. Várias vezes Immanuelle teve que pular do carrinho e limpar o caminho antes que eles pudessem passar. Na verdade, ela passou grande parte da jornada em pé, conduzindo o corcel de Ezra pelas rédeas. Frequentemente, ela tinha que persuadir o animal pelas passagens estreitas que cortavam a floresta, murmurando palavras calmantes e às vezes cantando as mesmas canções de ninar que ela fazia para Honor e Glory, apenas para manter o silêncio assustador sob controle e evitar que o pobre animal se assustasse.

À medida que avançavam, o caminho se tornava progressivamente mais íngreme e então dava lugar a uma série de trilhas sinuosas e traiçoeiras que entravam no sopé das montanhas. Immanuelle nunca tinha estado nas montanhas antes e desprezava a escuridão por privá-la da chance de vê-las claramente. Ela desejou, desesperadamente, que Ezra estivesse lá com ela. Teria sido uma grande aventura explorar um lugar como este com ele ao seu lado.

Ela se perguntou se ele ainda estaria vivo ou se os guardas do Profeta o haviam executado nas planícies. Embora Immanuelle não tivesse mais o hábito de orar, ela orou por Ezra. Implorou ao Pai para salvá-lo ou, se não, dar a ela a chance de voltar a Betel para que ela pudesse encontrar uma maneira de salvá-lo sozinha. Ele era muito jovem e bom para morrer. Betel precisava dele. *Ela* precisava dele. Porque sem Ezra, a quem ela recorreria? Leah estava morta e desapareceu. Martha a havia traído para a Guarda do Profeta, e

Immanuelle sabia que o resto dos Moores não ousaria se opor a ela. Pela primeira vez em sua vida, ela foi levada a aceitar a ideia de que poderia estar verdadeira e totalmente sozinha.

Immanuelle continuou sua caminhada pelas traiçoeiras estradas da montanha - cabeça inclinada para os fortes ventos da tempestade que sopravam do oeste, segurando as rédeas com tanta força que seus dedos se cerraram. À medida que o cavalo contornava um penhasco particularmente íngreme, ouviu-se o estrondo de um trovão. O cavalo saltou para frente com tanta força que arrancou Immanuelle do chão. Eles cambalearam em uma curva fechada no caminho, as botas de Immanuelle derrapando na lama congelada da estrada enquanto ela lutava para parar o cavalo. Mas enquanto corriam em direção a outra curva - esta em torno de um penhasco tão alto que Immanuelle não conseguia ver o fundo - a roda da carroça atingiu um sulco na estrada. Suas rodas traseiras escorregaram da beira do penhasco, arrastando o cavalo com elas.

O corcel deu um grito que ecoou pela passagem na montanha, lutando para arrastar as rodas da carroça de volta pelo declive e colocá-las na estrada. Immanuelle puxou o freio com toda a força - bolhas explodindo enquanto ela agarrava as tiras de couro. Mas, apesar de seus esforços, o cavalo começou a escorregar e os dois avançaram - cada vez mais perto - para a borda do penhasco, arrastados pelo peso da carroça.

Caixas de suprimentos deslizaram da parte de trás da carroça. Houve uma longa pausa antes de Immanuelle ouvir o estrondo quando eles atingiram o fundo do vale, muito, muito abaixo. O corcel derrapou para trás e Immanuelle saltou para frente, soltando o freio para soltá-lo. Suas mãos tremiam, rígidas de frio, enquanto ela se atrapalhava com as fivelas - livrando-o das amarrações e marcas. O corcel avançou lentamente em direção ao

penhasco - puxado pelo peso da carroça - até que seus cascos traseiros balançaram na borda. Uma fração de segundo antes que o carrinho os puxasse para baixo, Immanuelle desfez a última fivela. A carroça caiu do penhasco e caiu no vale abaixo.

Immanuelle fez o resto da jornada a cavalo, cavalgando através das torrentes da tempestade. A chuva caía em camadas que frequentemente davam lugar a granizo ou granizo forte. Quando viu as luzes de Ishmel flutuando na escuridão distante, Immanuelle estava tão delirante de frio e cansaço que não tinha certeza se podia confiar em seus próprios olhos. Mas enquanto ela subia a estrada, aquelas luzes distantes ficavam maiores e mais brilhantes, e ela podia ouvir o som de vozes, sentir o cheiro da fumaça da chaminé no ar frio da noite.

Ela entrou em uma aldeia à sombra de uma montanha, muito menor que Amas. Aqui, a escuridão não era tão completa como em Betel. O céu estava com o azul ferido do crepúsculo profundo pouco antes de se transformar em noite total, e os postes de luz brilhavam o suficiente para afastar as sombras. Todas as casas que ladeavam as ruas tinham janelas com venezianas e portas trancadas. Para seu alívio, ela não viu nenhum sinal da Guarda do Profeta.

Immanuelle cavalgou pelo labirinto de ruas estreitas e de terra batida, até chegar ao que parecia ser o centro da aldeia. Lá, ela encontrou uma pousada com grandes janelas salientes que brilhavam com a luz do fogo. Cada vez que suas portas se abriam, uma onda de murmúrios e os acordes do que Immanuelle sabia ser um hino de luto se espalhava pelas ruas. Agachado na escada estava um mendigo, de ombros largos, olhos brilhantes e uma longa

barba mal emaranhada. Ele embalava um pequeno tambor que parecia um brinquedo descartado de criança. À medida que Immanuelle se aproximava, ele começou a bater um ritmo - rápido e esporádico demais para combinar com a música de violino que saía da taverna.

Immanuelle se abaixou para colocar uma moeda na xícara a seus pés. — Estou tentando localizar alguém... você poderia me ajudar?

—Isso depende de quem você está procurando. — disse o homem, e seu sotaque era um que Immanuelle nunca tinha ouvido antes.

—Uma mulher... pelo nome de Vera Ward. — Ela poderia ter explicado que Vera era uma adivinha, vinda de Betel, mas ela não sabia se era seguro mencionar essas coisas em um lugar como este. Certamente, Ishmel parecia desprovido da piedade aberta que distinguia Betel - com sua catedral extensa e as capelas que ficavam em todas as esquinas - mas isso não o tornava totalmente seguro.

O homem a avaliou à luz oleosa de um poste próximo; então ele acenou com a cabeça, gesticulando para que Immanuelle o seguisse por uma estrada estreita que serpenteava para o leste. O mendigo a conduziu por um labirinto de casas, depois por uma rua inclinada que contornava uma colina alta, até que chegaram a uma pequena propriedade à beira do lago, onde ficava uma cabana de pedra.

Immanuelle amarrou o cavalo a uma cerca perto da estrada e começou a avançar. As janelas da cabana estavam quentes com o brilho de velas acesas, e era claro o suficiente para Immanuelle distinguir o pequeno símbolo pintado na porta: era o símbolo de proteção, assim como aquele esculpido na pedra fundamental das ruínas da Ward.

Ela bateu. Esperou.

Houve uma leve perturbação, sombras movendo-se atrás de janelas com cortinas, o som de pés descalços no piso de madeira, o clique de uma trava deslizando para fora do lugar.

A porta se abriu.

Uma mulher apareceu na soleira. Ela tinha a pele clara para uma do povo da Periferia, com uma juba escura de cachos saca-rolhas e olhos verdejantes como mudas. Ela parecia ter a idade de Anna, talvez um pouco mais velha, e segurava uma cesta de roupas suja na curva de seu quadril. Mas, ao ver Immanuelle, seus braços afrouxaram e a cesta atingiu a varanda com um *baque surdo*.

—Vera. — Ela disse o nome com um forte sotaque. —Temos um visitante.

Uma figura apareceu atrás da mulher. Ela era mais alta, tinha ombros largos e vestia calções de homem escuros. Ela usava seus dreadlocks prateados presos atrás do rosto. Os botões de sua camisa de trabalho estavam soltos, de modo que Immanuelle podia ver o cordão de couro em seu pescoço, amarrado com duas adagas sagradas entalhadas em bétula. Suas sobrancelhas eram escuras e grossas - entre elas, a marca da mãe.

As duas mulheres conduziram Immanuelle para dentro, acomodando-a em frente a uma lareira que rugia antes que ela tivesse a chance de dizer mais do que duas palavras para elas. A mulher que atendeu a porta, que se chamava Sage, enrolou uma colcha grossa sobre os ombros e preparou para ela uma xícara de chá com creme e várias colheres de mel. Vera foi cuidar de seu cavalo e voltou alguns minutos depois, sentando-se diante de Immanuelle em uma grande cadeira. Ela era uma mulher imponente - quase tão alta quanto Lilith,

pele escura e impressionante de uma forma que a maioria das pessoas não era. Na verdade, ela lembrava Immanuelle das representações da Mãe das Trevas - com sua pele de ébano e traços finos. Sua beleza tornava difícil desviar o olhar.

Para evitar ficar boquiaberta, Immanuelle voltou o olhar para a sala. O chalé era maior por dentro do que parecia por fora. A sala estava decorada com bom gosto, os pisos revestidos com peles de urso, as mesas adornadas com pequenas bugigangas como guardanapos, velas e livros de poesia. O ar cheirava a fermento e especiarias, e os restos do jantar ainda estavam na mesa. Em uma poltrona perto da lareira, dois gatinhos, um cinza, um preto, dormiam felizes.

Sem saber o que dizer ou fazer, Immanuelle bebeu em silêncio o chá com mel.

Vera a observou beber, impassível, quase taciturna, apesar das tentativas fracassadas de Sage de puxar conversa. Só quando Immanuelle terminou o chá é que Vera finalmente falou. —Como você me achou?

—Eu fui para a periferia —, disse Immanuelle, colocando sua xícara em um pedestal delicado de uma mesa lateral. —Havia um padre lá que conhecia você. Ele disse que eu poderia encontrar você aqui.

—E você viajou sozinha? — Perguntou Sage, acomodando-se em um banquinho perto da lareira. Immanuelle percebeu, sem graça, que estava ocupando o que devia ser seu assento e começou a se levantar, mas a mulher acenou para que ela se afastasse.

—Eu não estava totalmente sozinha. Tive um amigo que cavalgou comigo por Betel. Ele me fez passar pelo portão, mas... — A imagem de Ezra parado no meio da estrada, rifle erguido, cercado pelos guardas do Profeta,

veio à tona em seu devaneio. Ela fechou os olhos contra a memória e balançou a cabeça. —Ele não sobreviveu.

—E a sua família? — Sage perguntou gentilmente.

—Eles ainda estão em Betel.

Foi Vera quem falou em seguida. —Eles sabem que você está aqui?

—Não.

Vera se inclinou para a frente - pernas abertas, antebraços apoiados nas rótulas, como um homem se senta. —E eles sabem *por que* você saiu?

Immanuelle balançou a cabeça, correndo para se explicar. —Eu não disse a eles para onde eu estava indo ou que você está aqui. Eu não teria traído sua privacidade dessa maneira.

Vera a avaliou à luz fraca das velas, como se tentasse determinar se ela estava ou não dizendo a verdade. —Você foi seguida?

Immanuelle começou a balançar a cabeça, mas hesitou.

Os olhos de Vera brilharam de frustração. —É uma pergunta simples: você foi seguida? Sim ou não?

—Eu fui... mas apenas no início. A Guarda do Profeta parou de me perseguir assim que passei o portão. Eu não vi outra alma na estrada até que encontrei Ishmel.

Para isso, Vera não disse nada. Ela se levantou e pegou um cachimbo da caixa sobre a lareira, encheu a tigela com rapé de uma lata bonita e acendeu. Ela fixou os olhos em Immanuelle. Exalou um bocado de fumaça. —Por que você veio?

—*Vera*—, disse Sage, uma repreensão cortando os dentes cerrados. —Talvez você deva deixar a garota descansar antes que o interrogatório comece?

—Precisamos saber por que ela está aqui.

—Olhe para ela, V. Ela é sua. Ela está aqui por você. Ou você está tão cansada que não consegue ver seus próprios parentes quando eles estão sentados bem na sua frente?

Os olhos de Vera se estreitaram por trás de um véu de fumaça de cachimbo.

—Por favor —, disse Immanuelle, cansada e fraca. A colcha em volta dos ombros parecia tão pesada quanto uma mochila cheia de pedra. —Eu não tenho mais ninguém. Deixe-me me explicar, e se você não quiser mais parte de mim depois disso, eu prometo que vou embora.

Vera a estudou por um longo tempo. Um músculo em sua mandíbula flexionou e teve espasmos. —Está tarde. Tudo o que você veio dizer terá que esperar até de manhã. Sage. — Ela se virou para sua companheira. —Prepare o quarto.

CAPITULO TRINTA E UM

Ser mulher é ser um sacrifício.

—DOS ESCRITOS DE TEMAN, A PRIMEIRA ESPOSA DO TERCEIRO PROFETA, OMAAR

Enfiada na cama, coberta de colchas e peles de urso, Immanuelle ficou acordada ouvindo os tons abafados de conversas do outro lado da parede. A conversa entre Vera e sua companheira parecia o início rápido de uma discussão, mas seus sussurros sibilantes tornavam difícil distinguir qualquer coisa além de algumas palavras.

"Perigoso" era aquela que aparecia com frequência. "Obrigação" era outra.

Immanuelle fechou os olhos, tentando não chorar. Ela não tinha certeza do que esperava encontrar ao chegar em Ishmel, mas não era isso. Talvez ela tivesse sido ingênua ao esperar uma recepção calorosa. Afinal, o sangue compartilhado não negava o fato de ela e Vera serem estranhas. Ainda assim, Immanuelle esperava que sua chegada fosse recebida com algo mais do que frieza absoluta. Sua decepção, quando combinada com a dor da traição de Martha, era quase insuportável. Ser evitada por uma avó - a mulher que a criou como uma filha - já era ruim o suficiente. Mas ser deixada de lado por outra, poucos dias depois, parecia uma punição particularmente cruel.

A noite foi avançando, mas ela não se sentia cansada, talvez pela desorientação causada pela noite sem fim. Sem o nascer e o pôr do sol, ela descobriu que costumava ficar presa no limbo entre acordar e dormir.

Para passar o tempo, Immanuelle deixou seu olhar vagar pelo quarto. Era um lugar bem cuidado, decorado com bom gosto, com espelhos e pequenas pinturas penduradas nas paredes. A dúzia de velas que se amontoavam no topo da cômoda estavam apagadas, mas a lareira de ferro fundido no canto brilhava suavemente, iluminando o quarto com uma névoa de luz do fogo. Se a poeira na mesa de cabeceira fosse alguma indicação, o quarto raramente era usado. Isso pareceu estranho a Immanuelle, visto que era o segundo de dois na casa.

Eventualmente, ela caiu em um sono intermitente - preenchido com o tipo de sonhos frágeis que tendem a desvanecer no momento em que a pessoa se torna consciente novamente. Ela não sabia quanto tempo ela dormiu, mas quando ela acordou, ela encontrou a escuridão e o cheiro de bacon frito fresco.

Immanuelle sentou-se e saiu da cama, surpresa ao ver que estava vestida com uma camisola grossa, embora não se lembrasse de trocar as roupas úmidas de viagem. Havia um xale de tricô sobre a cabeceira da cama e ela o enrolou nos ombros antes de sair do quarto. A sala estava à luz de velas, iluminada por lampiões a querosene e um lustre de ferro forjado pendurado no teto por uma corrente grossa. No canto oposto da sala, um fogão de ferro fundido, ao qual Sage estava em frente, cantarolando uma música vibrante que parecia muito mais animada do que qualquer hino que Immanuelle conhecia.

Sage se virou para colocar uma travessa na mesa e se assustou ao vê-la. — Você tem pés tão moles quanto Vera. Nunca consigo ouvir quando ela está se aproximando.

—Perdoe-me. — Disse Immanuelle, parando no espaço entre a sala e a cozinha, sem saber para onde ir ou o que fazer.

Sage acenou para ela com um sorriso. —Por favor, coma.

Immanuelle obedeceu, acomodando-se em frente a um grande prato de ovos e bacon grosso, batata assada e bolo de milho frito na gordura. Ela estava faminta e comeu rapidamante, mas Sage parecia encantada com seu apetite voraz.

—Você se parece tanto com ela —, disse Sage melancolicamente. —Só soube que você era parente de Vera no momento em que coloquei os olhos em você.

—Você é uma Ward também?

Sage balançou a cabeça. —Deuses não. Apenas um rato de rua como a maioria dos de Ishmel. Acho que nunca teria me estabelecido se não tivesse conhecido Vera.

—E vocês estavam — Immanuelle procurou a palavra certa. —Juntas, todo esse tempo?

—Onze anos —, disse Sage, com grande orgulho. —Suponho que você poderia dizer que somos muito bem combinadas.

Na verdade, Immanuelle não tinha certeza do que Sage estava tentando dizer, mas ela pensou que poderia ter algo a ver com a maneira como as Amantes se agarraram na floresta. Depois, havia a questão do quarto de hóspedes, esparso e intocado, e o quarto maior com duas mesinhas de cabeceira em vez de uma e um colchão grande demais para uma única pessoa. —Estou feliz que ela encontrou você.

Sage corou, parecendo tocada. —Bem, isso é muito gentil da sua parte.

Immanuelle absorveu um pouco de gema de ovo com um pedaço de bolo de milho frito. —Onde ela está?

—Vera foi a uma reunião do conselho na aldeia —, disse Sage, inclinando-se sobre a mesa para encher a xícara de chá de Immanuelle. —Ela estará de volta em breve, tenho certeza. Ela não vai querer ficar longe por muito tempo. Não enquanto você estiver aqui.

Um pequeno silêncio. Immanuelle terminou o resto da comida em seu prato. —Vocês foram tocados pelas pragas?

Sage balançou a cabeça, então vacilou. —Não da mesma maneira que vocês foram. Nossas águas ficaram manchadas de sangue por apenas alguns dias. Mas ouvimos histórias da contaminação que afligia Betel. Uma vez encontramos uma mulher nua e enlouquecida de febre, vagando pela selva montanhosa logo além da borda de Ishmel. A cabeça dela foi cortada com aquela marca que suas mulheres usam, então sabíamos que ela era de Betel. Ela morreu na aldeia, poucos dias depois que a encontramos. Nada que os médicos fizeram pode aliviar seu sofrimento. Nenhuma tintura ou erva poderia tocá-la. — Ela fez uma pausa, franzindo a testa com a memória. —Mas não fomos feitos para suportar os mesmos horrores que seu povo tem. Qualquer que seja esse mal, está amplamente contido nas fronteiras de Betel. Mas Vera acha que há uma chance de o contágio se espalhar para Ishmel, com o tempo.

—Ela é sábia para ser cautelosa.

Sage se levantou para limpar os pratos. —Vera não é nada senão isso. Mas espero que você não tenha confundido a cautela dela com malícia. Eu sei que ela é... bastante áspera às vezes, mas ela está feliz em ver você. Acho que ela está esperando por você há tanto tempo que não sabe o que fazer ou como se sentir agora que você está aqui. Mas isso vai passar. Vocês duas só precisam de uma chance para se aclimatarem, só isso.

Como se fosse uma deixa, a porta da frente se abriu e Vera entrou. Ela tirou o casaco, que, como o resto de suas roupas, parecia talhado para um

homem. Ela se sentou à mesa e serviu-se da comida que Sage preparou. Enquanto comia, ela habilmente se esquivou das perguntas de sua parceira sobre sua manhã, oferecendo apenas acenos e a ocasional resposta de uma palavra quando era forçada a falar.

Sage, talvez percebendo que essa era uma dica sutil de dispensa, anunciou que estava saindo para alimentar as galinhas e limpar seu galinheiro. Depois que ela se foi, um longo silêncio se instalou entre Vera e Immanuelle, quebrado apenas pelo barulho da lareira.

Foi Vera quem falou primeiro. —Não sei dizer com quem você parece mais: meu filho ou sua mãe.

Foi a primeira vez que ela fez menção a Daniel, e o significado do momento não foi perdido por nenhuma delas.

—Sempre tive esperança de favorecê-lo—, disse Immanuelle, hesitante. —Quando eu era pequena, costumava me olhar no espelho e tentar me imaginar como um menino, para saber como ele era.

A expressão de Vera era difícil de ler. Ela e Martha eram tão parecidas em seu estoicismo. —Eu gostaria de ter um retrato para mostrar a você, mas a Guarda do Profeta queimou tudo o que restou dele.

—Nem tudo. — Disse Immanuelle, e se levantou, caminhou até a porta onde havia deixado cair a mochila na noite anterior e cavou até encontrar o diário da mãe. Ela o carregou de volta para a mesa, abriu na página que continha o retrato de Daniel, então o deslizou pela mesa.

Vera o pegou, com a mão trêmula um pouco, e ficou olhando para o desenho por um longo, longo tempo em silêncio. —Sua mãe sempre teve uma boa mão. Este é ele, certo. Assim como e... — Ela balançou a cabeça. — Obrigada. Já faz muito tempo que não vejo seu rosto.

—Como... como ele era? — Immanuelle disse, sem saber se era uma pergunta que ela tinha permissão para fazer. Parecia uma coisa tão grave e sagrada pedir a uma mãe que ressuscitasse a memória de seu filho morto. Mas Vera não pareceu perturbada.

—Ele era um menino quieto. Gentil, embora ele não parecesse assim no primeiro encontro. — Vera sorriu para o desenho de seu filho carrancudo, traçou as rugas em sua testa com a ponta do dedo. —Gosto de pensar que ele via o mundo como ele era. A maioria das pessoas não consegue fazer isso. Até os profetas estão cegos por seus próprios vícios. Mas não Daniel. Ele via a verdade em tudo.

Immanuelle pegou o livro de volta, pressionou a mão na página oposta, pressionando a encadernação, arrancou cuidadosamente o retrato do diário e o deslizou de volta para Vera. —Aqui. Deve ser seu.

A mulher sacudiu a cabeça. —Ele é seu pai.

—Mas eu nunca tive a chance de perdê-lo. Ele era seu filho. Você deveria ter.

—Eu tenho minhas memórias. Além disso, este é o trabalho da sua mãe.

—Está bem. Pegue, por favor. Como um presente pela sua hospitalidade.

—Hospitalidade—, disse Vera, e riu sem nenhum traço de humor. — Hospitalidade é colocar comida na mesa para um estranho. É dar as boas-vindas a um conhecido para um bolo de ameixa e chá. Mas não é isso. Isso sou eu fazendo o que deveria ter feito, anos atrás. Eu deveria ter esperado por você. Eu deveria ter levado você comigo...

—Não é sua culpa.

—Mas isso é... pelo menos em parte.

Immanuelle balançou a cabeça e deslizou o desenho pela mesa novamente. —É seu. Pegue.

Vera não se mexeu. Seu olhar ficou duro novamente, do jeito que tinha estado na noite anterior. Ela acenou com a cabeça para o diário. —Quem te deu isso?

Immanuelle não via sentido em mentir agora, quando tinha percorrido todo esse caminho para aprender a verdade. —Foi um presente de duas mulheres. Bruxas que encontrei na Floresta Sombria.

A expressão de Vera não mudou. Ela se recostou em seu assento. —Por que você veio?

Immanuelle pegou o diário de Miriam e o abriu nas páginas finais, com os escritos: *Sangue. Praga. Trevas. Abate*. Ela o deslizou pela mesa para Vera.

A mulher olhou para o diário. Immanuelle não conseguiu analisar sua expressão, mas ela sabia de uma coisa: sua avó não estava surpresa.

—Você sabia —, disse Immanuelle, tão baixinho que ela não tinha certeza de ter falado as palavras em voz alta. —Você sabia sobre a cabana. Você sabia sobre as pragas e as bruxas e o acordo que minha mãe fez com elas na Floresta Sombria. Você sabia que ela me vendeu.

Vera olhou para ela, claramente confusa. —Miriam não vendeu você para as bruxas. Sua mãe te amava. Ela escolheu você em vez de tudo o mais. Sua casa, sua família, sua vida, até mesmo sua alma.

—Isso não é verdade. Não sei o que ela disse a você, ou o que você acha que sabia sobre minha mãe, mas ela não me amava como você amava Daniel. Ela não fez sacrifícios em meu nome. Ela me entregou. Ela me amarrou à escuridão antes mesmo de eu nascer. Minha mãe comprou as pragas com meu sangue. Ela só se importava com a vingança.

—Sua mãe estava tentando te proteger. Tudo que aquela garota tinha para dar, ela deu a você.

—Se isso for verdade, por que ela lançou as maldições? — Immanuelle exigiu, ficando com raiva agora. —Eu mesma vi a cabana. Eu sei o que esses símbolos nas paredes significam. Se ela me amava tanto, por que ela me usaria assim?

—Como eu disse, ela estava tentando proteger você.

—Fazendo para mim uma arma? Um peão nas mãos de Lilith?

—Miriam estava tentando dar a você o poder que ela nunca teve. Mas ela estava de luto e com medo, com dezesseis anos e mais vulnerável do que ela imaginava. Lilith podia ver isso. Ela perverteu o desejo de Miriam de protegê-la, atacando sua fraqueza. Eu assisti isso acontecer. Cada vez que ela se aventurava na floresta, ela ficava um pouco mais louca do que antes. No final, acho que ela era mais parecida com elas do que com a gente.

—De que maneira?

Vera fez uma pausa antes de responder, como se para ordenar seus pensamentos. —Na vida, a maioria de nós pode se dar ao luxo das nuances. Podemos estar com raiva, mas equilibramos essa raiva com misericórdia. Podemos estar cheios de alegria, mas isso não nos impede de ter empatia por aqueles que não o tem. Mas depois que morremos, isso muda e somos destilados até nossas compulsões mais rudimentares. Um único desejo tão poderoso que supera todos os outros.

—Como Lilith e seu desejo de vingança?

Vera concordou. —Perto do fim, sua mãe ficou do mesmo jeito. Ela estava obcecada em protegê-la, imbuí-la do poder e da liberdade que ela tanto desejava, mas nunca teve. Era como se ela vivesse para nada mais, então ela poderia muito bem estar morta.

A explicação explicava a loucura de Miriam. Os escritos e esboços em seu diário, sua obsessão singular com Floresta Sombria e as bruxas que

abrigava. Mas algo ainda atormentava Immanuelle, alimentava as chamas de sua raiva. —Se você soubesse de tudo isso - se soubesse que minha mãe estava sendo manipulada e usada por Lilith, enlouquecida por sua dor - então por que não fez nada para impedir isso?

Vera lutou para encontrar uma resposta. —Porque na época... Eu estava tão doente quanto ela. Perdi meu filho, observei-o queimar vivo na pira diante dos meus olhos e seus gritos me assombravam como as bruxas faziam com sua mãe. Mas eu não sabia que Miriam empunharia as pragas ou traria tudo isso sobre sua cabeça.

Immanuelle refletiu sobre isso por um momento em silêncio, tentando decidir se acreditava ou não nela. —A cabana onde ela lançou aquelas maldições era sua?

Vera concordou. —Em parte. Mas também pertence a você. Por doze gerações, as mulheres da família Ward praticaram sua magia lá.

—E foi lá que você ensinou a ela os costumes das bruxas? Como praticar a arte das trevas?

—Nunca ensinei nada a Miriam —, disse Vera em negação veemente. —O pouco que ela aprendeu, ela aprendeu com Lilith e com a própria Floresta Sombria.

—Mas por que Lilith se preocupou com minha mãe em primeiro lugar? Se ela era apenas uma garota doente de luto, então por que as bruxas atendiam seus chamados?

—Eles não sabiam —, disse Vera, falando baixo agora. —A única razão pela qual as bruxas mostraram seus rostos para ela foi porque ela carregava você em sua barriga. Foi o seu sangue correndo nas veias de Miriam que deu a ela o poder de lançar aquelas maldições. As bruxas foram enfeitiçadas por você.

O coração de Immanuelle tropeçou, saltando várias batidas. —Eu não entendo.

A voz de Vera ficou muito suave e, por um breve momento, ela olhou para Immanuelle com a mesma ternura com que fazia o retrato de seu filho. —Miriam era uma camponesa de coração partido com uma vingança e um temperamento cruel. E, sim, ela esculpiu os símbolos, orquestrou as pragas. Mas o poder que ela sugou veio de você. Um bebê com sangue de bruxa correndo em suas veias. Todo esse poder nascente para ser tomado. Você fez o recipiente perfeito.

Immanuelle sentou-se, abalada, em sua cadeira, tentando e falhando em falar. No fundo, ela sabia que o que Vera dizia era verdade, mas um detalhe a fez hesitar. —Se eu não sou nada mais do que um recipiente para as bruxas, por que recebi o diário?

—As bruxas são evangelistas antes de qualquer outra coisa. De que outra forma quatro garotas estrangeiras poderiam formar exércitos tão grandes que rivalizariam com as forças de Betel? De que outra forma elas semearam as sementes da discórdia senão conquistando os corações e as almas do rebanho da Igreja?

—Então elas não estavam tentando me atrair; elas estavam tentando ganhar minha alma?

Vera concordou. —Elas querem você, Immanuelle - seu poder, seu potencial. Lilith gostaria de nada mais do que que você se juntasse a ela, como uma irmã e serva do coven. E antes que o fim chegue, marque-me, elas vão lhe fazer uma oferta. Convidar você para as fileiras delas.

Immanuelle considerou a ideia, imaginou como seria caminhar pela floresta ao lado de Lilith. Ela não seria obrigada a lutar mais contra a tentação

ou rastejar aos pés do Profeta. Ela viveria livre de protocolo e punição - para vagar e fazer o que quisesse. —O que acontece se eu recusar a oferta delas?

—Então você vai compartilhar a morte de Betel.

Immanuelle endireitou-se na cadeira. Suas mãos pararam de tremer. Seus ombros se endireitaram. Pela primeira vez, ela olhou Vera bem nos olhos. —Existe alguma maneira de detê-las?

Vera concordou. —Existe uma maneira. Um símbolo poderoso para redirecionar a energia das pragas. Você precisaria entalhar seu braço com uma adaga consagrada.

—Como uma adaga sagrada?

—Sim, mas *apenas* do Profeta. Veja, um símbolo poderoso requer uma ferramenta poderosa para esculpi-lo. A lâmina deve ser consagrada - imbuída de poder por meio de orações ou feitiços. Existem apenas alguns objetos dessa natureza em Betel. A adaga sagrada do Profeta; a sagrada adafa de evisceração; e a espada de David Ford, o primeiro santo cruzado, que está pendurada sobre o altar da Catedral do Profeta, são as únicas que vêm à mente. Uma ponta dos chifres de Lilith também seria suficiente. Na verdade, eu suspeito que é o que sua mãe usou para esculpir seus símbolos na cabana.

—Então tudo que tenho que fazer é esculpir o símbolo em meu braço com uma lâmina consagrada e então acaba? As pragas vão acabar e tudo voltará a ser como era antes?

—Se ao menos —, disse Vera com um sorriso triste. —Quando você esculpir o símbolo, ele arrastará o poder das pragas de volta ao seu lugar de origem: você. Depois de fazer isso - se você for capaz de sobreviver a tal façanha - o poder das pragas será seu para manejar como desejar.

Immanuelle fez uma pausa para imaginar: a praga, o sangue e as trevas, e a matança que viria, dela para empunhar como armas. Com isso, ela teria o

poder de que precisava para colocar a Igreja em pé, poupar a vida de Ezra, fazer o Profeta se redimir seus pecados. Ela poderia reinar sobre Betel se quisesse, e sob sua supervisão não haveria piras ou purgações. Nada de garotas deitadas como cordeiros no altar para o corte. Ninguém sendo feito para sofrer na miséria da periferia. Com um poder assim, ela poderia arrasar a Igreja do Profeta até as pedras de seu alicerce. Construiria um novo Betel.

—Qual é o custo? — Ela perguntou, sabendo que seria pesado. Se havia uma coisa que ela aprendeu até agora, era que o poder nunca era gratuito.

—É impossível dizer o que vai demorar ou quando. Mas saiba que o preço de uma energia como essa será alto. Pode ceifar sua vida, como fez com sua mãe, corroer seus ossos e se espalhar por seu corpo como um câncer. Ou talvez manipule seus sentidos, reivindique sua sanidade como recompensa. Talvez roube a vida de seu primogênito ou torne você estéril. A única certeza é que um dia você terá que pagar pelo poder que tomou.

—E há uma cura para essas aflições?

—Talvez, mas isso dependeria inteiramente do que você está afligida.

Immanuelle acenou com a cabeça, primeiro para si mesma, depois para Vera. —Ensine-me como fazer.

Vera riu abertamente; o som era áspero e feio, quase assustador. Do outro lado da cozinha, o forno estava tão quente que Immanuelle pôde ver as ondas de calor distorcendo o ar ao redor, e a chaleira no fogão começou a assobiar. A espuma espirrou de seu bico e chiou nas brasas abaixo.

—O que é tão engraçado?

Vera se acomodou, enxugando os cantos dos olhos. —A ideia de que você pensa que eu iria condená-lo a um fim como aquele. — Seu sorriso morreu e de repente ela estava tão séria que parecia quase séria. —Betel colocou seus fardos sobre os ombros das meninas por muito tempo. Eu já perdi

meu filho. Não vou levar você ao mesmo destino que ele conheceu. Certamente não em alguma tentativa fútil de salvar um lugar que não merece libertação.

—Ainda há esperança para Betel. Existem boas pessoas lá, e se eu não ajudá-las, elas morrerão nas pragas que virão.

—Pessoas boas não baixam a cabeça e mordem a língua enquanto outras pessoas boas sofrem. Boas pessoas não são cúmplices.

—Há crianças lá —, disse Immanuelle, tentando fazê-la ver. —Meninas, como minhas irmãs, que são inocentes em tudo isso.

—E eu sinto por elas; Eu sinto. Mas se elas sofrem não é por causa das bruxas ou das pragas ou de você. É porque seus pais, e os pais de seus pais, criaram essa bagunça. Talvez você deva deixá-los responder por isso.

—E fazer o que? Ficar aqui com as mãos amarradas? Virar as costas para Betel, minha casa?

—Se o pior vier...

—Virá.

— *Se* vier, nós vamos —, disse Vera. —Existem mundos além deste, Immanuelle.

—Você quer dizer as cidades pagãs? Valta, Hebron, Gall e outras semelhantes?

—Mais do que apenas elas. O mundo é vasto e você merece a chance de vê-lo. Podemos explorá-lo juntos, nós três. Uma família. — Vera esticou o braço por cima da mesa, pegou-a pela mão e apertou. —Deixe-me fazer o que deveria ter feito dezessete anos atrás. Deixe-me levar você comigo.

Era uma oferta tentadora, e semanas atrás ela poderia ter aceitado Vera. Mas Immanuelle sabia melhor agora. —Não posso dar as costas a Betel ou às pessoas que amo lá.

—Isso é o que seu pai disse sobre sua mãe, anos atrás, e ele ardeu por isso. Se você voltar para aquele lugar, você morrerá lá, assim como ele morreu.

—Betel é minha casa. Se eu morresse em qualquer lugar, gostaria que fosse lá. Eu faço parte desse lugar e não vou virar as costas para ele, ou para as pessoas de quem gosto. — Ela puxou a mão dela. —Vim aqui para encontrar uma maneira de consertar as coisas, não para fugir como você fez.

Vera se encolheu com o insulto. —Immanuelle...

—Escreva o símbolo. Ensine-me como acabar com isso e fazer isso rapidamente. Por favor. Eu estou te implorando.

—Você sabe que eu não posso fazer isso.

—Então voltarei de mãos vazias e morrerei sem lutar. De uma forma ou de outra, voltarei para Betel. Posso voltar com uma arma, um meio de me defender das pragas e da Igreja, ou posso voltar para Betel indefesa. Mas vou voltar. Eu tenho que voltar.

—O mundo deles não quer gente como você. Você não vê isso? Não importa o que você faça, quão boa você seja, ou se você os salva das mandíbulas da própria Mãe. Você sempre será uma estranha para eles. Você nunca vai ganhar o favor ou a confiança deles.

—Isso não é sobre mim.

—Mas é você quem está fazendo o sacrifício —, disse Vera, agora quase gritando. Ela reclinou-se na cadeira, passou a mão pelos dreadlocks, tentando se recompor. —Digamos que eu lhe dê o símbolo. Como você pode esperar derrotar quatro das bruxas mais poderosas que já caminharam sobre a terra quando você fica assustada ao ver sua própria sombra?

—Eu não sou uma covarde.

—Talvez não diante de certos perigos. Quero dizer, você veio aqui sozinha. Enfrentou a selva além de Betel sem uma única alma a quem

recorrer. São os ingredientes da lenda de um herói... mas eu me pergunto se essa mesma bravura se estende às outras coisas que você teme.

—Que outras coisas?

—Condenação. Das graças Pai. Ridícula da Igreja. A perda de sua alma, virtude e bom nome. — Vera contou cada um dos golpes nos dedos. —E talvez, mais do que qualquer outra coisa, medo de si mesma. Medo de seu próprio poder. Porque é isso que mais te apavora, não é? Não o Profeta, não a Igreja, não Lilith ou as pragas, não a ira do Pai... É do seu próprio poder que você mais tem medo. É por isso que você está suprimindo isso.

Immanuelle não sabia se era algum tipo de vidente como Ezra e seu pai, ou se sua fraqueza era tão evidente que até um estranho poderia reconhecê-la, mas corou de vergonha de estar tão exposta.

O olhar de Vera se suavizou. —Se você quer acabar com essas pragas, você vai ter que se abraçar, por inteiro. Não apenas as virtudes que a Igreja disse para você valorizar. As partes feias também. Principalmente as partes feias. A raiva, a ganância, a carnalidade, a tentação, a fome, a violência, a maldade. Um sacrifício de sangue não significará muito se você não puder controlar o poder que ele oferece. E se você tiver metade da força que penso, o poder será imenso. Você viu como sua mãe sucumbiu a isso. — Vera bateu no diário. —Ela estava louca fora de seus sentidos no final. E quando estiver tudo dito e feito... você pode estar também. É realmente um sacrifício que você está pronta e disposta a fazer?

—Sim, — disse Immanuelle, sem um momento de pausa. —Estou pronta para ver um fim nisso.

—Você realmente é filha da sua mãe. — Disse Vera, e ela virou o esboço de Daniel de rosto para baixo na mesa, pegou um pouco de grafite e rabiscou um pequeno símbolo que Immanuelle sabia ser a marca da maldição, com um

pequeno alteração; uma série de linhas bifurcadas que pareciam um pouco com setas dividia o símbolo ao meio. —As pragas nasceram do seu sangue. Se você esculpir esta marca em seu braço, eles retornarão para você.

—Isto é, se eu for forte o suficiente para abrigá-los.

—Você é —, disse Vera. —Você terá que ser.

Immanuelle abriu os lábios para responder, mas o som de um grito de mulher a interrompeu. Ela e Vera ficaram de pé em um instante, as cadeiras caindo no chão atrás delas. Eles pegaram a lamparinas da mesa e correram em direção à porta. A escuridão além dela era quase impenetrável, quebrada apenas por três halos de luz. Nessas auréolas, homens, oito deles, com lamparinas e tochas erguidas. Todos eles usavam o uniforme da Guarda do Profeta. Dois seguravam Sage, torcendo seus braços atrás das costas, forçando-a a ficar de joelhos enquanto ela chutava e lutava.

Um dos guardas se aproximou e, à luz fraca das tochas, Immanuelle o reconheceu. Ele era o meio-irmão mais velho de Ezra, Saul. O mesmo comandante de olhos cruéis que muitos chamavam de filho favorito do Profeta. Para seu horror, ela viu que ele agora usava a adaga sagrada de Ezra ao redor do pescoço. Um sinal claro de que ele tinha ou iria substituí-lo como herdeiro do Profeta.

—Não. — Immanuelle avançou na direção dele, na direção de Sage, mas Vera a segurou pelo braço e a puxou de volta.

Quatro dos guardas do Profeta ergueram seus rifles em uníssono, os dedos curvados sobre os gatilhos, mas Saul acenou para eles, seu olhar fixo em Immanuelle. —Abaixem suas armas. Levaremos a menina de volta para Betel ilesa.

CAPITULO TRINTA E DOIS

Ele me observa, eu sei disso. À noite, sinto Seus olhos sagrados sobre mim, mas não tenho medo.

—MIRIAM MOORE

— Você acredita nas Escrituras de seu Pai e Profeta? — As palavras do apóstolo ecoaram pelas câmaras e foram carregadas pelo corredor do calabouço.

—Sim. — Disse Immanuelle.

O apóstolo Isaac endireitou suas vestes. Ele era um homem alto, de aparência faminta, com uma cabeça quase tão pálida e magra quanto a de Lilith. Ele parecia apenas meio humano, como se - com suas vestes arrancadas - ele pudesse se esconder entre as feras da floresta sem ser notado. Em uma mão, ele segurava as Sagradas Escrituras, na outra uma pequena vela que queimava em seu pavio. —E você acredita que o fogo do inferno atende aqueles que vivem em reprovação da lei do Pai?

—Sim.

—Você já desafiou a lei do pai?

Immanuelle assentiu. —Eu já.

Passaram-se pelo menos dez dias desde que ela retornou a Betel e mais de doze desde que a Guarda do Profeta invadiu a casa de Vera, arrancou-a dos braços da única família leal que ela restava e a colocou em contrição. Mas a escuridão estagnada das masmorras do Refúgio a fez sentir como se ela estivesse lá há muito mais tempo.

Immanuelle tentava dormir para passar as horas, mas se seus pesadelos não a acordavam, então os gritos de suas colegas de prisão o faziam. Só pelo fedor de esgoto, ela poderia dizer que as celas estavam lotadas com todas as mulheres e meninas mantidas em contrição sob pena de bruxaria. Ela ouviu os guardas do Profeta murmurarem sobre as incursões noturnas que ocorreram enquanto ela ainda estava em Ishmel. Em sussurros abafados, eles falavam de meninas sendo arrancadas dos braços de suas mães, casas invadidas, dezenas de mulheres presas e que marcharam para o Refúgio sob o manto da escuridão. Por fim, a ira do Profeta foi manifestada.

Durante sua prisão, Immanuelle foi confinada em uma cela remota própria. Ela não tinha visto ninguém, exceto o apóstolo Isaac e alguns dos guardas do Profeta de baixo escalão, que - a cada dia ou mais - escorregavam uma tigela de água e um pedaço mofado de pão pelas grades de sua cela. Por mais doente que fosse, ela quase ansiava por esses interrogatórios diários, pelo menos porque eles interrompiam o tédio enlouquecedor... e a solidão, que era ainda pior. Quando ela ficou sozinha por muito tempo, o tempo não diminuiu tanto quanto se desfez. E foi nessa estranha abstração da atemporalidade, onde os segundos pareciam suspensos no torpor do infinito, que os pensamentos de Immanuelle escureceram. Aquela coisa dentro dela - o redemoinho, o monstro, a bruxa - despertou para a vida.

Isso a fez se sentir perigosa. Isso a fez sentir... pronta.

Quase todas as peças estavam no lugar. Ela tinha o símbolo de reversão e sabia a ferramenta de que precisava para lançá-lo: a adaga do Profeta. Agora era apenas uma questão de protegê-lo, o que não seria pouca coisa, dadas as circunstâncias atuais. Mas uma vez que ela tivesse aquela lâmina em sua mão, tudo que ela precisava fazer era esculpir o símbolo.

O apóstolo Isaac se aproximou meio passo. —Diga-me como você pecou.

Immanuelle voltou a pensar no início de suas memórias. Sentada no joelho de Abrão em frente a uma lareira, um livro das Sagradas Escrituras aberto em seu colo. Ela se lembrava de amarrar sílabas em palavras, e essas palavras se tornando frases, e as frases então se tornando salmos e histórias. Outra lembrança veio à tona, um dia de verão, anos atrás, quando ela e Leah haviam remado na parte rasa lamacenta do rio, nadando em segredo. Ela se lembrou de como se sentiu livre na primeira vez que deixou a correnteza levá-la.

As correntes de Immanuelle deslizaram pelo chão da cela enquanto ela se endireitava e recuperava a voz. —Eu vivi livre - do Protocolo, das Escrituras, da lei do Profeta. Esse é o meu único pecado.

O apóstolo franziu a testa. —Esta é a sua confissão?

—Sim.

—E você deseja ser purificada de seus pecados?

Immanuelle ergueu os olhos para o apóstolo, apertando os olhos contra o brilho da luz das velas. Ela pensou em focinhos e lâminas de evisceração, véus de noiva e grilhões. Ela pensava nas garotinhas que eram chicoteadas com sangue por se esquecerem de fechar os botões de cima dos vestidos. Ela pensou em purgar piras e nas bruxas que morreram gritando nelas, e nas cabeças montadas nas pontas do portão do Refúgio. Ela pensou no olhar do Profeta rastejando sobre ela, em Leah se contorcendo e implorando no tormento de seu parto até que a vida a deixasse e ela não pudesse mais gritar. Ela pensou no símbolo de reversão, imaginou-se esculpindo-o na carne nua de seu antebraço e chamando de volta as pragas.

—Não tenho pecados para limpar.

Houve silêncio na cela, exceto pelo eco distante de passos, o *gotejar* rítmico, *gotejar, gotejar* do vazamento no canto. Aqui - bem abaixo da

superfície da terra - a água ainda tinha gosto de salmoura e metal, a mancha da maldição do sangue persistente.

O apóstolo Isaac caminhava de um lado a outro da cela. Era um espetáculo, percebeu Immanuelle, a maneira como ele se movia, a maneira como pregava as Escrituras e declarava os pecados dela. Ele queria plantar terror como uma semente. —Dizem que você vagou por Floresta Sombria. É assim mesmo?

Immanuelle se recostou nas pedras molhadas, fraca demais para ficar em pé. A fome a corroía como um rato por dentro, e era difícil pensar além disso. —Isso é verdade.

—Eles dizem que você falou com os demônios que moram lá.

No final do corredor, o som de uma porta se abrindo, uma garota gritando por misericórdia. —Eu falei.

—Eles dizem que atendem seus chamados.

—Só as vezes.

O apóstolo se aproximou. —E essas criaturas, quais são seus nomes?

—Você já as conhece —, disse Immanuelle. —Você as diz nas festas e nos dias difíceis. Você as queima em comemoração. Lilith, Delilah, Jael, Mercy.

As sobrancelhas do apóstolo se uniram. A chama da vela dançou em seu pavio. —E foram as bruxas que ordenaram que você lançasse as maldições? É a magia delas que você conjura?

Immanuelle não respondeu. A verdade pouco importava nesses interrogatórios.

—Você é filha de Miriam Moore, certo?

—Sim.

—Miriam também vagou por Floresta Sombria. Ela não disse?

—Ela vagou.

Algo como triunfo passou pelos olhos do apóstolo. —E é para o deus da sua mãe que você ora durante a noite? É para as feras dela que você chama?

—Elas não eram seus animais. Elas não pertencem a ninguém.

—E ainda assim elas te obedecem.

Immanuelle balançou a cabeça. —Elas não prestam atenção a ninguém.

Com isso, o apóstolo sorriu, como se os dois compartilhassem algum segredo sujo. Ele se aproximou, suas botas raspando no chão, e se agachou ao lado dela. —Mas Ezra atende a todos os seus caprichos, não é?

Foi a primeira vez que Immanuelle ouviu falar dele no que pareceram semanas. O som de seu nome por si só foi suficiente para enchê-la com uma mistura inebriante de pavor, medo e esperança. Ela queria perguntar se ele ainda estava vivo e em que estado, mas estava com muito medo de qual seria a resposta do apóstolo.

—Ezra sempre atende ao seu chamado, não é? — o apóstolo perguntou novamente, irritado com o silêncio dela. —Ele participou dos seus esquemas?

Immanuelle não sabia como responder. Se ela dissesse não, ela assumiria total responsabilidade por todas as acusações que o apóstolo fez contra ela. A punição por seus crimes seria a morte por purgação, e se ela morresse na pira antes de ter a chance de reverter as pragas, Betel estaria quase condenada. Mas se ela respondesse sim, Ezra poderia ser considerado cúmplice, ou mesmo culpado por suas transgressões. Qual seria a cobrança por esse crime? Conspiração contra a Igreja, talvez? Traição sagrada? O primeiro foi uma punição de cinquenta chicotadas, o último a morte.

Mas o futuro profeta não poderia ser executado, não é? Eles ousariam colocar o chicote em seus ombros? Ou pior ainda, mandá-lo para a pira?

Uma queimadura aguda chamou a atenção de Immanuelle e ela gritou, puxando a mão dela.

O apóstolo apareceu acima dela, sua vela inclinada para o lado de modo que a cera quente espirrou em sua mão. —Responda a pergunta, garota.

Immanuelle escolheu as palavras com cuidado, raspando os flocos de cera das costas da mão. —Ezra é meu amigo. Ele me escuta como um amigo faria.

—E qual é a natureza da sua amizade?

—Ele me deu livros para ler. Conversamos sobre poesia e as Escrituras.

O apóstolo se inclinou para frente, zombando. Quando ele falou, sua respiração estava quente contra sua bochecha. —Vocês mentiram um com o outro?

Ela ficou rígida. —Não.

Se o apóstolo acreditava nela ou não, Immanuelle não sabia. Ele se levantou e deu as costas para ela, caminhando em direção à porta da cela. —Você é uma garota doente e pecadora, sabia disso?

Immanuelle quase sorriu apesar de tudo. —Foi o que me disseram.

O apóstolo de repente se voltou para ela e inclinou a vela mais uma vez. Cera queimada respingou em suas bochechas e ela estremeceu. Foi tudo o que ela pôde fazer para não chorar, mas se recusou a lhe dar prazer.

—Tenho uma surpresa para você. — Disse o apóstolo, dando um passo para o lado para que Immanuelle tivesse uma visão clara da cela. O brilho da vela iluminou o corredor e um rosto familiar logo apareceu atrás das grades: Martha.

Ela usava uma capa de lã preta que costumava reservar para funerais. O capuz estava baixo, lançando uma sombra sobre seus olhos. —Olá, Immanuelle.

Ao ver sua avó, Immanuelle se endireitou, pressionando-se contra a parede da cela para que as pedras cortassem suas costas. —O que você quer de mim?

—Isso não é maneira de saudar a mulher que te criou. — O apóstolo repreendeu.

Immanuelle manteve os olhos em Martha. Suas correntes sacudiram pelo chão quando ela recuou. —Ela não é minha parente.

Um vento úmido soprou pelo corredor. A tocha acendeu e a vela de Martha se apagou. —Eu só estava tentando ajudar você, Immanuelle.

— Me *ajudar*? Você me traiu.

—Eu tentei salvar você, o melhor que pude.

—Você disse que me deixaria ir.

—Sim —, disse Martha, aproximando-se. —E eu tenho. É por isso que você está aqui em contrição, para ser solta. Para ser liberada de seus pecados e perdoada.

Os lábios do apóstolo Isaac se curvaram em um sorriso de escárnio. Ele foi até a porta e pôs a mão no ombro de Martha. —E assim será, após sua confissão. O Profeta se certificará disso.

Martha tremia tão violentamente que sua vela chacoalhou no cravinho. Em um raro momento de fraqueza, seus olhos se encheram de lágrimas. Quando ela finalmente falou, não foi para o apóstolo, mas para Immanuelle. —Honor e Glory choram por você à noite. Anna está quebrada. Abrão está tão doente de tristeza que mal consegue comer.

Immanuelle fechou os olhos com força, obrigando-se a não chorar. Sua família e sua ternura por eles sempre foram sua maior fraqueza. Martha sabia disso, talvez melhor do que ninguém.

—Amanhã, em seu julgamento, você deve confessar seus pecados. Admita sua culpa para que possa ser perdoada e ter permissão para voltar para casa, para aqueles que a amam. Para mim. A esperança ainda não está perdida, se você estiver disposta a fazer isso.

Immanuelle riu da proposta. Se ao menos Martha soubesse o que estava tramando. O símbolo que ela planejava esculpir. Depois do que ela estava se preparando para fazer, não haveria lugar para ela na mesa de Abrão. Nenhum lugar para ela em Betel, exceto presa a uma estaca de uma pira purgadora. Assim que ela tivesse uma lâmina consagrada em sua mão - fosse a adaga do Profeta ou a adaga sagrada para estripar - ela agiria. Era só uma questão de ganhar tempo. —E se eu me recusar a me arrepender?

Uma lágrima escorreu pela bochecha de Martha. —Então, que o Pai tenha misericórdia de sua alma.

CAPITULO TRINTA E TRES

Confessei meus pecados e fiz as pazes com meu destino. Se a pira espera, deixe as chamas subirem. Estou pronto.

—DO JULGAMENTO DE DANIEL WARD

Immanuelle acordou no chão de sua cela ao eco de passos se aproximando. Empurrando-se para fora dos tijolos, ela tropeçou em seus pés. A porta da cela se abriu e a luz vermelha da tocha se espalhou pelas paredes quando o apóstolo Isaac pisou na soleira. —Você vai ser julgado hoje. — Disse ele como forma de saudação.

Immanuelle alisou a saia sobre as coxas. Suas algemas chacoalharam no chão enquanto ela se aproximava do apóstolo. Dois membros da Guarda do Profeta intervieram para bloquear seu caminho, mas se o apóstolo foi ameaçado por ela, ele não deu nenhuma indicação. Ele ergueu a mão nodosa, gesticulando para que os guardas parassem. —Deixe-a passar.

Então, eles deixaram. Um deles a agarrou pelas algemas. O outro abaixou a tocha até a parte baixa das costas dela, tão perto que Immanuelle temeu que seu vestido pegasse fogo e ela queimasse até ficar torrada antes mesmo de colocar os olhos em sua pira.

—Não tenha ideias, bruxa.

Os guardas tomaram um caminho que Immanuelle não conhecia, em direção aos confins distantes do Refúgio. Enquanto caminhavam, as paredes de tijolos deram lugar a corredores escavados em pedra bruta. Alguns desses

corredores não eram mais do que longas cavernas de terra compactada, o solo tão macio que lama fria escorria entre seus dedos dos pés a cada passo.

Depois de um tempo, eles chegaram a uma porta no final de um corredor tão estreito que os ombros dos guardas roçaram as paredes ao passarem. Immanuelle lutou para subir um lance íngreme de escadas - pouco mais do que tábuas de madeira embutidas em uma parede de terra compactada - até a porta de ferro na extremidade.

O mais alto dos dois guardas deu um passo à frente para abri-la e Immanuelle foi saudada por uma rajada de ar frio e limpo da noite. Ela engoliu em seco, saboreando o frescor depois de todo o tempo que ela passou nas catacumbas fedorentas sob o Refúgio do Profeta. Durante sua detenção, houve momentos em que ela pensou que nunca mais caminharia pelas planícies. No entanto, aqui estava ela. Se esta fosse sua última chance agora de fazer isso, antes que chegasse o fim, seria o suficiente. Uma última noite para ouvir o vento nas árvores, sentir a grama eriçar entre os dedos dos pés... viver.

Mas quando Immanuelle perscrutou a escuridão sem fim, ela percebeu que as planícies não eram os mesmos prados iluminados pela lua de suas memórias.

O esquecimento estava diante dela.

Não havia luz, exceto a das tochas, e a escuridão distante era densa demais para ver através. Nenhuma lua pairava no alto, sem estrelas. Até mesmo o fogo das piras de purga parecia ter sido engolido pelo negro.

Quando seus olhos se ajustaram às sombras, ela viu formas estranhas e apavorantes na escuridão - o vislumbre de um rosto estranho, uma menina se afogando nas profundezas, uma sombra em forma de homem que tremeluzia e mudava, acenando para o preto com um dedo em gancho.

O guarda deu um puxão cruel nas algemas de Immanuelle, arrastando-a para a frente, e as formas no preto desapareceram.

—Que horas são? — Ela perguntou, e a noite pareceu devorar suas palavras.

—Passa um pouco do meio-dia —, disse o apóstolo Isaac. —Diga-me, que bruxa te ensinou como lançar uma maldição tão poderosa como esta? Ou você simplesmente se prostituiu para as trevas para obter esse poder?

Immanuelle tropeçou em um sulco na estrada, batendo o dedo do pé em uma pedra. —Eu não fiz maldições. — Não intencionalmente, pelo menos. O verdadeiro trabalho de bruxa fora obra de sua mãe. Ela era apenas o recipiente.

O guarda baixou a tocha para as costas dela novamente. —Morda sua língua mentirosa, bruxa. Guarde suas confissões para o julgamento.

Ela não cometeu o erro de falar novamente.

Eles seguiram em frente. O tempo passou estranhamente no escuro - como se os segundos diminuíssem - mas, eventualmente, Immanuelle avistou luzes à distância. Levou um momento para registrar o tamanho da multidão. Havia muitas pessoas reunidas ao pé da catedral, carregando tochas e acendendo as chamas da pira, seus rostos iluminados pelo brilho.

Os guardas caminharam à frente de Immanuelle e do Apóstolo Isaac, abrindo um caminho no meio da multidão para eles seguirem. Enquanto ela se movia pela multidão, um canto começou, o som parecia um hino sem música: —*Bruxa. Prostituta. Fera. Pecadora. Cadela.*

Immanuelle entrou na catedral e apertou os olhos contra a luz. Havia lamparinas e tochas acesas em todos os postes, afastando as sombras que entravam pelas portas e janelas. Os bancos estavam lotados com as multidões que se reuniram para assistir ao julgamento. Havia noivas do Profeta e gente da aldeia, e até mesmo algumas pessoas da periferia.

Atrás do altar estavam os sete apóstolos e, para horror de Immanuelle, os Moore ficaram em sua sombra, reivindicando a primeira fileira de bancos. Anna se levantou, envolta em preto. Ela levou um lenço úmido aos olhos, recusando-se a olhar para Immanuelle quando ela passou. Ao lado de Anna, Abrão, os olhos injetados de sangue e planos. Martha estava ao lado dele, vestida com o mesmo manto escuro que usava na noite em que visitou Immanuelle nas catacumbas. Honor e Glory estavam ausentes, provavelmente ainda se recuperando da praga.

—Vá em frente. — O guarda ordenou.

Immanuelle escalou os degraus de pedra até o altar, seus pés enlameados escorregando por baixo dela. Alguém riu quando ela caiu e machucou os joelhos na escada. O guarda empurrou a tocha para mais perto, poucos centímetros acima de suas omoplatas, e as chamas queimaram sua nuca. —Se apresse. Você está fazendo um espetáculo de si mesma.

Ficando de pé, Immanuelle mancou o resto do caminho até o altar, os apóstolos se separando para dar lugar a ela. Lá, ela estava diante da congregação, cabeça baixa, mãos cruzadas na frente dela. Ela se lembrou de como, poucos meses antes, em um dia muito diferente, Leah estava no mesmo lugar, quando a vida ainda tinha um pouco de alegria.

As portas da catedral se fecharam e Immanuelle teve que conter as lágrimas. A congregação turvou e dobrou diante de seus olhos. Todos eles a encaravam com o mesmo olhar morto, as mesmas carrancas e zombarias. Ela soube então que eles votariam para mandá-la para a pira de purga, não importa o que ela dissesse. Suas mentes já estavam tomadas. O julgamento era apenas uma formalidade. Ela lutou tanto para salvar todos eles das pragas de Lilith, e agora eles iriam vê-la queimar. Vera estava certa - não havia nada que ela pudesse fazer para merecer o favor deles. Mas ela tinha que salvá-los do

mesmo jeito. E para fazer isso, ela teria que provar sua inocência. Porque se eles a considerassem culpada e a condenassem à pira de purga como punição por seus pecados, ela nunca teria a chance de lançar o símbolo de reversão.

Para a sobrevivência de Betel, e sua própria, ela teria que lutar por sua inocência.

O Profeta emergiu da parte de trás da catedral e cambaleou pelo corredor central, parando a cada poucos passos para se apoiar no encosto de um banco e recuperar o fôlego. Depois de uma caminhada longa e exaustiva até o altar, ele se virou para falar ao rebanho. —Estamos aqui reunidos para o julgamento de Immanuelle Moore, que foi acusada de bruxaria, assassinato, roubo, prostituição e sagrada traição contra a Igreja do Bom Padre.

A congregação zombou.

—Hoje vamos ouvir a sua confissão. Nós a julgaremos não de acordo com as paixões de nossos corações, mas pelas leis de nosso Pai e das Sagradas Escrituras. Só então ela pode encontrar o verdadeiro perdão. Deixe o julgamento começar.

CAPITULO TRINTA E QUATRO

Se você tem alguma honra, qualquer aparência de bondade ou decência, poupe-a. Poupe-a, por favor.

—A CONFISSÃO FINAL DE DANIEL WARD

A primeira testemunha era Abrão. Ele cambaleou para frente, apoiando-se pesadamente em sua bengala, seu rosto uma imagem de dor enquanto ele mancava na sombra do altar.

Immanuelle não esperava que ele encontrasse seus olhos, mas ele encontrou. —Estou aqui para testemunhar... em meu nome e... minha esposa Martha Moore. Immanuelle é minha neta... a filha de Miriam Moore, que morreu no... dia em que nasceu Immanuelle. Ela não tinha pai vivo, então... Eu a criei... como minha. Ela carrega... o meu nome.

—Você a criou para ser o que ela é? — O apóstolo Isaac perguntou, movendo-se em direção ao altar. Ele era o apóstolo que substituiu Abrão após a desgraça de Miriam, e Immanuelle não pôde deixar de se perguntar se ele aproveitou a oportunidade de derrotar seu rival mais uma vez.

—Eu a criei para... temer o Pai —, disse Abrão. —E... Eu acredito que sim.

Houve um suspiro coletivo, mas Abrão continuou. —Ela é só... uma criança.

O apóstolo Isaac foi até a beira do altar. Ele olhou para Abrão com um olhar de desprezo tão evidente que fez Immanuelle se encolher.

Mas Abrão não vacilou.

—Gostaria de lembrá-lo das palavras de nossas Sagradas Escrituras —, disse o apóstolo, falando devagar, como se achasse Abrão um simples. — Sangue gera sangue. Esse é o preço do pecado.

—Eu conheço o pai... Escrituras. E eu sei disso... a clemência é estendida àqueles que não estão de bom juízo... ou coração.

—Ela é sã —, disparou o apóstolo. —Conversamos longamente.

—A garota tem... a doença da mãe dela.

—A única doença da mãe dela era bruxaria.

Isso foi recebido com aplausos. Os homens atrás da multidão ergueram os punhos nas vigas, gritando por sangue e queimando.

—O pecado pode ser uma aflição... real como qualquer outro —, disse Abrão. Ele voltou-se para apelar diretamente ao rebanho. —O pecado veio sobre nós na forma... dessas pragas, e ainda... não nos punimos. Nós não deitamos... o chicote ... contra nossas próprias costas.

O apóstolo Isaac interrompeu: —Isso porque não temos culpa. Somos vítimas desse mal. Mas aquela garota — Ele apontou para Immanuelle com um dedo trêmulo. — é a fonte disso. Ela é uma bruxa. Ela conjurou as maldições que devastaram essas terras, e ainda assim você a veria caminhar entre nós? Você a libertaria?

—Eu não a libertaria... aqui —, disse Abrão. —Eu a libertaria... para a selva. Expulsaria-a de Betel. Deixar ela... fazer uma vida para si mesma além da parede.

O apóstolo Isaac abriu a boca para refutá-lo, mas o Profeta levantou a mão pedindo silêncio. Ele passou pelo apóstolo como se ele fosse pouco mais do que uma cortina pendurada. —Obrigado pelo seu testemunho, irmão Abrão. Aceitamos sua verdade com gratidão.

Enquanto Abrão se arrastava de volta para seu assento, o Profeta lançou seu olhar de volta para as pessoas, examinando os bancos. —Há outras pessoas que desejam testemunhar?

Uma voz pequena e fina soou na parte de trás da catedral. —Tem.

Immanuelle levou um momento para reconhecer a garota mancando em sua direção, acorrentada e flanqueada por dois dos guardas do Profeta.

O arrependimento não foi gentil com Judith. Ela parecia um cadáver.

Seus cachos ruivos, que antes eram tão longos que chegavam até a cintura, tinham sido cortados em um corte coberto de escória tão curto quanto o de um menino. Ela estava mortalmente magra e suja, vestida com um corpete rasgado e saias manchadas de sangue. Apesar do frio, ela não usava sapatos ou xale sobre os ombros. Os lábios dela estavam muito partidos e, quando ela falou, começaram a sangrar. —Eu tenho uma confissão a fazer.

O Profeta acenou com a cabeça. —Fale a sua verdade, criança.

Judith parou na beira do altar, seu olhar fixo no chão, mesmo quando ela se virou para enfrentar o rebanho. Ela torceu as mãos, as algemas chacoalhando, e olhou para o Profeta, como se esperasse por algum tipo de sugestão. Quando ela finalmente falou, foi em um zumbido sem vida, como se ela estivesse recitando um catecismo ou as Sagradas Escrituras. —Immanuelle Moore desafiou o Protocolo Sagrado. Ela lançou seus encantos e trabalhou seus males contra os homens e mulheres desta Igreja.

O Profeta a avaliou, sua expressão em branco. —E que provas você tem para acusar os acusados desses crimes?

—Suas próprias palavras, — disse Judith, sua voz vacilante. Ela lutou por um momento, como se tentasse se lembrar do que ela disse para dizer. —Em um sábado, semanas atrás, Immanuelle disse que gostava de caminhar na floresta com os demônios e de dançar com as bruxas nuas à luz da lua.

Houve um coro de suspiros. As pessoas agarraram suas adagas sagradas e murmuraram orações.

Judith olhou para o Profeta novamente e Immanuelle o viu oferecer-lhe o menor aceno de cabeça. Ela voltou sua atenção para a congregação, falou rapidamente. —Quando Immanuelle disse essas palavras, Ezra Chambers riu como se não pudesse parar. Seu corpo inteiro paralisou, como os doentes ficam quando pegam a febre que ela lança sobre nós. Ela seduziu Ezra —, disse Judith, erguendo os olhos para o Profeta. —Ela lançou um feitiço em seu filho, usando a magia da Mãe das Trevas para fazer isso. Então você vê, não foi culpa dele. Ela o forçou a pecar.

—Não disse —, disse Immanuelle, falando pela primeira vez desde o início do julgamento. —Eu nunca machucaria Ezra. Vou colocar minha mão na Escritura e dizer isso. Vou jurar pelos ossos da minha mãe.

—Sua mãe não tem ossos para jurar, — o apóstolo Isaac disse, sua voz baixa e letal. —O cadáver de sua mãe queimado na pira. Apenas as cinzas daquela bruxa permanecem.

—*Louvado seja.* — O rebanho falou como um só.

Mais uma vez, o Profeta ergueu a mão pedindo silêncio. —Obrigado por sua confissão.

Judith separou os lábios, como se quisesse dizer mais, mas um olhar de seu marido foi o suficiente para acalmá-la. Com a cabeça baixa, ela voltou para seus guardas, que a agarraram pelos braços. Ela começou a chorar baixinho enquanto a arrastavam para fora da igreja.

O Profeta fez uma pausa, seu rosto sério sob a luz bruxuleante da tocha. Por fim, ele falou. —Eu gostaria de chamar meu filho, Ezra Chambers, para testemunhar as observações de nossa última testemunha.

O coração de Immanuelle congelou no peito.

—Traga meu filho para o altar.

Sob sua ordem, as portas da catedral se abriram e dois guardas emergiram da escuridão, Ezra entre eles. Ele parecia ter levado uma surra. Havia uma crosta de sangue seco sob seu nariz e bolsas sob os olhos escuras como hematomas. Através do tecido fino de sua camisa, Immanuelle podia ver ataduras sujas enroladas em seu peito, precisando urgentemente de uma troca.

Ezra mancou pelo corredor e apoiou as duas mãos no altar, sua respiração irregular. Os nós dos dedos dele estavam a apenas alguns centímetros das pontas dos dedos de Immanuelle, e ela não queria nada mais do que pegá-lo pela mão. Mas ela não ousou se mover.

Esta era uma reviravolta inesperada nos acontecimentos, com potencial para mudar completamente seu plano. Se Ezra foi colocado contra ela - se sua inocência foi usada como evidência de sua própria culpa - então como ela poderia limpar seu nome sem condená-lo?

O Profeta caminhou até a frente do altar e olhou para seu filho. —É verdade que você estava na companhia do acusado no décimo quinto sábado do ano da colheita?

Ezra mudou seu peso. Ao fazer isso, sua manga caiu, expondo a faixa preta de um hematoma ao redor de seu antebraço - uma gêmea daquelas em torno dos pulsos e tornozelos de Immanuelle. As marcas de correntes e algemas. —Sim, eu estava lá.

—E é verdade que Immanuelle falou sobre suas ações com os demônios naquele dia?

As mãos de Ezra tremeram ligeiramente. Ele os apertou em punhos. —Muitas pessoas falaram sobre muitas coisas naquele dia.

—Mas você se lembra das palavras dela?

—Eu não.

O Profeta enfiou as mãos nas dobras de seu manto. —Nossa acusada chamou você de amigo dela. Isso é verdade?

Ezra hesitou. Immanuelle não o culparia se ele a negasse. Qualquer homem inteligente com vontade de viver faria isso. Ele ainda poderia se salvar. —Isso é verdade. Immanuelle é minha amiga e leal.

Com essas palavras, Immanuelle sufocou um soluço, e Ezra deve ter ouvido porque ele moveu a mão em sua direção por um centímetro, os nós dos dedos quentes contra as pontas dos dedos dela. Ele olhou para ela pela primeira vez.

Está tudo bem, seus olhos pareciam dizer, as mesmas palavras que ele sussurrou em seu ouvido na noite da morte de Leah. *Você vai ficar bem.*

O Profeta os circulou. Ele estava perto, tão perto que se Immanuelle tivesse apenas estendido a mão, ela poderia ter agarrado sua adaga sagrada pelo cabo. Ela ficou tentada a fazer isso, roubar a lâmina e esculpir o símbolo em seu braço ali mesmo. Mas ela sabia que, se tentasse, os guardas do Profeta a fuzilariam imediatamente. Não, melhor esperar. A carnificina ainda não havia chegado. Ela ainda tinha tempo de sobra.

O Profeta agachou-se ao lado do filho. —Diga-me, qual é a sua conexão com a acusada? Qual é a natureza da sua afinidade?

Ezra engoliu em seco, voltando o olhar para o pai. Ele endireitou os ombros, como se estivesse reunindo as forças de que precisava para falar. —Sou culpado de todas as acusações levantadas contra mim. Mas Immanuelle é inocente. Quaisquer pecados ou crimes que ela possa ter cometido foram sob minha instrução, e somente minha.

Um grande e terrível gemido saiu da congregação. Muitas pessoas choraram abertamente; outros rasgaram suas próprias roupas. As crianças se

encolheram nas saias das mães, e alguns dos homens mais devotos se ajoelharam em oração.

Seu herdeiro os havia traído.

O Profeta se aproximou do altar lentamente, suas vestes arrastando-se atrás dele. —Então você está dizendo que foi você quem atraiu o mal de Immanuelle Moore? Você quem o invocou? — Ele se virou para apontar um dedo acusador para seu filho. —Todas essas pragas caíram sobre nós por sua causa?

Ezra acenou com a cabeça. Seus ombros rolaram sob sua camisa enquanto ele deslocava seu peso contra o altar. —Sim. Isso é verdade.

—E você manipulou o poder dela para tomar o título de profeta, tornando-se um herege. Um *falso* profeta.

Não era uma pergunta, mas Ezra respondeu de qualquer maneira. —Sim.

Sua confissão provocou um rugido de protesto. O desespero se transformou em choque, e o choque em fúria. A multidão zombou, avançando, batendo os pés e gritando. Os ecos de seus gritos explodiram entre as paredes. Desta vez, o Profeta os deixou gritar.

—Não —, disse Immanuelle, mas sua voz se perdeu sob a confusão da multidão. Naquele momento, ela não pensou em sua própria inocência ou culpa. Ela não pensou no símbolo de reversão ou Betel ou convocando o poder das pragas. Seus pensamentos estavam apenas com Ezra, e o grave perigo que sua falsa confissão o colocara. —Ele está mentindo. Não é verdade!

Antes que ela pudesse proferir outra palavra de protesto, membros da Guarda do Profeta avançaram para prender Ezra. Agarrando-o pelos braços, eles o arrastaram de volta para as portas da catedral.

—Obrigado por sua confissão —, disse o Profeta. —Este julgamento está adiado.

CAPITULO TRINTA E CINCO

Às vezes, acho que ele me ama. Não abnegadamente, como você faz, mas com uma espécie de fome. Há poder nesse amor, mas também há malícia. Muitas vezes me pergunto o que será de mim quando essa malícia se manifestar.

—DAS CARTAS DE MIRIAM MOORE

Immanuelle acordou com um jato de água fria e um chute nas costelas. — Levante-se.

Estremecendo, ela abriu os olhos e olhou para o guarda que estava sobre ela. Ele, como todos os outros servos que tinham vindo à cela dela para questioná-la e atormentá-la, usava uma máscara sobre a boca, como se temesse pegar seu mal respirando. Ele segurava uma lamparina a óleo que brilhava tanto que Immanuelle teve que apertar os olhos para não ser cegada por ela.

Sem uma palavra, ela se forçou a sair do chão de pedra fria e se levantou.

O guarda a manteve algemada enquanto caminhavam pelos corredores do Refúgio. Immanuelle tentou memorizar o caminho enquanto caminhava - *duas vezes à esquerda, uma vez à direita, três vezes à esquerda, quatro à direita, pare na porta de ferro* - mas foi inútil. A escuridão tornava impossível discernir um corredor do outro.

—Para onde você está me levando? — Ela perguntou, odiando o tremor em sua voz.

O guarda não respondeu. Eles seguiram em frente.

A cada passo, os pensamentos de Immanuelle vagavam e ela era forçada a mudar o foco da memorização do caminho para simplesmente ficar de

pé. Sua cabeça girou e suas pernas ficaram macias. Ela começou a tremer e não tinha certeza se era o medo ou a fome ou ambos.

Enquanto eles se moviam pelos corredores, os pensamentos de Immanuelle foram para Ezra - sua falsa confissão, seu sacrifício, tudo o que ele disse e fez para protegê-la. Foi um gesto tolo; ele deve ter sabido disso. Ela estava condenada no instante em que deixou a casa de Moore. Mas ainda assim, apesar de tudo, ele tentou salvá-la, mentindo sob juramento sagrado para fazê-lo, trocando sua herança, sua liberdade, sua vida, pela dela. Era um sacrifício grave, pelo qual ela era grata. Sua única esperança era que, se um pouco de sorte ainda estivesse do seu lado, ela teria a chance de dizer isso a ele antes do fim.

Depois de uma caminhada longa e silenciosa pelo Refúgio, o guarda a levou a um corredor vazio. No final havia uma porta de madeira tão grande que abrangia toda a parede. Ela se abriu quando eles se aproximaram, e Esther saiu dela para a escuridão do corredor. Ela estava desgrenhada, as saias enrugadas, o corpete maltratado. Seu cabelo caía solto sobre os ombros e seus olhos estavam vermelhos e inchados. Ao passar por eles, deu a Immanuelle um olhar de tanto ódio que um calafrio percorreu sua espinha.

O guarda puxou as algemas de Immanuelle, puxando-a para frente, e Esther desapareceu na escuridão do corredor. Com um golpe afiado entre suas omoplatas, o guarda a empurrou o resto do caminho através do portal, e a porta se fechou atrás dela.

Immanuelle parou na soleira, com muito medo de se mover. Ela examinou o quarto diante dela. No centro da parede oposta havia uma cama, seu colchão grande o suficiente para cinco pessoas. Ele foi montado em uma estrutura de ferro forjado maciço, surpreendentemente semelhante à embarcação e estilo dos portões da frente do Refúgio. Acima dele estava

pendurada uma grande espada enferrujada que parecia tão velha que Immanuelle não ficaria surpresa ao saber que seu dono original tinha sido um dos cruzados da Guerra Santa. De cada lado da lâmina havia janelas que davam para o que Immanuelle presumia ser as planícies, embora estivesse escuro demais para ver mais do que alguns centímetros além do parapeito da janela.

—Foi bom você ter vindo.

Immanuelle deu um pulo e se virou para ver um homem sentado no canto oposto do quarto, curvado sobre uma pequena escrivaninha. Havia pouca luz nas sombras além do alcance da lamparina a óleo, e Immanuelle levou um momento para reconhecê-lo quando seus olhos se ajustaram.

O profeta.

E estes, ela percebeu, devem ser seus aposentos privados.

Após um longo silêncio, o Profeta ergueu os olhos do papel para estudá-la. À luz da vela bruxuleante em sua mesa, ela podia ver a cicatriz esculpida ao longo de seu pescoço. —Normalmente cortam os cachos das meninas que entram em contrição. Os guardas os tosam como ovelhas para manter os piolhos afastados, mas pedi que deixassem você em paz. — Ele a olhou com expectativa, como se esperasse por seus agradecimentos.

Immanuelle não ofereceu.

—Você sabe por que eu chamei você aqui?

Ela pensou no que Leah havia dito a ela, como o Profeta a havia usado, explorando sua inocência quando ela era apenas uma criança fazendo penitência. Empurrando seu medo de lado, ela balançou a cabeça.

O Profeta mergulhou sua pena no tinteiro e rabiscou algo no final de sua carta.

—Eu-eu não sei.

Ele franziu a testa. —Disseram-me que você era uma garota de grande imaginação. Estou desapontado por você não ter nada a dizer.

—Estou cansada, senhor.

—Cansada? — Ele arqueou uma sobrancelha. —Você tem ideia de que horas são?

Immanuelle olhou pela janela, para a escuridão das planícies distantes. Ela balançou a cabeça.

—É meio-di a—, disse ele. —O sol não nasce desde a noite em que meus guardas rastrearam você. Alguns acreditam que nunca mais aumentará. — Ele a avaliou com um olhar, da cabeça aos pés, e ela se perguntou quantas garotas haviam se machucado nesta sala. —É difícil de acreditar, mesmo com você aqui diante de mim. Uma garota com o poder de escurecer o sol, apagar as estrelas... por impulso.

—Eu não convoquei as pragas.

Os olhos do Profeta brilharam. Ele se abaixou para abrir uma das gavetas de sua escrivaninha e retirou o diário de Miriam. —Então me diga, o que uma garota inocente tem com o livro de feitiços de uma bruxa?

O livro turvou e dobrou diante dos olhos de Immanuelle, e a sala começou a girar. Seus joelhos se dobraram e ela cambaleou alguns metros para trás antes de se apoiar na cabeceira da cama.

O Profeta mudou seu olhar de volta para sua carta. Ela notou que ele estava usando sua adaga sagrada, a mesma arma que ela precisava para lançar o símbolo de reversão. Se ela pudesse estender a mão e pegá-lo... —Eles não alimentam você lá embaixo?

Immanuelle se assustou e desviou o olhar da lâmina. —Só nos dias bons.

Ele apontou para a pequena tigela de frutas que ficava no canto de sua mesa. —Coma.

Immanuelle estava faminta demais para se preocupar com suspeitas. Ela tropeçou até a mesa e pegou uma maçã da tigela. Ela a devorou em segundos, depois limpou a boca com as costas da mão.

—Eles vão condená-la à morte amanhã —, disse o Profeta casualmente. —O apóstolo Isaac lhe disse isso?

Seu estômago torceu e ela sentiu o gosto de maçã no fundo da garganta. —Não.

—Então considere este seu aviso. Amanhã de manhã, você será condenada à pira por sagrada traição. Após seu julgamento, Ezra receberá o mesmo veredicto. — Ele fez uma pausa para terminar sua carta. Ele tinha uma mão ruim, e Immanuelle percebeu que ele segurava a pena errada, prendendo-a entre o polegar e o anular. Os nós dos dedos dobrados em ângulos estranhos, pareciam quase quebrados. —Ainda assim, apesar das melhores advertências de meus apóstolos e da Igreja, estou decidido a ser misericordioso. Eu quero te salvar. — Ele olhou para ela, em seguida, e esclareceu: — *Tanto* de você.

Immanuelle não ousou ter esperanças. Ainda não. Havia um problema. Havia *sempre* um porém. —Por que você faria isso?

O Profeta não respondeu a ela. Em vez disso, ele se afastou da mesa, os pés da cadeira raspando no chão com um guincho. Ele tossiu violentamente enquanto se levantava, e gotas de sangue salpicaram sua camisa e respingaram no assoalho a seus pés.

Immanuelle sabia o suficiente para saber que esse não era o tipo de tosse que tinha cura. Não era uma crise passageira de gripe ou o frio que penetra nos pulmões quando as estações mudam. Não, aquele latido chiado não era nada menos do que suspiros de um homem moribundo.

Quando seu ataque finalmente passou, o Profeta limpou a boca com as costas da mão e começou a andar na direção dela. Ele se aproximou tanto que ela sentiu o cheiro de sangue em seu hálito.

—Eu faria isso porque me importo com você, Immanuelle. E acredito que, com o tempo, poderíamos ser úteis um para o outro.

A lâmina consagrada estava a poucos centímetros de seu alcance. —De que maneira?

O Profeta estudou suas mãos. Quando ele abaixou a cabeça, ela pôde ver a ponta de sua cicatriz aparecendo acima de seu colarinho. —De uma forma sagrada, através do vínculo do casamento. Se você for cortada com meu selo, ficará isenta de qualquer punição que lhe atribuam no julgamento. Você será poupada.

Era uma oferta estranha, dado o estado do Profeta. Por que um moribundo se importaria em pegar sua mão em casamento? Immanuelle não conseguia imaginar que sobreviveria mais do que alguns meses, talvez um ano, devido à rápida ascensão de Ezra ao poder. A não ser que... ele não pretendia deixar Ezra subir ao poder. Uma ideia horrível ocorreu a ela: e se o verdadeiro plano do Profeta fosse estender seu próprio reinado, abreviando a vida de Ezra? E se ele pretendesse executar seu próprio filho?

O choque deve ter ficado evidente no rosto de Immanuelle, porque o Profeta deu-lhe um sorriso tranquilizador que poderia ter sido reconfortante, não fosse a agudeza de seus olhos. —Oh, venha agora. Há coisas piores para ser do que a noiva de um profeta. Aqui, no Refúgio, você estaria segura para viver uma vida longa. Você nunca saberia a dor das chamas da pira. Meu selo a absolveria completamente e você estaria livre para começar de novo.

Uma ideia surgiu no fundo de sua mente, tão inteligente quanto revoltante. E se ela aceitasse a conspiração do Profeta, concordasse em segui-

lo até o altar - permitisse que ele cortasse o selo em sua testa e a reivindicasse como sua? Naquela noite, no leito matrimonial, depois de cumprir seu dever de noiva, quando o Profeta jazia exausto e prostrado, ela teria a rara oportunidade de pegar sua adaga sagrada, esculpir o símbolo de reversão em seu braço e convocar o poder das pragas. Se ela fizesse isso, não importaria quais eram as intenções do Profeta ou o que ele planejava fazer com Ezra. Tudo o que ela precisava fazer era agir antes que ele o fizesse.

—E o que dizer de Ezra? Você disse que iria oferecer misericórdia a ele?

À menção de seu filho, os olhos do Profeta tremeram. —Sim, e sou um homem de palavra. Depois que você for cortada, Ezra será absolvido de seus crimes.

Isso significava que o Profeta só colocaria em prática seu plano após o corte dela. Isso significava que ela tinha tempo. —Então você pretende libertá-lo?

—Libertá-lo? — O Profeta zombou, parecendo prestes a rir. —Eu não posso fazer isso. Como meu herdeiro e ex-apóstolo, Ezra levou credos à Igreja. Credos que ele posteriormente quebrou quando deu as costas à fé para ajudá-lo. Isso é um ato de sagrada traição.

E a sagrada traição levava à pena de morte por purga de pira. —Até onde se estende sua misericórdia se eu recusar sua oferta?

O olhar do Profeta ficou sombrio. —Não se estende de forma alguma.

A raiva ferveu na boca do estômago de Immanuelle. Ela cerrou os punhos. Ele estava praticamente forçando-a a ir ao altar com algemas. Ou ela se casava com ele ou ela e Ezra queimavam na pira. Não havia outra alternativa.

—Você tem um olhar tão penetrante —, disse o Profeta, com um sorriso malicioso. —Você a favorece quando me olha desse jeito.

—Favorecer quem?

—Sua avó. Vera Ward. Você sabia que, após sua prisão em Ishmel, ela o seguiu a cavalo até o Portão Sagrado? Ela estava tão exausta quando chegou que prendê-la foi um ato de misericórdia.

—Vera está aqui? — Immanuelle sussurrou, horrorizada.

—Em carne e osso, há uma semana.

—O que você quer com ela?

—Ela é de Betel —, disse o Profeta. —O selo sagrado está esculpido entre suas sobrancelhas. Tenho a obrigação de guiar sua alma de volta à luz do Pai, o que não é uma tarefa fácil, dado o tempo que ela vive nas trevas. Além disso, tenho pena dela, de verdade. Imagine, primeiro a pobre mulher foi obrigada a ver seu único filho queimar na pira. Agora, dezessete anos depois, parece que sua neta - a última de seus parentes de sangue vivos - compartilhará de seu destino. É uma tragédia terrível.

Immanuelle não conseguia respirar. Não conseguia falar. Todo esse tempo ela esteve tão ocupada perseguindo feras e demônios, acreditando que o mal começava e terminava com eles. Ela tinha sido tão tola. O verdadeiro mal não se escondia nas profundezas de Floresta Sombria. Não estava em Lilith ou em seu coven, ou mesmo em qualquer uma das maldições que elas lançavam.

O verdadeiro mal, Immanuelle percebeu agora, usava a pele de homens bons. Ele proferia orações, não maldições. Ele fingia misericórdia onde só havia malícia. Ele estudava as Escrituras apenas para cuspir mentiras. Lilith sabia disso e Miriam também. Então elas lançaram suas maldições e convocaram as pragas. Elas tentaram consertar as coisas, de sua própria maneira distorcida, para acabar com todo o mal que começou com o Profeta e todos os profetas que reinaram antes dele.

—Vou puxar de volta —, disse Immanuelle, sem saber se era mesmo possível. —Se você me perdoar e Ezra, se você nos deixar sair de Betel com minha avó, eu vou encontrar uma maneira de acabar com as pragas. Vou deixar todos vocês em paz.

—Pensei que você disse que não controlava as pragas.

—Não, eu disse que não as convoquei. Há uma diferença.

O Profeta a estudou por um momento antes de voltar para sua mesa. Ele se sentou, rabiscou sua assinatura no final da carta, soprou a tinta para secar e a colocou em um envelope. Ele inclinou a vela, derramando uma mancha de cera na aba da carta, puxou a adaga das sombras da camisa e pressionou o punho do cabo na poça, formando a impressão do selo sagrado. —Não estou interessado em uma solução apressada, Immanuelle. Não vou ficar de joelhos e implorar para que você retire as pragas. Não é assim que funciona e não é o que o Pai exige. Se quisermos encontrar uma maneira de acabar com as pragas, não o faremos mergulhando na escuridão.

—Então, como você planeja parar isso? Você acha que me cortar ou prender seu filho vai fazer alguma diferença? Você acha que Lilith e suas bruxas vão se importar com isso?

—Não, não quero —, disse o Profeta calmamente. —É por isso que, se as pragas continuarem, estou preparado para arrasar Floresta Sombria até que não haja mais nada além de galhos e cinzas. As piras que acendo farão as purificações sagradas de David Ford parecerem fogueiras. De uma forma ou de outra, Betel prevalecerá e o Pai terá Sua vontade redimida.

As mãos de Immanuelle se cerraram em punhos. —Se é remissão que você quer, se é isso que o Pai realmente exige, então por que você não começa com você mesmo?

O estrondo de um trovão estalou do lado de fora e a escuridão pareceu engrossar, pressionando as vidraças.

—O que eu tenho que me redimir?

—Eu acho que você sabe.

—Nunca reivindiquei perfeição, Immanuelle. Todos nós cometemos erros.

A raiva passou por ela. Lá fora, o vento rugia na escuridão. —Não estou falando de erros. Estou falando de crimes. Você se deitou com Leah muito antes de ela se cortar, tirando sua virtude enquanto ela pagava penitência aqui, sob o que deveria ter sido sua proteção. Você mandou meu pai para a pira por ciúme e rancor. Você prendeu seu próprio filho sob acusações que sabe serem falsas. E as masmorras sob nossos pés estão cheias de garotas inocentes que você tortura pelo crime de ter marcas de bruxas em seus arquivos do censo. Não há nada que você não faria, ninguém que você não machucaria, para manter o poder em suas mãos.

O Profeta empalideceu. A pouca cor que ele havia deixado em seus lábios e bochechas foi sugada, até que ele ficou diante dela tão branco e pálido como as bruxas de Floresta Sombria. —Você está certa.

Ela ficou rígida. —*O que?*

—Eu disse que você está certa - sobre mim, meus pecados, meus vícios, minha vergonha, minha luxúria, minhas mentiras. Tudo isso. — Ele olhou para ela e inclinou a cabeça. —Mas você quer saber o que me mantém acordado à noite? Não são as mentiras da Igreja. Não são meus pecados, nem mesmo minha doença. O que me mantém acordado - revirando-me e suando nos lençóis - é saber como tudo é realmente frágil. Os ossos quebram e as pessoas morrem. As piras queimam baixas, apenas brilhantes o suficiente para manter

as sombras afastadas. As forças além de nossas paredes se aproximam a cada dia... e o rebanho fica inquieto.

Ele olhou para suas mãos e Immanuelle ficou surpresa ao vê-las tremendo. —E a quem eles recorrem na hora de necessidade? Quem é o responsável por cuidar de suas feridas? Quem acende as fogueiras que os conduzem pela noite? O Pai não descerá do céu para cuidar de seus filhos. Os apóstolos voltam para suas esposas e camas. O rebanho não dá conta de si mesmo e, portanto, o fardo recai sobre mim. *Eu* sou a salvação deles e farei o que for preciso - pecar, purificar e até matar - para garantir sua sobrevivência. Porque é isso que significa ser profeta. Não se trata da Visão. Não se trata de bondade ou justiça ou de se aquecer na luz do pai. Não, ser profeta é ser o único homem disposto a condenar sua alma pelo bem do rebanho. A salvação *sempre* exige um sacrifício.

Immanuelle olhou para ele - este homem que usou suas mentiras para se tornar um mártir. Ele pensou que foi ele quem fez o verdadeiro sacrifício, mas ele não poderia estar mais errado.

Não foi o Profeta quem deu à luz Betel, amarrado às costas como uma pedra de moinho. Foram todas as meninas e mulheres inocentes - como Miriam e Leah - que sofreram e morreram nas mãos dos homens que as exploraram. Elas foram o sacrifício de Betel. Elas foram os ossos sobre os quais a Igreja foi construída.

Sua dor era a grande vergonha da fé do Pai, e todos em Betel compartilhavam dela. Homens como o Profeta, que se escondia e cobiçava os inocentes, que encontrava alegria em sua dor, que os brutalizava e destruía até que não fossem nada, explorando aqueles que deveriam proteger. A Igreja, que não só desculpava e perdoava os pecados de seus líderes, mas os capacitava: com o Protocolo e as ações do mercado, com focinheiras e chicotadas e

Escrituras torcidas. Era o conjunto deles, o próprio coração de Betel, que fazia com que cada mulher que vivia atrás de seu portão tivesse apenas duas opções: resignação ou ruína.

Chega, pensou Immanuelle. Não haveria mais punições ou protocolos. Não haveria mais focinheiras ou contrição. Não haveria mais piras ou lâminas de evisceração. Não haveria mais meninas espancadas ou quebradas em silêncio. Não haveria mais noivas em vestidos brancos deitadas como cordeiros no altar para o matadouro.

Ela veria um fim para tudo isso. Ela se casaria com o Profeta, e enquanto ele dormia em sua cama compartilhada, ela pegaria sua adaga, gravaria o símbolo em seu braço e acabaria com isso de uma vez por todas.

—Você pode me cortar se desejar. Acorrente-me à pira, encharque-me com querosene e acenda um fósforo. Mas não será o suficiente para salvar sua vida... ou sua alma miserável.

O Profeta se encolheu e Immanuelle observou com horror quando ele ergueu a mão para agarrar o cabo de sua adaga sagrada. Quando seu olhar varreu em direção a ela, ela cambaleou para trás, caindo na beira da cama. Mas não havia para onde correr.

—Deixei minhas intenções claras —, disse ele, e para alívio de Immanuelle, ele largou a adaga e se retirou para sua cadeira, mancando e ofegando enquanto caminhava. —Tenho sido mais do que paciente com você. Mas vou ser claro uma última vez: sua vida, e a de Ezra, depende de sua decisão no julgamento de amanhã. Eu sugiro que você volte para sua cela e considere minha oferta. De manhã, se é misericordia que você quer, você vai morder a língua e escolher bem.

CAPITULO TRINTA E SEIS

Eu me envolvi em luxúria e desejo. Tenho prazer nos despojos da carne. Por esses crimes, encontrarei minha conta nas piras da purificação. Eu peço a misericórdia do Pai. Nada mais.

—A CONFISSÃO FINAL DE DANIEL WARD

Na manhã de sua sentença, Immanuelle acordou com o nome de Ezra na ponta da língua. Ela tinha sonhado com ele durante a noite e, ao se levantar, foi seu rosto que a perseguiu.

Poucos momentos depois que ela se levantou e arrancou o feno de seus cachos, um dos guardas do Profeta apareceu na soleira da cela.

—Está na hora. — Foi tudo o que ele disse. Ele segurava um pedaço duro de pão integral através dos degraus da porta da cela. Café da manhã.

Immanuelle balançou a cabeça. A ideia de tomar algo mais do que alguns goles de água a fez se sentir mal. Ela alisou os vincos da saia com as mãos trêmulas. —Estou pronta.

Eles pegaram a saída curta, desceram o corredor e entraram na casa propriamente dita, saindo do saguão. Era a rota que Immanuelle conhecia melhor - e a que ela teria seguido se tivesse tido a oportunidade de encenar uma fuga. Dali, eles pegaram uma carroça pela escuridão fria das planícies, passando pelos montes fumegantes de velhas piras funerárias, viajando rápido sob o céu sem estrelas.

O cordão das luzes da catedral apareceu à distância. Immanuelle cruzou os braços sobre o peito, um grande calafrio a atormentava, os dentes batendo, os dedos dormentes de frio.

Hoje era o dia em que ela decidiria seu destino: o Profeta, ou a pira.

A congregação de Betel invadiu a catedral, enchendo os bancos. A multidão era duas vezes maior do que na primeira sessão de seu julgamento, e muitos homens e mulheres ficaram ao longo das paredes ou sentados nos corredores.

Quando todos os bancos ficaram ocupados, Immanuelle voltou a ocupar seu lugar no topo do altar, cruzou as mãos no colo e baixou a cabeça.

Por Ezra, ela disse a si mesma, revirando o nome dele em sua cabeça. *Por Honor. Por Glory. Por Miriam. Por Vera. Por Daniel. Por Leah. Por Betel e todos os inocentes nela.*

Os apóstolos se reuniram atrás dela, formando uma linha ao longo do altar. Eles estavam vestidos com seus trajes mais formais, mantos grossos de veludo preto, as bainhas caindo a seus pés. Quando o último membro da congregação encontrou assentos nos bancos ou lugares para ficar ao longo das paredes, o Profeta entrou. Ele também estava vestido com seu melhor, uma túnica de um rico vermelho tão escuro que parecia quase preto. Seus pés estavam descalços, e enquanto ele caminhava pelo corredor, seus dedos dos pés apareciam por baixo da bainha de seu manto. —É hora da acusada testemunhar. Hoje vamos ouvir sua confissão final.

As mãos de Immanuelle tremeram em seu colo. Ela agarrou os joelhos, a boca seca e pegajosa. Erguendo a cabeça, ela olhou para a multidão reunida. Havia rostos que ela conhecia - Esther, sentada na primeira fila, e os Moores, que ocupavam o banco logo atrás dela - e muitos outros que ela não conhecia. A catedral estava lotada de homens e mulheres, todos olhando para

ela com o mesmo medo e repulsa com que ela havia olhado para Lilith na Floresta Sombria.

O Profeta se virou para encará-la. —Fale agora e deixe a verdade ser conhecida.

Immanuelle endireitou os ombros, obrigando-se a erguer o olhar para o rebanho. Ela sabia que não tinha feito nada de errado, que não tinha pecados reais para confessar ou ser perdoada. Mas ela também sabia que seu destino e o de Ezra dependiam de sua confissão. O que ela dissesse a seguir determinaria se viveriam para ver outro dia. Se uma falsa confissão de culpa fosse o que fosse necessário para salvar os dois, que assim fosse.

—Meu nome é Immanuelle Moore. Sou filha de Miriam Moore e Daniel Ward.

Suas palavras foram recebidas com silêncio. Silêncio mortal, espesso e repugnante.

—Eu estou diante de vocês como uma assassina, uma mentirosa e uma pecadora por completo. Eu desonrei meu nome de família. Eu desonrei as Escrituras, o Profeta e o Bom Pai.

Immanuelle fez uma pausa, encontrando o olhar de Martha por um breve momento.

—Eu tenho trilhado o caminho do pecado —, continuou Immanuelle. — Eu falei com as feras da Floresta Sombria em sua língua asquerosa. Eu desafiei o Protocolo do Pai e vivi na reprovação de seu reinado. Eu li em segredo. Eu seduzi homens de boa fé com minhas artimanhas e transformei seus corações. Eu quebrei a santa conduta de mansidão e modéstia e falei fora de hora. Pratiquei bruxaria nas sombras. Fiz amizade com o mal e evitei o bem que veio para mim. Por esses pecados, peço seu perdão para que o Pai possa -

em Sua misericórdia - purificar minha alma das trevas. Esta é minha confissão final.

Novamente, houve silêncio, exceto pelo eco rítmico dos passos do Profeta enquanto ele caminhava ao lado do altar e erguia a mão para a cabeça de Immanuelle, seus dedos enredando-se em seus cachos. —Obrigado por seu testemunho, criança. É bem ouvida.

O rebanho não disse nada. Eles esperaram, boquiabertos, famintos por uma sentença. Para notícias de uma execução adequada da pira, uma purificação ao vivo como a lei da Escritura exigiria.

Mas se era sangue que eles queriam, não o conseguiriam naquele dia. Pois o Profeta deles tinha outros planos. Planos que ele deixou bem claros para Immanuelle - planos que levariam Betel à ruína se isso significasse manter o poder na palma da mão.

—O Pai falou comigo através da Visão. — A mão do Profeta caiu da cabeça de Immanuelle enquanto ele se movia para ficar diante do altar. —Eu vi seus filhos caminharem livremente pelas planícies e bosques além deles. Eu vi o sol nascer acima da terra e afugentar as sombras. Eu vi os olhos sagrados do Pai sobre nós mais uma vez.

Para isso, houve gritos de louvor e glória.

O Profeta ergueu a voz acima de seus gritos. —Mas há um preço pela generosidade e bênçãos que vi.

O apóstolo Isaac avançou, seus olhos brilhando de frenesi. —Seja qual for o preço, nós o pagaremos! — Ele se virou para encarar a congregação. — Para a glória do Pai?

O rebanho gritou em resposta. *—Para a glória do Pai!*

O Profeta ergueu as mãos pedindo silêncio. O suor umedeceu sua testa e os músculos do pescoço se contraíram, como se ele estivesse lutando para tirar

as palavras da garganta. —O Pai exigiu que destruíssemos a Floresta Sombria e assumíssemos o domínio sobre ela.

Outro grito se ergueu do rebanho. Houve aplausos entusiasmados. Algumas das pessoas nos bancos da frente caíram de joelhos, as mãos levantadas para o céu.

—Para fazer isso —, insistiu o Profeta. —para assumir o domínio do que devemos reivindicar, devemos superar as trevas que residem em cada um de nós em diferentes medidas. Não devemos ter medo de purgá-la, como David Ford fez no auge da Guerra Santa, quando chamou o fogo do Pai dos céus. — Ele fez uma pausa para causar efeito. —É por isso que na madrugada do próximo sábado, eu me casarei com Immanuelle Moore e a expurgarei do mal. Vou esculpir o selo sagrado em sua testa. Então - e só então - a maldição será quebrada.

Immanuelle sentiu a mudança de ar. Não houve um único som. Não um chiado de um bebê ou o gemido de uma criança. Nem uma respiração, nem um batimento cardíaco.

—Você ofereceria misericórdia a ela? — O apóstolo Isaac exigiu, com o rosto contorcido de repulsa. —Você ofereceria a esta bruxa um lugar ao seu lado como recompensa por seus pecados e crimes?

—Eu ofereceria minha própria vida em troca do fim dessas pragas. Tudo o que o Pai exigir de mim, eu o darei, se isso significar o fim do nosso sofrimento. — O Profeta passou a mão pela cabeça, como se estivesse ganhando o tempo de que precisava para se recompor. Mas quando ele falou novamente, sua voz explodiu entre as vigas. —Nós purgamos e queimamos, e estamos todos pior por isso. Mandar a garota para a pira não vai acabar com nosso sofrimento. Ela está ligada às Trevas da Mãe, em corpo e alma, por isso devemos encontrar uma maneira de quebrar esse laço profano. Agora eu orei,

prostrado aos pés do Pai para que Ele pudesse me dar uma resposta... mostre-me uma maneira de dissipar esse mal que caiu sobre Betel por meio dela, e Ele me deu uma resposta. Só existe uma maneira de nos purificarmos do mal que esta bruxa lançou: um selo sagrado entre noiva e marido, marido e Santo Padre. Para redimir seus pecados, ela deve estar ligada a mim. É a única maneira.

O Profeta se virou para encarar Immanuelle novamente, seu peito a centímetros da borda do altar. —Você aceita os termos da sua sentença?

Houve silêncio na catedral. A escuridão pressionou contra as janelas.

O fim estava próximo agora.

Immanuelle baixou a cabeça, os braços em volta do estômago como se para segurar os ossos. Erguendo o olhar para encontrar o do Profeta, ela selou seu destino. —Eu aceito.

CAPITULO TRINTA E SETE

A última vez que o vi, ele estava preso à estaca da pira, os braços presos atrás das costas, a cabeça baixa. Ele não olhou para mim. Mesmo quando chamei seu nome acima do rugido das chamas, ele não olhou.

—MIRIAM MOORE

Immanuelle não voltou para a cela dela naquela noite. Em vez disso, após a conclusão de seu julgamento, ela foi entregue às esposas do Profeta, que a transportaram através da escuridão, de volta ao Refúgio e aos aposentos enclausurados onde ela permaneceria até o dia de seu corte.

Era o quarto de Leah. Immanuelle quase riu da ironia daquilo quando viu seu nome pintado na grade da porta. A câmara agora estava escassamente mobiliada, nenhum vestígio de sua esquerda. Havia uma cama grande em uma estrutura de ferro. Ao lado dela, havia uma mesa que continha uma bacia, um jarro e uma cópia do tamanho da palma das Sagradas Escrituras. Acima da cama, uma janela gradeada com um cadeado no trinco. Uma vela tremeluziu em uma pequena mesa perto da porta, lançando sombras compridas nas paredes.

Immanuelle tirou o vestido esfarrapado e o jogou no canto do quarto. Ela pegou uma camisola limpa de um baú ao pé da cama. Exausta, ela subiu sob os lençóis e puxou os cobertores até o queixo.

Ela fechou os olhos, tentando bloquear os uivos que ecoavam na escuridão do lado de fora. A praga tinha vida e mente próprias e, assim como Floresta Sombria, falava com ela, sussurrando contra as vidraças, atraindo-a

para a escuridão. Ela estava quase tentada a sucumbir a isso, abandonar todos os horrores que estavam diante dela - arrependimento e a faca cortante, o leito de casamento do Profeta. Deixar a escuridão não fazer nada de tudo isso. Quando o poder das pragas cabia a ela exercer, talvez ela fizesse exatamente isso. Invocaria a noite, deixaria afogar tudo em seu rastro. Ela ficou assustada com o quanto gostou da ideia, com o quanto estava tentada a torná-la realidade.

O som da porta se abrindo tirou Immanuelle do labirinto de seus pensamentos. Antes que ela tivesse a chance de se sentar, Esther Chambers entrou no quarto.

A mãe de Ezra vestia uma longa camisola cor de nevoeiro e um robe. Seu cabelo estava amontoado no topo da cabeça e preso no lugar com dois pentes de ouro. Ao entrar na luz da lamparina a óleo, Immanuelle viu que sua pele estava pálida, os lábios sem cor.

—Eles vão queimar meu filho —, disse ela. —Eles vão mandá-lo para a pira.

Immanuelle abriu a boca para responder, mas Esther a interrompeu.

—Eles o acusaram de conspirar contra a Igreja e sagrada traição.

—Sinto muito. — Sussurrou Immanuelle.

—Eu não quero suas condolências —, disse ela, o timbre de sua voz aguda e alta como uma corda de harpa dedilhada. —Tudo que eu quero é que você saiba que se você deixar meu filho morrer em nome dos seus pecados, eu vou me certificar de que você o siga.

As bochechas de Immanuelle queimaram de vergonha. —Ezra não vai morrer. O Profeta me disse que ele seria poupado. Ele me deu sua palavra.

—As palavras dele não significam nada —, disse Esther com amargura. —Menos do que nada. Não quero saber sobre falsas esperanças e

promessas. Eu quero saber como *você* pretende salvar meu filho. Como você o libertará?

Immanuelle tinha sido cuidadosa, muito cuidadosa, em manter cada detalhe de seu plano em segredo. Ela não fez menção de seus planos de esculpir o símbolo de reversão e obedientemente representou o papel de uma noiva submissa e quebrantada. Mas com Esther parada ali tão desesperada e com medo, sua consciência a provocou a oferecer uma pequena garantia, o suficiente para deixá-la saber que Ezra não estava sozinho. —Depois que eu for cortada, tenho planos de libertá-lo. Mas vou precisar da sua ajuda para fazer isso.

Esther olhou por cima do ombro em direção à porta. Quando ela falou novamente, foi em um sussurro. —O que você precisa que eu faça?

—Diga-me onde ele está. Preciso vê-lo esta noite, antes de sua sentença, para que ele esteja pronto quando chegar a hora.

—Ezra está na biblioteca com a filha de Leah. As portas não estão trancadas, mas os corredores são patrulhados por dois guardas. Posso distraí-los e ganhar algum tempo.

—Isso é tudo que preciso.

Immanuelle esperou até que o eco dos passos de Esther diminuísse até o silêncio antes de ela se arrastar pelo quarto, colocar um xale ao redor dos ombros e sair para o corredor. Ela achou estranho que não houvesse nenhum ferrolho em sua porta - considerando que apenas algumas horas antes ela tinha sido acorrentada a uma parede de cela nas catacumbas - mas então ela se

lembrou, ela não era mais uma prisioneira. Ela era um cordeiro premiado, um tesouro, a mais nova noiva do Profeta.

Além disso, ele sabia que ela não fugiria. Ela estava presa ao Refúgio, presa a sua promessa - ao Profeta, ao rebanho, a Ezra. A hora de fugir acabou. O que faltava para ser concluído seria concluído em Betel.

Immanuelle caminhou descalça pelo corredor principal do Refúgio, com cuidado para se manter nas sombras. Quando ela passou pelas janelas, a escuridão correu ao seu encontro, ameaçando quebrar o vidro e inundar os corredores internos. Ela tentou ignorá-lo, mas seu chamado ecoou em sua cabeça como o badalar de um sino, e ela podia sentir sua pressão no fundo de sua barriga, puxando-a para a noite.

No meio do corredor, ela parou diante de um alto vitral, olhando para a escuridão. —O que você quer de mim?

Ao som de sua voz, a escuridão se moveu como água, ondulando e dobrando, girando sobre si mesma. Immanuelle ergueu os dedos para a janela, o vidro frio sob sua mão. As sombras se ergueram para encontrá-la, e nelas ela viu um reflexo surpreendente. A garota que a encarava tinha seus traços - os mesmos olhos escuros e lábios carnudos, o nariz firme e o queixo apertado - mas cada detalhe era exagerado, cada atributo refinado. Ela era linda e perspicaz, e havia uma força desafiadora na maneira como ela se erguia, os ombros alinhados, o queixo inclinado. E havia algo em seu olhar que a parecia... *mais*. Era como se a garota na escuridão fosse tudo o que Immanuelle sempre esperava ser.

Ela apertou a mão de Immanuelle, então não havia nada além de vidro entre elas. Immanuelle se aproximou da janela, e a garota no escuro acenou, quase timidamente, para o trinco da janela. Immanuelle estendeu a mão para

pegá-lo e a garota se pressionou contra a vidraça, aproximando-se tanto que seus lábios roçaram o vidro.

Immanuelle puxou a maçaneta de ferro e a janela se abriu. Uma rajada de vento de inverno soprou no corredor, apagando as lâmpadas e velas. A noite entrou pela janela aberta e o corredor ficou escuro.

Houve o clamor distante de passos. Uma voz: —Quem vai aí?

Virando as costas para a escuridão, Immanuelle correu - fugindo dos guardas e do corredor e da garota que assombrava as sombras.

Não demorou muito para encontrar a velha catedral, onde ficava a biblioteca. Caminhando pelo chão de pedra fria, ela desceu o corredor para se certificar de que as portas estavam desprotegidas. O corredor estava vazio.

Aliviada, Immanuelle avançou. Ela estava a meio caminho das portas da biblioteca quando ouviu passos. Ela se virou e encontrou um guarda parado diante dela, uma longa lâmina pendurada em seu cinto. E ele estava olhando diretamente para ela.

—Fácil. — Ele disse. Ao pisar na luz da tocha, Immanuelle percebeu que ele era um dos homens com quem ela havia viajado de volta para Betel. O único guarda que mostrou alguma gentileza. Seu olhar ia e voltava entre ela e as portas da biblioteca. Então, em um sussurro baixo e urgente, ele disse: *– Vá.*

—Obrigada. — Ela conseguiu gaguejar, mais grata por aquele ato de misericórdia do que ele poderia imaginar. Ela se virou para as portas da biblioteca e deslizou por elas para a escuridão.

—Ezra? — ela sussurrou nas sombras. —Você está aí?

Houve o raspar do ferro na pedra, algemas deslizando pelos ladrilhos. — Immanuelle?

Ela se encaminhou para o som de sua voz, cambaleando entre as estantes, tropeçando em pilhas derrubadas. —Sou eu.

E então ele estava lá, e ela estava em seus braços, e ele nos dela. Eles se agarraram em silêncio, as mãos de Ezra movendo-se para baixo em suas costas, cada um de seus corpos se encaixando no contorno do outro.

—Você está machucado? — Immanuelle disse finalmente, murmurando as palavras em seu ombro.

—Não. — Ele disse, e ela percebeu que ele estava mentindo. Não havia luz para ver, mas ela levantou cuidadosamente a ponta da camisa dele. Ela sentiu as bandagens por baixo, prendendo seu estômago e peito. Eles estavam molhados e, quando ela os tocou, ele sibilou.

Ela prendeu a respiração. —Ezra.

—Tudo bem —, disse ele, ofegando um pouco. —Posso ter tido um breve encontro com uma bala ou duas, mas estou bem. E você?

—Estou bem. — Na verdade, ela havia sofrido uma forte surra na primeira noite de seu arrependimento, e várias chicotadas depois, mas ela não o incomodaria com essas coisas. Não agora, não quando ele estava tão fraco, tão frágil em seus braços.

—Por quê você está aqui?

Ele não sabia, ela percebeu. Ele não poderia saber, é claro. Ele não estava lá. Ele não tinha ouvido sua confissão final.

—Fui condenada hoje, — ela sussurrou. —Fui sentenciada e o Profeta decidiu me libertar.

—Como pode ser? Eu nem mesmo fui condenado ainda.

—Me escute. — Immanuelle o agarrou com as duas mãos. —Sobre a sua sentença, você tem que dizer a eles que se arrependeu de seu pecado. Jure que você vai.

—Eu não entendo.

Ela ouviu o eco de passos à distância e se abaixou instintivamente, mudando para trás de uma estante próxima. —Eu fiz um acordo com seu pai.

—Que tipo de acordo, Immanuelle? — A voz de Ezra estava tensa. —O que é que você fez?

—Eu concordei em pegar sua mão em casamento, para salvar a sua vida e a minha, — ela disse, as palavras como bile em sua língua. —Vou ser cortada no próximo sábado.

—Não. — As mãos de Ezra se apertaram dolorosamente ao redor das dela, e em sua voz havia tanta repulsa - tanta *raiva* - que Immanuelle se afastou dele.

—Era o Profeta ou a pira —, disse Immanuelle, correndo para explicar. — Ele disse que pouparia sua vida se eu me casasse com ele, e concordei com isso - para ganhar tempo para você, para salvá-la.

—Ele mentiu, — disse Ezra, em um tom tão baixo que suas palavras eram quase inaudíveis. —Esse foi o acordo que fiz com ele. Ele disse que se eu me confessasse culpado, ele se certificaria de que você sobrevivesse à sua sentença e a libertaria.

Ele mentiu para os dois, ela percebeu. Seu negócio nunca foi sobre sacrifício - dela ou de Ezra. O Profeta afirmou que estava cumprindo a vontade do Pai, mas era o poder que o movia. O poder de purgar, punir, controlar. Era tudo o que importava.

—Immanuelle, você não pode continuar com isso, — Ezra disse com urgência. —Ele vai machucar você. Ele vai quebrar você, do jeito que ele faz com todo mundo.

Ela fechou os olhos e, quando o fez, teve um vislumbre daquela noite fatídica em que o Profeta se voltou contra sua mãe e sua mãe se voltou contra ele. —Ele não vai colocar um dedo em mim, ou em você ou qualquer outra

pessoa. Encontraremos uma maneira de pará-lo, de parar tudo isso, mas preciso de você viva e bem e ao meu lado para fazer isso.

—Isso é loucura, — disse Ezra. —Não é o suficiente apenas para nos salvar? Você passou pelo portão uma vez; Podemos fazer isso de novo. Devíamos correr, esta noite. Eu conheço uma saída do Refúgio, pelas passagens de volta. Se você puder me libertar dessas correntes, podemos escapar antes que alguém perceba que partimos. Podemos fazer o nosso próprio caminho.

Immanuelle acatou a ideia. Ela se imaginou virando as costas para Betel e todos os seus problemas, fugindo com Ezra, fazendo uma nova vida além do portão. Era um sonho atraente, mas Immanuelle sabia que não era nada mais. Seu destino não era o de uma fugitiva.

—Salvar a nós mesmos não é suficiente —, disse Immanuelle com firmeza. —Há outras pessoas em Betel sofrendo também e elas merecem coisa melhor. Temos que ajudá-las. Todas elas.

Ezra não disse nada por um longo tempo. Finalmente, ele perguntou: — Então, você vai apenas se negociar? Negociar seus ossos com aquele tirano?

—Sim. Isso é exatamente o que vou fazer. E então, depois que eu for cortada, vou acabar com essas pragas de uma vez por todas.

—Como?

Immanuelle pensou no símbolo, no sacrifício que ela teria que fazer para trazer seu poder à fruição. —Melhor que você não saiba. Dessa forma, se você perguntar, você pode alegar ignorância.

Ezra suspirou e encostou a testa na dela. Immanuelle de repente percebeu que isso era o mais próximo que os dois já haviam estado. Mas tudo o que ela conseguia pensar, enquanto eles se agarravam um ao outro na biblioteca escura, era como ela o queria ainda mais perto.

—Eu odeio isso, — disse Ezra, seu hálito quente contra o rosto dela. — Eu odeio estar acorrentado aqui. Que eu não posso te ajudar. Que estarei aqui algemado quanto você é cortada por ele, reivindicada por ele.

—O que está feito está feito —, sussurrou Immanuelle. —Desta vez, deixe-me ajudá-lo. Deixe-me lutar por você.

Ezra não respondeu enquanto deslizava seus braços ao redor dela. Os dedos dele encontraram seu rosto, sua bochecha, então desceram para sua mandíbula, a curva suave de seu queixo. Ele traçou a ponta do dedo ao longo da linha de seu lábio inferior, então se aproximou. Ele deu um beijo em seu lábio superior, depois no inferior.

Ele disse: —Tudo bem.

Parte Tres

Massacre

CAPITULO TRINTA E OITO

Eu vi as feras da floresta. Eu vi os espíritos que se escondem entre as árvores e nadei com os demônios das águas profundas. Tenho visto os mortos andarem sobre pés humanos, acompanhado os amaldiçoados e os crucificados, os predadores e suas presas. Conheci a noite e chamei-a de minha amiga.

—MIRIAM MOORE

Imannuelle estava ajoelhada no meio de seu quarto, as mãos postas, vestida com as sedas claras de seu vestido de corte. Ela deveria estar orando, mas seus pensamentos não estavam com o pai. Enquanto ela se agachava lá no chão, as ocorrências dos últimos dias passaram por sua mente como o início brilhante de uma dor de cabeça.

A farsa de Ezra do julgamento tinha ido e vindo, assim como a sentença que se seguiu. Como Immanuelle, ele havia sido indiciado em todas as acusações, mas ela não ouviu nenhuma palavra além disso. Ela sabia apenas que ele ainda estava vivo e preso em algum lugar abaixo nas catacumbas do Refúgio. Ela só podia esperar que eles o estivessem tratando com mais gentileza do que a tratavam. Não que isso importasse por muito mais tempo.

Nos dias que antecederam seu corte, ela rastreou e refez o símbolo de reversão - na curva suave de seu cotovelo, nas paredes e mesas, e nos travesseiros em que dormia à noite. E cada vez que ela deixava essa marca - guardando-a na memória uma e outra vez - ela se preparava para o sacrifício em mãos. O sacrifício que ela faria na noite do corte, quando fosse chamada à cama do marido. Ela sentiu que havia alguma justiça poética em tudo isso. Que

dezessete anos depois de Miriam ter pegado a adaga sagrada do Profeta, Immanuelle pegaria aquela mesma lâmina e entalharia o símbolo que reverteria as maldições que sua mãe havia feito todos aqueles anos atrás.

Esta noite, após seu corte, ela atuaria.

Quando as esposas do Profeta vieram buscá-la, Immanuelle estava pronta. Ela caminhou descalça pelos corredores da casa do Profeta e saiu para a carroça que a esperava na frente do Refúgio. Ela subiu no banco da frente - as outras noivas se amontoando atrás dela - e juntas fizeram a longa e silenciosa viagem até a catedral.

Todas as piras estavam queimando novamente. As fogueiras haviam sido alimentadas com madeira fresca, então as chamas vermelhas agora subiam, iluminando seu caminho.

Quando chegaram à catedral, não havia multidão para saudá-las. Sem lamparinas brilhantes. Sem música ou alegria. Sem alarde. Nesse silêncio assustador, Immanuelle desceu da carroça e pisou na terra fria e compactada da garagem da frente. Ela permaneceu na soleira da catedral enquanto o resto das noivas se movia atrás dela. Talvez ela devesse ter orado naquele momento - para algo, para qualquer pessoa - mas tudo o que ela pensou em fazer foi conjurar uma maldição:

Que aqueles que levantaram a mão para mim colham o mal que semeiam. Deixe que as sombras apaguem sua luz. Deixe seus pecados os desafiarem.

A porta da catedral se abriu antes que ela tivesse a chance de terminar. Ela foi saudada por tochas dançantes, os rostos borrados da congregação olhando para ela, expectantes. Entre a multidão estava a família Moore, Martha e Abrão, Glory e Anna, que segurava Honor aninhada contra o peito em um ninho de xales e cobertores. Havia dezenas de pessoas da Perfieria presentes também, ocupando os bancos na parte de trás da

catedral. Immanuelle só podia presumir que eles estavam ali por uma questão de diplomacia. Afinal de contas, essa era a primeira vez na história de Betel que um profeta se casava com um dos seus. A cerimônia era nada menos que histórica, e só fazia sentido que eles estivessem lá para testemunhá-la.

Immanuelle caminhou sozinha pelo corredor central. Ela subiu os degraus de dois em dois, a cauda de seu vestido arrastando-se atrás dela, então subiu no altar. A pedra estava fria e pegajosa, como se algum servo tivesse esquecido de limpar a bagunça da matança do último sábado.

Ela se esticou sobre o altar, os braços bem abertos. O Profeta pairava sobre ela, adaga na mão. Eles trocaram seus votos rigidamente, Immanuelle murmurando as palavras que a ligariam a ele - carne e osso, alma e espírito - para sempre.

Um sacrifício tão real quanto qualquer outro.

Quando os procedimentos terminaram, o Profeta tirou a adaga do pescoço, envolvendo o cabo com a mão. Quando ele baixou a lâmina em sua testa, Immanuelle não se encolheu.

MAIS TARDE, AS OUTRAS esposas enfaixaram Immanuelle em um quarto escuro nos fundos da catedral, cuidando de suas feridas com óleo de unção que ardia tanto que lágrimas brotaram de seus olhos. O sangue escorregava por seu nariz enquanto Esther amarrou a testa com tiras de gaze. Sua cabeça latejava como se o Profeta tivesse gravado sua marca em seu crânio, não em sua carne.

Ela pertencia a ele agora. Ela era dele e ele era dela. Um credo de carne e osso, um vínculo que ela nunca quis.

Quando ela estava suficientemente limpa, Esther e Judith se materializaram ao lado dela. Juntas, elas a conduziram pela catedral, passando pela soleira e descendo as escadas para a festa onde o Profeta - envolto em todas as suas vestes sagradas e adornos - estava sentado esperando por ela.

Se o corte de Leah tinha sido uma celebração, isso parecia pouco mais que um banquete fúnebre. Os convidados sentaram-se rigidamente às mesas, como se tivessem sido forçados a ponto de uma faca. As pessoas da Periferia ocupavam suas próprias mesas, calados e impassíveis, sua inquietação quase palpável. Não havia conversa, nenhuma risada ou música. À distância, as piras queimavam alto, suas chamas lambendo o céu sem estrelas, mantendo a escuridão à distância.

Parada nas sombras no início da festa, flanqueada por guardas, estava Vera. Sua cabeça havia sido raspada, assim como o Protocolo para quem estava arrependido, e ela usava uma vestimenta clara que mais parecia uma combinação do que um vestido adequado, o tecido muito fino, devido ao frio da noite. Ela havia perdido peso e parecia fraca, mas quando Immanuelle olhou para ela, endireitou os ombros e deu um aceno severo como se dissesse: *Está na hora.*

O Profeta agarrou o joelho de Immanuelle enquanto ela se sentava ao lado dele, seus dedos frios pressionando as dobras de sua calcinha. —Minha noiva.

Immanuelle agarrou o braço da cadeira para evitar fugir. Ela desviou o olhar para a mesa. Diante dela, um prato de porcelana cheio de vegetais enegrecidos, pedaços de carne grisalhos e uma pequena caneca cheia de hidromel ao lado. Ela levou a caneca à boca. Um gole para dar sorte, depois outro para bravura. Ela precisaria de ambos nas próximas horas.

Os que estavam sentados à mesa observavam o Profeta e Immanuelle com o que ela só poderia descrever como nojo velado. Seu descontentamento era tão palpável que pairava no ar como uma mortalha.

Estava claro que eles esperavam o fim imediato da praga após seu corte. Mas a escuridão estava tão densa como sempre foi, e a noite não foi interrompida. O selo esculpido entre suas sobrancelhas não foi suficiente para conter a praga, como o Profeta havia prometido que seria.

No meio da festa abismal, o Profeta levantou-se para falar, como se soubesse que precisava assumir o controle de seu rebanho antes que perdesse a confiança para sempre. —Por meio do perdão, da remissão, da purificação e da dor, nos tornamos limpos. Hoje, minha noiva, minha esposa, Immanuelle Moore, sangrou por seus pecados. Ela sofreu e agora está limpa.

O rebanho ergueu suas vozes sob comando. *—Para a glória do Pai.*

O Profeta parou para tossir na manga. Quando ele falou novamente, sua voz estava rouca. —Mas minha noiva não é a única que precisa de graça. Antes que este dia termine, outro será expiado e perdoado. Outro pecador será purificado pela misericórdia do Pai. — Ele fez uma pausa - olhos fechados, boca aberta - como se estivesse tentando reunir a força de que precisava para continuar. —Traga-me meu filho.

As portas da catedral se abriram e o coração de Immanuelle parou, o pânico a invadindo. Ela observou com horror quando dois apóstolos conduziram Ezra além do limiar da catedral e descendo as escadas. Ele cambaleou, suas botas arrastando-se pela terra enquanto o arrastavam até seu pai. O apóstolo Isaac o forçou a ficar de joelhos com um golpe bem colocado entre os ombros. Ele caiu no chão, a cabeça pendurada a centímetros dos pés do pai.

—Ezra Chambers. — O Profeta olhou para seu filho, os olhos brilhando com a luz da pira purgante. —Você se arrepende?

Ezra não se moveu. Ele agarrou a terra com as duas mãos, como se estivesse tentando se ancorar. Por fim, ele disse: —Não tenho nada do que me arrepender.

—Muito bem —, disse o Profeta, assentindo. —Que o Pai tenha piedade de sua alma.

O coração de Immanuelle bateu forte atrás de suas costelas. Ela ficou de pé em um instante, ficando de pé tão rapidamente que sua cadeira tombou atrás dela. —Qual o significado disso?

Ninguém mais se moveu. Ninguém falou. Ninguém fez um som, exceto Esther, que gritou com um guincho áspero. Mas o Profeta não a dignificou nem com um olhar. Seus olhos estavam fixos em Immanuelle. Não seu filho, os guardas ou o rebanho.

Dela.

E foi com ela que o Profeta falou quando disse: —Leve-o para a pira.

Os guardas não cometeram o erro de hesitar novamente. Eles puxaram Ezra pelos braços e o colocaram de pé. O Profeta seguiu atrás deles como uma sombra enquanto caminhavam em direção ao fogo.

—Não! — Immanuelle saltou atrás deles, esticando-se na direção dos guardas, na direção de Ezra, as mãos estendidas como se pudesse pegá-lo de volta. Ela sempre soube que chegaria a esse ponto, mas nunca esperava que isso acontecesse tão cedo. Ela pensou que tinha um pouco de tempo, senão mais nada, mas estava errada. —Você prometeu que Ezra seria poupado —, disse ela, embora soubesse que seus protestos foram em vão. —Nós tínhamos um acordo!

—Immanuelle, por favor. — A voz de Ezra estava cansada, resignada. — Está feito agora. O suficiente.

Immanuelle não deu ouvidos a ele. Ela correu atrás deles, tropeçando na bainha de seu vestido de corte enquanto caminhava.

—Você é um tirano! — Ela seguiu o Profeta tão de perto que prendeu seus calcanhares com os chinelos. —Você é um mentiroso! Você é um louco! Você me prometeu que ele estaria seguro. — Ela agarrou a manga dele e puxou com tanta força que rasgou o veludo. — *Você prometeu!*

O Profeta então se virou para ela, retirou a mão e deu um tapa nela. Immanuelle caiu para trás, com a cabeça girando, e bateu em um banco próximo. Ela ouviu Ezra gritar seu nome novamente, sua voz soando em seus ouvidos.

—Nós tínhamos um acordo, — ela choramingou, levantando-se da sujeira. As sombras nadaram diante de seus olhos. Ela sentiu o gosto de sangue. —Você prometeu.

O Profeta olhou para a mão com que a estapeou, como se não pudesse acreditar no que tinha feito, no que ela o fez fazer. —Estou cumprindo essa promessa. Eu disse que não iria machucá-la. É por isso que vou libertar sua alma e salvá-lo do fogo do inferno.

Immanuelle tentou se levantar, mas cambaleou. —Você me deu sua palavra.

—Minha palavra é a Escritura, e a Escritura exige remissão de sangue. — Com isso, o Profeta acenou para os guardas novamente e, a seu comando, eles arrastaram Ezra até o pé da pira purgadora mais próxima, suas botas abrindo rastros na terra. Uma vez lá, eles agarraram seus braços e forçaram-no a recuar, recuando quando as chamas se agitaram e rugiram diante deles.

O fogo lambeu as costas de Ezra. Ele gritou de dor.

Immanuelle percebeu então que o Profeta nunca quis que seu filho vivesse. Ele se protegeria acima de qualquer outra pessoa, mesmo que isso significasse entregar seu filho às chamas da pira e vê-lo queimar.

O Profeta se voltou para seu rebanho. —Os pecados devem ser redimidos com sangue e fogo. Essa é a nossa lei mais antiga e importante. Sangue por sangue. Cinza em cinza. Isso é o que o Pai exige, e é isso que vamos dar a Ele esta noite.

—Então me leve.

Ninguém a ouviu acima do rugido do fogo purgante.

Mas na segunda vez que Immanuelle falou, ela estava gritando. —*Leve-me ao invés!*

Ezra caiu de joelhos quando os guardas o soltaram, acertando a terra com um *baque surdo*. Sua camisa estava fumegando, já chamuscada pelo toque das chamas.

E Immanuelle soube então que tinha que acabar com isso. Ou ela agia agora, ou não agia.

Ela avançou, passando pelo Profeta. —Eu me ofereço como um sacrifício. Minha vida pela de Ezra.

Para isso, não houve zombaria, sem lamentos ou maldições. Cada alma naquela congregação - homem, mulher e criança - ficou em silêncio, tão imóvel quanto lápides em um cemitério.

Todos, exceto Glory Moore, que soltou um grito longo e agudo que dividiu a noite em duas. Abrão tentou envolver a garota em seus braços, mas ela se debateu e se debateu tão violentamente que nem mesmo Anna conseguia acalmá-la. —Não! — ela gritou, e sua voz ecoou pelas planícies. —*Não!*

Vera começou a avançar em seguida, tentando se livrar de seus guardas, mas eles a arrastaram de volta antes que ela tivesse a chance de fazer algo mais do que gritar o nome de Immanuelle ao vento.

Na escuridão distante, a floresta se agitou.

Immanuelle forçou seu olhar de volta para o Profeta. Ele estava em seu rastro, sua boca aberta, seu rosto banhado em vermelho com a luz da fogueira. Ele olhou para o filho, curvado diante das chamas, e então olhou para Immanuelle com tanta raiva que ela sentiu o sangue coagular em suas veias.

—Você é minha esposa antes de qualquer outra coisa.

—Eu sou minha, — disse Immanuelle, lutando para manter seu nível de voz. —Meu sangue e ossos pertencem a mim, e somente a mim, e eu os trocaria, por minha própria autoridade, para expiar os pecados de seu filho. Eu vou tomar o lugar dele.

O Profeta deu um passo em sua direção. —Você não tem direito.

Desta vez, Immanuelle não se encolheu. —Eu tenho todo o direito. Minha oferta é pura. Você não pode interceder.

—Mas você tem meu selo. Você fez um juramento *para mim*.

—E agora pego outro —, disse Immanuelle. —Tendo os fiéis de Betel como minhas testemunhas, irei ao altar em lugar de Ezra.

O Profeta tentou falar novamente, mas sua voz falhou. Em seu silêncio, o apóstolo Isaac avançou mancando. —É verdade que a menina não foi tocada?

Esther levantou-se de um salto, mesmo quando as esposas ao redor dela agarraram suas saias e tentaram silenciá-la. —A menina não mente. Ela é pura.

—Se ela for pura —, disse o apóstolo, voltando-se para o Profeta. —então ela é um sacrifício digno.

—Não. — Ezra murmurou. Ele tentou se levantar, mas um dos guardas o golpeou com tanta força que suas pernas cederam e ele atingiu o chão com

as mãos e joelhos. —Não a machuque. Por favor. Tem que haver outra maneira.

—Há sim. — Uma voz ecoou na escuridão e, para choque de Immanuelle, Martha deu um passo à frente, movendo-se entre as mesas à frente do banquete. —Eu irei em seu lugar. Poupe-a.

O apóstolo avaliou a mulher, olhos estreitos, seu lábio superior se curvando em desgosto. —Você não é pura de carne.

—Não —, disse Martha, torcendo as mãos. —Mas eu sou pura de alma. Eu disse minhas orações. Eu vivi na verdade e na honra. Tenho servido bem ao Pai, Nomeei gerações de acordo com Sua vontade. Eu posso tomar o lugar dela. Por favor.

—Martha —, disse Immanuelle, e sua avó encontrou seus olhos. Ela estava chorando, grandes soluços brutais, e parecia se encolher um pouco mais a cada respiração que dava. —Está tudo bem. Estou pronta.

O rosto de Martha ficou em branco e algumas lágrimas escorreram pelo seu rosto, pendendo da ponta do queixo. Ela cambaleou e teria desabado no chão se Anna não a tivesse segurado pelo braço para mantê-la de pé.

Immanuelle forçou seu olhar de volta para o Profeta. Desta vez, sua voz não falhou. —Minha vida por Ezra.

Por um momento, ela pensou que o Profeta iria negá-la, agarrá-la pelo pescoço, arrastá-la de volta para o Refúgio pelos cabelos ou pendurá-la nas entranhas daquele calabouço miserável, onde ela permaneceria para sempre. Mas o Profeta simplesmente abaixou a cabeça, mãos cruzadas, dedos entrelaçados, como se estivesse orando. —Leve-a para o altar.

Pela segunda vez naquele dia, Immanuelle se viu conduzida à catedral e ao longo corredor até o altar no final. Lá, à vista do rebanho, ela tirou o vestido de noiva e afrouxou as tranças. Despida e sem carga, ela subiu no altar.

A fralda de seu vestido de noiva parecia fina e transparente enquanto o vento soprava através das portas. Não que a modéstia importasse muito mais, à luz do que ela estava prestes a fazer.

O rebanho invadiu a catedral. Eles não se preocuparam em preencher as linhas como fizeram durante o julgamento. Em vez disso, eles avançaram, esmagando-se no corredor e reunindo-se aos pés do altar, todos ansiosos por reivindicar um bom lugar para testemunhar o sacrifício. Entre eles, os Moores, chorando e rasgando suas roupas. Vera estava atrás deles, flanqueada por guardas de cada lado, expressão morta. E então, na frente da multidão - amarrado, queimado e algemado - estava Ezra.

Immanuelle já tinha visto homens quebrados antes. Homens sentenciados a morrer por seus pecados com laços no pescoço na praça da cidade. Ela tinha visto homens embalando seus filhos mortos, homens com o açoite do chicote em suas costas. Homens doentes ou feridos, homens enlouquecidos de raiva. Mas nenhum deles parecia tão desfeito como Ezra parecia naquele momento.

Emergindo no meio da multidão, o Profeta ocupou seu lugar atrás do altar. Ele moveu uma mão para a inclinação nua da barriga de Immanuelle e a outra para sua cabeça, seu polegar pressionando com força contra o selo que ele esculpiu poucas horas antes.

O sangue escorria ao longo da ponta do nariz de Immanuelle, acumulando-se em seu lábio superior.

Ela esperou pela oração com os olhos bem abertos, mas ela não veio. Eles pretendiam conduzi-la para a vida após a morte sem ser bem-vinda e sem aviso prévio, sem últimos ritos ou orações por misericórdia... e talvez fosse melhor assim, dado o grave pecado que ela estava prestes a cometer. Não haveria

lugar para ela nos salões sagrados do Pai. Sem misericórdia para ela nos céus depois do que ela estava prestes a fazer.

O apóstolo Isaac avançou arrastando os pés, a adaga de estripação equilibrada entre as duas mãos. Ao ver a lâmina, o medo a invadiu. Seu coração bateu na parte de trás de suas costelas e ela agarrou-se à borda do altar para evitar a fuga.

O Profeta envolveu a mão trêmula no cabo da lâmina. Por um momento, ele o estudou, como se testando seu peso. Então seu olhar mudou para Immanuelle. —Você realmente morreria por ele? Você se condenaria?

Ela assentiu, sabendo que o momento estava sobre ela agora. Não havia como voltar atrás. —Seus pecados são meus.

—Não. — Ezra lutou em direção a ela, lutando contra suas algemas e arranhando o chão para se apoiar. —Immanuelle. Por favor não.

O Profeta colocou a mão em sua testa, pressionando com força suficiente para fazer sua adaga doer. Ele ergueu a adaga de estripar bem acima da cabeça.

—Sangue por sangue.

CAPITULO TRINTA E NOVE

A donzela terá uma filha, eles a chamarão de Immanuelle, e ela redimirá o rebanho com a ira e a praga.

—DAS ESCRITURAS DE MIRIAM MOORE

Immanuelle pegou a adaga de estripar - uma mão enrolada em seu punho, a outra em torno da lâmina nua - parando sua descida apenas uma fração de momento antes de se cravar em seu peito. Com toda a força que ainda tinha para invocar, ela a arrancou das mãos do Profeta.

A congregação rugiu de horror. Os guardas entraram em ação, inundando os corredores, seus dedos curvados sobre os gatilhos de seus rifles, todos apontados para Immanuelle. Houve gritos simultâneos para que atirassem e se retirassem, mas Immanuelle não prestou atenção. Ela ergueu a adaga de estripar e abriu a manga do vestido. Então - em uma série de cinco cortes violentos - ela esculpiu o símbolo de reversão na carne nua de seu antebraço.

O tempo se partiu diante de seus olhos. A dor dos cortes começou a aumentar, tornando-se quase mais do que ela podia suportar. Uma série de espasmos violentos a atormentou, forçando-a a ficar de joelhos, e enquanto ela lutava e se contorcia no meio de sua agonia, o altar começou a estremecer junto com ela - pedras se mexendo, seus cantos desmoronando.

Immanuelle inclinou a cabeça para cima, olhou na direção das janelas da catedral, mas para seu horror, a escuridão permaneceu intacta. Ela procurou no céu distante por sinais de amanhecer - um vislumbre do sol, um raio de

luar, o início azul do amanhecer - mas a noite não mudou. O símbolo não funcionou. Ela falhou.

A catedral estremeceu violentamente. O entulho ricocheteou escada abaixo e deslizou para os corredores. As tábuas do piso se dobraram e as vidraças chacoalharam em suas embalagens. Acima, as vigas mudaram. Poeira e detritos choveram. O rebanho entrou em pânico. Gritos ecoaram pela catedral e crianças gritaram por suas mães. Alguns homens fugiram para as portas, mas o resto se encolheu em seus bancos, fazendo o pouco que podiam para proteger a si mesmos e suas famílias dos destroços que caíam.

Immanuelle olhou para seu braço sangrando, desejando que o poder do símbolo funcionasse, tentando chamar as pragas de volta para ela. Mas não adiantou. Betel estava perdida.

O Profeta cambaleou para trás, pálido e com o queixo caído, tropeçando em suas vestes enquanto fugia para trás do altar. As paredes começaram a tremer mais violentamente, ameaçando desabar, e uma única palavra ecoou na mente de Immanuelle: *Massacre.*

Como se fosse uma deixa, as janelas da catedral se estilhaçaram, as vidraças explodiram para dentro em uma tempestade de cacos de vitrais brilhantes. Um rio de escuridão invadiu o santuário.

E com a noite veio a legião.

A primeira das bestas voou para dentro da catedral, enxameando seus beirais enquanto o rebanho gritava e se encolhia abaixo. Morcegos com presas empoleirados nas vigas; uma esteira de abutres circulou ferozmente acima. Tempestades de gafanhotos barulhentos se espalharam pelas janelas quebradas e corvos se precipitaram por uma rachadura no telhado, grasnando e gritando ao entrarem no santuário.

A congregação caiu em gritos e caos. Alguns correram em direção às portas; outros se abrigaram nas sombras sob os bancos, desesperados para escapar da horda que enxameava acima. Alguns dos guardas do Profeta ergueram as armas, defendendo o rebanho com balas e flechas. Mas seus esforços eram inúteis. O ataque continuava.

As criaturas terrestres seguiram a legião alada, correndo por portas abertas e janelas quebradas. Havia mulheres com cabeças de cães de caça, aranhas grandes como cordeiros que corriam para baixo dos bancos. As legiões de mortos - os atingidos pela praga, as almas perdidas, as vítimas mutiladas pelas chamas de purgações passadas - cambaleavam pelos corredores.

Após sua chegada, a verdadeira confusão começou. As mães fugiram com seus filhos; os homens correram pelas janelas e portas quebradas apenas para serem barrados pela horda abundante que circulava as paredes e forçava o rebanho de volta aos seus bancos com presas à mostra e garras em forma de gancho.

Então as bruxas entraram.

Primeiro vieram as Amantes, Mercy e Jael, caminhando de mãos dadas pelo corredor central, a multidão infernal se separando para abrir caminho para elas. Então Delilah, que se arrastava por uma fenda no solo abaixo delas, emergindo lama escorregadia e de olhos selvagens, as tábuas do chão apodrecendo sob seus pés enquanto ela se levantava.

A catedral começou a tremer novamente, desta vez com tanta violência, que Immanuelle temeu que o telhado desabasse. Ela procurou nas multidões em movimento, desesperada para localizar Vera ou os Moores, mas não conseguiu encontrá-los em meio ao caos. O tremor continuou. Homens adultos foram jogados no chão quando os bancos tombaram. A espada do Cruzado caiu da parede atrás do altar e se espatifou, a poucos centímetros do local onde

o Profeta se encolheu. Immanuelle tentou se agarrar ao altar, mas não conseguiu segurar a pedra manchada de sangue, e caiu no corredor abaixo.

Um menino tropeçou nela. Uma mulher esmagou a mão sob os pés. Ela quase foi pisoteada por um apóstolo que fugia de um lobo rosnando, quando sentiu uma mão em seu braço, arrastando-a para a segurança.

Ezra.

Immanuelle ouviu um rugido ensurdecedor, e uma viga desabou, caindo no chão onde ela havia deitado momentos antes. Isso esmagou o infeliz apóstolo e o lobo que o perseguia. A força da queda do raio enviou Immanuelle e Ezra esparramados em uma nuvem de destroços. Ezra ficou de pé em um instante, arrastando-a pelo cotovelo e para a segurança da sombra do altar.

A catedral parou de tremer e a legião ficou imóvel. Ezra puxou Immanuelle para mais perto, e os dois assistiram com horror enquanto as portas da frente da catedral se abriam lentamente.

Das sombras da noite eterna, Lilith apareceu.

Ela estava sozinha na soleira. O nevoeiro vazando pelas rachaduras em seu crânio e rolou das órbitas pretas de seus olhos. Seus chifres arqueavam acima, um diadema de osso branqueado. Houve gritos quando ela entrou na catedral. Homens adultos se ajoelharam, implorando ao Pai enquanto a rainha bruxa passava por eles. Descalça e de braços abertos, Lilith caminhou pelo corredor central, abrindo caminho através da multidão de bestas e ghouls até o altar, onde Immanuelle e Ezra estavam sentados, congelados. As outras bruxas se moveram para flanquear ela: as Amantes à sua esquerda, Delilah à sua direita.

Ezra avançou para proteger Immanuelle, mas ela o pegou pelo ombro, parando-o. —Tenho que fazer isso sozinha. — Disse ela.

Ele não recuou. —Immanuelle...

—Confie em mim. Você prometeu que faria.

Ezra contraiu o maxilar, a mão de Immanuelle ainda em seu ombro. Então ele assentiu e ela o soltou.

Immanuelle se levantou do chão e ficou de joelhos fracos, de frente para as bruxas. Por um momento, todas se examinaram em silêncio. Então Lilith estendeu a mão.

Immanuelle entendeu imediatamente o que ela quis dizer: *junte-se a nós ou morra com eles.*

Era uma oferta simples, mesmo generosa. Mais gentil do que o destino que sua mãe encontrou, certamente. Talvez Immanuelle fosse tola se não aceitasse. Afinal, o rebanho do Profeta tinha sido tão rápido em levá-la ao túmulo... Seria tão errado se salvar e deixá-los com o mesmo destino que a condenariam?

O olhar de Immanuelle rastreou os bancos, e ela viu os rostos das pessoas reunidas lá - Anna com Honor em seu quadril e Glory chorando, Abrão e Martha, Vera de pé resoluta e sem medo, pessoas das Clareiras e do Solo Sagrado e dos arredores iguais. Alguns deles eram inocentes, outros cúmplices; ainda mais foram apanhados no cinza entre o certo e o errado. Poucos eram totalmente inocentes e nenhum estava livre do pecado. Mas não havia uma única alma naquele santuário que ela condenaria à ruína que agora estava diante deles.

Resignada com seu destino, Immanuelle se virou para encarar as bruxas. —Se este for o fim, então eu morro com eles.

Houve uma mudança no ar. A catedral tremeu um pouco e uma brisa fria passou pelas janelas quebradas, levantando nuvens de poeira. A escuridão se adensou e as poucas tochas que ainda estavam acesas piscaram fracamente, pouco fazendo para dispersar as sombras da noite.

Lilith não abaixou a mão.

Em vez disso, em um gesto amplo, a bruxa se virou para o rebanho, examinando as massas com aqueles olhos negros mortos, observando o salão. Seu olhar passou sobre o Profeta encolhido atrás do altar, os destroços e os destroços, os cadáveres que enchiam os corredores da catedral.

Então seu olhar caiu para os Moores. Sua mão se torceu em uma garra.

Anna soltou um pequeno grito, segurando Honor com uma das mãos e puxando Glory para dentro de suas saias. Martha estendeu o braço para protegê-las quando a bruxa se aproximou, com lágrimas escorrendo pelo rosto, embora sua expressão fosse estóica. Mas foi Abrão quem começou a avançar, mancando até o corredor central para se colocar entre a rainha das bruxas e sua família. Ele ficou lá, silencioso e indefeso, apoiando-se com força em sua bengala. Então, sob o comando de Lilith, um grande cão com cara de osso rondou das fileiras da legião.

Aconteceu tão rápido que Immanuelle não teve chance de gritar.

Em um momento, Abrão estava sozinho no corredor central; no seguinte, ele foi preso ao chão, as mandíbulas da besta fechando em torno de sua nuca com um *estalo* feio de torcer o estômago.

Um grande rugido encheu os ouvidos de Immanuelle. A escuridão surgiu das bordas de sua visão, até que ela não viu nada além do corpo sem vida de Abrão esparramado no chão. De repente, ela estava de volta à cabana, cercada por paredes esculpidas com pragas e promessas. Ela podia ver a sombra de sua mãe, trabalhando as maldições, esculpindo seu destino linha por linha.

Algo se mexeu profundamente dentro dela. O símbolo esculpido em seu braço começou a queimar, sangrando tão profusamente que o sangue escorregou de seus dedos e formou uma poça no chão a seus pés. Um grande

tremor sacudiu a catedral. Immanuelle ergueu as mãos ensanguentadas e, com um grito áspero, convocou o poder das pragas.

Delilah foi a primeira a cair.

Uma lágrima vermelha vazou do canto do olho direito da bruxa, depois do esquerdo. O sangue acumulou-se nas cavidades de suas orelhas, gotas penduradas em seus lóbulos como pequenas joias. Delilah cuspiu, tossiu e começou a sufocar, vomitando com a boca cheia de sangue espesso e negro a cada convulsão. Ela se ajoelhou, se contraiu duas vezes e depois caiu imóvel no chão.

Sangue.

Immanuelle pegou Mercy em seguida. A bruxa parou bruscamente na poça crescente de sangue de Dalilah, balançou um pouco sobre os pés e caiu de joelhos, como se empurrada por alguma força invisível. Ela inclinou a cabeça para olhar para as vigas, suas costas arqueando em um ângulo de estalar a coluna. Com um grito estrangulado, a bruxa se lançou para a frente, e sua testa quebrou contra os ladrilhos com um ruído nauseante que ecoou pela catedral. Ela ergueu a cabeça ensanguentada, recostou-se e bateu no chão de novo, e de novo, e de novo.

Praga.

Jael avançou em seguida, e Immanuelle se virou para encará-la. A bruxa parou ao lado de sua amante, parecendo pronta para atacar. Mas antes que ela tivesse a chance, o poder da maldição passou por Immanuelle novamente. Com um passe de sua mão, uma onda de sombras percorreu o chão da catedral, açoitando os tornozelos da bruxa e arranhando suas pernas, seu peito, suas bochechas.

Jael conseguiu gritar antes que a escuridão se contorcesse a devorasse.

Trevas.

Immanuelle deu um passo à frente para pegar a lâmina de estripar de onde estava a poucos metros da escada do altar. Ela se virou para Lilith por último e ergueu a lâmina manchada de sangue, cortando o ar entre eles. —O suficiente.

Lilith não deu ouvidos a ela. Implacável, a rainha das bruxas caminhou pelo corredor central, abrindo caminho entre os cadáveres de seu clã caído. Ela parou perto de Immanuelle, tão perto que a ponta da lâmina quase perfurou sua barriga.

Mas Lilith não vacilou.

Em vez disso, ela segurou o rosto de Immanuelle com sua mão fria e pálida e pressionou ainda mais perto, a lâmina cravando-se profundamente em seu estômago quando ela encostou a testa na de Immanuelle. Ela estremeceu violentamente. Emitiu um gemido baixo de dor.

A garota perscrutou as órbitas dos olhos de Lilith e sentiu a escravidão da floresta arrastando-a para a inconsciência. Os sons da carnificina morreram no assobio do vento nas copas das árvores. Sombras surgiram nos cantos de sua visão e Immanuelle ouviu o chamado da floresta dentro dela, o som como sangue correndo em seus ouvidos. A rainha das bruxas moveu o polegar para frente e para trás ao longo do pulso de Immanuelle como se medisse o ritmo de seus batimentos cardíacos, o gesto terno... até maternal. Immanuelle quase podia imaginar o tipo de líder que ela poderia ter sido em um tempo, muito tempo atrás, antes que a aflição de sua vingança e sede de sangue a transformasse no monstro que ela agora se tornara.

Lilith traçou um dedo ao longo dos lábios de Immanuelle, então a segurou pelo pescoço.

Um grito emaranhado na garganta de Immanuelle quando Lilith a arrancou do chão. Asfixiada, ela agarrou os dedos da bruxa, balançando acima do solo enquanto Lilith a erguia mais e mais alto.

Em pânico, Immanuelle ergueu a adaga de estripar, cortando cegamente. A lâmina atingiu primeiro o osso, depois a carne, perfurando profundamente o ombro de Lilith.

A rainha das bruxas soltou um grito que abalou a igreja. Fissuras correram ao longo das paredes e o telhado cedeu para dentro. Rebanho e legião fugiram para as portas enquanto a catedral desabava ao redor deles. Em meio ao caos, Immanuelle ouviu Ezra gritar o nome dela, e então sua voz se perdeu no tumulto como tudo o mais.

A visão de Immanuelle ficou embaçada. Ela tentou permanecer consciente, procurando desesperadamente por um último pedaço de força. Com um grunhido, ela arrancou a lâmina de estripar do ombro de Lilith e a ergueu bem acima de sua cabeça.

Desta vez, seu golpe foi certeiro.

A lâmina alojou-se profundamente no peito de Lilith. A bruxa tropeçou para frente, bateu em um banco próximo e caiu no chão. Mas, para horror de Immanuelle, assim que atingiu o chão, a bruxa se pôs de pé novamente. Ela se apoiou em um banco próximo, pegou a lâmina destruída pelo cabo, arrancou-a do peito e jogou-a no corredor central.

Por um momento, elas pararam em um beco sem saída, ali no corredor central da catedral. Ambas sangrando e feridas, mal conseguindo ficar de pé. E Immanuelle soube então que o fim havia chegado e apenas uma das duas sairia daquela catedral.

Lilith ergueu as duas mãos.

Os pisos de madeira começaram a entortar e ondular; raízes se soltaram da fundação da catedral e escorregaram - serpentinas - pelos corredores centrais. Mudas pressionavam as tábuas do piso, crescendo até a maturidade em questão de segundos, seus galhos se espalhando pelas vigas. As raízes rastejantes se enrolaram nos tornozelos de Immanuelle, enrolando-se com tanta força que ela gritou de dor. Ela cambaleou para frente, lutando para se libertar, mas não conseguia se mover.

O símbolo cortado em seu antebraço gritou de dor, como se ela estivesse sendo marcada. Ela fechou os olhos contra isso, alcançou as profundezas de si mesma e liberou tudo o que tinha para dar.

As raízes escorregaram de seus tornozelos, recuando em direção às rupturas nas tábuas do piso de onde haviam saído. As árvores que se espalhavam no alto dobraram-se, atormentadas por algum vento fantasma que varreu a catedral como o início de uma tempestade de verão.

Lilith cambaleou para trás, presa ao altar, enquanto um vento poderoso soprava ao seu redor tão violentamente que a pele de sua mão estendida começou a se soltar do músculo, e o músculo do osso. A bruxa atacou com um grito.

A força do poder de Lilith arrancou Immanuelle de seus pés. Ela cambaleou no ar e caiu brutalmente em uma pilha de raízes e tábuas do chão. Suas costelas deram um estalo nauseante com o impacto, e ela engasgou e lutou, agarrando-se à extremidade de sua consciência.

O vento morreu em um chiado baixo quando Lilith empurrou para fora do altar e começou em sua direção, passando por entre as árvores do jeito que ela fez na noite em que se conheceram. Havia luz em suas órbitas agora - duas partículas brilhantes que se moviam como pupilas e se dirigiam para Immanuelle. Sua raiva era palpável - esfriava o ar e fazia as árvores

estremecerem. Cada passo da bruxa parecia sacudir a catedral até as pedras em ruínas de sua fundação.

Immanuelle tentou e não conseguiu recuar; Lilith era muito rápida. A bruxa a nivelou com um único tapa com as costas da mão, e Immanuelle atingiu o chão novamente. As luzes nos olhos de Lilith começaram a dançar e se multiplicar, espalhando-se pela escuridão de suas órbitas como brasas de uma fogueira soprada pelo vento. Ela deu um chute cruel nas costelas de Immanuelle e gritou de dor, arranhando as tábuas do chão para se apoiar.

Houve um estalo suave, o som de uma bala deslizando em sua câmara. Então a voz de Ezra. —Deixe-a só.

A bruxa se virou de Immanuelle, encarou Ezra por completo. Ele estava parado no vão entre dois pinheiros, olhando para o cano de uma arma, um dedo enrolado no gatilho.

Lilith avançou em direção a ele, uma mão levantada.

O solo sob os pés de Ezra começou a ondular, árvores e raízes brotando pelas fendas entre as tábuas do piso quebradas, enrolando-se em torno de suas pernas como haviam feito naquele dia no lago. Ele atirou em Lilith, mas com as raízes em seus braços, nenhuma das balas atingiu o alvo.

Implacável, a bruxa caminhou em direção a ele. Quando ela se aproximou, uma das raízes enrolou-se no pescoço de Ezra e o rasgou para trás, de modo que o topo de sua cabeça quase tocou sua espinha. Ele tentou atirar de novo, mas uma videira se enrolou no cano da arma e a forçou ao chão.

Immanuelle lutou para se levantar. A lâmina destruída estava a apenas alguns metros de distância. Se ela pudesse alcançá-la, ela poderia colocar a bruxa no chão e acabar com isso de uma vez por todas.

Ezra lutou para falar. —Immanuelle... corra-

Um lobo com cara de osso rondou atrás dele, o mesmo que derrubou Abrão, a boca ainda escorregadia de sangue. Ele caminhou em direção a Ezra, mandíbulas frouxas, pronto para atacar, quando Immanuelle estendeu a mão.

O chão sob o lobo se abriu, as tábuas do piso se soltaram, um deslizamento de destroços caindo em um buraco aberto. O lobo choramingou, escorregou, suas garras arranhando as tábuas do chão e mergulhou no vazio.

Immanuelle ficou de pé. Cada respiração mandava uma onda de dor em suas costelas, mas ela conseguiu falar mesmo assim: —Deixe-o ir.

Ao comando dela, as vinhas deslizaram de Ezra, e ele meio rastejou, meio se lançou para longe da borda do ralo, tentando pegar seu rifle. Ele o ergueu até o ombro e atirou em Lilith novamente, assim que ela se virou para Immanuelle. A bala perfurou diretamente a curva de sua clavícula. Lilith parou... em seguida, cambaleou até uma árvore próxima. Seus joelhos dobraram.

—*Immanuelle!* — Vera estava no centro do corredor, a adaga de estripar na mão. Ela cambaleou para a frente, mancando com o que parecia ser uma perna quebrada, e o jogou.

A adaga oscilou no ar, sacudindo várias vezes enquanto fazia um arco no alto. Immanuelle atacou e agarrou-a pelo cabo uma fração de segundo antes de atingir o chão. Então, com um grito estrangulado, ela se virou para Lilith e se lançou.

A lâmina alojou-se com o cabo até o centro do crânio da bruxa. Uma grande rachadura cortou o osso e então, com o mais suave gemido, a rainha das bruxas desabou.

Gasta, Immanuelle desabou no chão ao lado dela, ofegando e sangrando, tão fraca que sentiu que nunca mais se levantaria. Com o resto de suas forças, ela pressionou a mão na cabeça da bruxa, manchando o osso com seu sangue.

Lilith olhou para ela, com o peito arfando. Gavinhas de sombra rodopiaram das rachaduras em seu crânio, pairando no ar como fumaça. Um de seus chifres estalou e bateu no chão. Por fim, com um estremecimento que destruiu a catedral até as pedras de sua fundação, a bruxa ficou sem vida.

Abate.

CAPITULO QUARENTA

E naquele dia, quando a escuridão passar e o sol nascer novamente, os pecados dos enganadores serão trazidos à luz e a verdade surgirá das sombras.

—A ÚLTIMA PROFECIA DE DAVID FORD

A luz solar batia nas bochechas de Immanuelle quando ela acordou. Ela abriu os olhos e se sentou, tonta e semicerrada, lutando para processar a cena diante dela.

A catedral estava em ruínas. Metade do telhado desabou e vigas caídas e detritos cobriam o chão. Árvores cresciam a partir de grandes cortes na fundação, seus galhos se mexendo quando o vento soprava. Os sobreviventes vagavam pelos destroços de bancos derrubados e janelas quebradas, procurando os feridos e presos. Espalhados pelos escombros estavam os cadáveres de feras, guardas e fiéis. Entre eles estava o corpo de Lilith, deitado inerte na sombra do altar.

—Fácil. — Ezra estava ao lado de Immanuelle, apoiando a mão em suas costas enquanto ela tentava se levantar. —Você está bem. Você está segura agora.

Ela fechou os olhos ao ver a carnificina, sentindo-se tonta e com vontade de vomitar. As memórias da batalha voltaram para ela: as legiões entrando pelas janelas quebradas, bestas e demônios rondando os corredores da igreja, crianças gritando, mulheres fugindo, Abrão preso ao chão...

Abrão. *Abrão.*

—Onde ele está? — Immanuelle exigiu, voltando-se para Ezra. —Eu quero ver Abrão.

—Immanuelle...

—Eu tenho que vê-lo. Agora.

A multidão se separou diante deles, membros do rebanho se afastando para dar a ela uma visão clara. Lá, deitado imóvel entre os destroços, estava Abrão. Glory estava sentada dobrada em sua cintura do jeito que ela fez quando era um bebê, Honor ao lado dela, chorando. Ao lado de Honor estava Anna, soluçando nas dobras de suas saias. Parada ao lado dos dois, com o rosto impassível e imóvel, estava Martha. Quando seu olhar mudou para Immanuelle, ela ofereceu nada além de um lento aceno de cabeça.

Immanuelle tentou se levantar. Ela poderia ter caído se Ezra não estivesse lá para pegá-la pelo braço. Ela se desvencilhou dele, caiu de joelhos e rastejou pelos destroços até o lugar onde estava o corpo de Abrão.

Ela não queria tocá-lo, por medo de liberar o poder das maldições novamente. Então ela simplesmente se sentou ao lado dele, uma das mãos tapando a boca para abafar os soluços.

—Só agora você vê o preço do pecado. Só agora você entende. — Immanuelle ergueu a cabeça para ver o Profeta cambaleando atrás do altar em ruínas, onde ele havia se escondido durante o auge do massacre. Ele ergueu a voz, chamando a multidão: —Vocês veem o mal que essa garota nos trouxe? Ela convocou esta escuridão, chamou o coven aqui. Mesmo agora, eu vejo a sombra da Mãe em seus olhos.

Com isso, os sobreviventes da matança murmuraram entre si. Alguns tropeçaram em direção às paredes; outros se encolheram atrás de bancos quebrados e montes de entulho. Todos eles pareciam temer quaisquer maldições que Immanuelle conjurasse a seguir.

—Veja o que essa garota fez —, continuou o Profeta, apontando para a carnificina ao redor deles. —Veja a ruína que ela trouxe sobre nós.

—Por que você não morde sua língua mentirosa? — Ezra estalou, dando um passo à frente. —Você não pode ver que ela está de luto?

—Aquela garota não lamenta nada além de sua própria morte. Ela é uma bruxa.

—Talvez, — disse Ezra, e ele parecia pronto para arrancar a lâmina destruída do crânio de Lilith e virá-la contra seu pai. —Mas enquanto você estava encolhido atrás do altar, implorando por sua vida miserável, Immanuelle lutou por Betel. Ela dominou as pragas e a escuridão da Mãe, o que é mais do que qualquer profeta ou santo foi capaz de fazer. Ela salvou todos nós.

—Ela não nos salvou —, cuspiu o Profeta. —Ela trouxe este mal aqui em primeiro lugar. Ela me confessou isso dias atrás: Essas pragas nasceram de sua carne e sangue. Tudo isso é por causa dela.

Ele estava certo. Immanuelle não podia negar. Tudo - o sangue e a praga, a escuridão e a matança, a morte de Leah e de Abrão - tudo acontecera por causa dela. Miriam havia morrido para dar a ela o poder de lutar, mas tudo o que ela conseguiu fazer foi ferir as mesmas pessoas que ela queria salvar.

Immanuelle olhou novamente para o avô, sufocando um soluço. Ela começou a alcançá-lo, mas se conteve, fechando os punhos com tanta força que as unhas se cravaram nas palmas. —Sinto muito —, ela sussurrou, não para o Profeta ou para o rebanho, mas para Abrão. —Eu sinto muito.

—Não é sua culpa. — Ezra caiu para o lado dela. —Você nos salvou, Immanuelle. Todos nós estamos aqui por sua causa.

—Nem todos nós. — Ela disse, seu olhar varrendo as ruínas da catedral. Os Moores não eram os únicos de luto. Havia mais mortos entre os

destroços e escombros. Um guarda estava caído sobre um banco quebrado, rodeado por cadáveres de feras caídas. O corpo de um velho que ela reconheceu como o mascate de velas estava preso sob uma viga caída. A poucos metros do mascate, uma das noivas do Profeta estava sentada no meio dos destroços, cantando baixinho uma canção de ninar para a criança sem vida aninhada em seus braços.

Essas foram as vítimas de uma guerra que nunca poderia ser vencida. Immanuelle sabia disso agora. A violência continuaria. Um novo homem reivindicaria o título de Profeta. A catedral seria reconstruída e os covens dos mortos um dia se levantariam novamente. A guerra entre as bruxas e os Profetas, a Igreja e o coven, as trevas e a luz continuariam indefinidamente até o dia em que não haveria mais nada nem ninguém para lamentar.

Era esse o destino que o Pai queria? Foi isso que a Mãe ordenou? Eles enviaram seus filhos de boa vontade para o matadouro? Poderia ser essa a vontade deles?

Não.

Olhando ao redor da catedral - os cadáveres lotando os corredores, Glory soluçando no peito de Abrão, todo o sofrimento e a falta de sentido -, Immanuelle tinha certeza de uma coisa: não havia divindade nessa violência. Não há justiça. Sem santidade. Toda aquela ruína e dor foram causadas não pelas trevas da Mãe ou pela luz do Pai, mas pelos pecados do homem.

Eles trouxeram esse destino para si mesmos. Eles foram cúmplices de sua própria condenação.

Eles fizeram isso.

Não a mãe. Não o pai.

Eles.

—Você deveria arder por isso —, disse o Profeta, sussurrando agora, embora a igreja estivesse tão silenciosa que todos podiam ouvi-lo. —Leve-a para a pira.

Ao seu comando, o que restava da Guarda do Profeta avançou, seus rifles erguidos. Mas Immanuelle e Ezra estavam prontos. Enquanto os homens do Profeta os apoiavam em direção ao altar, Immanuelle saltou para o cadáver de Lilith e arrancou a lâmina destruída de seu crânio. Ezra agarrou um dos rifles dos guardas caídos e o ergueu - espiando pelo cano com um olho fechado, o dedo enrolado sobre o gatilho.

—Não nos obrigue a fazer isso —, disse Immanuelle, erguendo a lâmina destruidora. —Já houve derramamento de sangue suficiente hoje.

Houve um coro de zombarias e gritos. Uma multidão de sobreviventes se espremeu no corredor central. Immanuelle deu um passo para mais perto de Ezra, a lâmina destruída levantada e preparada. Ela invadiria seu caminho para as portas da catedral se fosse necessário. Ela não tinha vindo tão longe apenas para morrer nas mãos de uma multidão. Mas, conforme a multidão se aproximava, Immanuelle percebeu que não estavam gritando com ela e Ezra.

Não. Seus olhos estavam em seu Profeta.

Vera foi a primeira a passar pela Guarda do Profeta, mancando entre eles e Immanuelle. Ela foi ferida no ataque; sua perna parecia quebrada, havia um corte profundo na linha do cabelo e o lado esquerdo de seu rosto estava manchado de sangue. Mas apesar da gravidade de seus ferimentos, sua postura era a de um soldado. —Para chegar até ela, você terá que me derrubar primeiro.

Mais mulheres se seguiram, quase todas da periferia, colocando-se como escudos entre Immanuelle e a Guarda do Profeta. Glory se juntou a eles, dando

uma cotovelada ao lado de Immanuelle com um grito feroz, e Anna seguiu atrás com Honor em seu quadril.

Martha avançou em seguida, para grande choque de Immanuelle. —Eu estou com eles.

Esther cambaleou em direção ao filho e, encorajadas por sua matriarca, algumas das noivas do Profeta seguiram o exemplo. Mais se juntou às fileiras. Homens da periferia. A mãe de Leah e as irmãs mais velhas, depois outras mulheres da Igreja depois delas - meninas não mais velhas do que Glory, matriarcas que mal podiam andar sem a ajuda de suas bengalas. Todos eles avançaram em uníssono, inundando o corredor, colocando-se entre Immanuelle e o Profeta.

A Guarda vacilou e alguns baixaram os rifles, incapazes de apontar as armas para suas esposas e mães... suas irmãs e tias. Lentamente, mais e mais mulheres e alguns homens avançaram para se juntar à multidão.

Um canto começou. No início, era pouco mais que um murmúrio, como o som de um trovão distante. Mas então o coro se espalhou pela multidão, subindo até as vigas e explodindo pela catedral. —*Sangue por sangue. Sangue por sangue. Sangue por sangue.*

O Profeta se encolheu nas sombras do altar, observando com horror enquanto seu rebanho erguia as vozes contra ele. Eles deixaram seus bancos para trás e se espalharam pelo corredor, surgindo na frente da igreja. —*Sangue por sangue. Cinza em cinza. Pó ao pó.*

Ezra ergueu a mão e eles pararam de repente, como cães de caça treinados para seguir os pés de seu mestre. Ele se virou para Immanuelle. —Dê-me a lâmina.

Ninguém se moveu.

Ninguém pronunciou uma única palavra. Nenhuma maldição. Nenhum oração. Nenhum protesto. Todo o rebanho olhou em silêncio.

O olhar de Immanuelle mudou dele para o Profeta. De pai para filho. Ela não se mexeu.

Ezra estendeu a mão novamente. —Por seu pai, — ele sussurrou. —Por sua mãe. Por Leah. Por Abrão. Por nós. Que isso acabe. Que seja feito.

Immanuelle olhou para o Profeta, encolhido no chão, implorando por sua vida. Então ela ergueu o olhar para Ezra. —É isso que voce realmente quer? É isso que você quer ser?

Ezra se aproximou um pouco mais, dando um passo com cuidado como se tivesse medo de assustá-la. —O que eu quero é garantir que isso nunca aconteça novamente. Eu quero um mundo onde os pecados sejam redimidos. Um mundo onde os homens maus sofram por seus erros.

—Lilith também —, sussurrou Immanuelle. —Minha mãe também.

Ezra estremeceu um pouco com isso, como se as palavras dela o cortassem. —Ele merece morrer pelo que fez. Ele teria colocado uma lâmina em seu coração. Ele matou seu pai. Ele atacou sua mãe e inúmeras outras garotas. Não podemos deixá-lo andar livre. Sangue gera sangue.

—O menino está certo, Immanuelle. — Vera deu um passo à frente da multidão, mancando muito. —Pense em seu pai queimando na pira. Pense nas pessoas da periferia, resignadas a uma vida de miséria e sofrimento por causa da ganância deste homem e de todos os outros que vieram antes dele. Você tem a chance de buscar recompensa por seu sofrimento. Então, levante a adaga e pegue-a.

A mão de Immanuelle apertou o cabo. De repente, ela sabia o que tinha que fazer.

—O mundo que você quer não pode ser comprado com sangue. Você o constrói com as escolhas que faz, com as coisas que faz. Podemos continuar purgando, manter as piras acesas, continuar esperando que nossas orações sejam suficientes para nos salvar - ou podemos construir algo melhor. Um mundo sem massacre. — Immanuelle estendeu a lâmina destruidora para Ezra. —É a sua escolha. Não tenho o direito de tirar de você.

Ezra estudou a lâmina em sua mão, estendeu a mão para pegá-la e parou. —Não. Você tem o único direito. A escolha é sua, e somente sua.

Immanuelle fez uma pausa, demorando-se na sombra do altar. O Profeta lutava contra seus pés, implorando por misericórdia.

—*Por favor* — Ele ofegou e cortou como se tivesse que lutar para respirar. —*Por favor. Por favor.*

Immanuelle se virou para estudar os rostos na multidão - Anna e Honor, Martha e Glory, Vera e Ezra, pessoas de Clareiras e do Solo Sagrado e dos arredores igualmente. O que ela fez, ela fez por eles, por toda Betel, pelo sonho de tornar seu lar algo melhor do que era, para que aqueles que seguiram seus passos nunca conhecessem o calor de uma pira, ou a dor de suas chamas.

Um mundo sem matanças ou crueldade: esse era o destino que ela desejava.

E era o destino que ela teria.

Virando-se para enfrentar os bancos por completo, Immanuelle largou a lâmina, e ela atingiu o chão com um estrondo que ecoou pela catedral. —Hoje, nós escolhemos misericórdia.

O rebanho respondeu como um só. —*Agora e para sempre.*

EPÍLOGO

Immanuelle estava sentada nas escadas do Refúgio e assistia o sol nascer por entre as árvores. Nos dias após o ataque à catedral, ela havia passado muitas manhãs naqueles degraus, embalando uma xícara de chá ou um livro de poesia, esperando o sol subir acima das copas das árvores, apenas para ter certeza de que iria. Às vezes, quando estava sozinha, ela puxava a manga do vestido para trás, traçava a cicatriz enrugada do símbolo que ela esculpiu em seu braço semanas atrás.

Em seus momentos mais sombrios, ela esperava - até rezava - que sua recompensa se apressasse, pelo menos para que ela não fosse obrigada a esperar em um estado de terror perpétuo, sob a ameaça de alguma aflição sem rosto que ela ainda não conhecia. Melhor resolver a questão rapidamente, enfrentar o seu ajuste de contas para que pudesse deixar toda a contenda para trás de uma vez por todas. Porque se ela não fizesse isso, quem ela seria? Que honra havia em uma garota que poderia lutar para salvar a todos, exceto a si mesma?

—Você está vagando de novo, — Ezra disse, seus olhos no horizonte. Ele se sentou ao lado dela, como sempre fazia quando tinha tempo para isso. —O que está em sua mente?

Immanuelle puxou os joelhos até o peito e olhou para as planícies banhadas pelo sol, observando a luz inundar as árvores. Ela agarrou seu antebraço, as pontas dos dedos pressionando dolorosamente na cicatriz do símbolo. Tanta coisa havia mudado no espaço de poucas semanas. A condição do Profeta havia piorado e os preparativos para sua morte estavam sendo

feitos. Alguns membros do rebanho permaneceram leais a ele, mas outros consideraram Ezra o novo líder da Igreja e da fé. Immanuelle esperava que as tensões entre os grupos opostos não implodissem em um cisma - ou pior ainda, em uma guerra santa - mas sussurros emergindo dos bastiões da velha Igreja sugeriam que a questão da sucessão do Profeta só seria resolvida por meio de derramamento de sangue.

Mas Immanuelle tentou não pensar nisso. Ezra tinha dito a ela, uma e outra vez, que aqueles problemas não eram mais dela. Ela tinha feito sua parte. Ela salvou Betel das pragas e de todo o mal feito em seu nome. Agora era hora de ela se soltar. —Estou apenas pensando em como tantas coisas podem mudar e, ainda assim, permanecer totalmente as mesmas.

Ezra franziu a testa. —Isso é sobre o cisma?

—O cisma, as sentenças, a ameaça de guerra santa. Às vezes, sinto que estamos apenas revisando o passado novamente. Eu odeio sentir que chegamos tão longe apenas para nos tornar o que os outros já foram antes de nós.

—Não estamos repetindo o passado —, disse Ezra. —e estamos nos certificando de que ninguém mais o fará. Você não pode perder isso de vista.

O olhar de Immanuelle mudou para o oeste, para as ruínas distantes da catedral. Às vezes, quando fechava os olhos, conseguia imaginar a carnificina - os corpos espalhados pelos escombros, o sangue espalhado pelos ladrilhos, Vera com a lâmina destruída na mão, Abrão morto. —É um pouco tarde para isso. Parece que não consigo mais manter de vista nada que seja importante. Então, aqui estou eu tentando pegar os pedaços de quem eu costumava ser e quem eu sou agora, na esteira de tudo isso.

Ezra levou a mão ao rosto dela, seu polegar traçando seu lábio inferior. — Vou pegar esses pedaços. Qualquer dia, sobre qualquer coisa. E quando ficarmos mais fortes, vamos transformar esses pedaços em algo mais.

Immanuelle olhou para ele e sorriu. Era uma coisa pequena - um pequeno sorriso tão rápido quanto o piscar de uma chama - mas era alguma coisa. Era um começo.

Inclinando-se na mão de Ezra, ela o beijou. Primeiro a ponta do polegar, depois os lábios, movendo-se para ele enquanto ele se aproximava, agarrando sua cintura. Immanuelle poderia ter ficado assim com ele até que o sol se erguesse acima da linha do horizonte e se afundasse nas sombras novamente. Mas depois de um minuto, ela recuou.

Saindo dos braços de Ezra, ela ficou de pé e saiu descalça da escada para as planícies banhadas pela fumaça. O vento agitou seus cachos e rasgou suas saias. No horizonte distante, as últimas piras da purga arderam e morreram.

—Pensei em um nome para o ano que vem —, disse ela, semicerrando os olhos contra a luz vermelha do sol nascente. Por um momento, ela pensou ter visto Lilith parada na cúspide da Floresta Sombria, os dentes de seus chifres emaranhados nos galhos de uma bétula. Mas foi apenas um truque das sombras. Os mortos estavam dormentes e a floresta silenciosa. Immanuelle estreitou os olhos e observou enquanto o sol nascente atingia o topo das árvores. —Acho que devemos chamá-lo de Ano do Amanhecer.